

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Larissa Camacho Carvalho**

**JOVENS LEITORES D'O *SENHOR DOS ANÉIS*:  
Produções Culturais, Saberes e Sociabilidades**

**Porto Alegre**

**2007**

**Larissa Camacho Carvalho**

**JOVENS LEITORES D'O *SENHOR DOS ANÉIS*:  
Produções Culturais, Saberes e Sociabilidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Stephanou

**Porto Alegre**

**2007**

*À minha mãe, pelo amor e pela vida dedicada a mim, minha retribuição sempre muito singela.*

## AGRADECIMENTOS

Tenho que agradecer a muitas pessoas pela finalização da presente dissertação.

Ao meu pai José Luiz, pelo carinho, dedicação e confiança.

Ao meu pai Roberto, que partiu para as *Terras Imortais* quando eu começava a trilhar os caminhos desta jornada de pesquisa.

À minha avó, Selmira pelo carinho e amor.

Às minhas famílias conquistadas ou por nascimento, pela tolerância e carinho.

Ao meu amigo e esposo Vinícius, pelas muitas horas em que comigo divagou e pelas variações de humores que suportou, também pela compreensão, carinho e amor a mim confiados.

À minha prima Francine pelo *abstract* desse trabalho.

À minha tia Dulce e sua amiga Giselsa por me ofertar a preciosidade da edição d' *O Senhor dos Anéis* da Editora Artenova.

À professora orientadora Maria Stephanou, pelo carinho, pela orientação dedicada, cuidadosa, terna e afetuosa, pelas idéias sementes que sempre deram árvores de ótimos frutos, pelo devotamento, preocupação, amizade e incentivo.

Aos colegas de orientação, pelos saberes compartilhados e pelas amizades construídas.

Aos professores Nilton Fischer, Diana Marchi e Carlota Boto, pelas contribuições a este trabalho.

Aos funcionários e professores do PPGEDU desta instituição, sempre atenciosos e afetivos.

À Capes, pela cessão da bolsa que subsidiou esse estudo.

E, finalmente, aos jovens que compartilharam comigo suas trajetórias pelo mundo fantástico da Terra-Média, sem os quais não teria chegado Lá e de Volta Outra Vez: Rodrigo, Fabiano, Gabriel, Camila, Ana Íris, Carlos Felipe, Mariana, Carla, Franquie, Valter, Karina, Alex, Kauan, Marcos, Paula, Carlos e Giuliano.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo das práticas de leituras de jovens inscritos em comunidades de leitores do livro *O Senhor dos Anéis*, do autor inglês John Ronald Reuel Tolkien. Busca compreender os significados assumidos por estas práticas, compreendidas como experiências inscritas numa rede de práticas culturais e sociais que lhes dão sentido.

Leituras intensivas, extensivas, solitárias, socializadas, construção de sites, escritas de textos, publicação de livros, divulgação das escritas pela Internet, jogos de RPG, e uma série de outras práticas fazem parte das vivências culturais, de lazer e sociabilidades, de jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis*. Inscritos nas culturas juvenis de seu tempo, esses jovens participam de redes grupais onde afirmam suas identidades, condição essa que se refere a uma escolha e a modos de vida, muito mais que a uma condição biológica.

Para a realização da pesquisa foram entrevistados quinze jovens de idades entre dezenove e vinte e nove anos, participantes de comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis*, buscando compreender suas trajetórias e práticas de leitura, investigar o modo como conheceram as obras de Tolkien e o que os levou até elas, perscrutar as produções culturais que advém dessas práticas e as sociabilidades produzidas. As entrevistas individuais constituíram o corpus empírico da investigação, acrescido de pesquisas na Internet, diário de campo, documentos virtuais e iconográficos da órbita dessas comunidades.

O estudo apóia-se nos referenciais teóricos apresentados por Roger Chartier, especialmente para as questões relativas às práticas de leitura e escrita de comunidades de leitores. Relativamente às *juventudes* e às culturas juvenis, autores como Alberto Melucci José Machado Pais e Paulo César Rodrigues Carrano foram fundamentais.

No entrecruzamento dos autores citados, com as reflexões pessoais e com todo material recolhido, foi possível perceber as construções realizadas pelos jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis*. Construções de saberes, de práticas culturais para além da simples leitura e/ou escrita.

Nos tempos de lazer, em que os jovens compartilham suas experiências de ou a partir das leituras, eles produzem culturas juvenis. Constroem sites para melhor socializar suas práticas e divulgar seus gostos literários e suas próprias produções. Escrevem livros baseados nas suas leituras e palestram sobre eles levando-os a outros leitores que

compartilham dos mesmos gostos, dos mesmos códigos e das mesmas estratégias de interpretação do livro que os une em redes grupais e em comunidades de leitores.

## ABSTRACT

This dissertation presents a study of the youths' practices of readings enrolled in interpretative communities to the book *The Lord of the Rings*, of the English author John Ronald Reuel Tolkien. Search to understand the meanings assumed by these practices, understood as experiences enrolled in a net of cultural and social practices that give them sense.

Intensive, extensive, solitary, socialized readings; sites construction; written of texts; publication of books; popularization of the writings through Internet, RPG games and a series of other practices are part of the existence cultural, of leisure and sociabilities by the youth readers of *The Lord of the Rings*. Enrolled in the youthful cultures of their times, this youths are inserted into group nets where they affirm their identities, condition that refers to a choice and way of life much more than a biological condition.

To the accomplishment of the research it were interviewed fifteen youths of ages between nineteen and twenty-nine years, participants of readers' communities to *The Lord of the Rings*, searching to understand its trajectories and practices of reading, to investigate the way as they had known the works of Tolkien and what took them until them, to analyze the cultural productions that comes of these practicals and the sociabilities produced. The individual interviews constituted the empiric corpus of the investigation, increased of researches in Internet, journal, virtual and iconography documents of those communities' orbit.

The study is supported by the theoretical references introduced by Roger Chartier, especially for the subjects about the reading and writing practices to the interpretative communities. Relatively to the youths and the youthful cultures, authors as Alberto Melucci José Machado Pais and Paulo César Rodrigues Carrano were fundamental.

In the crossing to the authors' mentioned, with the personal reflections and with every picked up material, it was possible to notice the constructions accomplished by the youths readers of *The Lord of the Rings*. Knowledge and cultural practices constructions, for besides the simple reading and written.

In times of leisure, that the youths share your experiences of or since their readings, they produce youthful cultures. They build sites for socialize better your practices and to publish your literary tastes and your own productions. They write books based on your readings and lectured on them taking them to other readers that share the same tastes, the

same codes and the same strategies of interpretation to the book that associated them in nets groups and in interpretative communities.

**WORDS - KEY:** Communities of Readers. Practices of Readings. Youths.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Ilustração 1:** Capa do livro lembrada por Huor - *O Senhor dos Anéis* - volume único – 1212 páginas, p. 121.

**Ilustração 2:** 1ª edição – A Sociedade do Anel, p. 125.

**Ilustração 3:** 1ª edição – As Duas Torres, p. 125.

**Ilustração 4:** 1ª edição - O Retorno do Rei, p. 125.

**Ilustração 5:** 2ª edição - A sociedade do Anel – 464 páginas, p. 126.

**Ilustração 6:** 2ª edição - As Duas Torres – 364 páginas, p. 126.

**Ilustração 7:** 2ª edição - O Retorno do Rei – 456 páginas, p. 126.

**Ilustração 8:** Sociedade do Anel - ilustração de Tolkien – 566 páginas, p. 126.

**Ilustração 9:** As Duas Torres - ilustração de Tolkien – 508 páginas, p. 126.

**Ilustração 10:** O Retorno do Rei - ilustração de Tolkien – 566 páginas, p. 126.

**Ilustração 11:** Exemplo de perfil no site Orkut, p. 133.

**Ilustração 12:** Página principal do site Valinor, p. 163.

**Ilustração 13:** Ardalambion - Site da Valinor administrado por Elrond, p. 164.

**Ilustração 14:** Durbatulûk - Site sobre RPG da Valinor administrado por Elros, p. 164.

**Ilustração 15:** Capa do primeiro livro de Elrond - Curso de Quenya, p. 167.

**Ilustração 16:** Capa do segundo livro de Elrond - As Cartas de J.R.R. Tolkien, p. 167.

**Ilustração 17:** Capa do livro de Elros - O Senhor dos Anéis: Role-Playing Game, p. 168.

**Ilustração 18:** Armas produzidas por Thingol, com inscrições inspiradas nas línguas de Tolkien, para o jogo de RPG Live Action, p. 169.

**Ilustração 19:** Exemplo do alfabeto criado por Thingol inspirado no alfabeto élfico criado por Tolkien, p. 170.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

J. R. R. :	John Ronald Reuel
CB:	Conselho Branco
AFAR	Associação Fantasia, Anime e RPG
RPG	Rolling Play Game
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Fapergs	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
D&D	Dungeons and Dragons
AD&D	Advanced Dungeons and Dragons

## SUMÁRIO

<b>PARTINDO DO CONDADO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. OBRA, AUTOR, LEITORES E TRILHAS .....</b>	<b>14</b>
1.1 A OBRA .....	14
1.2 O AUTOR .....	22
1.3 OS MUITOS LEITORES .....	30
1.4 OUTRAS TRILHAS .....	32
<b>2. JOVENS LEITORES .....</b>	<b>40</b>
<b>3. ITINERÁRIOS E APRENDIZAGENS .....</b>	<b>55</b>
3.1 OS BASTIDORES DO TRABALHO DE CAMPO .....	55
3.2 AS ESCRITAS E AS APRENDIZAGENS .....	92
<b>4. COMUNIDADES DE LEITORES JOVENS .....</b>	<b>104</b>
4.1 MEMÓRIAS: ENTRE LIVROS E LEITURAS .....	107
4.2 PASSAPORTES .....	116
4.3 MODOS DE LER .....	124
4.4 SOCIABILIDADES JUVENIS .....	148
4.5 PRODUÇÕES CULTURAIS .....	160
<b>LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ. E O QUE ACONTECEU DEPOIS .....</b>	<b>174</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>178</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>182</b>

## PARTINDO DO CONDADO

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa que procurou compreender as práticas de leituras de comunidades de leitores jovens do livro *O Senhor dos Anéis* do autor inglês John Ronald Reuel Tolkien. Intenta compreender tais leituras em toda sua pluralidade, ou seja, ler não é apenas uma operação abstrata de inteligência, parafraseando Chartier (2002a), mas é uma prática criativa, encarnada em gestos, é inscrição do corpo, é invenção. Desta forma, as práticas de leituras dos jovens não se esgotam na criatividade de suas estratégias de leitura. Os jovens produzem cultura, e é no domínio do lazer que essas culturas adquirem maior visibilidade e expressão (Pais, 2003). No espaço de um aparente “não-fazer nada” os jovens, em geral, lêem, anotam fragmentos do que lêem, inventam, criam textos, escrevem livros baseados no que lêem, constroem sites dedicados ao que lêem, produzem sociabilidades baseadas nos gostos literários.

As sociabilidades juvenis estão na base das culturas juvenis e essas culturas, no âmbito das práticas culturais, podem ser mediatizadas pela música, por opção política, religiosa, pela dança, pelo esporte e por muitas outras práticas culturais. No caso desta dissertação, as sociabilidades aqui estudadas são mediadas por um livro, sociabilidades que formam comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*. Os jovens inscritos nessas sociabilidades criam e compartilham práticas culturais centradas nas suas leituras e escrituras que são postas em circulação e, desta forma, produzem e partilham saberes.

Para isso, a investigação entrevistou quinze jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis*, com idades entre dezenove e vinte e nove anos, buscando compreender suas trajetórias e práticas de leitura, investigar o modo como conheceram as obras de Tolkien e o que os levou até elas, perscrutar as produções culturais que advém dessas práticas e as sociabilidades produzidas.

*Comunidades de leitores, práticas de leituras, apropriação, condição juvenil, culturas juvenis e juventudes* foram conceitos fundamentais para a análise empreendida. E, para compreendê-los, alguns autores foram de suma importância, como o historiador francês da cultura Roger Chartier, estudioso da história do livro e das práticas de leitura, abrangendo a produção de textos, os autores, a produção de livros e os leitores, fundamental na presente investigação para os estudos relativos às leituras, apropriações e comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*. O sociólogo italiano Alberto Melucci, juntamente com o sociólogo português José Machado Pais e o educador Paulo César Rodrigues Carrano, foram os autores

que aclararam as questões relativas às culturas juvenis e à condição juvenil, permitindo que a investigação pudesse adentrar as trilhas percorridas pelas *juventudes* de forma a não perder-se nelas.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos: No primeiro capítulo, denominado *Obra, Autor, Leitores e Trilhas*, trago uma breve apresentação do livro *O Senhor dos Anéis* e um resumo sobre a biografia do autor da obra, o inglês John Ronald Reuel Tolkien. Também faço uma curta referência aos muitos leitores de Tolkien ao longo dos mais de cinquenta anos de sua obra mais famosa que é *O Senhor dos Anéis* e comento alguns trabalhos que possuem entrecruzamentos com a temática investigativa.

No segundo capítulo – *Jovens Leitores* – traço meu itinerário até chegar aos jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis*, que participaram desta pesquisa, passando por como conheci comunidades de leitores das obras de Tolkien, os primeiros contatos com alguns jovens de uma dessas comunidades e as mudanças de itinerário ao longo do caminho. Apresento, também, as famílias, as profissões, a formação acadêmica em andamento ou inconclusa. Os jovens são os guias por sendas e trilhas novas, as aventuras da investigação.

No terceiro capítulo, intitulado *Itinerários e Aprendizagens*, apresento os itinerários percorridos na pesquisa e as aprendizagens realizadas ao longo dela, ou seja, como se deu as entrevistas, as transcrições, a respeito dos roteiros e outras particularidades do processo de análise e escrita do presente trabalho.

O quarto capítulo tem como título *Comunidades de leitores jovens*. Trata das práticas culturais dos jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis* inscritos em comunidades de leitores jovens, mediados pelas sociabilidades juvenis. Este capítulo apresenta as trajetórias de leituras dos jovens desde antes de se alfabetizarem até hoje, passando pelo modo como conheceram o livro *O Senhor dos Anéis*, da relação dos jovens com as leituras, com os suportes, com os textos, com práticas culturais que têm como centro leituras e livros. Por fim, este capítulo apresenta as produções culturais e de saberes, engendradas por estes jovens, mediadas pelas práticas de leituras que lhe são específicas.

Procurei, com esta dissertação, refletir, investigar, estudar e aproximar-me do vasto mundo das práticas culturais de leituras e, também, de escritas de jovens leitores. O livro escolhido para a presente dissertação, em torno do qual se efetivam e se produzem saberes – *O Senhor dos Anéis* – foi por mim elegido tendo em vista a grande quantidade de jovens leitores desta obra, e de outras obras do mesmo autor que, diante do fascínio exercido pela obra, se reúnem e formam comunidades de leitores em seu entorno, tanto pessoal como virtualmente. E isso em todo o Brasil e em vários outros países. De uma certa forma é,

também, um livro que captura a atenção por suas aproximações, talvez enviesadas para alguns, com o campo da História, minha área de formação e atuação.

Deparei-me com jovens leitores que escrevem. Práticas de leituras de jovens leitores. Práticas culturais de leituras e escritas de comunidades de leitores do livro *O Senhor dos Anéis*. Esta dissertação pode ser vista através e por várias perspectivas e seus resultados – embora parciais – apresentam essa multiplicidade de práticas engendradas no entorno da leitura de uma obra. No texto que se segue é possível encontrar as inúmeras trajetórias dos leitores jovens, as variadas práticas de leituras e escritas por eles produzidas, as muitas sociabilidades em que eles estão inscritos. Há algumas questões que perpassam os caminhos percorridos pela grande maioria dos jovens, mas a principal delas é o gosto da leitura de um livro que encanta, que permite o sonho, a fantasia, que os transporta, como muitos dizem, para um mundo que prefeririam estar, ao invés do mundo em que vivem, o livro em questão é *O Senhor dos Anéis*.

## 1. OBRA, AUTOR, LEITORES E TRILHAS

Esta história cresceu conforme foi sendo contada, até se tornar uma história da Grande Guerra do Anel, incluindo muitas passagens da história ainda mais antiga que a precedeu. O conto foi iniciado logo depois que o *Hobbit* foi escrito e antes de sua publicação, em 1937; mas não continuou nessa seqüência, pois eu queria primeiro completar e colocar em ordem a mitologia e as lendas dos Dias Antigos, que já vinham tomando forma havia alguns anos. Quis fazer isso para minha própria satisfação, e tinha alguma esperança de que outras pessoas ficassem interessadas nesse trabalho, especialmente por ser ele fruto de uma inspiração primordialmente lingüística, e por ter sido iniciado a fim de fornecer o pano de fundo “histórico” necessário para as línguas élficas. (Tolkien, 2000a, p. XI)

### 1.1 A OBRA<sup>1</sup>

Primeiramente, irei apresentar *O Senhor dos Anéis*: a obra mais conhecida do autor inglês John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), que, após meio século de sua publicação, foi e ainda é capaz de incentivar milhares de jovens – e adultos – à leitura, ao prazer de encantar-se por um mundo novo, de enveredar por terras desconhecidas – estranhas e ao mesmo tempo familiares – de fazer com que aconteça um fascínio infantil por um mundo que *foi* antes do nosso mundo, mas que era em nosso próprio mundo, ou poderia ter sido... Um encanto pueril, que faz com que os livros mandados ler pela escola pareçam muito pouco atraentes.

Publicado na Inglaterra há mais de meio século – 1954 e 1955 – *The Lord of the Rings* conta a história da grande guerra do Anel que se deu no fim da Terceira Era da Terra-Média. Uma obra com mais de mil páginas narrando a luta entre o Bem e o Mal, a jornada de uma sociedade para destruir o objeto que guarda em si a essência do *Senhor do Escuro*, a missão e a coragem dos pequenos e o papel dos grandes, a união de todas as raças dessa Terra esquecida, enfim, a história de um mundo olvidado cuja saga chega até nós pelas mãos habilidosas de J.R.R. Tolkien.

*O Senhor dos Anéis* foi traduzido para o português e editado pela primeira vez pela Editora Artenova em 1974-1979 (Kyrmse, 2003, p. 124), e em 1994 a Editora Martins

---

<sup>1</sup> Todas as informações contidas nesta seção têm como referências Tolkien (2000a, 2000b, 2000c), Colbert (2002), Carpenter (2002), Carpenter e Tolkien (2006), Kyrmse (2003) e Day (2004).

Fontes reeditou uma nova tradução que compõe os volumes mais conhecidos no Brasil. Desde então, esta obra vem atraindo e reunindo muitos fãs. Alguns, como o revisor técnico e consultor da edição da Martins Fontes, Ronald Eduard Kyrmse, já eram fãs de Tolkien a partir da leitura de suas publicação em inglês (o original da obra). Muitos outros foram somando-se ao longo dos últimos anos.

A Terra-Média, local em que se passa a história, equivale, geograficamente, à Europa que conhecemos hoje<sup>2</sup>. Porém, é uma Europa que existiu, para Tolkien, muito antes da época conhecida por nós. Um lugar de história esquecida, que nos chega através da tradução de Tolkien do *Livro Vermelho do Marco Ocidental* que apresentaria a visão dos hobbits<sup>3</sup> sobre a Guerra do Anel.

Tolkien apresentou o *Livro Vermelho* como o diário do personagem Bilbo Bolseiro, que foi continuado por seu sobrinho-herdeiro Frodo Bolseiro e depois foi transmitido ao fiel escudeiro e melhor amigo deste último, Samwise Gamgi. Com esta fórmula Ronald – como Tolkien era chamado por familiares e amigos – produz uma história fictícia num formato que permite ao leitor confundir-se quanto à veracidade do texto, ou seja, apresentando o livro como diário, ele nos fornece a idéia de que a história venha realmente de um diário, sendo, desta forma, presumivelmente real.

O *Livro Vermelho do Marco Ocidental* não começou com a história do *Senhor dos Anéis*. Ele é iniciado na intenção de registrar as peripécias de seu dono por ele mesmo, Bilbo Bolseiro – um hobbit que, em busca de aventura e encorajado pelo mago Gandalf e por amigos anões, sai de sua pacata vila no Condado e desbrava a Terra-Média, enfrenta dragões, wargs<sup>4</sup> e todo tipo de perigos, retornando para casa com um grande tesouro. Essa história infantil denomina-se *O hobbit* e foi a pedra fundamental do *Senhor dos Anéis*.

---

<sup>2</sup> “O nome é a forma moderna (que apareceu no século XIII e ainda está em uso) de *midden-erd*, um antigo nome para o *oikoumenē*, o local de moradia dos Homens, o mundo objetivamente real, no uso especificamente oposto a mundos imaginários (como a Terra das Fadas) ou mundos não-vistos (como o Céu ou o Inferno). O teatro de minha história é este mundo, aquele no qual agora vivemos, mas o período histórico é imaginário. Os princípios básicos desse local de moradia estão todos lá (para os habitantes do noroeste da Europa, de qualquer forma), de modo que naturalmente parece familiar, ainda que um pouco glorificado pelo encantamento da distância no tempo” (Carpenter; Tolkien, 2006, pp. 229-230).

<sup>3</sup> No prólogo da primeira parte do livro *O Senhor dos Anéis* Tolkien traz um resumo sobre os hobbits, isto porque no livro homônimo – seu primeiro livro caracterizado como um conto infantil – ele trata inteiramente deste povo. Assim ele se expressa: “Os hobbits são um povo discreto mas muito antigo [...]. Amam a paz e a tranqüilidade e uma boa terra lavrada. [...] São um povo pequeno, menores que os anões: menos robustos e truncudos, quer dizer, mesmo que na realidade não sejam muito mais baixos. Sua altura é variável, indo de 60 centímetros a 1 metro e 20 centímetros na nossa medida. [...] é fato que, apesar de um estranhamento posterior, os hobbits são nossos parentes” (Tolkien, 2000, p. 1-2).

<sup>4</sup> Raça maligna de lobos que aparece n’*O Hobbit* e n’*O Senhor dos Anéis*, (cf Carpenter; Tolkien, 2006, p. 361).

Segundo Tolkien, ao corrigir as provas de seus alunos da Universidade de Oxford – onde foi professor de Anglo-Saxão de 1925 a 1945 e professor de Língua e Literatura Inglesa de 1945 a 1959 (Carpenter, 2002, p. 350-351) – ele deparou-se com uma página em branco. Absorto, enfadado com a tarefa considerada penosa, pegou-se escrevendo a seguinte frase: “*Numa toca no chão vivia um hobbit*” (Kyrmse, 2003, p. 12). Essa frase ficou famosa entre os estudiosos de Tolkien, pois a partir dessa sentença ele começou a perguntar-se o que seria um hobbit, porque ele viveria numa toca no chão e assim por diante.

*O hobbit*, lançado em 21 de setembro de 1937, é um livro infantil, um conto para fazer as crianças dormirem. Para além disso, foi um grande sucesso nas várias gerações que atingiu. Os leitores d’*O Hobbit* queriam uma continuação para a história e os editores pediram a Tolkien que escrevesse mais, que desse seqüência ao primeiro livro. Começava a ser composta a história d’*O Senhor dos Anéis*.

A princípio, Ronald Tolkien imaginava que a continuação de *O Hobbit* se daria com Bilbo gastando todo o tesouro conquistado na primeira história e partindo em novas aventuras na busca de outras fortunas. Mas ele não estava disposto a escrever sobre riquezas e coisas do gênero. Queria acrescentar à história um objetivo maior, algo de cunho nobre, superior. Foi daí que Tolkien lembrou-se do anel que Bilbo Bolseiro havia se apropriado na caverna de Gollum, na primeira história (Tolkien, 2000, p. XIII). De início, ele apenas sabia que o Anel era mágico porque dava invisibilidade a quem o usava. Aos poucos, ele foi dando vida ao anel, tornando-o um personagem, até que ele transformou-se no portador da essência do Mal – o Senhor do Escuro – Sauron<sup>5</sup>.

A continuação d’*O Hobbit* cresceu em profundidade e grandiosidade, deixou de ser uma história infantil para tornar-se um épico. Do início da escrita do livro até sua publicação correram doze anos, permeados pela Segunda Grande Guerra.

Uma história de literatura fantástica, conforme seus próprios leitores, grandiosa, articulada num contexto extremamente rico, repleto de nuances, intertextos, mitos. Uma saga contada de forma minuciosa, com ricos detalhes dignos de grandes epopéias históricas, ou melhor, dignos de mitologias construídas por grandes culturas milenares, sem perder em nada para os mitos gregos, romanos, judaico-cristãos ou orientais; na verdade, utilizando-se de muitos elementos tomados de empréstimo dessas mesmas culturas antigas. Capaz de fazer

---

<sup>5</sup> “No *Silmarillion* e nos Contos da Primeira Era, Sauron era um ser de Valinor [terra dos Valar, seres com poderes angelicais da mitologia tolkieniana] corrompido ao serviço do Inimigo [Melkor, primeiro Senhor do Escuro, um Valar rebelado], tornando-se seu principal capitão e servidor. [...] ele torna-se uma reencarnação do Mal e um ser que anseia por Poder Completo” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 147).

crer que a Europa foi palco de grandes feitos precedentes a quaisquer outros historicamente conhecidos.

Em especial é uma saga em louvor à terra natal de Tolkien – a Inglaterra –, pois o Condado, a Terra dos Hobbits, está localizado, de acordo com a cartografia de Tolkien e sua relação com o mapa europeu por ele exposta, no atual Reino Unido. Segundo os biógrafos do autor, ele via sua terra como descreveu o Condado e sua gente como os hobbits. Um povo simples, rodeado por uma região verde, repleta de árvores (uma de suas paixões), vivendo da plantação e criação, das coisas da Terra. Embora tenha sido na própria Inglaterra que a Revolução Industrial ou das Máquinas tenha surgido, Tolkien via seu país como o Condado, da mesma forma que o conheceu quando se mudou da África do Sul para a Inglaterra com três anos de idade.

*O Senhor dos Anéis* inicia com a festa do onzentésimo aniversário de Bilbo Bolseiro, o herói d'*O Hobbit*. Após sua aventura, ocorrida anos antes do início desta nova história, na velhice desfruta de uma tranqüila aposentadoria, com uma forma física invejável. Na festa se fazem presentes todos os parentes de Bilbo, além de inúmeros amigos. Quase todo o Condado fora convidado e muitos outros hobbits de regiões vizinhas.

Além desses seres pequenos, de pés grandes, vida tranqüila e coração bom, o mago Gandalf compareceu à festa de Bilbo. Gandalf, um dos amigos do Sr. Bolseiro, participou de sua primeira aventura. Também, é quase o único ser de outra raça – conforme a denominação do próprio Tolkien –, diferente dos hobbits e da flora e fauna da Terra-Média, peculiar ao Condado, que mantém algum contato com os Pequenos – como são conhecidos pelos Homens. Era um senhor alto, ostentava “um chapéu azul, alto e pontudo, uma longa capa cinza e um cachecol prateado. Tinha uma longa barba branca e sobrancelhas densas que sobressaíam da borda de seu chapéu” (Tolkien, 2000a, p. 25), um viandante de porte odínico – relativo ao Deus Odin da mitologia nórdica – como o próprio Tolkien via a figura do mago (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 118).

Após uma saída inesperada de sua própria festa, desaparecendo inexplicavelmente como que num piscar de olhos, Bilbo é encontrado por Gandalf em sua toca, arrumando suas coisas para a viagem. Os dois amigos já estavam combinados para essa despedida triunfal do Condado e Gandalf acompanha os preparativos do hobbit. Todos seus bens estavam sendo deixados, em testamento, ao querido sobrinho Frodo Bolseiro. O mago indaga, então, se o anel também ficara para trás e Bilbo confirma, em seguida titubeia, e lembra-se que continua com ele em seu bolso. Mas agora o velho hobbit não quer desfazer-se dele. Sua voz modificase, mistura desconfiança e descontentamento, discute com Gandalf que, após tentativas

frustradas de convencimento verbal, usa de seu poder, revelando-se mais alto e imponente a Bilbo. Por fim, o mago consegue que o anel seja deixado na toca para encontrar seu novo dono mais tarde, e Bilbo ruma à saída de seu antigo lar iniciando a tão esperada viagem junto de alguns ajudantes anões, cantando as canções de sua própria autoria.

Da mesma forma que Bilbo deixa para trás seu anel, Tolkien deixa para trás, igualmente, o herói d'*O Hobbit*. O Sr. Bolseiro não se despede definitivamente da história, mas seus tempos de aventura terminam já no início da saga. Na história anterior, Bilbo era um aventureiro que havia conquistado tesouros e retornado rico à Bolsão. O objetivo de Tolkien na nova narrativa era fazê-la grandiosa. Bilbo, no entanto, não tinha características que o habilitassem a uma tarefa maior do que a de acompanhar seus amigos em algumas longas jornadas em busca de aventuras e tesouros. Outro personagem deveria ocupar o lugar do hobbit, de preferência um parente. Então, a figura do sobrinho aparece. Muitas lendas antigas apresentam sobrinhos que se tornam tão ou mais importantes que seus próprios tios (Colbert, 2002, p. 37), que iniciam como heróis nos épicos. Tolkien traz à cena um primo jovem, oficialmente sobrinho de Bilbo. Frodo se torna herdeiro de Bilbo e é o parente querido que o hobbit convida para morar com ele após seu retorno da primeira grande viagem. Assim, Frodo Bolseiro surge para Tolkien e, igualmente, entra na grandiosa história da Terceira Era da Terra-Média.

Quando chega em casa, Frodo depara-se com Gandalf sentado e pensativo. Procura Bilbo, mas este já partira. O mago lhe mostra o que fora deixado para ele e Frodo impressiona-se com o fato do tio ter-se separado do objeto que mais apreciava e que fora conquistado na grande aventura. Gandalf, no entanto, adverte-lhe para que não use o presente, pelo menos por enquanto. E assim os dois ficam acertados.

Após algum tempo, quando Gandalf finalmente descobre, após longos anos de pesquisa, que o anel de Bilbo era, na verdade, o Um Anel, considerado perdido por muito tempo, o mago retorna ao Condado com a tarefa de preparar Frodo para a tarefa que terá de ser empreendida por ele. Após saber de toda a história da herança deixada pelo tio e do que deveria fazer a partir daquela descoberta de Gandalf, Frodo inicia os preparativos para uma longa viagem que deverá ser feita até Valfenda, a Terra dos Elfos, lugar designado por Gandalf como destino de Frodo e onde será decidido o futuro daquele objeto de forças malignas pertencente ao Senhor do Escuro.

Adiada ao máximo, a viagem enfim é empreendida, porém Frodo não a leva a cabo sozinho, dois parentes seus – Meriadoc Brandebuque e Peregrin Tûk – além do seu jardineiro muito fiel, Samwise Gamgi, descobrem as intenções do hobbit e se preparam

secretamente para acompanhá-lo. Nada será muito fácil. No encalço dos hobbits, seguem os espectros do Anel – seres malignos, antigamente reis dos Homens Mortais, corrompidos por Sauron pela ganância e sede de poder que servem ao Senhor do Escuro. Assim, Frodo, Sam, Merry e Pippin são obrigados a andarem por caminhos tortuosos, através de estradas difíceis, para não serem descobertos pelos Cavaleiros Negros.

Em sua jornada através de lugares estranhos, inóspitos e perigosos, como a Floresta Velha, a Colina dos Túmulos e outros tantos, os quatro Pequenos deparam-se com pessoas, seres e lugares jamais visitados ou conhecidos por hobbits normais, a não ser por Bilbo – mesmo assim, nem tudo é do conhecimento do Sr. Bolseiro. Tom Bombadil, o velho Salgueiro-homem e Fruta d’Ouro são os primeiros personagens com quem se deparam.

Depois, já conhecendo o perigo que os perseguia, chegando em Bri, assustados e receosos com a visão dos Cavaleiros Negros, não encontram o esperado amigo Gandalf na estalagem do *Pônei Saltitante*, conforme o combinado, mas se deparam com Passolargo, guardião que levará os quatro amigos através dos caminhos e trilhas esquecidas da Terra-Média.

Inicialmente, Tolkien pensou em Aragorn – ou Passolargo – como um hobbit, mas abandonou a idéia. Na verdade, segundo ele próprio escreve numa de suas cartas, “Passolargo sentado no canto da estalagem foi um choque, e eu não tinha mais idéia de quem ele era do que Frodo” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 208). Frodo, junto com Tolkien, vão descobrindo paulatinamente que Passolargo é mais que um simples homem, ou um andarilho sem rumo. Com sua ajuda, os quatro hobbits chegam à Valfenda e ficam admirados ao perceberem sua estreita relação com os elfos que, no caminho, os ajudam a escapar dos Espectros do Anel.

Na casa de Elrond, um dos reis-elfos, encontram Gandalf e Bilbo. Após transporem muitos perigos, enfim chegam a um lugar de paz e harmonia e têm a oportunidade de desfrutarem da companhia dos seres élficos, belos, altos e muito sábios. Tolkien apreciava as figuras élficas da mitologia nórdica, ao mesmo tempo em que não compartilhava com a figura dos pequeninos seres indefesos com asas que tinham a mesma designação. Seu intento era reiterar a figura dos elfos como seres grandiosos e munidos de enorme poder e sabedoria. Eram seres imortais, e embora pudessem morrer por golpes de espadas ou outras formas drásticas, renasciam em novos corpos acompanhados de suas antigas memórias.

Mas a tarefa não estava concluída e logo eles iriam descobrir que apenas havia começado. O Conselho de Elrond é convocado e lá, com a presença de membros da raça dos homens, dos elfos, dos anões e dos hobbits – além do mago Gandalf – é decidido o destino do Um Anel. Frodo sente-se impelido por um sentimento estranho a requisitar o cargo de

Portador do Anel e os mais sábios concordam que assim deve ser. No Conselho são escolhidos mais oito companheiros para se unirem a Frodo e comporem a *Sociedade do Anel*: os três hobbits restantes, o elfo Legolas, o anão Gimli, Aragorn, Boromir e Gandalf. Representantes de todas as raças da Terra-Média, inclusive membros das não amigáveis raças (por motivos perdidos no tempo) dos anões e dos elfos.

Todos os membros da Sociedade estavam em Valfenda por motivos pessoais de seus povos e, coincidentemente – ou por força do destino –, procuravam no mesmo momento o auxílio sábio do mesmo elfo: Elrond. Assim, todos decidem por bem acompanhar Frodo na difícil missão de portar o anel e levá-lo à Terra do inimigo para destruí-lo, pois o único modo de lograr êxito na tarefa era lançar o Anel nas chamas da Fenda da Perdição, local onde fora forjado e único em que poderia ser arruinado, destruindo seu poder e o resto de força vital que ainda possuía.

A jornada reinicia, ou toma o definitivo rumo: as terras de Sauron. Os nove companheiros partem à pé rumo ao leste. Atravessam planícies verdejantes sem muito descanso, chegam até montanhas cobertas de neve. Cruzam as Minas de Moria, escavadas pelos anões, encontram descanso em Lothlórien – terra de elfos –, perdem membros da Sociedade no caminho e quando estão muito próximos de Mordor, território de Sauron, os participantes da comitiva se separam. Em razão de inúmeros acontecimentos, eles se dividem em três e rumam aos seus próprios destinos, nunca perdendo de vista o objetivo maior. O fazem em nome de suas raças e dos valores fundamentais que cultivam todos os seres dessa terra esquecida.

Quando a jornada chega ao fim, percebemos que um mundo novo é descerrado aos olhos dos leitores, uma lenda fascinante é entalhada em suas mentes. Uma leitura inesquecível? Talvez! Mas com certeza não somente isto para aqueles que compartilham do interesse de não deixar que essa lenda transforme-se em bom material literário apenas, mas sirva de guia de coragem, fé, perseverança àqueles que lerem *O Senhor dos Anéis*. Os jovens leitores de Tolkien vêem no livro mais que boa leitura, salientam também os valores através dele transmitidos:

— É, é isso mesmo — disse Sam. — E de modo algum estaríamos aqui se estivéssemos mais bem informados antes de partir. Mas suponho que seja sempre assim. Os feitos corajosos das velhas canções e histórias, Sr. Frodo: aventuras, como eu as costumava chamar. Costumava pensar que eram coisas à procura das quais as pessoas maravilhosas das histórias saíam, porque as queriam, porque eram excitantes e a vida era um pouco enfadonha, um tipo de esporte, como se poderia dizer. Mas não foi

assim com as histórias que realmente importaram, ou aquelas que ficam na memória. As pessoas parecem ter sido simplesmente embarcadas nelas, geralmente — seus caminhos apontavam naquela direção, como se diz. Mas acho que eles tiveram um monte de oportunidades, como nós, de dar as costas, apenas não o fizeram. E, se tivessem feito, não saberíamos, porque eles seriam esquecidos. Ouvimos sobre aqueles que simplesmente continuaram — nem todos para chegar a um final feliz, veja bem; pelo menos não para chegar àquilo que as pessoas dentro de uma história, e não fora dela, chamam de final feliz. (Tolkien, 2000b, p. 330)

Tolkien desejava criar um mito para sua terra e que fosse precedente aos poucos — embora muito bons na sua visão — registros que existiam de épocas remotas como é o caso do poema épico *Beowulf*<sup>6</sup>, de 449 d.c. Ronald Tolkien apreciava de forma especial *Beowulf*, mas sua história se passa toda na Escandinávia. Tudo que se sabia sobre a história e, principalmente, sobre os mitos de sua terra reverenciada, encontrava-se num único poema. Tolkien queria mais, queria conhecer as antigas culturas, saber das lendas e dos mitos. Resolveu, então, preencher as lacunas ele mesmo. Começou, assim, a criar seu mundo: mitos, lendas, histórias, heróis, povos e raças. Um universo de infinitos detalhes que pode ser comparado ao cabedal de lendas e histórias inteiras que culturas antigas levaram décadas e décadas para delinear.

Mais que boa leitura, um mundo mitológico, histórico e lendário se ergue à frente dos leitores. E por mais que não sejamos amantes ou militantes de Tolkien, nem defensores fardados de suas obras, o mundo de J.R.R Tolkien, igualmente como ocorre com as tradições antigas de nosso tempo histórico real, oferece-nos sábios conhecimentos de valores, virtudes e verdades universais, que se por bem e adesão não passam a fazer parte de nossas condutas e labores diários, acabam por permanecer no âmago de nossas reflexões mais profundas, emergindo de quando em quando, nas vezes que meditamos sobre amizade, fidelidade, coragem, esperança, fé, amor... Bem vindos à Terra Média!

---

<sup>6</sup> Segundo David Colbert, *Beowulf* representa quase um décimo de todos poemas anglo-saxões sobreviventes até hoje, e, embora seja um dos mais importantes poemas épicos da literatura inglesa, as ações de sua história se dão todas fora da Inglaterra, na Escandinávia, tendo em vista que é baseado em lendas que chegaram à Grã-Bretanha juntamente com o anglo-saxão (Colbert, 2002, pp. 28-29).

## O AUTOR

Inscrita nos próprios livros, ordenando as tentativas que visam ordenar o inventário das obras, comandando o regime de publicação dos textos, a função-autor está, apesar de tudo, no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores. (Chartier, 1999b, p. 58)

Partindo desta afirmação de Chartier, percebi que algumas informações biográficas de J. R. R. Tolkien seriam necessárias. Seja unicamente para apresentá-lo como um inglês, professor universitário, lingüista, filólogo, de meados do século passado, um profissional consagrado, já falecido<sup>7</sup>, seja porque Tolkien, enquanto romancista, nos dá um exemplo do que Chartier chama de *nova figura do autor*:

Finalmente, o estatuto quase religioso dado à obra implica uma nova figura do autor. Antes de tudo, ela se exprime pelo desejo sempre renovado de encontrar o autor, que se torna então fiador da autenticidade e da autoridade da obra. (...) Institui-se assim uma tensão fundamental entre o esvaecimento do autor pelos personagens e a celebração de sua pessoa. (Chartier, 2002b, p. 119)

O estatuto quase religioso consagrado a *O Senhor dos Anéis* é um trabalho realizado pelos seus leitores, e a tensão de que fala Chartier, entre esvaecimento e celebração, também é instituída entre Tolkien e seus leitores. Alguns jovens entrevistados nesta pesquisa empenham-se no estudo do autor, na divulgação de sua obra e de sua importância literária mundial, tendo em vista que na Europa e na América do Norte ele é amplamente reconhecido. Alguns tem até mesmo como objetivo acadêmico divulgar Tolkien em nível nacional, mas não somente Tolkien, também outros autores que escrevem fantasia. Outros jovens encontram-se no lado oposto da tensão, onde o autor é esvaecido e os personagens são elevados a condição de seres que poderiam ser reais. Diante dessa tensão, eu trouxe, na seção anterior, o resumo da obra e a exaltação dos personagens, quase lhes dando vida própria e, ao enredo, estatuto de história. Aqui, trago o autor, no intuito de ressaltar o que Chartier denomina o *“sacerdócio” do escritor* (Chartier, 2002b, p.121)

---

<sup>7</sup> Por causa do filme *O Senhor dos Anéis*, muitas pessoas com quem falei durante a elaboração desta dissertação achavam que Tolkien ainda não havia morrido, que era um escritor contemporâneo.

Dentre os jovens entrevistados, que serão apresentados adiante, Gildor chegou a dizer, em sua entrevista, que intenta realizar a complementação de sua formação acadêmica no exterior para poder retornar ao Brasil e incentivar e divulgar Tolkien no meio acadêmico. Luthien comentou que “Tolkien que é um cara canônico em todo o resto do mundo, no Brasil é considerado sub-lixo. Não é nem lixo, é sub-lixo”. Tuor enfatizou que “na literatura fantástica eu digo que ele é um marco porque eu sempre vou ler um autor de literatura fantástica à luz de Tolkien, eu sempre vou comparar com os padrões que Tolkien estabeleceu na sua obra, não só n’*O Senhor dos Anéis*, mas ao longo das demais obras” (entrevistas em 2006).

Para apresentar Tolkien, optei por utilizar apenas seis relatos autobiográficos que fazem parte do livro *As Cartas de J. R. R. Tolkien* (Carpenter, 2006), muito embora existam biografias autorizadas sobre ele que abarcam toda sua vida, desde seu nascimento em três de janeiro de 1892, na cidade sul-africana de Bloemfontein, até sua morte com oitenta e um anos de idade, em dois de setembro de 1973, na Inglaterra. Dentre os biógrafos mencionados estão Humphrey Carpenter, que escreveu *J. R. R. Tolkien: A Biography* [J. R. R Tolkien: uma biografia] em 1977, e Tom Shippey, que escreveu *J. R. R. Tolkien: Author of the Century* [J. R. R. Tolkien: Autor do século] em 2000.

*As cartas de J. R. R. Tolkien* são uma compilação de cartas que Carpenter conseguiu realizar com o auxílio de Christopher Tolkien – terceiro filho de J. R. R. Tolkien e “testamenteiro literário do pai” (Kyrmse, 2003, p. 18). A introdução do livro alerta que nem todas as cartas puderam fazer parte do volume para publicação, pois algumas não foram classificadas por falta de espaço, uma vez que o impresso teria uma extensão impossível de ser publicada, o que, aliás, estaria bem aos moldes dos escritos de Tolkien, como demonstra a divisão d’*O Senhor dos Anéis*, feita pelo editor, embora não fosse a vontade inicial do autor. Outras cartas não foram publicadas porque tratavam de temas muito pessoais (Carpenter, 2006).

Começamos por identificar onde estão e qual o caráter das autobiografias. Os seis relatos autobiográficos são cartas que Tolkien escreveu para diferentes destinatários, em seis oportunidades bastante diversas e distantes temporalmente. Há uma carta de 1925 e outra de 1969. As intenções dos escritos também são variadas. Primeiro pela diversidade de destinatários em relação a gênero, geração, profissão e proximidade com o autor; depois, com relação à intenção de Tolkien ao escrever as cartas, seus momentos, motivos e objetivos.

O relato autobiográfico mais antigo é uma carta formal de solicitação de candidatura para a cátedra de Anglo-Saxão da Universidade de Oxford, na Inglaterra, datada

de junho de 1925. É relativamente breve e Tolkien descreve seu percurso acadêmico até aquele momento, as motivações que o impelem a requerer uma vaga como docente naquela Universidade e seus planos de estudo e pesquisa caso obtenha a vaga. Com um tom bastante formal, indica seu caminho profissional como docente e filólogo.

Após, há uma carta datada de 6-8 de março de 1941 e endereçada a seu segundo filho, Michael Tolkien, que estava servindo no exército inglês durante a Segunda Grande Guerra. Tolkien relata como se deu sua paixão por Edith Bratt e as dificuldades iniciais de seu casamento com ela, bem como o nascimento do primeiro filho – John Tolkien – constituindo esse relato parte da carta que trata abundantemente de relacionamentos amorosos e conselhos sentimentais de pai para filho.

O relato seguinte foi escrito em sete de junho de 1955, encorajado por W. H. Auden, crítico que escreveu no *New York Times Book Review* e no *Encounter* sobre *O Senhor dos Anéis* e havia sido convidado para realizar uma palestra sobre o livro de Tolkien no *Third Programme* da BBC<sup>8</sup>, em outubro daquele ano de 1955. Auden perguntou a Tolkien se existia algo que ele gostaria de ouvir sobre o livro e pediu que ele lhe fornecesse informações pessoais sobre o processo de escrita d'*O Senhor dos Anéis*. Na resposta, Tolkien fala um pouco mais de si, mas restringe-se à escrita da obra, pouco abordando sua biografia.

O quarto relato foi escrito em 30 de junho de 1955, como uma correção de Tolkien a um artigo de Harvey Breit, do *New York Times Book Review*, que comenta Tolkien e suas obras. Breit utilizou fragmentos de uma carta que Tolkien escreveu como resposta a outra carta em que o articulista lhe fazia várias perguntas e pedia que ele escrevesse “clara e citavelmente” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 210). Tolkien escreveu novamente, agora para a Houghton Mifflin Co., sua editora norte-americana, pedindo desculpas pelo que o Sr. Breit havia feito de sua carta e inserindo alguns apontamentos sobre seu *curriculum vitae* os quais foram enviados para vários inquiridores e utilizados, posteriormente, por eles em artigos onde falavam da vida e obra de J. R. R. Tolkien. Nesta carta, Tolkien explica a escrita correta e a origem de seu nome.

Outra carta autobiográfica de Tolkien data de 25 de outubro de 1958 e é destinada a Deborah Webster, provavelmente uma leitora d'*O Senhor dos Anéis* que escreveu a Tolkien pedindo mais informações a respeito do autor e sua vida. Trata-se de uma carta pequena, em que Tolkien expressa o que pensava do culto à vida de autores e artistas.

---

<sup>8</sup> A BBC, British Broadcasting Corporation , “ é uma emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido” In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/BBC>.

Finalmente, em dois de janeiro de 1969, Tolkien escreve uma carta para Amy Ronald respondendo alguma pergunta que ela lhe havia feito sobre seu nome *John* e nomes em élfico. Amy era, possivelmente, uma das fãs de Tolkien que já havia lhe escrito em outras oportunidades. Aliás, a compilação de Carpenter não especifica quem eram todos os destinatários a quem Tolkien enviou suas cartas. Para alguns, há explicações breves sobre a carta que motivou a resposta de Tolkien, para outros, no entanto, não há nenhuma descrição das origens das cartas, nem dos respectivos destinatários, que incentivaram as respostas dadas por Ronald Tolkien.

Na carta de 1969, enviada a Amy Ronald, Tolkien escreveu: “Agora, minha cara, quanto ao meu nome. É *John*: um nome muito usado e amado por cristãos, e visto que nasci na Oitava de São João, o Evangelista, tenho-o como meu patrono” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 376). Tolkien começa a narrar, assim, a história de seu nome e, por consequência, a de seu nascimento.

Tolkien também fala de seu avô na carta de 1969, e diz que seu pai queria colocar o nome dele (John Benjamin) no primeiro filho e que, segundo Tolkien, “agora eu teria gostado” (Ibidem). Essas declarações de Tolkien são contraditórias. Na carta enviada à Houghton Mifflin Co. (1955) ele diz que, na verdade, é “muito mais um Suffield” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 210), que era o nome de solteiro de sua mãe. Considerando que Arthur Tolkien – seu pai – falecera quando ele tinha apenas quatro anos de idade, na África do Sul, e que fora enterrado lá mesmo, não é de se estranhar que a lembrança do pai fosse algo muito distante para Tolkien. Seu avô paterno – o mesmo que ele menciona que gostaria, no momento em que escreve, de ter seu nome – morre pouco depois de seu filho e somente a irmã de seu pai é mencionada com mais frequência pelo biógrafo de Tolkien.

Ainda na carta destinada à Houghton Mifflin Co. Tolkien examina as origens lingüísticas e étnicas de seu nome. Nesta carta, Tolkien atribui seu gosto por filologia à sua mãe, que ensinava os filhos em casa enquanto podia assim fazer, além da necessidade, devido ao fato de não ter dinheiro suficiente para mantê-los numa escola. Quando seu pai, Arthur Tolkien, faleceu deixou muito pouco para a família, uma vez que o dinheiro estava investido em negócios na África e não rendiam o suficiente para sustentar a esposa e os dois filhos. A mãe de Tolkien conseguiu uma casa de campo onde acreditava poder criar melhor e com mais dignidade seus filhos, John Ronald e Hillary (irmão mais novo de Tolkien).

Talvez esses fatos pudessem nada significar se a trajetória acadêmica de Tolkien fosse outra ou se ele tivesse optado por abandonar os estudos e a tutoria do padre, que lhe susteve até os 21 anos, para casar com Edith Bratt logo que seu romance foi proibido pelo

tutor. Não sendo a história linear, nem de predestinação, a infância de Tolkien pouco poderia importar para a criação de sua obra mais conhecida – *O Senhor dos Anéis* –, mas talvez a Terra-Média fosse bem menos idílica do que é se a casa no campo em Sorehole, alugada por sua mãe, não fosse uma das marcas infantis mais profundas para ele, como escreve em suas cartas e está presente na biografia escrita por Carpenter (2002). Talvez as árvores e as flores não fossem tão presentes em seu mundo mítico e, possivelmente, Saruman (personagem d’*O Senhor dos Anéis* que, enquanto mago de alta hierarquia, representa a máquina e a indústria em sua inteligência e astúcia, destituída de sentimentos misericordiosos) não teria o caráter e o fim que teve na trama construída pelo autor.

Mas não foi somente o gosto pela filologia que Tolkien herdou de sua mãe. A religião católica também foi uma herança deixada por ela a seus filhos. O que Ronald Tolkien tem a dizer de sua mãe é algo bastante respeitoso e de forma muito orgulhosa: “era uma senhora talentosa de grande beleza e inteligência, muito atingida por Deus com pesar e sofrimento, que morreu jovem, (aos 34 anos) de uma doença acelerada pela perseguição de sua fé” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 57).

Ser cristão é um fato que Tolkien considera importante em sua obra, bem como ter morado no campo. Em suas palavras, esses são fatos “realmente significantes. Por exemplo, nasci em 1892 e vivi meus primeiros anos no ‘Condado’ em uma época pré-mecânica. Ou mais importante, sou um cristão (o que pode ser deduzido a partir de minhas histórias) e, de fato, um católico romano” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 275). Embora algumas vezes criticado por sua história não contemplar a religião, ou diversas vezes questionado sobre qual era a religião dos hobbits, Tolkien afirma várias vezes o caráter de religiosidade moral de sua obra. Na carta a Houghton Mifflin Co. (1955), ele complementa a questão citando um crítico que afirmou que o caráter de Galadriel (a elfa rainha de Lothlórien), ou como Gimli a descrevia e exaltava, estava claramente relacionado à devoção à Maria no Catolicismo. Sobre isto Tolkien nada afirma, mas em outra carta irá dizer que a Terra-Média era um mundo de religião primitiva.

Filólogo, cursou a graduação na escola de inglês da Universidade de Oxford. Especializou-se em filologia grega e formou-se com honras de primeira classe em inglês, em 1915, sendo sua matéria especial o islandês antigo. Em 1918, Tolkien foi trabalhar para o Oxford English Dictionary. Em outubro de 1920 foi para a Universidade de Leeds trabalhar como professor adjunto em língua inglesa, incumbido de desenvolver e fazer crescer a Escola de Estudos Ingleses. E em 27 de junho de 1925 ele escreve sua carta formal de solicitação de

preenchimento da vaga para a Cátedra de Anglo-Saxão na Universidade de Oxford (pela renúncia de W. A. Craigie).

Estas informações fazem parte desta carta formal (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 18), acompanhadas dos motivos e das intenções de lecionar em Oxford pela Cátedra Rawlinson e Bosworth. Como últimas palavras desta carta, Tolkien escreve seu propósito de aproximar estudos lingüísticos e literários que, no seu modo de entender, não podem ser inimigos sem perda para ambos, e acrescenta que se esforçará para “continuar, em um campo mais fértil e amplo, *o encorajamento do entusiasmo filológico entre os jovens* [grifo nosso]” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 19).

Tal esforço vê-se contemplado na criação d’*O Senhor dos Anéis* e, principalmente, com o mundo mítico da Terra-Média, que já vinha sendo composto por Tolkien desde os tempos da faculdade. Vê-se contemplado, igualmente, no interesse dos jovens de hoje pelas línguas criadas por Tolkien. Muitos dos jovens entrevistados mencionaram o interesse por línguas, disseram que as questões filológicas do livro incentivaram ou tornaram a leitura mais interessante como é o caso de Idril: “eu ia descobrindo questões de lingüística em torno da criação das línguas e dos nomes, eu ia lá e pesquisava, daí já lia toda uma passagem por vontade de ler mesmo”. A curiosidade sobre uma língua que tem história e mesmo gramática (embora incompleta) também faz com que os jovens queiram aprendê-la:

E quando eu cheguei no quenya [uma das línguas criadas por Tolkien], foi alguma coisa assim: não quero ficar de fora, sabe. Ele escreveu aquilo, deve ter algum significado. Eu tenho que saber, ao menos, como se fala. Posso não entender o que está escrito ali, mas eu sei como é que se pronuncia. Isso é importante pra mim. Hoje eu não sei falar alemão, eu não sei formar uma frase em francês, mas eu tenho noções básicas de como pronunciar as palavras, isso é um dos maiores atrativos das línguas. Sendo a estética um dos principais atributos do quenya e do sindarin [língua criada por Tolkien], é uma coisa que eu sempre busquei entender mais. (Haldir)

E essa curiosidade e o interesse que surgem pelas línguas criadas por Tolkien, pelas suas histórias, levam os jovens a procurar outras obras, outros livros de Tolkien. Segundo Chartier, “os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados” (1999a, p. 17). Os livros de Tolkien são formados por textos diversificados, textos que os jovens interessados em estudar as línguas criadas por ele ou a mitologia ou outros aspectos da obra, acabam procurando e estudando. O *Silmarillion*, por exemplo – formado de poemas que foram sendo escritos e trabalhados desde meados da década de 1910 e iam sendo lidos para amigos e

companheiros de caminhada profissional e pessoal, em encontros de grupos de leitura ou reuniões eventuais – é uma das obras que, após *O Senhor dos Anéis*, os jovens mais buscam e alguns dizem preferirem, embora não fale sobre hobbits:

O meu preferido é o *Silmarillion*. (...) O que eu mais amo. (...) Livro de cabeceira. *Silmarillion*, não tem nada pra fazer, eu pego pra ler. Acho que a primeira parte do *Silmarillion* que conta da criação da Terra-Média foi a minha preferida, tem também a história da Luthien e do Beren que eu mais li, eu acho. (Arwen)

Contudo, *O Senhor dos Anéis* é, efetivamente, o maior sucesso literário de Tolkien, tanto que garantiu-lhe o título de autor do século. Este trabalho – segundo as próprias palavras de Tolkien em carta enviada a W. H. Auden, em junho de 1955 – não foi empreendido para obtenção de fama literária ou para o “prazer dos outros”. Tolkien diz ter escrito para seu próprio prazer, embora também admita que ninguém pode criar algo de maneira puramente particular. Na carta a Auden, ele se compraz em ter a oportunidade de pensar um pouco sobre os traços pessoais de sua vida presentes n’*O Senhor dos Anéis*; satisfaz-se com o pedido de Auden e com a deferência da BBC que contratou o crítico para falar sobre a “trilogia” (como Auden escrevera na carta) e sobre o autor.

Nesta carta, Tolkien descreve seus conhecimentos de filologia de forma altamente erudita. Traça quase uma genealogia própria, baseada em idiomas, conforme sua própria metáfora. Interessante observar, no entanto, que em sua mente essas informações não estão dissociadas de sua infância, seus gostos e suas aptidões. Ele escreve que seu gosto pela atmosfera norte-ocidental talvez possa ser explicado pelas primeiras memórias de infância que tem em Bloemfontein, África do Sul, onde nasceu.

Assim, toda sua paixão por línguas e as suas criações idiomáticas são a base de toda a composição literária, uma apoiando-se na outra – filologia e literatura – como ele próprio afirmara na carta a Auden (Ibidem) e exemplificara na obra de toda sua vida: a mitologia da Terra-Média. *O Senhor dos Anéis* é apenas o pano de fundo para os idiomas por ele inventados e, para serem verdadeiros, reais, vivos, estes precisavam de uma história verdadeira, real, viva como é sua obra literária.

Tolkien escreveu a sua mitologia desde quando estava na Universidade, não interrompendo nem durante a Primeira Guerra Mundial, onde, diz, escrevia muito nos hospitais. Continuou criando, como lazer, por paixão e para ler no grupo de leitura que formava juntamente com C. S. Lewis. Até que diante da famosa folha em branco, de uma prova que estava corrigindo para o Certificado Escolar, rabiscou *Numa toca no chão...* Nascia

*O Hobbit*. Conforme as contingências da vida, o texto deste primeiro livro chegou às mãos de uma ex-aluna que trabalhava na Editora Allen & Unwin, e daí foi só o tempo de Rayner Unwin, filho do editor, avaliar o livro e aprová-lo para publicação. Estava decretado, igualmente, o nascimento d’*O Senhor dos Anéis*. Segundo Tolkien, na exigência de uma continuação para *O Hobbit*, recusaram suas lendas élficas – o que hoje compõe o *Silmarillion* –, as quais, até sua morte, ele não viu publicadas.

Nas tratativas de Tolkien com seus editores, a fim de tornar seus textos um livro, ele não fugiu à regra que trata das transformações sofridas pelo texto quando este é transferido para um suporte que o transforma em um impresso. As inúmeras implicações deste processo podem ser vistas nas várias cartas trocadas entre Tolkien e os editores com relação aos acertos para a publicação d’*O Hobbit* e d’*O Senhor dos Anéis*. Chartier (1999a) já salientava que a biografia do autor não dirige, sem obstáculos, a escrita de uma obra, mas que

o autor [...] é, ao mesmo tempo, dependente e reprimido. Dependente: ele não é o mestre do sentido, e suas intenções expressas na produção do texto não se impõe necessariamente nem para aqueles que fazem desse texto um livro (livreiros-editores ou operários da impressão), nem para aqueles que dele se apropriam para a leitura. Reprimido: ele se submete às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária, ou que, mais comumente, delimitam as categorias e as experiências que são as próprias matrizes da escrita. (p. 35-36)

Tolkien teve de trabalhar n’*O Senhor dos Anéis* e, nas suas palavras, ele “é apenas a parte final de uma obra quase duas vezes maior na qual trabalhei entre 1936 e 53. (Eu queria fazer com que tudo fosse publicado na ordem cronológica, mas isso se mostrou impossível)”<sup>9</sup>. Sobre o que trata *O Senhor dos Anéis*? Esta é uma pergunta que Tolkien teve de responder, algumas vezes, para leitores e críticos que lhe questionaram. Sobre idiomas, poderíamos dizer, após todo empenho do autor de afirmar o sentido de sua obra. *Também* sobre idiomas, eu diria, assim como Tolkien disse na carta enviada à Houghton Mifflin Co. (1955) destinada ao colunista Harvey Breit:

De qualquer forma, para mim ele é em grande parte um ensaio sobre ‘estética lingüística’ [...] Ela não é ‘sobre’ coisa alguma além de si mesma. Certamente ela *não* possui intenções alegóricas, gerais, particulares ou tópicas, morais, religiosas ou políticas. A única crítica que me aborreceu foi

<sup>9</sup> Tolkien refere-se, aqui, ao fato de não ter conseguido publicar *O Silmarillion* como uma continuação para *O Hobbit* (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 208).

a de que ela ‘não contém religião’ (e ‘nem Mulheres’, mas isso não importa e não é verdade, de qualquer maneira). É um mundo monoteísta de ‘teologia natural’. (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 211)

Mas *O Senhor dos Anéis* é também uma obra que trata de questões ligadas a valores e virtudes, e que não sendo sobre religião (como Tolkien deixa bem claro), não deixa de ser sobre uma moral: as relações entre o nobre e o simples – como Frodo e Aragorn com suas missões altamente importantes e nobres –, do “enobrecimento do ignóbil” (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 212) – como Frodo, Sam, Merry e Pippin que crescem em nobreza e dignidade ao longo da jornada –, o cuidado e carinho especial às plantas e, principalmente, às árvores, o amor à Natureza que, em linhas gerais, é uma constante na vida de Tolkien e sempre presente em seus relatos autobiográficos.

Todos esses elementos da obra de J. R. R. Tolkien fazem parte de sua própria vida e dizem muito a respeito dela. Não olvidando que a nova figura do autor, quase sacralizado enquanto tal, institui, como já citado, “uma tensão fundamental entre o esvaecimento do autor pelos personagens e a celebração da sua pessoa” (Chartier, 2002, p. 119), podemos reproduzir, mais uma vez, as palavras do próprio Tolkien:

Sou de fato um *hobbit* (em tudo, exceto no tamanho). Gosto de jardins, de árvores e de terras não-mecanizadas; fumo um cachimbo e gosto de uma boa comida simples (não refrigerada), mas detesto a culinária francesa; gosto de, e ainda ousa vestir nestes dias sem brilho, coletes ornamentais. Gosto muito de cogumelos (tirados de um campo); possuo um senso de humor muito simples (que até mesmo meus críticos apreciativos acham cansativo); durmo tarde e acordo tarde (quando possível). Não viajo muito. Amo Gales (...) e especialmente a língua galesa. (Carpenter; Tolkien, 2006, p. 275)

### 1.3 OS MUITOS LEITORES

A obra *O Senhor dos Anéis* popularizou-se no Brasil há pouco tempo. Mas em sua terra natal, a Inglaterra, o livro é apreciado pela quase totalidade de seus leitores. Existem, na Europa, Canadá, Estados Unidos e muitos outros países, sociedades específicas para o estudo das obras e da vida de Tolkien. A primeira dessas sociedades é a *Tolkien Society*, fundada no ano de 1969, quando Tolkien ainda vivia. O grupo, formado por fãs de Tolkien e acadêmicos que se propuseram estudar o autor e suas obras, persiste até a atualidade e é o órgão que

oficializa, no mundo inteiro, os estudos e outras sociedades que se dedicam a Tolkien, ou seja, os grupos associados a esta instituição formam, oficialmente, uma rede mundial de pesquisa sobre a vida e as obras do autor.

A universidade de Oxford também possui uma sociedade de estudos da obra de Tolkien, a *Taruithorn – The Oxford Tolkien Society* que é igualmente filiada à Tolkien Society. Professor reconhecidamente importante e influente na produção literária inglesa, Tolkien é estudado até a atualidade como referencial literário e também na área de lingüística, tendo em vista a criação das várias línguas da terra-Média.

(...) a parte lingüística tolkieniana é a que mais rende lá fora, por incrível que pareça, a parte de estudos. Porque tem uma equipe que ela é apoiada pelo próprio Christopher Tolkien que é o filho do Tolkien, que ele deu o aval dele pra estudar os manuscritos originais do Tolkien sobre lingüística e publicar isso em jornais lingüísticos. (Elrond)

Há muitos estudos monográficos e teses baseadas nas línguas que Tolkien criou, bem como no mundo fantástico da Terra-Média. A Tolkien Society mantém uma lista de teses, dissertações e artigos que têm como temática principal a vida e a obra de Tolkien e que são enviadas à sociedade para catalogação. Essa listagem apresenta vinte e oito teses e dissertações e quarenta e sete artigos. Tal número representa apenas os trabalhos que são enviados à Tolkien Society, ou seja, que ela tem conhecimento.

É possível constatar, a partir destas informações, que os leitores de Tolkien não são apenas os apreciadores de uma leitura fluida e corrente. Também se encontram entre os leitores estudiosos que trabalham e produzem conhecimento a partir dos estudos, das criações e das produções literárias desse autor inglês. No entanto, no Brasil, poucos pesquisadores e estudos acadêmicos se debruçam sobre Tolkien e sua obra. A leitura de Tolkien, no país, é uma prática cultural realizada, em geral, por prazer e, por sua vez, congrega numerosos leitores. A maioria desse são jovens, e os entrevistados na presente dissertação são alguns dos muitos leitores de Tolkien.

Os jovens entrevistados vivem numa mesma cidade, circulam por espaços de sociabilidades juvenis que são comuns. Em geral, possuem uma escolaridade semelhante e conhecem os mesmos artefatos culturais que estão disponíveis no seu entorno. Em alguma medida podem ser considerados jovens da comunidade de leitores d'*O Senhor dos Anéis*. São os elementos que eles têm em comum que permitem afirmar que compartilham as mesmas estratégias de interpretação, os mesmos códigos, as mesmas regras, os mesmos símbolos que são postos em ação nas práticas de leitura desse autor.

Destaca-se, ainda, o fato de que há um conjunto de possibilidades de iniciação à leitura nesta comunidade de leitores que é oferecido no âmbito da própria produção cultural juvenil, como os sites<sup>10</sup> especializados, as comunidades do orkut, as listas de discussões, o que reafirma a possibilidade de nos referirmos a eles como uma comunidade de leitura. Entretanto, frente à constatação de que os jovens, em sua diversidade, inscrevem-se em diferentes grupos de pertencimento, produzem vivências particulares, não generalizáveis a todos os jovens, usarei, no presente estudo, a expressão comunidades de leitores, em sua formulação plural, para dar conta de demonstrar os diferentes modos, grupos e práticas de leitura que constituem a comunidade mais ampla dos leitores jovens das obras de Tolkien.

#### 1.4 OUTRAS TRILHAS

A afirmação feita acima de que existem muitos poucos trabalhos a respeito d'*O Senhor dos Anéis* é confirmada quando pesquisamos as dissertações e teses disponíveis no Banco de Teses do site da Internet da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre essa temática específica. É possível encontrar apenas uma dissertação e uma tese relativamente a *O Senhor dos Anéis*. Mas existem alguns trabalhos relativos ao tema que guardam alguma semelhança com o presente estudo. Buscarei, aqui, listá-los e apresentá-los a fim de tornar visíveis essas produções e mostrar a inserção da presente dissertação no contexto das produções acadêmicas nacionais.

A pesquisa empreendida junto ao Banco de Teses da Capes foi realizada partindo da busca através de cinco descritores tanto para os níveis de mestrado como doutorado: *Tolkien*, *Senhor dos Anéis*, *jovens leitores*, *leituras juvenis* e *Chartier*. A partir dos descritores *Senhor dos Anéis* e *Tolkien* foram encontradas três dissertações e uma tese. Relativamente às dissertações, uma foi defendida no ano de 2003 na Universidade Federal do Ceará, no Programa de Pós-Graduação em Lingüística e tem como foco a descrição de uma comunidade discursiva virtual denominada *Sociedade Senhor dos Anéis*. O trabalho dissertativo intitula-se

---

<sup>10</sup> “Um *site* (lê-se como "sai-te") ou sítio, é um conjunto de páginas Web, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP na Internet. O conjunto de todos os *sites* públicos existentes compõem a World Wide Web. (...) Alguns *sites*, ou partes de *sites*, exigem uma subscrição, com o pagamento de uma taxa, por exemplo, mensal, ou então apenas um registo gratuito. (...) Um *site* normalmente é o trabalho de um único indivíduo, empresa ou organização, ou é dedicado a um tópico ou propósito em particular” In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Site>.

“A comunidade discursiva virtual Sociedade Senhor dos Anéis: caracterização e condições de participação”, de autoria de Carla Rafaela Gaede. Para a análise proposta, o estudo utiliza os conceitos de gênero e comunidade discursiva do autor John Malcolm Swales, diretor do Instituto de Língua Inglesa da Universidade de Michigan, da área da Análise de Gêneros. Trata-se, assim, de pesquisa preocupada com questões de lingüística, hierarquia, não abordando as leituras realizadas pelas comunidades analisadas, nem suas práticas.

Os dois outros estudos dissertativos são do ano de 2004. O primeiro foi defendido na Universidade Federal de Minas Gerais, no Programa de Pós-Graduação em Lingüística e tem como título “The Mage as the Hero: An Archetypal Study of Fantasy Literature”<sup>11</sup>, de Érika Morais Martins de Pádua. Objetiva uma melhor compreensão do que há nesse gênero literário que tanto atrai a leitura e centra-se na valorização dada à sabedoria dos magos, o que ocasiona, segundo o estudo, uma identificação com as buscas por respostas existenciais dos leitores. Abarca mais detalhadamente os magos da obra de J.K. Rowling, escritora das aventuras de Harry Potter<sup>12</sup>.

O segundo trabalho de 2004 intitula-se “Role Playing Game - Narrativa Hipertextual Híbrida - Tecendo Dimensões de Realidade, Compendo o Reencantamento do Mundo”, dissertação defendida na Universidade de Brasília por Sarom Silva de Meneses, do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Analisa o surgimento do gênero literário designado, pela autora, como *Narrativa hipertextual híbrida*, através do jogo RPG, além da narrativa digital e dos hiperromances de Calvino, como denominados pela autora do estudo dissertativo. A preocupação do trabalho centra-se na análise da construção dos textos, na diminuição das distâncias entre autor e leitor, na estética da recepção e enfoca, prioritariamente, o suporte computador e as implicações dessa tecnologia na produção e recepção dos textos.

A tese identificada para as palavras *Tolkien* e, posteriormente, *Senhor dos Anéis*, tem como título: *O narrar ritualístico (The Lord of the Rings de J.R.R. Tolkien)*. Foi defendida em 1997, na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada – de autoria de Rosa Silvia Lopez. O estudo é bastante específico da área da Literatura. Analisa o mundo mítico d’*O Senhor dos Anéis*

---

<sup>11</sup> “O mago como herói: um estudo arquetípico da literatura de fantasia” (Tradução nossa).

<sup>12</sup> Protagonista da série de livros escritos pela autora J. K. Rowling. Harry Potter é um jovem bruxo, órfão, cujos pais também eram famosos bruxos. A série conta a vida deste jovem nos sete anos em que frequenta uma escola de bruxos.

enfocando a narrativa e o autor. Não há indícios de trabalho com as leituras ou os leitores da obra, a não ser quando fala do fascínio que encanta estes últimos.

Nada mais foi localizado sobre *O Senhor dos Anéis* ou sobre *Tolkien* no Banco de Teses da CAPES. Ainda, os que foram mencionados pertencem às áreas de Literatura, Letras e Linguística. Na área da Educação, não foram encontrados estudos que tratem especificamente da obra *O Senhor dos Anéis*, nem tampouco quaisquer outros livros de Tolkien. Os jovens que se reúnem sistematicamente produzindo saberes e reencantando-se com o mundo ainda são desconhecidos em projetos, temáticas investigativas e estudos em geral no campo educacional. Contudo, existem alguns trabalhos que possuem certa proximidade com a presente dissertação. São estudos que tratam de leituras juvenis e infanto-juvenis, leitores e práticas de leitura e, até mesmo, circuito editorial de obras infanto-juvenis; ou ainda, análise de correspondências trocadas entre autor e leitores jovens no Brasil da década de 1920-1940; questões a respeito da formação dos leitores; políticas de leitura e propostas de alterações curriculares para a leitura literária na sala de aula.

Para chegar aos trabalhos acima citados, utilizei os descritores, na pesquisa por dissertações e teses, *leituras juvenis*, *jovens leitores* e *Roger Chartier*. A partir da seleção obtida, realizei uma outra busca pela leitura dos resumos dos trabalhos. Desta forma, pude ter uma visão ampla sobre a produção no campo de estudos de *leituras juvenis e infanto-juvenis no Brasil*. A delimitação da busca – não optando por palavras como apenas *leitura* ou *jovens* – deve-se ao fato do recorte da pesquisa estar definido no campo específico das *leituras juvenis*, mas a abertura para o nome de *Roger Chartier* deu-se como uma opção focada no referencial teórico adotado.

Assim, para a primeira expressão – *leituras juvenis* –, selecionei dez trabalhos que se voltam às leituras realizadas por jovens e crianças às quais são tangenciadas por questões como a formação do leitor, a influência da escola nessa formação, as práticas de leitura escolares e outras. Destes, nove são dissertações e apenas uma tese. Dasquelas, quatro enfocam a escola, constituindo-se as *práticas de leitura escolares* como principal ênfase, e cinco tratam de *práticas de leituras* não permeadas pelo espaço escolar. A tese desta seleção enfatiza as leituras a partir da escola. Os Programas de Pós-Graduação onde são contempladas as temáticas de trabalho relativas às *leituras juvenis* e que salientam as práticas de leitura escolares são da área de Linguística Aplicada (duas dissertações), Educação (uma dissertação e a tese) e Letras (uma dissertação).

Os outros cinco trabalhos, voltados às leituras fora da escola, identificados pela expressão *leituras juvenis* são todos dissertações das áreas de Letras (três), Filologia e Língua

Portuguesa (um) e Educação (um). Os estudos de Filologia, Educação e um de Letras são pesquisas com caráter histórico, seja das práticas de leitura de leitores da obra infantil de Monteiro Lobato, através de cartas que abrangem o período de 1926 a 1946, seja da história literária infanto-juvenil de alguma localidade ou de textos específicos. Os outros dois estudos são da área de Letras. Um analisa a influência da leitura de obras infanto-juvenis de Lygia Bojunga Nunes na formação de imagens pelos leitores e a outra observa o perfil estético de obras da literatura para crianças e jovens e os leitores da contemporaneidade<sup>13</sup>.

Para a segunda expressão – *jovens leitores* – foram filtrados vinte e uma dissertações e uma tese. Das dissertações, dezoito voltam-se para o estudo de práticas de leitura escolares, contemplando estudos sobre a formação do leitor pela escola, a literatura poética e sua influência para o aluno-leitor, a leitura de jornais por jovens e professores, o processo evolutivo da leitura e do letramento até a leitura proficiente, a influência da leitura literária para o Ensino de Literatura e para a produção textual dos jovens, entre outros.

Estas dezoito dissertações foram produzidas em Programas de Pós-Graduação em Educação de dez diferentes universidades; quatro são da área de Letras, uma é da área de Literatura e duas da área de Comunicação e Informação. Os três trabalhos restantes, das vinte e uma dissertações que abordam *jovens leitores* e que não enfocam as *práticas de leitura escolares*, uma se vincula a um Programa de Pós-Graduação em Educação, outra pertence a um Programa de Linguística e a terceira é da área das Ciências da Informação.

Dentre estes últimos há uma pesquisa a respeito das editoras que produzem literatura infanto-juvenil, que visou estudar o percurso desta literatura desde sua produção até a posterior recepção pelo público alvo. Outro estudo investiga a relação entre o desempenho de vestibulandos na redação do teste de seleção com as experiências anteriores de leitura dos estudantes. E o terceiro trabalho aponta o conhecimento metacognitivo acerca do processo de leitura e indaga se os jovens<sup>14</sup> possuem conhecimento desse processo. A tese filtrada com a expressão *jovens leitores* é da área da Educação e faz uma análise sobre o que lêem e como interagem com livros de literatura jovens entre dez e quatorze anos, em dois contextos escolares: a biblioteca e a sala de aula. Este estudo busca compreender os modos de apropriação por leitores jovens da leitura literária oferecida pela mediação da sala de aula e da biblioteca da escola.

---

<sup>13</sup> Como consta do resumo, porém salientando que este é um trabalho defendido no ano de 1996.

<sup>14</sup> Não fica claro, no resumo, quais são os sujeitos da pesquisa. A especificação é de que são adolescentes entre treze e quatorze anos, não permitindo inferir se são jovens pertencentes a uma escola ou não.

Finalmente, para a terceira expressão filtrada – *Roger Chartier* – foram selecionadas oito dissertações<sup>15</sup>. Destas, cinco enfocam as *práticas de leitura escolares* sendo que quatro estão alocadas em Programas de Pós-Graduação em Educação e uma é da área da Literatura. Estes trabalhos analisam a formação do leitor e sua relação com a escola – passando por questões de produção do livro infantil –, as práticas de leitura de alunos para situar o momento de intervenção da escola ou para compreender a noção de leitura e sua construção social, ou ainda as leituras para o vestibular. Outras três dissertações, que enfatizam diferentes abordagens de estudo que não passam pela escola, ou isto não fica claro, pertencem às áreas de Ciências da Comunicação, Letras e Educação. O trabalho desta última área busca compreender as práticas, imagens e representações de leitura construídas na infância<sup>16</sup>; o da área das Ciências da Comunicação analisa as apropriações de leitores de obras de Paulo Coelho, utilizando como lugar de referência uma biblioteca pública; da área de Letras consta o estudo do projeto de formação de leitores de Monteiro Lobato, tendo por *leitor* a conceituação e definição dadas por Lobato em seu projeto de formação de leitores.

Em resumo, ao todo foram filtrados, selecionados e classificados quarenta e quatro trabalhos – quarenta e uma dissertações e três teses – que têm em seus corpus de análise algo que tangencia o presente estudo dissertativo. Detive-me na análise de quatro estudos deste conjunto, por referenciarem o livro *O Senhor dos Anéis* ou o autor J.R.R. Tolkien. Mas gostaria, ainda, de ocupar-me com a descrição de outras quatro pesquisas. A primeira delas intitula-se “À caça do sentido: práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato – um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)”, dissertação defendida no ano de 2003 por Marco Antonio Branco Edreira, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. Não trata de leituras escolares, mas constitui-se como um estudo histórico das cartas enviadas por jovens leitores a Monteiro Lobato, procurando nelas as características da comunidade de leitores em que se inseriam os jovens correspondentes, os vestígios das táticas ou apropriações de leitura – através dos comentários a respeito dos personagens, dos textos, das edições e as relações com a escola, o conhecimento e etc., presentes nas cartas – e todas relações que permeiam o trajeto entre o texto e a leitura.

O autor apóia-se em Roger Chartier e Michel de Certeau para os estudos empreendidos e enfoca as práticas de leitura juvenis, por isso este trabalho tanto foi localizado

---

<sup>15</sup> Havia apenas uma tese que pôde ser filtrada com a expressão requerida e esta referia-se à comparação de leitura de um texto eletrônico e de um livro impresso tendo como sujeitos da pesquisa alunos de seis a dez anos.

<sup>16</sup> Embora seja um trabalho voltado para a infância, optei por mantê-lo neste levantamento tendo em vista a utilização de Chartier para a investigação das práticas de leitura de um público específico.

com a busca pelo descritor *leituras juvenis* como pela expressão *Roger Chartier*. Pela escolha teórica e pela ênfase na comunidade de leitores de um autor específico, este trabalho é o que mais se aproxima de minha pesquisa, embora constitua uma análise histórica – o que define que os leitores jovens são outros jovens que realizam outras leituras –, que o autor, as obras pesquisadas e a comunidade de leitores são outros e que minha ênfase esteja nas práticas não só de leitura *juvenis*, mas culturais, em geral, que advém das leituras.

Outro trabalho interessante denomina-se “Lição entre amigas: uma travessia de leitores (apontamentos sobre experiências de leituras)”, defendido no programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por Angeli Rose do Nascimento. A dissertação analisa as experiências de leitura de jovens do Ensino Médio. Enfoca as práticas de leitura escolares, chamando atenção para o fato de que a formação do leitor pode ocorrer através de práticas leitoras imprevisíveis e distintas das engendradas no âmbito escolar. O que chama atenção nesta pesquisa é a atenção dada às leituras praticadas fora da escola, alheias às metodologias de leitura próprias das disciplinas escolares, o que muito interessa, pois a comunidade de leitores d’*O Senhor dos Anéis* possui uma dinâmica bastante ativa na qual poucas tramas alcançam a instituição escolar, pelo menos de forma explícita.

A dissertação intitulada “A escola e o leitor: um diálogo possível?” é de especial valor, pois foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ao qual me vinculo. A pesquisa é de autoria de Diana Maria Correa Noronha. Este trabalho é o mais antigo filtrado na consulta à CAPES (1988) e analisa o que há na escola que afasta os jovens da leitura, mesmo que estes gostem de ler fora dela. É um trabalho que tenta compreender as práticas de leitura de jovens de uma forma bastante abrangente e isso antes da década de 90. Um estudo que incita a um diálogo interessante.

Por fim, a dissertação “A historicidade do leitor na construção de uma autoria em leitura escolar”, defendida em 2000 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, por Maria da Graça Cassano, é um trabalho importante por analisar o reconhecimento das histórias de leitura empreendidas nas comunidades às quais pertencem jovens alunos como contribuintes para a constituição de um sujeito que é autor de sua própria leitura. Trata de leituras e escrituras ordinárias – embora a autora não as denomine desta forma – como revistas femininas, versos, mensagens religiosas que circulam escondidas dos olhares atentos dos professores e como estas podem dialogar com a escola para que se repense leitor e leitura no contexto escolar.

As expressões utilizadas no levantamento aqui descrito possuem pontos de convergência, alguns trabalhos foram filtrados em mais de um dos descritores utilizados, o que não se constituiu em problema tendo em vista que a busca foi de modo a elaborar um levantamento de referências o mais completo possível. Assim, pesquisas que enfocam as *leituras juvenis* podem ter como principal referência a obra de *Roger Chartier* e alguns trabalhos relativos a *jovens leitores* podem ter aparecido, igualmente, em *leituras juvenis*.

O levantamento bibliográfico realizado junto ao Banco de Teses da CAPES, possibilitou uma visão relativamente ampla da produção acadêmica sobre leituras juvenis no Brasil. Depreende-se que não existem estudos já concluídos a respeito das comunidades de leitores jovens da atualidade, tampouco sobre Tolkien ou *O Senhor dos Anéis* relacionados a essas comunidades. Também inexitem pesquisas sobre práticas culturais, saberes produzidos na mediação das práticas de leitura de comunidades de leitores de um autor ou de uma obra específica.

Mas, além destas dissertações e teses, a procura por estudos relacionados a J. R. R. Tolkien ou *O Senhor dos Anéis* identificou trabalhos valiosos que muito contribuíram para esta pesquisa. O primeiro destes trabalhos foi o livro *Explicando Tolkien*, de Ronald Kyrmse (2003). O livro de Kyrmse foi fundamental para orientar a busca por referências sobre Tolkien e seus fãs. Ao final do livro, o autor traz uma lista bibliográfica subdivida por assuntos: bibliografia básica, outras obras do mundo tolkieniano, ficção em outros mundos, sobre Tolkien e referências tolkienianas na Internet. A partir desta última lista, encontrei o site do Conselho Branco Sociedade Tolkien<sup>17</sup>.

Em busca da biografia oficial de Tolkien, encontrei, pesquisando em sites de busca na Internet, a divulgação do lançamento da primeira tradução para o português d'*As Cartas de J. R. R. Tolkien*, livro organizado pelo mesmo autor da biografia oficial de Tolkien, Humphrey Carpenter, com a assistência de Christopher Tolkien – filho de J. R. R. Tolkien. Para minha maior surpresa, o segundo jovem por mim entrevistado me indicou outro jovem que poderia me conceder, igualmente, uma entrevista colaborando com minha pesquisa: era o jovem tradutor d'*As Cartas de J. R. R. Tolkien* para a língua portuguesa. Este livro, além de ter auxiliado a compreender Tolkien e a produção de sua obra, foi o primeiro produto das práticas culturais encetadas pelas comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis* que encontrei na trajetória de pesquisa.

---

<sup>17</sup> Sobre esta entidade, ver capítulo 2.

Outros dois livros fazem parte dos referenciais da dissertação. Um deles é um guia singelo sobre as inspirações de Tolkien na produção d'*O Senhor dos Anéis*. Um livro fácil, acessível para fãs e apreciadores do filme. Intitula-se *O mundo mágico do Senhor dos Anéis: mitos, lendas e histórias fascinantes*, de David Colbert (2002), tradução de Ronald Kyrmse. O outro é *O mundo de Tolkien: fontes mitológicas de O Senhor dos Anéis*, de David Day (2004), livro ilustrado que descreve as relações da obra de Tolkien com as fontes mitológicas que inspiraram o autor.

No entanto, o livro *A aventura da leitura e da escrita entre mestres de Roleplaying Game (RPG)*, de Andréa Pavão (2000), publicação de sua dissertação, foi uma das mais ricas fontes utilizadas nesta pesquisa. Ao longo das entrevistas com os jovens participantes fui percebendo que, em sua maioria, eles jogavam RPG. Assim, iniciei a leitura do livro de Pavão para tentar compreender essa prática cultural juvenil. Deparei-me com um universo em que Tolkien tem um papel fundamental, inspirador das práticas desses jovens jogadores de RPG. À medida que avançava no livro de Pavão e dava encaminhamento às entrevistas, mais e mais jovens declaravam, entre suas práticas culturais, o RPG. E após apropriar-me da leitura do livro em questão, pude realizar entrevistas mais elaboradas, buscar nas entrelinhas dos jovens vestígios de sociabilidades que somente eram engendradas por esse jogo e que, por não serem consideradas legitimadas pela escola e outras instituições autorizadas, não eram manifestadas pelos jovens de forma imediata.

Além dessas referências contidas em suportes impressos, alguns jovens entrevistados me ofereceram rico material de referência a respeito do mundo fantástico da Terra-Média, do autor J. R. R. Tolkien e das produções culturais das comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis*. Estes jovens traçaram os itinerários deste estudo, aclararam as estradas por que passei, e forneceram mapas para que eu pudesse me orientar melhor pelos caminhos das práticas culturais de leitura e escrita dos jovens das comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis*. Passo, agora, a apresentar esses jovens.

## 2. JOVENS LEITORES

Um grupo de três jovens sentados numa das mesas da praça de alimentação de um shopping de Porto Alegre, num sábado à tarde do mês de abril do ano de 2006. Estavam ali esperando uma pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para responderem a algumas dúvidas, questões e curiosidades a respeito de sua especialidade. Até então, nada de anormal ou de extraordinário. A não ser o fato de que a especialidade desses jovens é o mundo criado por John Ronald Reuel Tolkien.

Embora acostumados a se reunirem todos os meses, sistematicamente, a fim de conversarem sobre Tolkien e sua obra e planejarem a implementação de projetos de divulgação da leitura fantástica, aqueles jovens, talvez, estivessem tão instigados pelo encontro que foi marcado quanto a pesquisadora. Eram três jovens rapazes: Herenvarno (21 anos), Haldir (22 anos) e Shura (16 anos), sentados à mesa na expectativa da espera, embora fosse uma reunião normal do grupo. Esse encontro havia sido marcado dias antes. Eu vinha procurando, na Internet, informações a respeito de entidades ou grupos dedicados ao estudo do livro *O Senhor dos Anéis*, ou melhor, a *comunidade de leitores* do livro em questão. Esta expressão que é, igualmente, uma categoria baseia-se nos estudos do historiador francês da cultura Roger Chartier. Para o autor, comunidades de leitores são “aquelas ‘comunidades interpretativas’ cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação” (Chartier, 1992, p. 216).

Ainda, antes desse encontro com os jovens no shopping, passeando numa livraria da cidade do Rio Grande, RS, olhando as suas prateleiras sem compromisso nem intenção de achar algum livro, deparei-me com *O Senhor dos Anéis* e, ao lado dos livros que compõe a história, um outro de capa preta intitulado *Explicando Tolkien*, de Ronald Kyrmse (2003), editado pela Editora Martins Fontes – mesma editora que publicou a tradução d’*O Senhor dos Anéis*, em 1994, no Brasil. Comprei o livro e li-o antes mesmo de finalizar a leitura d’*O Senhor dos Anéis*. Ao final de *Explicando Tolkien*, Kyrmse traz um capítulo denominado *Referências tolkienianas na Internet* e lista vários sites sobre a obra de Tolkien e alguma referência sobre o assunto específico que a página virtual trata.

Após essa leitura fui buscar, na Internet, os sites por ele indicados. De todos que pesquisei, do Brasil, um dos que possuíam informações mais atuais – pela data das notícias e

eventos catalogados – era o site do Conselho Branco (CB)<sup>18</sup>. Vim a descobrir que esta entidade objetiva “a promoção de pesquisas e outras atividades relacionadas à vida e obra do escritor, professor e filólogo John Ronald Reuel Tolkien”<sup>19</sup> e existe desde o ano 2000.

Em tal página virtual encontrei a indicação do grupo que estava reunido na *praça de alimentação do shopping, num sábado à tarde, do mês de abril do ano de 2006*. Aqueles jovens rapazes fazem parte da Toca RS<sup>20</sup>. Porém, meu primeiro contato com o grupo foi através do correio virtual quando consegui comunicar-me com o jovem Herenvarno, Thain<sup>21</sup> da Toca RS. Expliquei-lhe um pouco de meu interesse de pesquisa e minhas intenções junto à Toca RS. Ainda, perguntei se o grupo se reunia periodicamente e se eu poderia participar destas reuniões. Assim, após o primeiro contato e outros posteriores, através de e-mail, fui convidada e aceita a participar da próxima reunião da Toca RS, aquela na *praça de alimentação do shopping...*

Foi neste encontro que comecei a inteirar-me a respeito do mundo de jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis*, muito embora o modo de espera com que me aguardavam aqueles jovens tenha dificultado minha compreensão das reuniões daquela comunidade, tendo em vista que naquele dia estivessem predispostos a responder minhas perguntas, bem como a me observar. Eu, diante deles, era uma jovem que não era especialista nem entusiasta de Tolkien. Ao mesmo tempo em que comecei a conhecê-los, eles também tiveram a oportunidade de analisar-me.

Desta primeira experiência de contato com jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis*, pude perceber uma das grandes possibilidades (e/ou revoluções) do mundo virtual. Aliado ao que diz Chartier, que “a revolução do texto eletrônico”, que será “também uma revolução da leitura”, é, “antes de tudo, uma revolução dos suportes e formas que transmitem o escrito” e que “nisso ela tem um único precedente no mundo ocidental: a substituição do *volumen* pelo

---

18 Estatuto do Conselho Branco, Capítulo I, Da constituição, assim está definido: “Art. 1º - O Conselho Branco Sociedade Tolkien é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída por prazo indeterminado, com sede e foro à Rua Artur Prado, 394, ap. 52, São Paulo, SP, regendo-se pela legislação aplicável e pelas normas deste Estatuto” (In.: [www.conselhobranco.com.br](http://www.conselhobranco.com.br)).

19 Estatuto do Conselho Branco, Capítulo II, Dos Objetivos, Art. 2º, (In.: [www.conselhobranco.com.br](http://www.conselhobranco.com.br)).

20 No estatuto do Conselho Branco, em seu capítulo IV, seção IV: das Tocas, encontramos: “Art. 29 - Considera-se Toca, desde que aprovada pela Diretoria Nacional, todo grupo de sócios que, residentes numa mesma localidade ou região geográfica definida, seja composto por pelo menos 16 pessoas. Dentre estes pelo menos 02 (dois) devem estar exercendo função de Coordenadoria, e um (01) exercendo função de Thain.” E em seu parágrafo primeiro: “§ 1º - As Tocas são subdivisões administrativas da Entidade, sem personalidade jurídica própria, subordinadas à Diretoria Nacional” (In.: [www.conselhobranco.com.br](http://www.conselhobranco.com.br)).

21 Esta designação provavelmente deriva desta: “O Thain era o mestre do Tribunal do Condado, e capitão das Tropas do Condado e dos Hobbit-em-armas, mas como tribunais e exércitos só eram organizados em tempos de emergência, que não ocorriam mais, o título de Thain não era agora mais que uma honraria”.(Tolkien, 2000, p. 10).

códex” (Chartier, 1999a, pp. 100-101). Essa revolução também provoca mutações nas relações estabelecidas entre os leitores de uma mesma comunidade de leitores. Ou seja, através do texto eletrônico que não precisa ser, necessariamente, um livro ou uma publicação oficial, mas que pode ser representado pelas mensagens de correio eletrônico, textos disponíveis em blogs, escritos alocados em comunidades do orkut e mesmo as discussões escritas e compartilhadas numa lista de discussões, o envolvimento entre os leitores que participam de uma comunidade de leitura, compartilham sentidos, códigos e normas ocorre de forma que podemos chamar *espontânea*, ou melhor, mais livre de regras sociais capazes de restringir a expressão destes sujeitos.

Talvez isto se dê, igualmente, porque a sociedade complexa em que vivemos, em permitindo que os sujeitos atuem “de acordo com as suas competências identitárias que, ao contrário do que sucedia na pré-modernidade, não são mais estáveis e rígidas, mas se tornaram transitórias, plurais e auto-reflexivas” e “objeto de escolhas e de possibilidades individuais” (Fortuna, 1997, p. 128), possibilite também que os jovens aventurem-se livremente por mundos muito diferentes entre si. Mas isto se deve, e muito, ao lugar que o mundo virtual ocupa na vida dos jovens (e das pessoas em geral), o que promove a aproximação de um indivíduo com diferentes grupos de pertencimento e não exige que seja adotado um padrão identitário específico de um único e determinado grupo.

Neste sentido, tive a grata oportunidade de iniciar outro caminho em minha trajetória de trabalho. Depois de uma primeira aproximação dos jovens da Toca RS, outros jovens começaram a se apresentar como sujeitos da pesquisa. Alguns daqueles primeiros não manifestaram interesse em participar, outros vieram a acompanhá-la. Percebo os contornos *reais* dos jovens que se fariam colaboradores de meu estudo. Começo a delinear e a compreender as linhas que desenham esses sujeitos, esses leitores “reais” da investigação – em contraposição àqueles “ideais” possivelmente pensados pelo autor e pelo editor da obra *O Senhor dos Anéis*, ou inicialmente por mim. Também começo a reconhecer, em suas trajetórias de vida, as práticas de leituras e práticas culturais que me foram apresentadas como quando abrimos um baú que contém o tesouro daquele que acumulou riquezas ao longo de uma jornada aventureira, onde um ou dois anos podem ser contados como dez devido ao acúmulo de experiências e vivências possíveis de serem empreendidas nessas aventuras.

Os jovens com os quais travei contato apresentaram-me repertórios bastante diversificados, mas com vários elementos em comum uns com os outros, embora muitos não tenham jamais se cruzado nos caminhos da viagem. Uns saíram antes a caminhar, outros somente quando viram alguns aventureiros passarem é que desejaram iniciar a caminhada.

Mas os caminhos são bastante parecidos. Os lugares escolhidos para os descansos podem ser diferentes, o estilo de se vestir também, a preferência na escolha dos mantimentos não é sempre a mesma, mas a estrada faz parte de uma mesma aventura que leva à vastidão do mundo de fantasia já ao longo do próprio percurso.

As metáforas acima não representam unicamente a procura de uma estética para o texto, simbolizam uma experiência concreta, a percepção de jovens diferentes, realizando leituras diferentes de um mesmo texto, de um mesmo livro, muitas vezes num mesmo suporte. Mas embora as diferentes leituras, o mundo imaginário adentrado por esses jovens, nas suas experiências de leituras, é um só, onde eles compartilham códigos de interpretação, normas, regras e linguagens utilizadas pelos personagens fictícios da história, o mesmo espaço que, no caso d'*O Senhor dos Anéis*, é fantástico.

Primeiramente, apresentarei os sujeitos-personagens da pesquisa que, para mim, foram guias deste mundo em que são aventureiros e no qual alguns conhecem – e me apresentaram – atalhos bastante encantadores. No conjunto, tive a oportunidade de cruzar caminho, pessoalmente, com quinze sujeitos participantes da comunidade de leitores d'*O Senhor dos Anéis*. Explicito *pessoalmente* porque após ter entrevistado estes quinze sujeitos e de ter dado por encerrada a pesquisa de campo iniciei a segunda fase do trabalho que foi o processo de transcrição das entrevistas, quando obtive algumas respostas remanescentes de alguns jovens para os quais eu havia enviado mensagens eletrônicas, há mais de três meses, convidando-os a participarem do trabalho e que não haviam me respondido. Nestes e-mails, os jovens mostravam-se dispostos e receptivos em contribuir com a pesquisa e ainda desculpavam-se por não terem podido atender meu pedido antes.

Assim, foram quinze os sujeitos que se fizeram guias para mim nas trilhas desta pesquisa. Cinco moças e dez rapazes. Alguns trabalham, outros são casados, a maioria está na faculdade e mora com pais e irmãos. Todos inseridos em culturas juvenis, inscritos em sociabilidades onde compartilham práticas e construções culturais típicas do mundo jovem. Seja na faculdade, no grupo de amigos que fazem teatro, no Roleplaying Game, no grupo

folclórico, em fóruns<sup>22</sup> da Internet, como os do site da Valinor<sup>23</sup>, Conselho Branco ou o orkut<sup>24</sup>, todos estão inseridos em algum tipo de comunidade.

Optei por identificar os jovens entrevistados com nomes fictícios, baseados na própria obra d’*O Senhor dos Anéis*. Todos nomes élficos, ou seja, de personagens do livro identificados como elfos<sup>25</sup>, a saber: as jovens: Elwing (26 anos), Arwen (19 anos), Luthien (26 anos), Idril (25 anos) e Galadriel (26 anos); os jovens: Haldir (22 anos), Thingol (27 anos), Elros (28 anos), Elrond (24 anos), Dior (20 anos), Tuor (29 anos), Gildor (25 anos), Celeborn (21 anos), Huor (25 anos) e Barahir (20 anos).

Dentre as jovens, Arwen foi minha guia por um dos atalhos da estrada que cruzei, ou seja, foi um dos sujeitos da pesquisa que encontrei de forma bastante inusitada. Num momento em que não recebia resposta alguma de jovens aceitando meus reiterados pedidos de colaboração na pesquisa, recorri à Internet, mais especificamente ao orkut, onde fiz um apelo numa das comunidades tolkienianas com maior número de membros participantes – a comunidade Tolkien – e na comunidade da cidade do Rio Grande, nas quais participo como membro. Na comunidade Tolkien, para minha surpresa, tive meu scrap<sup>26</sup> deletado após algumas poucas semanas. Mas na comunidade *Rio Grande, a cidade*, além de não ter tido o desprazer de não ver mais meu scrap dentre os postados<sup>27</sup>, ainda recebi uma resposta de um membro que dizia ter uma amiga fã de Tolkien e me mandou o link<sup>28</sup> para o perfil<sup>29</sup> dela.

<sup>22</sup> “Fórum de discussão é uma ferramenta para páginas de Internet destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão” In.: [http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum\\_%28internet%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_%28internet%29).

<sup>23</sup> Página virtual criada e mantida por fãs de Tolkien para divulgação, estudo e publicação da produção de seus membros de todo material a respeito de Tolkien e suas obras. O site é [www.valinor.com.br](http://www.valinor.com.br).

<sup>24</sup> “O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>).

<sup>25</sup> Seres belos, altos e muito sábios, do mundo criado por Tolkien – a Terra-Média – que se inspirou em figuras da mitologia nórdica.

<sup>26</sup> Página de comentários e recados individual de interação entre os usuários do orkut inserida no perfil de cada membro, ou seja, na página personalizada de cada um que integra essa rede. “Quando o Orkut ainda não contava com uma versão em português, esta era chamada de *scrapbook*. Para facilitar na linguagem, os recados passaram a ser chamados de *scraps*” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>).

<sup>27</sup> No vocabulário da internet, pode-se usar essa expressão quando se envia algo por correio eletrônico ou quando se faz um comentário ou se envia um scrap no orkut.

<sup>28</sup> “Uma hiperligação, ou simplesmente uma ligação (também conhecida em português pelos correspondentes termos ingleses, hyperlink e link), é uma referência num documento em hipertexto a outro documento ou a outro recurso. Como tal, pode-se vê-la como análoga a uma citação na literatura. (...) A palavra inglesa link entrou na língua portuguesa por via de redes de computadores (em especial a Internet), servindo de forma curta para designar as hiperligações do hipertexto. O seu significado é ‘atalho’, ‘caminho’ ou ‘ligação’. Através dos links é possível produzir arquivos não lineares ou simplesmente inserir ilustrações em um arquivo de texto. Na web designa partes clicáveis em forma de texto ou imagem, que levam a outras partes de um sítio” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Link>).

<sup>29</sup> Perfil é um espaço do orkut para cada membro de forma individual onde ele pode falar um pouco de si mesmo, suas características, seus gostos (perfil social); também pode indicar sua atividade profissional, informar grau de

Assim, troquei alguns scraps com Arwen e marcamos uma entrevista em Rio Grande. Ela foi a única jovem que não conhecia ninguém de suas relações que também tivesse lido a obra e não apenas assistido ao filme. Seu grupo, os amigos com quem discute a obra de Tolkien, a comunidade de leitores com os quais compartilha vivências de leituras, são conhecidos exclusivamente por meio virtual, fazem parte dos seus contatos de MSN<sup>30</sup>.

Arwen tem dezenove anos de idade, não é muito alta, tem cabelos pretos. Mora no centro da cidade do Rio Grande e é filha de professores universitários. Não tem irmãos. Cursa Geografia – Bacharelado na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mas seu sonho é ser atriz. Pretende, em breve, mudar-se para a capital para fazer curso de teatro, pois no interior não há como seguir a carreira que almeja. No dia da entrevista, ela chegou ao lugar combinado quase uma hora depois. Fiquei sabendo que ela havia sido atropelada por um carro quando dirigia-se ao ponto de ônibus para se encontrar comigo. Mas lá estava, apesar do acidente. Vestida com uma roupa escura, nas cores preto e roxo, calçava um sapato preto que não identifiquei se era um coturno ou coisa do gênero. Segundo a autora Andréa Pavão (2000) poderia identificá-la como jogadora de RPG do jogo *Vampiro – A Máscara*, o que depois pude confirmar.

Luthien foi a segunda jovem que tive contato e a primeira a me apresentar os mangás<sup>31</sup>. Ela me falou dessa prática de leitura em que se diz viciada e nisso foi influenciada pela irmã mais nova que se tornou fã dessa produção japonesa a partir de desenhos japoneses – os animes<sup>32</sup> – apresentados em redes nacionais de televisão como *Cavaleiros do Zodíaco*. Luthien tem vinte e seis anos, mora no Bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, com os pais e a irmã. Cursa Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e é filha de geólogos. Além de me apresentar a *trilha* dos mangás, que nos dá a conhecer o processo de ingresso em práticas culturais orientais, no contexto da cultura juvenil brasileira (além, é claro, de ser um movimento geral, que está ocorrendo em todas as partes do mundo), ela

---

instrução (perfil profissional) e apresentar-se fisicamente indicando altura, idade, o tipo de relacionamento que busca no orkut e etc (perfil pessoal) (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>). Ver ilustração na página 133.

<sup>30</sup> “MSN Messenger, ou apenas MSN, é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O programa permite que um usuário da Internet se comunique com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos ‘virtuais’ e acompanhar quando eles entram e saem da rede” (In.: [http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN\\_Messenger](http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger)).

<sup>31</sup> “Mangá (também manga em Portugal) é a palavra usada para designar as histórias em quadrinhos japonesas e o seu estilo próprio de desenho. No Japão designa quaisquer histórias em quadrinhos. Vários mangás dão origem a desenhos animados [quando japoneses, são designados anime] para exibição na televisão ou em vídeo, como *Berserk*, *Samurai X*, *hunter x hunter*, *Inuyasha*, tornando-se conhecidos como anime, mas também há o processo diferente em que animes se tornam mangás, como é o caso de *Cowboy Bebop*, ou de contos ilustrados que se tornam anime, em *Slayers*” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mang%C3%A1>).

<sup>32</sup> “Para os japoneses, anime é tudo o que seja desenho animado, seja ele estrangeiro ou nacional”. In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anime>.

também me falou sobre as práticas de escritas literárias de muitos jovens, enormemente popularizadas pela Internet, chamadas *fanfics*<sup>33</sup>, em que alguns destes jovens tornam-se escritores de textos originais a partir de suas experiências e vivências na escrita dos mesmos. Segundo Luthien, há muitos *fanfics* escritos por fãs de mangá, então, além da leitura do mangá original, ela realiza a leitura de *fanfics* baseados nas histórias de mangá que mais lhe aprazem.

Outra jovem que comigo compartilhou suas experiências de leituras foi Elwing. Essa jovem tem vinte e seis anos, mora no Bairro Partenon, em Porto Alegre, com seus pais e três irmãos. Cursa História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e é bolsista da FAPERS<sup>34</sup>. Elwing não pode ser considerada fã da obra de Tolkien, mas nutre um gosto bastante apurado pela leitura em geral. Filha de uma dona-de-casa e de um contador, Elwing viveu sua infância cercada de livros, pois seus pais mantinham o hábito da leitura. Cresceu entre gibis da Disney, leitura estimulada pela assinatura dos mesmos que vinham em pacotes “cor verde, todo o mês”, como narrado por ela.

Elwing conheceu a obra de Tolkien através dos anúncios de estréia do filme *O Senhor dos Anéis* e, embora conhecedora de muitas obras literárias, afirma que “esse, por incrível que pareça, eu não conhecia” (Elwing). Ela leu *O Senhor dos Anéis*, efetivamente, muito tempo após a exibição dos filmes e o lançamento da última edição do livro no Brasil pela editora Martins Fontes. Mas mesmo não se considerando fã de Tolkien, Elwing leu dois outros livros do mesmo autor, dentre os que estão publicados no Brasil.

A outra jovem, Idril, também não se considera fã de Tolkien. Conheceu o livro através do filme e de comentários que seus amigos de grupo de teatro faziam durante os ensaios, tendo em vista os murmúrios de produção do filme. Leu de um desses amigos, emprestado, o primeiro volume do livro *O Senhor dos Anéis* antes de assistir ao filme e, após este, viu-se empolgada com a continuação da história. Idril é uma moça de estatura mediana, cabelos louros, vestia calça jeans e blusa quando nos encontramos, e trazia uma pasta de cadernos além da bolsa a tiracolo. Com vinte e cinco anos, mora em Porto Alegre com sua mãe e seu irmão. Seu pai mora em Brasília por questões profissionais. Cursa Letras na

---

<sup>33</sup> “*Fanfiction*s são histórias escritas por fãs de textos originais – não necessariamente impressos, pois que muitos deles imagéticos – envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos pelo autor daquele original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos na prática. Os autores de *fanfiction*s dedicam-se a escrevê-las em virtude da profundidade da experiência que vivenciam no contato com o texto original” (Rösing e Vargas, 2005, p. 76).

<sup>34</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é formada em Publicidade e Propaganda. Trabalha numa livraria no turno inverso ao da faculdade.

A última jovem a me guiar nos caminhos de suas leituras no mundo fantástico da Terra-Média foi Galadriel. Ela tem vinte e seis anos, mora na cidade de Alvorada com seu pai. Tem onze irmãos – oito por parte de mãe e três por parte de pai, conforme sua contagem. Cursa Educação Física na Universidade Luterana do Brasil, campus Canoas (Ulbra - Canoas) e trabalha como recepcionista em Porto Alegre. Galadriel é uma jovem de cabelos pretos e longos, não muito alta. Faz parte de um grupo de amigos dos quais entrevistei cinco deles. Todos lêem Tolkien, jogam RPG, fazem teatro e participaram juntos da formação de um grupo de estudos espíritas. Todos, sempre juntos. Também lê Harry Potter e aprecia muito os livros de J. K. Rowling.

Galadriel é bastante risonha, espontânea, embora tenha dito que se não fosse o teatro provavelmente não estaria me concedendo a entrevista, porque era muito tímida antes do grupo de teatro. Sua mãe é diarista, mas é “dessas que o que surgir ela trabalha. Atualmente ela está trabalhando como diarista, mas ela já trabalhou como babá, como cozinheira, auxiliar de cozinha, recepção, faxineira” (Galadriel). Seu pai é técnico em enfermagem e já tem dez anos de profissão. Galadriel, segundo ela mesma, também é dessas que trabalha onde tiver oportunidade. Já foi babá, caixa de supermercado, monitora em curso pré-vestibular, mas agora, no primeiro semestre de Educação Física, está conseguindo a oportunidade de fazer o que gosta: exercício, nas suas palavras. Segundo Galadriel, ela gosta tanto de ler quanto gosta de exercício.

Os jovens do sexo masculino são mais numerosos do que os do sexo feminino. E mais fervorosos quando o assunto é *O Senhor dos Anéis*. Estes guias conduziram-me por caminhos bastante instigantes. Lugares que não imaginei existirem, trilhas que anunciavam práticas culturais, de escrita e de leitura, pouco exploradas por públicos que apenas passam pela estrada, ou que nem chegam até ela. E embora parecessem de difícil acesso e pouco frequentadas, divisei multidões de outros jovens movimentando o que eu chamaria de um verdadeiro *mundo jovem* no meio do caminho da estrada que conduz à Terra-Média, ao mundo fantástico inventado por J. R. R. Tolkien, ou no meio do caminho da estrada de quem volta daquele mundo e constrói práticas para não perder o contato com ele.

Misturando ficção e realidade, como num jogo de RPG, esses *mundos jovens* poderiam muito bem estar situados num *interstício*, entre o mundo fantástico e o mundo “real”. Não adentrando o campo literário, mas tentando perceber algo do social para além do perceptível, do tangível, esses jovens parecem se transportar para um mundo paralelo –

mediados, muitas vezes, pelo mundo virtual da Internet – e lá admitem outras personalidades, pautadas por valores como *honra* quando, por exemplo, assumem nomes élficos ou de heróis humanos do mundo de Tolkien; *amizade* quando admiram os seres hobbits da Terra-Média; *sabedoria* quando dizem que o mago Gandalf era o padrinho que todo mundo gostaria de ter ou quando admitem que há querelas nos jogos de RPG, pois todos querem ser o mago.

Nesse mundo mediado pela leitura, embora nem todos se conheçam, eles sabem se movimentar muito bem, conhecem os meandros, as passagens, os códigos de acesso em lugares seletos, e há vários lugares para *iniciados*. Aqueles que apreciam a lingüística, movimentam-se muito bem pelas *tavernas* acadêmicas das línguas criadas por Tolkien, navegam em sites ingleses, americanos, ou de suas traduções brasileiras e falam sobre fonética, sintaxe, lingüística, morfologia e outras coisas mais com certa desenvoltura, mas apenas entre os seus. Há os que se aventuram em atalhos próprios, que se inserem nas práticas de escrita, motivados pela estrada principal d’*O Senhor dos Anéis*, e acabam tornando-se fundadores de novos *mundos jovens*, de novas aventuras fantásticas, de novos livros do gênero fantasia.

Voltando aos jovens-guias de minha expedição à Terra-Média, conheci Celeborn. Um jovem de vinte e um anos de idade, morador do bairro Jardim Algarve, município de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre. Reside com os pais e com um irmão caçula de onze anos. Sua mãe estudou até a 5ª série do antigo 1º grau, trabalhou como comerciária, como atendente, mas após um tempo *desistiu* para ficar em casa cuidando dos dois filhos. Seu pai concluiu o Ensino Médio, fez curso técnico em química e, atualmente, trabalha como recepcionista numa sauna em Porto Alegre.

Celeborn está na universidade. Segundo ele mesmo, o “ProUni me salvou agora”, pois após três tentativas sem sucesso de entrar na universidade pública, através do processo seletivo vestibular, ele conseguiu uma vaga na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pelo Programa Universidade para todos (ProUni). Está cursando História e diz que Tolkien, de certa forma, influenciou esta escolha e até mesmo seu trabalho de conclusão de curso que pretende escrever, pois apenas está no primeiro semestre do curso. Celeborn é um jovem de estatura mediana, cabelos castanhos, vestindo calça jeans e camiseta, assim como milhares que vemos pelas ruas. Diz estar à procura de emprego, mas, por enquanto, apenas estuda.

Tuor também foi um dos guias da jornada. Tem vinte e nove anos, mora no bairro Medianeira, na cidade de Porto Alegre, juntamente com sua mãe. Tuor é o irmão caçula de uma família de três filhos, tem um irmão quase trinta anos mais velho que ele e uma irmã

dezesseis anos mais velha. Seu pai é falecido, era funcionário público federal com o ginásio completo e possuía diploma de curso técnico em administração. Sua mãe é dona-de-casa, mas *costureira profissional*, de acordo com suas palavras.

Tuor cursa Letras Licenciatura – Língua Moderna/Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Não tem celular, e nem quer ter, mas navega tranqüilamente pela Internet, e utiliza ativamente seu e-mail. De suas memórias de infância a respeito da leitura ele traz a imagem de sua irmã que colecionava revistas em quadrinhos e comprava-as para dar de presente ao irmão menor, ainda não alfabetizado. Tuor é um rapaz alto, cabelos claros e usa um cavanhaque. Bastante animado e receptivo comigo. Um guia com desejo de guiar.

Outro jovem, Thingol, diz ter começado a ser um leitor constante após ter lido *O Hobbit*, emprestado de um amigo seu do trabalho. Thingol tem vinte e sete anos, é casado há três anos, mora em Porto Alegre e trabalha na Varig Engenharia e Manutenção (VEM) em manutenção de aviões. É técnico em química e cursa Licenciatura em Química na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem um irmão de vinte e três anos de idade. Filho de um bancário e de uma dona-de-casa, Thingol é independente financeiramente, está com a formação acadêmica em andamento e é um jogador assíduo de RPG.

Dos rapazes, Dior juntamente com Barahir são os mais jovens guias dessa expedição. Com vinte anos de idade, Dior mora em Porto Alegre com sua mãe e dois irmãos, ele é o primogênito. Está completando o Ensino Médio e é estagiário da Livraria Traça. Seu pai é formado em advocacia e trabalha no Palácio da Polícia. Sua mãe tem Ensino Médio completo, já trabalhou no comércio, mas hoje em dia não trabalha. É provável leitora de Paulo Coelho, pois, como lembrança de infância, Dior recorda seus comentários a respeito de *O Diário de um Mago*, o qual, embora os incentivos, nunca chegou a ler.

O outro jovem de vinte anos, Barahir, mora em Alvorada com sua mãe e duas irmãs, uma delas fazia pouco tempo havia nascido, quando de nossa entrevista. Embora toda influência profissional da área da saúde, tendo em vista que seu pai e sua mãe são técnicos em enfermagem e trabalham em hospitais, Barahir optou pelo curso de Letras, mas, segundo ele, irá trancar sua matrícula na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois sonha dar início à formação no curso de Naturologia Aplicada numa universidade do interior de outro estado brasileiro.

Barahir não trabalha, mas está à procura de emprego. Já não frequenta mais as aulas da faculdade e contou-me, um pouco indignado, a respeito de uma entrevista de emprego que fez na multinacional MacDonal'd's. Barahir é um jovem muito espontâneo, comunicativo. Alto, vi-o com uma pasta e calça pretas, camisa amarela. Pertence a uma rede

de amigos que também comungam dos mesmos gostos literários e artísticos, fazem parte de uma comunidade de leitores d'*O Senhor dos Anéis*, além de serem jogadores de RPG, parceiros no teatro e outras sociabilidades.

Huor pertence ao círculo de amigos de Barahir. Tem vinte e cinco anos de idade, reside em Alvorada juntamente com outros dois amigos. Huor é um andarilho, segundo suas próprias palavras. Já morou nas cidades de Fortaleza (CE), Ibirubá (RS), Rolante (RS), Soledade (RS) e no centro de Porto Alegre. É natural de Novo Hamburgo, cidade da grande Porto Alegre. Justifica suas mudanças constantes por “questão de trabalho ou porque estava fazendo teatro ou alguma coisa assim”. Tem um irmão de 14 anos de idade que mora com seus pais, no interior do estado (RS). Seus pais trabalham numa fábrica de calçados e cursaram até a 4ª série do ensino fundamental. Huor trabalha numa locadora de vídeos no centro de Porto Alegre, além de fazer outros trabalhos como tatuagem e desenhos gráficos para a empresa Unimed. É desenhista, artista plástico. Barahir diz que irá encomendar dele, seu amigo, uma estátua grande, em material durepox, do dragão que é personagem do livro *O Hobbit*.

Gildor também faz parte do círculo de amigos de Barahir e Huor. Ele me apresentou seus amigos e integrantes da comunidade leitora de Tolkien. Gildor tem vinte e cinco anos, mora no bairro Porto Verde, zona norte de Porto Alegre, com mais dois outros jovens. Está no 5º semestre do curso de Letras – Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é professor da escola de línguas CCAA. Seu pai, já falecido, era motorista e frequentou o colégio até o 1º ano do antigo 2º grau. Sua mãe é cozinheira e concluiu o Ensino Fundamental. Gildor tem duas irmãs mais novas, possui estatura mediana, cabelos escuros e é bastante extrovertido e espontâneo.

Na faculdade, Gildor está realizando estudos acadêmicos na área da simbologia. Após o primeiro ano de faculdade, começou a ter aulas com uma professora de literatura inglesa que, conhecendo suas leituras de fantasia e de outros colegas, convidou-os a participarem de um projeto sobre simbologia e o estudo do imaginário. Gildor e um outro colega aceitaram a proposta de imediato. Assim, iniciaram, na UFRGS, um grupo de estudos sobre simbologia e imaginário onde são pesquisadas obras de fantasia, literatura infanto-juvenil etc.

Desse grupo também participa Elrond. Com vinte e quatro anos de idade, Elrond é o tradutor para o português do livro *As Cartas de J.R.R. Tolkien*, publicado no primeiro semestre do ano de 2006 pela editora Arte & Letra. Elrond mora no bairro Jardim Ipiranga, Porto Alegre, com seus pais e dois irmãos menores. Estuda na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul no curso de Letras – Bacharelado com ênfase em inglês/tradução e já publicou seu segundo trabalho. Seu primeiro livro traduzido não lhe reverteu financeiramente. Foi um trabalho totalmente voluntário, desde a produção da capa, editoração, edição, arte e tradução. O custo do livro foi revertido, exclusivamente, para pagar as despesas materiais, toda mão-de-obra foi voluntária e todos voluntários são participantes da comunidade de leitores (e fãs) organizada virtualmente no site Valinor.

Elrond tem estatura baixa, anda com as mãos no bolso e com bastante calma. Tem uma fala tranqüila. É desenvolto, mas percebe-se que já foi bastante tímido, ou ao menos é o que aparenta. Sua experiência no mundo tolkieniano é bastante grande. Conheceu os livros de Tolkien em 1994 e desde então os estuda. Realiza palestras sobre a temática, traduz textos de associações britânicas dedicadas à obra deste autor, às suas línguas inventadas, estuda os trabalhos de Tolkien compilados, póstumos e todos os outros. Este jovem foi um guia bastante importante do caminho. Apresentou-me o mundo de Tolkien, permitiu que tivesse um contato adensado com ele, com tudo aquilo que eu estava começando a compreender. Pude dissipar muitas dúvidas relativas ao mundo de Tolkien e dos seus fãs, compreender a relação do RPG com Tolkien e, também, a relação acadêmica nacional e internacional referente ao autor e ao gênero literário em que o inserem.

Quem me indicou Elrond foi Elros, outro membro da Valinor. Elros tem vinte e oito anos de idade, advogado, é aluno de Pós-graduação em Processo Civil. Mora no bairro Menino Deus com seus pais e é filho único. Vestido com uma calça jeans, tênis e camiseta, estatura mediana, cabelos negros, talvez passando pela rua fosse confundido com todos os outros jovens que por ela andam. Não imaginaria que ele possa entrar num tribunal e, após o expediente de trabalho, ir jogar RPG com os amigos.

Especialista no jogo, é autor de um recente livro de Roleplaying Game sobre o mundo de Tolkien, chamado *O Senhor dos Anéis: Roleplaying Game*. O livro tem formato digital, ainda não tem previsão de impressão e é recorde de downloads do site Valinor. Noventa mil, à época da entrevista, o que, segundo Elros, “Achei um absurdo isso” (Elros). Ele acredita ser um erro no sistema, mas ainda não o encontraram. Elros foi playtester<sup>35</sup> do RPG oficial de Tolkien nos Estados Unidos: a empresa mandava o material para ele que o testava, analisava e enviava um relatório da análise.

---

<sup>35</sup> Jogador de RPG que, oficialmente, testa versões beta de novos jogos. Versão beta é a “versão de um produto (geralmente software informático) que ainda se encontra em fase de desenvolvimento e testes” In.: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vers%C3%A3o\\_beta](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vers%C3%A3o_beta).

O último guia a apresentar, foi o primeiro a ser encontrado e o que me indicou Elros. Haldir tem vinte e dois anos de idade, mora em Porto Alegre com seus pais e um irmão. Completou o Ensino Médio e é sócio de uma pequena empresa. Haldir é diretor cultural do Conselho Branco, o primeiro site que tive contato quando da procura por grupos que discutiam Tolkien. Juntamente com ele, participam da diretoria dessa associação membros das cidades do Espírito Santo, São Paulo e outras mais. Haldir é estudioso das línguas élficas criadas por Tolkien e gosta muito de falar sobre a temática. Juntamente com outros integrantes gaúchos do Conselho Branco, participou do encontro de anime, RPG e afins denominado AnimeXtreme, nos dias oito e nove de abril de 2006, na cidade de Porto Alegre, com uma banca de exposição do mundo tolkieniano onde estavam as obras de Tolkien, como a primeira edição d’*O Senhor dos Anéis* no Brasil publicada pela editora Artenova, as edições recentes da Martins Fontes, *O Hobbit* primeira edição também pela Artenova e edição recente, livros no original, suplementos, obras inspiradas no autor, livros de RPG baseados na Terra-média, além de produções como uma malha de ferro<sup>36</sup> feita por um dos jovens participantes do grupo de Haldir.

Após as apresentações, algumas questões começam a se delinear. Os jovens entrevistados pertencem a comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*, além de suas comunidades particulares, fazem parte de redes específicas que têm em comum o universo fantástico das histórias em quadrinhos, dos mangá, dos jogos de RPG e da literatura de fantasia. No entanto, com todas essas similaridades, estes jovens não são iguais, nem freqüentam os mesmos grupos, nem circulam, todos, nos mesmos ambientes. Estes jovens possuem identidades múltiplas, que variam conforme as condições sociais dos locais que freqüentam, dos grupos com os quais andam. As identidades desses jovens são fruto de escolhas: “uma questão fundamental é a de que o significado contemporâneo da identidade está orientado para a constatação de que ela não é estática. O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade, de possibilidades e de escolhas” (Carrano, 2003, p. 121).

Há tempos atrás, como comenta Pais (2003), poderíamos pensar em indicadores de passagem da fase juvenil para a vida adulta como o matrimônio, o abandono da família de origem, a finalização de um curso superior e a entrada no mercado de trabalho. Hoje em dia fica cada vez mais difícil sustentarmos tais indicadores como referenciais legítimos de entrada

---

<sup>36</sup> Malha de ferro é uma proteção que se colocava antes da armadura em vestimentas de combate da Idade Média, bastante usadas no livro *O Senhor dos Anéis*. Eram fabricadas manualmente pelo entrelaçamento individual de argolas de ferro. Para o filme d’*O Senhor dos Anéis* foram fabricadas inúmeras delas da mesma forma manual que se fazia no Medievo. Ver *extras* do DVD *O senhor dos Anéis – A sociedade do Anel*.

no mundo adulto. Ser jovem é uma escolha de modos de vida, de pertenças culturais, sociais, de práticas cotidianas e de lazer. Os jovens entrevistados no presente trabalho pertencem a culturas juvenis variadas, fazem escolhas múltiplas, optam por práticas que lhe agradam, conforme seus múltiplos interesses, podem ser casados, já terem concluído formação superior e já atuarem no mercado de trabalho, mas são todos jovens, diferentes entre si e constituindo-se exemplos das múltiplas e diversas culturas juvenis contemporâneas.

	Arwen	Elwing	Galadriel	Idril	Luthien
Idade	19 anos	26 anos	26 anos	25 anos	26 anos
Residência	Centro - Rio Grande	Bairro Partenon - POA	Alvorada	Porto Alegre	Bairro Moinhos de Vento - Porto Alegre
Escolaridade em andamento	Geografia Bacharelado - FURG	História - PUC	Educação Física - ULBRA	Letras - UFRGS	Letras - UFRGS
Atividade		Bolsista - FAPERGS	Recepcionista	Livraria Traça	
Joga RPG	Sim	Não	Sim	Não	Não
Grupos que participa	MSN		Grupo de Amigos		Orkut - cinema, mangas e nerd
Número de vezes que leu O Senhor dos Anéis	23	1	1	1	1º e 2º livros - 2 vezes, 3º - 1 vez
Número de vezes que leu outros	<i>Silmarillion</i> - mais de 23	<i>Silmarillion</i> - 3			
	Barahir	Celeborn	Dior	Elrond	Elros
Idade	20 anos	21 anos	20 anos	24 anos	28 anos
Residência	Alvorada	Jardim Algarve - Alvorada	Porto Alegre	Bairro Jardim Ipiranga - POA	Bairro Menino Deus - POA
Escolaridade em andamento	Letras - UFRGS	História - PUC (ProUni)	Ensino Médio	Letras - UFRGS	Pós-Graduação
Atividade			Livraria Traça		Advogado
Joga RPG	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Grupos que participa	Grupo de amigos e Comunidades no Orkut	Grupo de Amigos		Valinor	Valinor
Número de vezes que leu O Senhor dos Anéis	4	1	1º livro - 6 Outros - não especificado	Não tem idéia - mais de 10	6
Número de vezes que leu outros			<i>O Hobbit</i> - 3		Não especificado

	Gildor	Haldir	Huor	Thingol	Tuor
Idade	25 anos	22 anos	25 anos	27 anos	29 anos
Residência	Bairro Porto Verde/Zona Norte - Porto Alegre	Porto Alegre	Alvorada	Porto Alegre	Bairro Medianeira - Porto Alegre
Escolaridade em andamento	Letras – UFRGS			Química - UFRGS	Letras - UFRGS
Atividade	Professor de inglês – CCAA	Sócio de pequena empresa	Locadora <i>Espaço Vídeo</i>	Manutenção da VARIG	
Joga RPG	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Grupos que participa	Grupo de amigos	Conselho Branco	Grupo de Amigos		Valinor
Número de vezes que leu <i>O Senhor dos Anéis</i>	5	Não mencionado	1º e 2º livros – 1 3º - não leu	Média de 7	Média de 10 vezes
Número de vezes que leu outros	O Hobbit – 5 Demais livros de Tolkien - 2			<i>O Hobbit</i> - 7	

### 3. ITINERÁRIOS E APRENDIZAGENS

*A investigação é um processo educativo, não apenas pelo que se descobre acerca dos outros, mas pelo que se descobre acerca de nós próprios.*  
(Peter Woods)

#### 3.1 OS BASTIDORES DO TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo realizado foi um processo de muitas aprendizagens. Primeiramente precisei aprender como abordar os jovens. A primeira etapa foi procurá-los, como mencionei anteriormente. Após encontrar leitores do livro *O Senhor dos Anéis*, inscritos numa comunidade virtual (CB) e de contactá-los através de seus e-mails, fui ao encontro deles e observei uma reunião presencial (Toca RS). Aí surgiu o primeiro obstáculo da pesquisa. Os encontros presenciais não mais aconteceram, apenas o fórum virtual de discussões continuava (e continua) ativo, mas não tive mais a oportunidade de observar alguma reunião do grupo.

Em contrapartida, desde quando encontrei o site do Conselho Branco e nele a possibilidade de cadastramento, inscrevi-me como membro do pacote Tom Bombadil (inscrição gratuita) e comecei a receber os boletins informativos do Conselho e, também, a participar do fórum virtual de discussão da Toca RS. Esse processo de participar da lista da Toca RS deu-se automaticamente quando cadastrei o Estado em que resido. Desta forma, todos os que se cadastram como moradores do Rio Grande do Sul, após inscritos no site do Conselho Branco, podem participar do fórum da Toca RS. Mas se algum jovem do Rio Grande do Sul resolver inscrever-se como morador de São Paulo irá participar da lista de discussão da Toca SP. Essa possibilidade não foi por mim analisada tendo em vista que meu interesse em estar inscrita na lista de discussão da Toca RS era acompanhar os assuntos nela tratados, as práticas de escritas ordinárias dos jovens participantes de uma comunidade virtual de leitores de *O Senhor dos Anéis* e a rotina dessas práticas.

Desta forma, decidi por estabelecer uma relação de observação para com esse fórum de discussão, ou seja, inscrevi-me nele, recebo em meu e-mail pessoal todas as mensagens enviadas pelos membros da Toca RS, mas eu não envio mensagens ao grupo, tampouco opino sobre os assuntos aventados. Por isto, quando me inscrevi como membro da

Toca RS, não enviei nenhuma mensagem ao grupo apresentado-me ou apresentando minha pesquisa, muito embora os membros da diretoria regional da Toca RS soubessem desde o princípio de minha pesquisa e minha inscrição como membro do grupo.

A única vez que me apresentei aos jovens foi quando enviei a alguns deles o convite de participação na pesquisa, respondido por duas jovens. Uma delas combinou, por e-mail, uma entrevista com ela e com uma amiga sua, mas, por motivos de saúde da jovem, não conseguimos realizar as entrevistas. Outra jovem respondeu meu convite somente após a finalização da etapa de entrevistas, o que dificultou nosso contato, visto que propus enviar-lhe o questionário por e-mail para que ela respondesse e devolvesse pela mesma via virtual, o que não se concretizou.

Além dessas duas respostas, nenhum outro convite de participação na pesquisa por mim enviado obteve resposta. Continuei observando o fórum de discussão da Toca RS. Desde o começo de minha *participação observante*, em sete de abril de 2006 até o dia dezesseis de fevereiro de 2007, recebi cento e quarenta e seis e-mails provenientes do fórum de discussão da Toca RS ou da diretoria nacional do Conselho Branco. Possuo estes e-mails impressos, como documentos da pesquisa. E continuo recebendo outros. Tendo em vista terem cessado as reuniões presenciais após julho de 2006 e pelo fato de não ter podido ir às últimas que ocorreram<sup>37</sup>, iniciei as entrevistas individuais com os jovens leitores.

Inicialmente supus que os eventos de entrevistas seriam momentos bastante tranquilos da pesquisa. De certa forma foram, pois havia me preparado teoricamente através de leituras sobre pesquisa de campo, pesquisa etnográfica, história oral, discussões com colegas em sala de aula, reuniões de orientação coletiva. Assim, realmente houve certa tranquilidade quando das entrevistas.

Foi por Haldir que comecei esta etapa da pesquisa. Para marcar uma data com o jovem, enviei uma mensagem de correio eletrônico ao presidente da Toca RS. Após uma semana sem resposta, enviei uma mensagem, agora sim, para Haldir pedindo algum número

---

<sup>37</sup> A última reunião marcada através do fórum que tive notícia foi no dia 30 de maio, porém, como meu acesso à Internet não era diário, informei-me da reunião no dia em que ela estava ocorrendo e não pude ir ao encontro do grupo. Pela lista fiquei sabendo que haveria uma reunião dia 1º de julho, mas, embora preparada para ir ao encontro, foi o dia do último jogo da seleção brasileira de futebol pela Copa do Mundo e não havia ônibus no horário marcado para o encontro da Toca, porque era o mesmo horário do jogo. Um dos membros do grupo mandou um e-mail perguntando se haveria reunião, mas não obtive resposta. Eu fiz o mesmo, só que mandei mensagem para o celular de Haldir, não obtendo resposta preferi não me arriscar e não fui ao encontro. Também não fiquei sabendo se ele ocorreu, pois mais nenhuma informação sobre ele circulou na lista de discussão. Minha intenção em participar das reuniões do grupo era realizar *observações participantes passivas*, cf. Pais, p. 86, diferentemente do que eu havia feito na primeira reunião onde questionei-os muito a respeito do grupo e onde apresentei-me e a pesquisa. Frente à cessação dos encontros presenciais esta estratégia foi abandonada.

de telefone com que eu pudesse entrar em contato com seu amigo. Obtive a resposta prontamente, poucos dias após o envio do pedido. Telefonei, então, para o presidente da Toca RS, primeiro jovem leitor (e fã) de Tolkien com quem eu havia conversado, ainda em janeiro de 2006. Mas, infelizmente, ele estava com problemas de saúde e falou-me da total impossibilidade de encontrar-se comigo para ser entrevistado, também por falta de tempo. Mas sugeriu-me que conversasse com Haldir que também era da diretoria do Conselho Branco e não teria problema de conversar com ele.

De fato, minha intenção era contatar e entrevistar todos quantos quisessem ser entrevistados, desde que fossem leitores de Tolkien, que participassem da comunidade de leitores d'*O Senhor dos Anéis* e, através disso, produzissem saberes, compartilhassem práticas de leitura, modos de interpretação. No entanto, a estrutura deste grupo do Conselho Branco e, mais especificamente, da Toca RS, que eu havia primeiramente encontrado e que é formado por leitores e fãs das obras de Tolkien, fez com que eu me sentisse restringida a ter acesso ao grupo apenas através de seus membros diretores, como uma espécie de autorização prévia que se assemelhava a uma interdição.

Desta forma, com o telefone de Haldir em mãos, contatei-o e ele atendeu meu pedido. Marcamos uma entrevista ainda no mês de agosto de 2006. Haldir foi muito receptivo ao meu convite para uma entrevista. Disse que a sua função era divulgar as obras de Tolkien e que conceder uma entrevista para uma pesquisa que tratava d'*O Senhor dos Anéis* era seu dever. Assim, no outro dia nos encontramos na Casa de Cultura Mário Quintana, no centro de Porto Alegre, no início da tarde. Estava um dia muito quente para o mês de agosto. Haldir estava de preto e já se encontrava numa das salas da Casa de Cultura quando lá cheguei. Esperava-me sentado numa poltrona e com óculos escuros. Reconheci-o, pois já o havia encontrado duas vezes antes dessa ocasião. Ele também me identificou assim que cheguei. Veio até mim, nos cumprimentamos e disse a ele que escolhesse um lugar onde pudéssemos sentar em silêncio.

Após algumas interrupções sofridas por causa das movimentações dos visitantes, nos acomodamos para a entrevista. Ao final, Haldir assinou o Termo de Consentimento e pediu para que pudesse revisar a transcrição que seria feita por mim, colocando isto como condição, em observação, no Termo assinado. Pedi a ele para que me indicasse outras pessoas conhecidas, tanto da Toca RS como de suas amizades pessoais, que eu pudesse entrevistar. Haldir comprometeu-se de enviar-me um e-mail com outros nomes e contatos. Assim nos despedimos.

No entanto, passaram-se algumas semanas sem que eu obtivesse sua resposta. Envie-lhe a entrevista transcrita falando sobre questões de tempo e de necessidade de contatar outros sujeitos, solicitando-lhe com insistência as informações que havia ficado de me passar. Ele respondeu-me dizendo que também estava sem muito tempo, mas que ia ver o que podia fazer. Disse-me, também, que não estavam acontecendo reuniões presenciais da Toca em Porto Alegre e que o grupo estava muito reduzido. Mais algumas semanas se passaram e nenhuma resposta de Haldir. Outro e-mail foi enviado a ele, dessa vez com um tom bastante urgente. Sem resposta.

Neste ponto eu não conseguia visualizar *atalhos* a percorrer. Estava atrelada à idéia de que apenas Haldir, integrante do primeiro grupo de leitores d’*O Senhor dos Anéis* que contatei poderia indicar-me novos jovens. Fui, então, ao encontro de minha orientadora. Expliquei-lhe o que estava acontecendo e minha angústia de não ter mais nenhuma indicação de outros jovens para entrevistar. Vendo com mais clareza os caminhos a percorrer, perguntou-me sobre o primeiro jovem que eu havia falado por e-mail, aquele que não pôde conversar comigo por questões de saúde. Eu não o havia procurado novamente! Perguntou-me, também, sobre outras formas de contato com outros jovens, já que eu estava familiarizada com o grupo por participar do fórum de discussões da comunidade virtual da Toca RS. Eu não havia cogitado essa possibilidade: convidar jovens os quais eu não conhecia e que não fossem indicados dos que eu já havia entrevistado. Após essa conversa, comecei a perceber melhor os vários caminhos que podiam ser desenhados a minha frente nesse início de pesquisa empírica. A nuvem desfez-se.

Cabe aqui uma ressalva sobre minha opção por entrevistas presenciais. Visto que os primeiros jovens contatados têm acesso ao computador, poderia ter optado por realizar entrevistas on-line, por meios como MSN ou outros programas de mensagens instantâneas. No entanto, eu não estava procurando somente jovens com acesso ao computador, mas diferentes leitores de Tolkien. Além disso, entrevistas on-line – e não apenas questionários enviados aos jovens para que respondam e devolvam por e-mail – requerem equipamentos e dispositivos adequados – no mínimo Internet com acesso livre, quando não webcam<sup>38</sup>, microfone e outros periféricos – o que eu não tinha à disposição. Também não optei por questionários enviados por e-mail, pois meu objetivo não era realizar uma pesquisa

---

<sup>38</sup> “Webcam é uma câmera de vídeo de baixo custo que capta imagens, transferindo-as de modo quase instantâneo para a área de trabalho do computador ou para uma página de Internet. É muito utilizada em videoconferências. Geralmente possui baixa qualidade de imagem e ausência de som” In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Webcam>.

quantitativa com perguntas objetivas, pretendia conhecer os jovens sujeitos da pesquisa, observá-los, indagá-los a partir de suas próprias referências numa entrevista direcionada, mas compreensiva, com questões abertas, sugeridas por um roteiro.

Enviei um outro e-mail a Haldir pedindo os endereços eletrônicos dos participantes da Toca RS que morassem em Porto Alegre ou na grande Porto Alegre e em outras cidades. Porém Haldir não pôde me fornecer as informações, disse que eu deveria fazer essa solicitação diretamente ao Conselho Branco. Enviei, assim, o mesmo pedido ao responsável do Conselho Branco, conforme constava no site, mas não obtive resposta. Resolvi enviar um convite de participação a todos os membros do fórum de discussões da Toca RS que participavam ativamente, nos termos abaixo:

Olá [nome],

Meu nome é Larissa Carvalho, mestranda em Educação pela UFRGS e estou fazendo um trabalho sobre os leitores de Tolkien.

Gostaria de saber se terias disponibilidade para me conceder uma entrevista sobre tuas práticas de leitura e, principalmente, de Tolkien.

Podemos ver horários e locais, estou por ti, tu vês quando podes e me organizo.

Conversar contigo seria muito importante para a minha pesquisa.

Aguardo teu retorno.

Muito obrigada pela atenção.

Larissa Carvalho

Qual a minha estratégia de endereçamento dos convites? Quando eu recebia as mensagens dos membros da lista de discussões era possível ver o remetente, ou seja, o e-mail do membro que postava a mensagem. Não tive acesso aos demais integrantes da lista da Toca RS que não participavam do fórum enviando mensagens ou respondendo as enviadas, pois não encontrei um modo de obter seus endereços eletrônicos. Limitei-me à lista dos participantes do fórum.

Outra opção teria sido enviar um convite geral para a lista de discussão e esperar respostas. No entanto, optei pelas mensagens à lista do fórum porque eram jovens que eu já havia lido seus comentários, tinha a confirmação de que liam as obras de Tolkien. Acresceu o fato de que apostei na personalização dos convites. Ao modelo acima eu acrescentava, ao final, observações. Por exemplo, quando a mensagem seria enviada para uma moça, salientava a importância de ter em minha pesquisa representantes do gênero feminino, que não eram numerosas; ou quando era morador de outras cidades, acrescentava a importância de

ter a presença, na pesquisa, de sujeitos que não morassem em Porto Alegre. Eu também sabia que aqueles para quem eu estava enviando a mensagem eram conhecidos do grupo e de Haldir, ou seja, me certifiquei que não eram pessoas *desconhecidas*, embora virtuais até então.

Concomitante a isso, telefonei para Haldir e pedi, encarecidamente, que ele me fornecesse um único nome de qualquer amigo que não fosse do Conselho Branco, mesmo porque a pesquisa não era sobre essa entidade. Desta feita ele me forneceu o e-mail de Elros, amigo seu, colega que havia conhecido numa das palestras sobre as línguas élficas criadas por Tolkien.

Enviei-lhe um convite para a entrevista com base no modelo que eu havia elaborado acrescido de outras informações como a pessoa que o havia indicado e com o roteiro da entrevista em anexo. No entanto, o fato de não conhecer Elros inquietou-me um pouco. Ele não faz parte da Toca RS, mas sim da Valinor do Brasil, e eu não havia pesquisado este grupo com atenção, pois no site da Valinor não era fácil localizar os jovens administradores dos sites nem sua origem, ou seja, não encontrei, nas primeiras pesquisas que fiz no site, informações sobre seus integrantes, sobre o webmaster, nem sabia se havia alguém do Rio Grande do Sul que eu pudesse entrevistar.

Assim, outra ação se fez necessária: *navegar* e conhecer o site da Valinor do Brasil. Entrei, então, no site. É uma página rica em informações com desenhos e artes variadas no estilo medieval – tolkieniano. Como as informações visuais são muitas, passei um bom tempo na página familiarizando-me com ela. O fato é que havia muitos links com nomenclaturas específicas da linguagem tolkieniana, como *Lothlórien*, *Ardalambion*, *Durbatulûk*, entre outros os quais eu não sabia os significados.

Daí porque *naveguei* com bastante atenção no site da Valinor, parei para ater-me sobre o que eu não entendia, procurei transformar meu olhar de forma a compreender o *layout* da página, com olhos de atenção e curiosidade – e com um pouco de conhecimento que, em geral, caracteriza os jovens que por ali navegam. Percebi links para o livro de Elros, embora não soubesse, naquele momento, de sua autoria. Como era um livro sobre RPG, não cheguei a fazer o download naquele instante. Vim a fazê-lo posteriormente. Senti-me mais preparada para entrevistar Elros. Ao menos, conhecia o ambiente virtual por ele freqüentado.

Obtive resposta de Elros poucos dias depois. Ele foi bastante atencioso, forneceu seu telefone celular para que eu pudesse entrar em contato, o que fiz em seguida. Marcamos a entrevista para o mesmo local em que entrevistei Haldir. Cheguei ao local marcado com antecedência, mas desta vez não conhecia Elros, não tinha nenhuma referência dele, fiquei esperando na entrada da Casa de Cultura. À hora marcada, liguei para o celular de Elros e

informei-o de que eu estava aguardando, ele disse que estava me vendo e nos encontramos tendo com referência os telefones celulares, o que se tornou uma prática nas entrevistas. Elros estava com uma camiseta vermelha e percebi que ele já se encontrava no local quando eu cheguei. Nos cumprimentamos e fomos ao Jardim Lutzemberger.

Elros não falava muito espontaneamente, fiz muitas perguntas para além do roteiro que ele já havia recebido antecipadamente por e-mail. Por desconhecer que ele havia escrito um livro sobre *O Senhor dos Anéis* e RPG, tive uma surpresa agradável quando ele falou sobre o livro, uma produção cultural rica, incentivada pelas práticas de leitura d'*O Senhor dos Anéis*, que eu não esperava descobrir. Mas, por não saber de suas práticas de escrita, poucas perguntas fiz a respeito disso. A entrevista com Elros durou pouco mais de trinta minutos, mas foi bastante rica. Deixei em aberto a possibilidade de lhe endereçar outros questionamentos por correio eletrônico, conforme eu fosse percebendo a necessidade, pelo fato de não ter conhecimento do livro por ele escrito. O jovem mostrou-se bastante solícito.

Após repassar a entrevista enviei-lhe algumas questões a respeito da produção, escrita e edição do livro que eu adquiri através de download gratuito no site da Valinor do Brasil. Elros respondeu-me as questões quase instantaneamente e mostrou-se satisfeito em auxiliar em minha pesquisa. Antes ainda, ao final da entrevista, Elros indicou-me outro jovem: Elrond. Deu-me seu telefone residencial. Eu já conhecia este nome. Era o tradutor do livro que eu havia comprado recentemente: *As Cartas de J. R. R. Tolkien*. Eu estava com sorte!

Quando da entrevista com Elros, surpreendi-me com as muitas informações extra-oficiais que ele forneceu-me a respeito das relações de *bastidores* das comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis*. Na conversa com ele e, posteriormente, com Elrond, em várias das informações que eles me forneciam a respeito de acontecimentos que envolviam tradutores-fãs, teóricos-fãs (todos também com algum site sobre Tolkien ou participando dos sites já citados), eu questionava como eles sabiam de tudo aquilo, de acontecimentos envolvendo membros da comunidade de leitores de São Paulo, Curitiba e etc. Eles respondiam, com muita naturalidade, que algum amigo de determinada lista passou para o grupo, ou que o próprio envolvido – *webmaster* de alguma das páginas sobre Tolkien, moderador de algum dos fóruns de um dos *sites* – havia contado por e-mail. Informações que, muitas vezes, dividir-se-ia apenas com pessoas muito próximas, eram contadas a mim pelos jovens. Ao mesmo tempo, me perguntava se estes jovens não eram mais próximos uns dos outros do que daqueles com os quais eles conservam um contato real (em oposição à virtualidade da Internet), físico, pessoal.

Telefonei para Elrond tão logo cheguei em casa, após a entrevista com Elros. Ele não estava em casa. No dia seguinte retornei a ligação e consegui, então, falar pessoalmente com Elrond. Informei-o de quem havia me dado seu telefone e me apresentei. Ele já sabia da minha pesquisa por comentários de Elros e dispôs-se a me conceder uma entrevista. Marcamos uma data de acordo com os melhores dias e horários de Elrond – o que, igualmente, tornou-se uma prática metodológica: deixar que os jovens convidados definissem suas preferências de locais e horários.

O local escolhido foi o Shopping Bourbon Country, em Porto Alegre, que fica ao lado da casa de Elrond. No horário marcado eu o estava esperando na cafeteria da Livraria Cultura. Como não sabia o telefone celular de Elrond, liguei para sua casa. A mãe de Elrond atendeu e disse que ele ainda estava em casa, mas estava se arrumando para sair. Disse a ela que quando ele chegasse à Livraria poderia ligar para meu telefone celular apenas para que eu pudesse reconhecê-lo, mas ela me informou que ele não possuía celular. Minha primeira surpresa com relação aos jovens estudados: embora toda tecnologia disponível e a qual eles, com raras exceções, dominam muito bem, alguns jovens não possuíam celular, e por algum outro motivo que não a aversão às tecnologias. Um tempo depois Elrond chegou à Livraria e me identificou. Eu era a única mulher desacompanhada, fazendo anotações em um caderno, sentada em uma das mesas da cafeteria. Resolvemos escolher um outro lugar mais apropriado para a entrevista.

Não encontramos nada *apropriado* e nos sentamos numa das mesas da praça de alimentação do shopping, no mesmo local onde eram realizados os encontros da Toca RS e onde encontrei *aquela* grupo pela primeira vez. Era um dia de semana, à tarde, não havia muita gente, mas mesmo assim não era o melhor local para uma entrevista. Embora os percalços, a entrevista foi muita rica, surpreendente, com mais de duas horas de duração. Elrond tinha muito a falar sobre *O Senhor dos Anéis* e sobre sua vida em relação ao mundo criado por Tolkien. Ao contrário de Elros, uma pergunta a Elrond suscitava muitas respostas paralelas e outras tantas perguntas de minha parte. Além disso, eu estava preparada, e havia alterado o roteiro, para lançar questões a Elrond referentes a sua experiência com a tradução, edição e publicação do livro *As Cartas de J. R. R. Tolkien*.

Percebi que ao longo da entrevista Elrond ia ficando mais à vontade e narrava muitas coisas de suas memórias, suas lembranças acerca da experiência em estudar Tolkien, em inteirar-se cada vez mais do mundo da Terra-Média, de toda a produção de Tolkien até suas narrativas sobre as amizades e romances advindos, quase que invariavelmente, do mundo de fãs e leitores tolkienianos.

Ao final da entrevista com Elrond, agradei e pedi sua permissão para dirigir-lhe outras perguntas por e-mail ou nova entrevista, caso fosse necessário. Tal pedido também se tornou comum nas entrevistas. Ao meu comentário “desculpa o incômodo de te retirar de tuas atividades”, Elrond respondeu que *falar sobre o que gosta não é incômodo*. Fiquei surpresa com a resposta e percebi que minha pesquisa cativava os jovens, pois era sobre os fazeres em seus tempos livres, ou de lazer (Pais, p. 159), daí que, para eles, falar de suas práticas de leitura, era uma experiência agradável.

Conversando com Elrond algumas questões que haviam me impaciado até aquele momento desvaneceram. Com o primeiro contato que tive com um grupo pertencente à comunidade de leitores de Tolkien, pela sua estrutura organizacional, tive a impressão de que eles reproduziam uma espécie de cultura excludente de práticas de leitura e escrita. Pareceu-me que somente os autorizados por aquela associação poderiam ser indicados para uma entrevista de pesquisa. Desenhara-se a minha frente uma hierarquia rígida: deveria primeiramente falar com o presidente da entidade que me encaminharia ao diretor regional que me indicaria membros “aptos” a falar.

No entanto, conversando com Elros já pude perceber que havia algumas discordâncias e desencontros entre as várias comunidades virtuais tolkienianas, que havia até confrontos de idéias e algumas pequenas disputas. Com Elrond desfez-se minha primeira impressão. O tradutor d’*As Cartas de J. R. R. Tolkien* não possuía nenhum cargo institucional. Era moderador de um dos fóruns do grupo *Valinor do Brasil*, o qual participava há muitos anos. Já havia sido administrador deste site, mas em função de tempo e porque o compromisso de administrar um site muito grande estava lhe tirando o prazer de estudar Tolkien, desistiu da incumbência e parou de participar do grupo. Mas retornou, apreciava discutir com pessoas que gostavam das mesmas coisas que ele.

Também percebi que alguns termos utilizados pelos jovens entrevistados até então, e por aqueles que postavam nos sites que eu acompanhava, eram heranças do vocabulário específico da Internet e não representavam o mesmo que no mundo não-virtual, embora haja alguma analogia. O administrador de um site é efetivamente aquele que cuida, organiza, gerencia um site, mas os jovens também podem utilizar a palavra *webmaster* que é o administrador de um site no vocabulário da Internet advindo da língua inglesa. Ao perceber estas questões, os termos foram adquirindo novos significados, a rigidez e hierarquia de minhas impressões iniciais foram mostrando contornos flexíveis e outra questão foi se

delineando: a responsabilidade de jovens que mantêm páginas virtuais<sup>39</sup> dedicadas ao estudo de um autor específico e de tudo que envolve o mundo criado por esse autor.

Em geral, são jovens maiores de idade com responsabilidade jurídica para exercerem as funções que assumem. De qualquer modo, o mundo virtual é bem conhecido destes jovens, foi criado por eles e, em grande parte, é administrado por eles que demonstram circular, ou *navegar*, por esse mundo com grande facilidade. Em suas vidas pessoais, são jovens que, em geral, moram com os pais, ainda não concluíram os estudos ou não estão no mercado de trabalho, mas possuem um computador pessoal e acesso à Internet. Essas ferramentas – computador e Internet – já são suficientes para que eles naveguem com grande autonomia pelo mundo virtual e protagonizem papéis de destaque nesse ambiente.

Provavelmente isto ocorra porque para adentrar com certo “sucesso” no mundo do trabalho, do emprego, da moradia e da família, competência, responsabilidade e dedicação não são suficientes. Já com relação ao mundo virtual, para produzir, construir práticas culturais de escritas e de leituras, socializar os conhecimentos e as produções e obter o que alguns do “mundo adulto” chamariam de “sucesso”, bastam competência, conhecimento de ferramentas computacionais, dedicação e, quando alguns jovens são também muito criativos, obtém um diferencial no mundo virtual. Tendo um computador e acesso a Internet os jovens de hoje protagonizam experiências culturais que o mundo “real” (oposto ao virtual) não permitiria sem ascensão social ou experiência profissional ou disputa entre os pares jovens. O mundo virtual dá espaço a todos, cabe a cada jovem, dos que o acessam, ocupá-lo dos seus modos próprios.

A Internet propicia um mundo amplo de possibilidades sem a tutela dos que, no mundo real de *adultos*, determinam as relações de trabalho, os tempos, as competências exigidas, as políticas e as prioridades do mercado. Virtualmente, todos podem ter acesso a tudo o que é produzido, sem restrições, a não ser àquelas financeiras com relação aos sites pagos. Mas todos podem navegar livremente na Internet. Contudo, cabe lembrar que há problemas como o acesso por parte de crianças a sites não aconselháveis, comunidades que estimulam o suicídio, a violência e etc, além do fato de que nem todos possuem computador e acesso à Internet.

Porém, em minhas reflexões com relação aos computadores e à Internet procurei dar atenção à dimensão produtiva com a qual me deparava. Tais produções referem-se às

---

<sup>39</sup> Para disponibilizar uma página na internet é necessário instalá-la em um servidor, um local virtual capaz de “acomodar” muitas páginas e que possui um “dono” e, em geral, também um custo mensal que deve ser pago pelos administradores da página que se quer tornar disponível na internet.

informações compiladas, organizadas e produzidas pelos jovens sujeitos leitores d' *O Senhor dos Anéis*, seus escritos, suas análises e discussões em torno da Terra-Média, seus estudos sobre as línguas criadas por Tolkien, as notícias que elaboram e também os jogos de RPG baseados ou não n' *O Senhor dos Anéis*, as histórias criadas por eles, também conhecidas como fanfics – originais, mas tendo como personagens e cenários os criados por Tolkien –, além de textos de humor, charges, informações sobre cinema e *O Senhor dos Anéis* e até mesmo sobre os atores que fizeram o filme d' *O Senhor dos Anéis*. Uma gama bastante grande de escritos jornalísticos, de pesquisas, informativos, de humor, romances, tendo como pano de fundo a Terra-Média e seu criador. E a maioria dos produtores desse universo cultural são jovens cujas idades variam muito, bem como o tipo de material produzido. Aqueles que não são tão jovens, em geral, iniciaram o gosto por Tolkien quando eram muito jovens. Elrond, por exemplo, relatou que seu interesse e suas práticas a respeito iniciaram quando tinha doze anos de idade.

Uma ressalva faz-se necessária: o livro *O Senhor dos Anéis* somente ficou popular no Brasil após o anúncio da produção dos filmes<sup>40</sup>, embora já tivesse uma edição em português de 1976 da editora Artenova. Dessa primeira edição em nossa língua conheci apenas uma pessoa que leu e que me cedeu o que restou dos volumes dos livros. Dos jovens que entrevistei e/ou conheci, alguns conheciam, outros não haviam ouvido falar e raríssimos possuíam algum volume dessa edição. Isto quer dizer que a passagem do suporte impresso para o formato visual – livro/filme – operou um fenômeno de popularização mundial da obra de J. R. R. Tolkien como um todo. Afirmo isto porque daqueles jovens que apreciaram o filme e procuraram ler o livro grande parte buscou outras obras do mesmo autor.

O próprio livro *O Senhor dos Anéis* referencia outras obras de Tolkien à medida que se apresenta como uma continuação da história contida nos livros *O Hobbit* e no *Silmarillion*. O próprio Tolkien, numa referência ficcional, obviamente, afirmava ser apenas o compilador e divulgador de um livro há muito tempo encontrado chamado *O Livro Vermelho do Marco Ocidental* que, por sua vez, contém toda a história da Terra-Média desde sua criação (mitologia) até o final da Terceira Era (*O Senhor dos Anéis*). O encadeamento feito pelo autor, ainda na década de 1950, tem resultado até nossos dias. As referências feitas n' *O Senhor dos Anéis* aos livros precedentes foi o motivo porque muitos jovens brasileiros, após o

---

<sup>40</sup> O primeiro filme, no título original, é *The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring*, lançado em 2001, com duração de 178 minutos; o segundo filme é *The Lord of the Rings: The Two Towers*, lançado em 2002, com duração de 179 minutos; o terceiro filme é *The Lord of the Rings: The Return of the King*, lançado em 2003, com duração de 210 minutos. Todos dirigidos por Peter Jackson.

fenômeno do filme e a popularização do livro, buscassem estas outras obras referenciadas, o início, ou histórias anteriores daquele mundo fantástico, encantador.

Com a Internet bastante popularizada, o filme e os livros levaram muitos jovens a procurarem mais referências sobre a Terra-Média e sobre o autor. Já havia algumas páginas virtuais aqui no Brasil e essas ganharam muitos adeptos nesse período. Os jovens brasileiros<sup>41</sup> também pesquisavam em sites britânicos que há muito tempo se dedicam ao estudo acadêmico das obras de Tolkien. Alguns desses jovens começaram a traduzir para o português os estudos que eram feitos e divulgados em língua inglesa e daí novos sites foram sendo criados no Brasil e novos materiais iam alimentando as discussões das comunidades brasileiras de leitores d'*O Senhor dos Anéis*. O acréscimo de informações e discussões sobre a temática e as produções juvenis foram propiciando o aumento do interesse dos jovens e a atualização constante dos sites com novidades, traduções e as participações desses jovens nos grupos e fóruns de discussões gerou uma demanda significativa em que foi possível o estímulo à divulgação das produções culturais desses jovens como é o caso da edição virtual do livro de Elros e a edição impressa dos livros de Elrond.

Com relação ao livro de Elros – *Senhor dos Anéis: Roleplaying Game* – é possível perceber o papel exercido pelo RPG no processo de popularização do livro *O Senhor dos Anéis* no Brasil. Segundo Andréa Pavão, em seu livro *A aventura da leitura e da escrita entre mestres de Roleplaying Game (RPG)*, o RPG é

uma idéia que começou nos EUA no início dos anos 70, como evolução dos jogos de guerra e muito influenciado pela literatura de Tolkien (1994), e que se espalhou pelo mundo rapidamente. No Brasil, no início, o acesso foi restrito a grupos reduzidos de adolescentes que dominavam o Inglês. Há cerca de doze anos, contudo, surgem as primeiras traduções para o Português, cativando quantidades expressivas de jovens. (Pavão, 2000, p.18)

A autora não fala da literatura de Tolkien, apenas o cita, e não chega a explicar quem é Tolkien nem porque ele é influência para o RPG. Realmente este não é o objetivo do seu trabalho, mas ela aclara algumas questões sobre a popularidade d'*O Senhor dos Anéis* no Brasil. Doze anos antes de seu estudo – 1988 – data em que ela diz surgirem as primeiras traduções dos livros de RPG para o português, a editora Martins Fontes ainda não havia

---

<sup>41</sup> Salientando que estou tratando com jovens de nosso país, mas que esse foi um fenômeno bem mais abrangente visto que a produção cinematográfica teve repercussão mundial e muitos efeitos semelhantes aos observados aqui, o que pode ser constatado nas comunidades internacionais do orkut dedicadas a *O Senhor dos Anéis* e na quantidade de sites de todas línguas sobre o assunto.

editado *O Senhor dos Anéis* no Brasil, o que aconteceu somente em 1994. Os murmúrios a respeito do filme ainda não haviam começado, portanto os *players* (jogadores) de RPG começaram a ter contato com as influências de Tolkien antes mesmo de conhecerem seu livro através dos livros e das revistas de RPG que o referenciavam ou referenciavam a Terra-Média. O público que aprecia o jogo RPG, em geral, é bastante afeito à literatura de fantasia<sup>42</sup>, uma vez que o RPG é uma aventura ficcional em que os *players* podem experimentar a vivência fantástica. Assim, com o aumento do público interessado em RPG, surge um mercado em potencial para o gênero fantasia no Brasil, pouco explorado pelas editoras brasileiras até então. Desta forma, este filão dos *consumidores* de RPG tem grande participação na expansão e popularidade d'*O Senhor dos Anéis* e no interesse pela obra de Tolkien no mercado nacional. Por isto, podemos dizer que o RPG contribuiu para a popularização d'*O Senhor dos Anéis* no Brasil, pois é uma prática juvenil privilegiada onde jovens começavam a ter contato com o mundo fantástico da Terra-Média.

Nas três primeiras entrevistas realizadas, e relatadas até aqui, ao mesmo tempo em que eu abastecia a pesquisa com elas, munia-me de informações para compreender as relações on-line estabelecidas pelos jovens. Namoros virtuais entre os membros das comunidades; amizades conquistadas através de contatos virtuais; encontros nacionais esquematizados e organizados através da Internet; circulação de informações e cultura variada; contatos com organizações e sujeitos que trabalham com as obras e as línguas de Tolkien na Europa e na América do Norte; enfim, sociabilidades muito ricas e de grande amplitude que são vividas por esses jovens e que eu sequer sabia dimensionar.

As indicações do jovem Elrond para novas entrevistas foram numerosas, mas ele não possuía, naquele momento, o endereço eletrônico ou o telefone de todos os jovens que me indicou. Assim, combinamos que eu enviaria a ele um e-mail cobrando-lhe os contatos das indicações. Foi o que fiz. A resposta veio rapidamente e enviei o convite de participação virtual aos jovens indicados. Obtive a resposta de apenas um: a jovem Luthien. Colega de faculdade de Elrond, o mesmo já havia comentado com ela sobre minha pesquisa.

Luthien me informou dos seus horários disponíveis e seu telefone celular por e-mail. A partir daí começamos a nos comunicar por telefone. Marcamos dia e horário para a entrevista. Cheguei ao local e Luthien já estava a minha espera, lendo um livro. Comentamos sobre a pesquisa e ela me mostrou o que estava lendo. Era o livro *Questões de Literatura para Jovens*, que faz parte da Série Jornadas Literárias, editado pela Universidade de Passo Fundo.

---

<sup>42</sup> A maioria dos jovens sujeitos desta pesquisa são jogadores de RPG, aspecto que tratarei mais adiante.

Luthien trabalha, na faculdade, com literatura infanto-juvenil, em um grupo de pesquisa sobre ficção e fantasia coordenado por uma professora do curso de Letras. Anotei a referência do livro.

A entrevista teve alguns inusitados e muitas descobertas. Luthien gosta muito de ler e lê de tudo. Mas disse que tem fases:

eu tenho fases, tem fases que eu não leio absolutamente nada, em compensação quando engrena eu leio, leio, leio (...) tinha fases que eu só via filme, tinha fases que eu só lia livros e tinha fases que eu fazia as duas coisas muito e tinha fases que eu não fazia nenhuma das duas coisas. (Luthien)

Numa dessas fases de intensa leitura descobriu os mangás, anteriormente comentados. Mas, além disso, e de seus comentários sobre *fanfics* de mangás e d'*O Senhor dos Anéis*, Luthien é uma leitora de e-books. E-book é a abreviação inglesa de *Electronic Book* ou *Livro Eletrônico*. Em Língua Portuguesa: “é um livro em formato digital que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, *PDA*s ou até mesmo celulares que suportem esse recurso” (In.: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=E-book&redirect=no>).

Segundo ela, essa é a nova fase em que está: “eu me viciiei em e-books. Eu aprendi a ler no computador e o negócio deslanchou, eu descobri um novo mundo. Eu tenho tanto, tanto, tanto livro em e-book!” (Luthien). São livros pequenos, alguns em torno de 100 páginas, outros um pouco mais. Luthien conhece os sites especializados em e-books e fala de seus preços na moeda americana e sobre o processo virtual de publicação de livros. Novo mundo que ela descobriu, novo mundo que me foi apresentado. Luthien foi a primeira jovem que entrevistei a me dizer que gostava de ler livros na tela do computador.

Ao longo da entrevista Luthien foi apresentando seu percurso de leituras, sempre acrescentando análises dos contextos literários. O fato de ser aluna do curso de Letras permitia-lhe, ou exigia-lhe, que fizesse uma análise acadêmica sobre as cenas que narrava. Mas ao longo do encaminhamento de nossa conversa procurei não dar vazão aos enfoques teóricos, valorizar sua fala, suas experiências com livros e leituras. Quando falamos sobre grupos, sobre suas sociabilidades, foi que percebi Luthien menos preocupada com conceitos, análises, críticas, narrando seus encontros com membros de grupos das comunidades virtuais de que participa. Ao final da entrevista, quando pedi indicações de amigos ou colegas, Luthien, falou-me de Tuor, mas quando perguntei se ela não lembraria de mais alguém sua resposta foi: “o resto do pessoal que eu conheço eles gostam de Tolkien, mas (...) eles não param pra pensar nisso” (Luthien). Luthien manifestou que

é mais fácil o pessoal da literatura pensar sobre isso. É aquela coisa, estou lendo. Por que eu estou lendo? O que farei a partir da leitura? Tem uma reflexão acerca do ato, não só do conteúdo. E o resto do pessoal não, é uma coisa meio instintiva: ah, é legal, eu leio, depois eu não penso nisso. A não ser quando se juntam pra conversar e discutir. (Luthien)

Insisti com Luthien. Ela alegou que os jovens que ela lembrava naquele momento haviam lido Tolkien antes do filme. Argumentei dizendo que estava procurando a diversidade, que *ter lido antes* do filme os livros de Tolkien era muito importante para minha pesquisa, mas ela finalizou dizendo que não adiantava me indicar jovens que não iriam se disponibilizar a uma entrevista. Foi o argumento final. Mesmo assim os jovens que Luthien indicou disponibilizaram-se todos para a entrevista. Eram universitários e dois deles levaram-me a práticas de leitura de grupos que eu ainda não tinha encontrado até aquele momento. Desta forma, considero que Luthien foi a jovem que expandiu a corrente na qual estava me apoiando, pois a partir dela abriu-se um leque de novos sujeitos a entrevistar.

O primeiro jovem indicado por Luthien foi Tuor. Enviei a ele um convite de participação sem comentar a pessoa que o havia indicado para a pesquisa. Obtive resposta no mesmo dia e Tuor comentou que quem havia lhe indicado conhecia bem seus hábitos de leitura devendo, por isso, ser Luthien. Informou-me seus horários vagos e local para a entrevista. Marcamos um dia. Tuor ainda me enviou uma foto sua por e-mail para que eu pudesse identificá-lo, ele não tem telefone celular.

No dia marcado fui ao local da entrevista. O horário era de intervalo de aulas e Tuor já estava a minha espera. Fomos sentar numa das mesas de um bar, ao ar livre. Ele parecia bastante empolgado com o evento, mostrou-se fã de Tolkien. Conhecia muito da Terra-Média, da vida do autor e de grupos virtuais ligados à obra. Está inscrito na Valinor do Brasil. Conhecia Elrond, mas não sabia que ele havia traduzido *As Cartas de J. R. R. Tolkien*. A primeira vista, e pela sua fala, diria que Tuor é um leitor e fã solitário de Tolkien: “Não gosto de agregações, não me enturmo muito bem. Então eu sempre tive aquela questão da leitura isolada, do desenvolvimento isolado das habilidades” (Tuor). Mas numa leitura mais apurada de suas práticas ele mostrou-se bastante atento aos grupos, embora não poste nos fóruns de discussões de Tolkien no site da Valinor do Brasil. Muito de suas leituras sobre o autor d’*O Senhor dos Anéis* e de seus conhecimentos sobre estudos da obra de Tolkien provém de suas pesquisas virtuais nos sites brasileiros e em língua inglesa sobre a temática. Tuor pode não socializar suas *práticas de escrita*, mas suas *práticas de leitura* estão imbricadas no processo de *socialização virtual* do qual ele não está excluído.

Ao longo de nossa interlocução ele se mostrou avesso a grupos – ou agregações, como ele denominou – mas comentou, a certa altura de sua fala, sobre a participação em uma banda musical e sobre seu grupo de RPG. Por fim, teve de admitir sua participação em grupos, mas o único que ainda faz parte de sua rotina é o RPG. Da mesma forma que Luthien, Tuor mostrou-se bastante preocupado com as questões acadêmicas da leitura:

A propósito, tu deve já perceber, eu tenho uma leitura muito crítica e muito técnica do Tolkien por causa da minha formação aqui [universidade]. Eu o vejo com outros olhos, eu não o vejo com aquele fascínio, encantamento, o vejo numa visão muito crítica, mas eu percebo ele como um maravilhoso criador ou, senão, eu ousa dizer, o escritor mais criativo, com uma imaginação mais fértil que surgiu no século XX. (Tuor)

Tuor também demonstrou grande empolgação em sua fala ao comentar sobre o universo fantástico da Terra-Média, sobre as influências de Tolkien no RPG, na literatura fantástica e na literatura em geral. Um entusiasmo que deixava transparecer carinho, como ele mesmo citou: “Tolkien eu tenho um carinho, (...) por causa da genialidade dele” (Tuor). Ao final da entrevista, quando questionado sobre indicações a fazer, Tuor disse que já havia imaginado que eu lhe pediria indicações tendo em vista que Luthien o havia indicado, mas a jovem cujo e-mail ele me forneceu não respondeu ao convite de participação.

O leitor Tuor é um jovem leitor um pouco diferente dos que eu havia entrevistado até aquele momento. É um *player* de RPG, mas não participa de forma ativa da comunidade virtual na qual se insere. Ao mesmo tempo, é um leitor atento e conhecedor tanto da obra quanto do autor d’*O Senhor dos Anéis*, é um sujeito que estuda a obra que aprecia, gosta das línguas élficas, procura subsídios na Internet para suas reflexões e em outros livros que comentam a obra de Tolkien, e faz isso já há alguns anos. Contudo, Tuor representa um perfil recorrente dos leitores que pertencem às comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*, e que podemos perceber na lista de discussão da Toca RS onde a maioria dos participantes não se manifesta, mas quando o fazem comentam que não participam muito das discussões, mas gostam de saber das novidades e acompanham todos e-mails que recebem. Poucos são os que se responsabilizam pela construção e manutenção dos sites, das comunidades, dos fóruns dedicados a’*O Senhor dos Anéis* ou a Tolkien.

Um dos motivos indicados é a falta de tempo. Tuor comentou, em sua resposta ao meu convite de participação, enviado por e-mail, que estava disponível para ser entrevistado, mas devido à faculdade não estava tendo tempo, ultimamente, para leituras de *entretenimento*. E isto é uma questão importante: leituras de entretenimento, leituras de lazer. A leitura de

Tolkien, de sua fantasia é prazerosa para os jovens e, portanto, a participação em listas de discussões, nos fóruns, é uma ação a ser realizada no tempo livre (Pais, 2003), é um trabalho de tempo livre, em que nem todos conseguem dedicar mais que algumas horas por semana. Assim, às vezes, participam pouco, às vezes só se mantêm inteirados das novidades e, às vezes, a rotina é justamente percorrer virtualmente todas as informações, estudos, textos sobre o objeto de interesse sem nenhuma prática de escrita envolvida, muito embora a Internet propicie uma fácil inserção da escrita nos hábitos daqueles que fazem uso regular dessa ferramenta, haja vista a multiplicação de blogs, sites (Freitas, 2005) e a disseminação acelerada de fanfics (Rösing e Vargas, 2005) produzidos e construídos por jovens.

A segunda jovem indicada por Luthien foi Idril. Conheci-a quando conversava com Tuor. Ela passou por nós, interrompeu-nos e perguntou se eu era a pesquisadora que iria entrevistá-la na próxima semana. Confirmei a pergunta e ela se apresentou como Idril. Mas ela acabou esquecendo da entrevista no dia marcado. Percebi a facilidade das redes: telefonei para Luthien, pois não tinha o telefone de Idril, e pedi que ela contatasse com Idril que, pouco depois, foi ao meu encontro. Expliquei-lhe a seqüência da entrevista e comecei a gravação.

Idril está, atualmente, no sexto semestre do curso de Letras da UFRGS. Não é fã de Tolkien, conforme ela mesma afirmou na resposta que me enviou por e-mail ao convite de participação que lhe enviei. Também não é leitora assídua de livros de fantasia, nem posso dizer que seja seu gênero literário predileto. Não leu de tudo desde que era criança, pelo contrário, Idril afirma que até a 5ª série do Ensino Fundamental não gostava de ler:

E até a quinta série, pra mim, leitura era leitura indicada pelo colégio ou que os meus pais davam, porque eu não gostava de ler. Detestava ler, saía dizendo pra todo mundo que eu odiava ler, que eu não sabia para quê que eu... quer dizer, eu sabia para quê que eu precisava daquilo, mas que eu não sabia para que tanto aquilo! (Idril)

Idril também não mencionou leitura de história em quadrinhos em nenhum momento, nem em sua infância. É uma jovem como tantas outras e outros que se dedica aos estudos escolares e tem lazeres outros que não a leitura. E mesmo depois de sua iniciação ao prazer da leitura, quando ela diz que começou a gostar de ler e procurar livros mesmo que não fossem indicados pelos professores da escola, Idril não se tornou uma leitora voraz de qualquer tipo de livro, nem tampouco se tornou compulsiva em suas leituras a ponto de não dormir para ler ou algo do gênero. Idril continuou a jovem que era com a diferença que a leitura passou a fazer parte da sua vida, tornou-se uma forma de lazer com alguns autores mais apreciados, mais lidos e outros ainda desconhecidos.

O interessante no depoimento da jovem é que a leitura d'*O Senhor dos Anéis* foi uma apresentação ao mundo da literatura de Fantasia. E essa apresentação foi frutífera, ou seja, levou-a a ler com avidez todos os livros d'*O Senhor dos Anéis*, ganhar *O Hobbit* – em inglês com capa dura e caixa estilizada – de presente de seu namorado, procurar na Internet material sobre a Terra-Média, sobre a lingüística de Tolkien, sobre a origem dos nomes ou morfologia das línguas da Terra-Média e outras informações disponíveis em sites sobre o mundo criado por Tolkien. A fez, também, ler o *Silmarillion*, embora não com muita atenção.

Os primeiros murmúrios sobre a produção do filme a fizeram conhecer a obra. Seus amigos, que já haviam lido, começaram a comentar e sua curiosidade fez com que pedisse os livros emprestados. Assistir o primeiro filme estimulou-a a terminar a leitura dos livros e iniciar a procura por outros textos e informações a respeito d'*O Senhor dos Anéis*. A popularidade atingida pelos livros por causa dos filmes influenciou a avidez de Idril, mas sua continuação na busca e leitura de material de referência sobre a obra deve-se ao valor da mesma em suas práticas de leitura e sua complexidade:

(...) foi o filme e, também, com certeza, passada a febre do filme, passou também um pouco a febre da leitura, apesar de que é uma coisa muito legal, gosto muito mesmo. É uma febre, me deixei levar um pouco. Mas isso não tira o mérito do livro, nem um pouco. Gosto independente. Uma coisa me levou a outra, mas eu gosto de uma e da outra independente delas existiram uma em função da outra. (Idril)

Quando enviei o convite de participação para Idril e obtive sua resposta dizendo que não se considerava fã de Tolkien e indagando se isso não seria problema para minha pesquisa, comecei a refletir sobre a idéia de que distinções poderiam existir entre aquele que se considera leitor e os que se apresentam como fãs. Quando iniciei a pesquisa, pensava apenas na categoria *comunidades de leitores*, onde estes compartilham códigos de interpretação, normas, regras, estilos e práticas de leitura. Mas não pensava encontrar leitores fãs, não pensava necessário distinguir diferentes leitores. A partir da afirmação de Idril, deparei-me com uma distinção entre leitor e fã. Elwing também já havia chamado minha atenção para esta distinção, mas a recorrência disto fez-me analisar que nem todo leitor é fã do livro ou do autor que está lendo, nem todos que apreciam música clássica são fãs de Beethoven e nem todos que escutam Rap com regularidade são fãs de Gabriel O Pensador. Mas minha intenção era entrevistar membros das comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis* em que alguns se definiam como fãs e outros se anunciavam como não-fãs. Assim, para fins de melhor compreensão do contexto, comecei a distinguir os fãs de Tolkien, os fãs d'*O Senhor dos Anéis*, os fãs da obra e do autor e aqueles que apenas apreciam a obra e conhecem

outros livros do autor e um pouco de sua vida e há ainda aqueles que leram o livro e gostaram e narram suas experiências de leitura de forma apaixonada. No entanto, todos fazem parte de comunidades de leitores d' *O Senhor dos Anéis*.

E entre aqueles que se identificam como fãs de Tolkien e do livro *O Senhor dos Anéis*, bem como de todas as obras do autor, há os que se incumbem de divulgar Tolkien no Brasil, de reunir os apreciadores para trocar idéias, de estudar mais a fundo determinada questão da obra ou da produção literária do autor, de compartilhar isso tudo com os demais, de administrar os sites, as associações, os fóruns, as listas de discussões onde se reúnem fãs e apreciadores.

De certo modo, sugiro pensar que todos estes (participantes, organizadores, colaboradores, curiosos que vasculham esses locais ou apenas leitores que não compartilham suas leituras) de uma certa forma fazem parte da comunidade de leitores d' *O Senhor dos Anéis*, embora nem todos sejam fãs do livro ou de Tolkien. Foi pensando assim que percebi que qualquer jovem que havia lido *O Senhor dos Anéis* poderia fazer parte de minha pesquisa e não só aqueles participantes de algum grupo virtual, pois minha intenção não era examinar um grupo virtual como tal, mas sim *jovens leitores do livro O Senhor dos Anéis*.

É por isso que, por exemplo, a jovem Elwing foi entrevistada. Elwing me foi indicada pela professora orientadora. É namorada de um jovem que foi meu colega numa das disciplinas cursadas no Mestrado. A professora soube por acaso que Elwing havia lido *O Senhor dos Anéis* e obteve seu telefone. Contatei-a apenas por celular. Marcamos a entrevista na universidade em que ela estuda. Nos desencontramos. Aquele foi o dia que Elwing havia trocado o aparelho de telefone celular e, por isso, não estava com ele em funcionamento. Coisas de jovens? Eu também não possuía o número do celular de seu namorado. Coisas de pesquisador?

Enfim seu namorado me encontrou e fomos até a biblioteca da universidade onde poderíamos conversar em uma das salas de estudo. Caminhávamos e conversávamos sobre livros. Elwing está cursando História e é bolsista de um professor cujos textos muito li na graduação. Ela gosta de ler e gosta de adquirir livros. Tínhamos, portanto, muito a conversar. Chegamos à sala de estudos e iniciei a gravação de nossa conversa, porque Elwing já começava a dissertar sobre suas práticas de leitura e suas lembranças de infância. Mas formalizei a entrevista perguntando as questões iniciais do roteiro e fazendo com que Elwing recontasse suas memórias já evocadas em nossa conversa inicial.

Elwing é uma jovem de baixa estatura, aparenta ter uns cinco anos a menos do que sua idade efetiva e é muito simpática. Disserta sobre vários assuntos com desenvoltura,

conhece livros de variados gêneros. Não se considera fã de Tolkien, assim como Idril. Aliás, Elwing foi a primeira, dentre os jovens da pesquisa, que não participa de nenhuma comunidade de leitores d' *O Senhor dos Anéis*, virtual ou presencial. É a primeira jovem do que posso chamar *grupo de leitores apreciadores* dentre as *comunidades de leitores d'O Senhor dos Anéis*.

A experiência de entrevista com Elwing foi muito interessante, pois eu não estava preparada para centrar meu interesse nas práticas de leitura dos jovens entrevistados. Ou seja, eu estava focando as questões que dirigia aos jovens no grupo de leitores, no funcionamento do grupo, no compartilhamento das leituras, nas produções culturais advindas dessas trocas. No entanto, a entrevista com Elwing fez com que eu deslocasse meu foco de atenção. Passei a observar mais suas práticas pessoais de leitura de Tolkien, suas apropriações do livro, do filme, suas outras leituras do gênero fantasia, as práticas a partir e influenciadas pela leitura d' *O Senhor dos Anéis* e outras questões menos exploradas (embora observadas com interesse) nas duas entrevistas anteriores, visto que a entrevista com Elwing aconteceu após as entrevistas de Haldir e Elros.

Além disso, uma das questões que chamou minha atenção na conversa com Elwing é sua visão, que em alguma medida coincide com o senso comum, de que os jovens não lêem. Ou seja, nos momentos que eu a questionava sobre trocas de experiências de leitura com amigos ou colegas ela respondia que não lembrava de seus amigos estarem envolvidos com a leitura, ou que achava que seus colegas não liam, ou que não via livros na casa de amigos, ou que – na faculdade, por exemplo – seus colegas só lêem o que é leitura obrigatória indicada pelos professores. Em certo momento ela questionou-me se os jovens que eu estava entrevistando participavam de grupos com o *perfil clássico dos leitores* (isto porque eu havia compartilhado com ela algumas observações sobre práticas de leitura e escrita dos jovens em listas de discussões d' *O Senhor dos Anéis* ou em comunidades do orkut). Respondi que não conhecia esse “perfil” e ela respondeu-me: “agora que eu me lembrei porque que eu não tinha grupos na escola, (...) porque eram sempre os mesmos, aqueles que só andavam de preto, que jogavam RPG e era esse perfil” (Elwing).

A descrição de Elwing sugere o contato com grupos de leitores ou comunidades de leitores e RPG. Ela mencionou um primo que era *player* e relatou que chegou a jogar com ele e seu grupo uma vez, mas que eles passavam anos e anos reunidos jogando RPG, o que ela considera perda de tempo ou estagnação. Talvez Elwing, como muitos outros jovens, professores, pais, educadores, embora relacionem leitores (em especial do gênero literário fantástico) com *players* de RPG, não conheçam suas práticas de leitura e escrita relacionadas

ao jogo, suas produções culturais, suas leituras complementares em busca de subsídios para novas aventuras de RPG e etc. Talvez Elwing generalizasse uma prática comum de determinados jovens que é a de lerem apenas os livros de regras do RPG e uma ou outra leitura indispensável.

Essa última afirmação se assenta na reflexão de Pavão (2000) de que “essa terceira geração lê bem menos, alguns mestres sequer lêem o livro básico de *O Vampiro*” (p. 76). Pavão fala da terceira geração de mestres de RPG classificada assim pelos próprios sujeitos de sua pesquisa. Mas embora esse seja um público grande de jovens – os jogadores de *O Vampiro* – não são a maioria dos rpgistas, os jogadores de *Advanced Dungeons & Dragons* (AD&D), jogo inspirado na obra *O Senhor dos Anéis*, são um público bastante expressivo, em sua maioria leitores de muitos livros.

Mesmo assim, a referência descrita por Elwing tem fundamento visto que muitos rpgistas realmente se vestem de preto, andam com mochilas e são reconhecidos, desta forma, pelos seus pares. Segundo Pavão (Ibidem) há dois grandes grupos de jogadores: aqueles mais *nerds*<sup>43</sup> do AD&D e aqueles outros jogadores de *Vampiro* que gostam de rock e vão a danceteria e aproximam-se, pelas observações de campo de Pavão, do movimento punk.

Elwing, além de ter feito com que eu deslocasse o foco de atenção da entrevista para práticas de leituras e não grupos de leitores, também propiciou que eu me desvinculasse da idéia de que os jovens compartilham visões comuns sobre suas experiências de leituras e as experiências dos outros jovens. Na fala de Elwing: “Eu fui me dar conta depois que o pessoal não tinha o hábito de ler. Tu ia nas casas, nas estantes, não tinha livros, a estante era pra botar TV, botar bibelô, pra botar caneco de chope”, ou “durante a escola ninguém lia, agora o pessoal da faculdade lê mais coisas específicas, difícil alguém que leia literatura”. Essa afirmativa de Elwing é endossada por muitos pais, educadores e, talvez, por jovens também, embora eu pensasse que nenhum jovem compartilharia de assertivas como a de Elwing. O interessante na declaração dessa jovem é que foi inusitada e, novamente, percebi que nem todos os jovens pensam da mesma forma a respeito dos seus pares geracionais.

Antes de relatar a entrevista com o último jovem indicado por Luthien, vale determe num breve comentário sobre as indicações de Idril. Em princípio, Idril pensou em indicar-me alguns amigos que com ela faziam aulas de teatro. Mas no mesmo dia da entrevista, à tarde, ela mandou-me um e-mail indicando uma “colega de serviço” que era “uma grande

---

<sup>43</sup> “o significado atribuído ao modo de ser ‘nerd’ relaciona-se a um certo isolamento do mundo das ‘experiências de carne e osso’, das discotecas, dos movimentos culturais de seu tempo. Além disso ser ‘nerd’ é ser um pouco ‘intelectualóide’, ler muito e sair pouco” (Pavão, 2000, p. 80)

leitora do tipo de literatura na linha de Tolkien”, conforme suas palavras. Ela já havia conversado com a colega que topara colaborar com minha pesquisa. Enviei um e-mail a ela imediatamente. Recebi sua resposta no mesmo dia informando seu telefone e que estaria à disposição para os próximos contatos. Liguei para a colega de Idril, marcamos a entrevista no seu local de trabalho. Fui até o depósito da Livraria Traça num dia de muita chuva.

A entrevista foi bastante interessante, ela realmente era fã de Tolkien, até seu vestido de noiva havia sido desenhado com base nos modelos de roupas das elfas, mas a colega de Idril não atendia aos critérios definidos para a seleção dos sujeitos da pesquisa, em especial, pesou sua idade. Ela tem trinta e quatro anos de idade, é casada, trabalha, sua formação acadêmica foi interrompida. Após refletir sobre os critérios optei por não me valer dessa entrevista, embora a tenha realizado e transcrito.

Por outro lado, a indicação da colega de Idril foi interessante. Num dos momentos em que ela interrompeu a entrevista para atender uma demanda profissional apresentou-me um outro colega seu, estagiário, que também era fã d’*O Senhor dos Anéis*. Dior não olhou para trás quando sua colega referiu seu nome. Convidei-o a participar da minha pesquisa, perguntei se poderíamos conversar sobre suas práticas de leitura d’*O Senhor dos Anéis*. Ele olhou para mim aparentando alegria, o que achei curioso. Realizamos a entrevista naquele mesmo dia e local, imediatamente após a conversa com a colega de Idril. Por algum motivo eu levava dois termos de consentimento para aquela entrevista, o que se tornou uma prática constante a partir de então.

Dior é bastante jovem, um dos mais jovens dentre os sujeitos do sexo masculino desta pesquisa. Assim como Elros, Elrond, Tuor, Haldir, Dior demonstrava prazer em conversar sobre suas leituras d’*O Senhor dos Anéis*. É um jovem de estatura mediana, cabelos escuros e tingidos, um topete colorido e roupas pretas. Mas Dior não faz parte do movimento punk, que talvez conheça tanto quanto eu. A certa altura da entrevista, seu comentário confirmou essa afirmativa: falando da construção dos personagens da raça dos orcs d’*O Senhor dos Anéis*, Dior declarou que os orcs “seriam tipo os punks daquele tempo” (Dior). Talvez as roupas pretas possam revelar sua identidade de jogador do RPG *Vampiro*, mas segundo suas próprias palavras: “houve várias vezes que a gente ouviu falar do RPG *Vampiro – A Máscara*. Já viu falar? (...) Eu já ouvi falar. Pessoalmente eu nunca joguei” (Dior). Talvez as roupas pretas sejam apenas uma opção para ir trabalhar num depósito num dia muito chuvoso. Estas reflexões eu as fiz somente para não estereotipar determinados visuais jovens. De qualquer modo, Dior aponta para a necessidade de evitar a classificação dos jovens a partir de estereótipos atribuídos às suas aparências estéticas.

Como todos os jovens anteriores citados, Dior leu e lê muita História em Quadrinhos (HQ), joga RPG, leu várias vezes *O Senhor dos Anéis*, mas não acessa a Internet com frequência. Em sua fala, nada remete a pesquisas ou consultas ao meio virtual. Era a primeira vez que eu me deparava com um jovem sujeito participante de uma comunidade de leitores d' *O Senhor dos Anéis* em que essa participação não estivesse ligada de alguma forma aos meios virtuais. Ou seja, até então eu havia entrevistado jovens que participavam de comunidades de leitores d' *O Senhor dos Anéis* através da Internet, de forma bastante ativa, como administradores de sites ou fãs, ou que utilizavam-na para pesquisar materiais e informações a respeito da Terra-Média, ou a respeito do autor Tolkien, ou sobre o filme. Todos, invariavelmente, fizeram uso da Internet em algum momento em seu percurso das práticas de leitura d' *O Senhor dos Anéis*.

Dior era diferente. Como muitos jovens, havia tido o primeiro contato com o livro através de um pequeno comercial de revista sobre os boatos da filmagem de uma trilogia. Segundo Dior, este comercial falava mais sobre Tolkien do que sobre os livros dele. Esta revista provavelmente, tenha sido *Dragão Brasil* ou *Dragão Dourado*. Isto porque estas duas publicações são especializadas em RPG e Elrond e Tuor falaram-me a respeito de anúncios semelhantes publicados nestas revistas. Mas como Dior é o mais jovem dentre esses três citados é possível que ele tenha lido a propaganda sobre o filme *O Senhor dos Anéis* em outras revistas – talvez novas publicações – especializadas em RPG.

Dior, então, teve contato com o mundo criado por Tolkien apenas através dessa pequena propaganda, numa revista, a respeito do filme. Depois disso conseguiu o livro emprestado de um amigo cuja família era assinante da revista *Isto É* que estava brindando, à época, os três volumes d' *O Senhor dos Anéis* aos seus assinantes. Foi neste suporte promocional que Dior leu *O Senhor dos Anéis*. E toda sua relação com o livro não passou pelo computador ou Internet, mas sim pelo cinema, pelos periódicos, pelo RPG.

Quando iniciei a pesquisa eu supunha que os jovens leitores d' *O Senhor dos Anéis* estavam inseridos em classes sociais médias ou altas pelo fato de eu encontrá-los através dos meios virtuais ou, senão, na universidade. Mas o fato é que foi através da Internet que tive contato com as primeiras comunidades de leitores d' *O Senhor dos Anéis* e através delas fui tendo contato com universitários. Não demorou muito até que eu encontrasse os jovens participantes das comunidades de leitores d' *O Senhor dos Anéis* pertencentes a camadas sociais de classe média ou baixa. Atribuo isto ao fato de que fui acessando os jovens a partir de um ponto de referência que foi a Internet, geralmente acessado por jovens de grupos sociais com maior poder aquisitivo, que indicavam outros jovens seus amigos ou colegas. Daí

surgiram as indicações de jovens que eu não poderia contatar de outra maneira a não ser através de uma rede, porque não acessam a Internet e possuem um poder aquisitivo mais acanhado do que os primeiros.

Contudo, essa questão teve uma importância bastante relativa para o meu trabalho, pois não estive preocupada em classificar as práticas de leitura dos jovens a partir da classe social a que pertenciam, mas, ao contrário, o que me intrigava era ainda não ter encontrado jovens de várias classes sociais imbricados nas práticas de leitura d'*O Senhor dos Anéis*. Ainda, quando li em Pavão que os jovens jogadores de RPG da Primeira Geração, influenciados por Tolkien, eram jovens com maior poder aquisitivo que traziam as literaturas de RPG dos EUA e falavam inglês fluentemente<sup>44</sup>, fiquei instigada a encontrar jovens que se afastassem desse perfil corroborando que as fronteiras sociais não são sólidas quando tratamos de livros, leitores, comunidades de leitores e práticas de leitura<sup>45</sup>.

Embora a afirmação de Pavão esteja se referindo às práticas do RPG e não às práticas de leitura, de certa forma me senti incomodada com a ligação dos jogadores, da classe social a que pertenciam e de suas leituras d'*O Senhor dos Anéis*. Será que todos jogadores de AD&D lêem *O Senhor dos Anéis*? Ou melhor: será que jogadores de *Vampiro – A Máscara* não lêem *O Senhor dos Anéis*? Foi quando entrevistei Arwen que essa questão retornou entre minhas observações, porque essa jovem está ente o *grupo de leitores fãs* de Tolkien e é uma rpgista do jogo *Vampiro – A máscara*. Outros jovens que entrevistei também possuem essa característica, talvez não tão marcadamente como Arwen, mas são jogadores de *Vampiro* e de todos os outros jogos de RPG, leitores de Tolkien, universitários que trabalham, jovens populares com formação acadêmica incompleta. Mas há uma característica comum a todos esses jovens: são leitores freqüentes, uns mais, outros menos, mas a maioria com um grande volume de leitura anual.

Assim, minha preocupação inicial em saber se os jogadores de AD&D lêem ou não *O Senhor dos Anéis* ou se os jogadores de *Vampiro – A Máscara* também lêem ou não *O Senhor dos Anéis* tornou-se algo irrelevante visto que a identidade de todos os jovens entrevistados é plural e multifacetada donde não há como encarcerá-los dentro de uma ou duas práticas específicas tanto de jogos como de leituras como de modos de vida. Ou seja,

---

<sup>44</sup> “A primeira geração de mestres de RPG caracterizava-se, segundo José Carlos, por um elevado poder aquisitivo, acesso ao ensino superior, fãs de ficção científica e fantasia. Seu universo preferido é o AD&D. ‘Um público bem nerd’, diz ele, que lia Isac Azimov e *Senhor dos Anéis*” (Pavão, 2000, p. 31). Esta citação é uma das passagens em que Pavão comenta sobre o perfil das gerações de mestres e jogadores de RPG.

<sup>45</sup> Ver Chartier, 2003, capítulo *Leituras “populares”* e 2004, capítulo *Estratégias editoriais e leituras populares e Os livros azuis*

analisando os jovens entrevistados com o olhar proposto pelos autores elegidos para essa pesquisa, não há necessidade nem possibilidade de encastelar estes jovens em muros rígidos classificatórios: os jovens que lêem *O Senhor dos Anéis* são jogadores de *Vampiro – A Máscara* ou são universitários de Letras, ou... Isto porque estes jovens podem tanto jogar *Vampiro – A Máscara*, como o mesmo jovem pode jogar AD&D e não ser universitário de Letras, ser de outro curso e trabalhar como atendente em algum escritório, ou outras combinações que se queira.

Arwen, que me fez pensar sobre estas questões da pluralidade de inserções em práticas de leitura, jogos de RPG, atividades profissionais e etc., eu a encontrei de forma bastante alternativa como já relatado acima. Conversei com ela após ter entrevistado o último jovem indicado por Luthien – Gildor. As roupas de Arwen (como descrito), ao contrário de Dior, corroboraram sua preferência pelo RPG *Vampiro – A Máscara*. Mas não é somente este jogo de RPG que Arwen joga. Ela também gosta de AD&D e tem o livro de Elros *O Senhor dos Anéis: Roleplaying Game*.

Dentre todos sujeitos da pesquisa, rapazes e moças, Arwen é a que possui menor idade, a mais jovem de todas. Percebe-se isso na conversa com ela, descontraída, preocupada apenas em fazer o que gosta sem deixar seus sonhos de lado. Na nossa conversa, pelo fato do atraso inicial, ficamos conversando além da hora esperada. Ela tinha aula à noite, mas não quis interromper a conversa para ir para sua sala, disse que não precisava mais assistir as aulas da disciplina em questão e que não tinha problema, porque se não fosse a entrevista, ela estaria no CC (Centro de Convivência da sua universidade) conversando com os amigos. Continuei, assim, a entrevista, embora com certa culpa.

Arwen é uma jovem peculiar dessa pesquisa. Foi a única jovem que entrevistei pessoalmente que mora no interior do Estado do Rio Grande do Sul e não na região metropolitana. E este fato tornou-se mais peculiar ainda quando ela me informou que não possuía nenhum colega ou amigo para indicar-me para a entrevista, pois ela não conhecia ninguém da cidade do Rio Grande que fosse fã de Tolkien ou que tivesse lido o livro *O Senhor dos Anéis*.

Arwen participa de um grupo de discussão que, entre outros assuntos, conversa sobre a obra *O Senhor dos Anéis*. Aliás, um grupo formado em torno do desejo de discutir Tolkien, do prazer de ler o autor e da apreciação de sua obra. Mas é um grupo virtual, em que os membros conversam, discutem, trocam idéias e socializam informações através do MSN. Portanto, um grupo selecionado onde só se entra através de convite. Arwen disse que faz pouco tempo que começou a utilizar o computador com regular frequência, sendo toda essa

tecnologia algo bastante novo para ela. No entanto, já se considera viciada no mundo virtual e é por ele que Arwen contata pessoas do país inteiro e com elas mantém diálogos diários a respeito de suas paixões, a respeito d'*O Senhor dos Anéis*.

Com Arwen percebi que a conexão do mundo através das redes de computadores é uma ferramenta bastante eficaz para agregar indivíduos com interesses e práticas semelhantes, distantes fisicamente quilômetros e quilômetros de distância e que não teriam oportunidade de se conhecerem, de trocar saberes e informações, se não fossem essas redes: “O interessante é que é uma pessoa de cada canto do país e todo mundo mora longe, é incrível” (Arwen).

Mas há sociabilidades juvenis das quais Arwen participa em sua cidade como o RPG e o teatro, embora este último já não faça mais parte das práticas de Arwen, porque, segundo ela, os grupos que ela participou desfizeram-se e hoje está “tudo parado” (Arwen). Além desses, ela também fez parte de bandas musicais e participou de apresentações em festas da cidade. Atualmente, Arwen apenas joga RPG e sonha vir para Porto Alegre estudar teatro. Para ela, jogar RPG é quase como uma compensação emocional ao teatro, interpretar no jogo lhe supre a necessidade de palco, enquanto seu sonho não se realiza: “jogar RPG é o meu cano de escape, porque como todo ator é viciado no que faz eu também sou e eu fico louca sem fazer e aí, então, com o RPG supre mais a necessidade” (Arwen).

Terminamos a conversa já um pouco tarde. Estava um ar frio naquela terça-feira de novembro. Nem parecia primavera e o vento típico de Rio Grande soprava... Saí da entrevista pensando se realmente não existiriam outros jovens riograndinos fãs de Tolkien ou seus apreciadores. Ao menos poderia haver alguns que vasculhassem na Internet e conhecessem sites como a Valinor do Brasil, a Toca do Hobbit, O Conselho Branco. Será que outros jovens, em outras cidades do Estado, sem se conhecerem, compartilham os mesmos gostos literários?

Num dos e-mails que circulam pela lista Yahoo! da Toca RS, um jovem membro pediu a Haldir que informasse a lista dos nomes dos membros e a cidade em que moram. O jovem que fez esse pedido é da cidade de Santa Maria, mas não obteve a resposta desejada. Haldir informou que este tipo de consulta só é autorizada a membros da diretoria nacional e das diretorias regionais e que ele só poderia informar que na cidade de Santa Maria, por exemplo, existem vinte e um associados. O jovem que indagou em seguida esclareceu Haldir, através de outro e-mail, que só estava solicitando os apelidos (nicks) para que os membros que residem na mesma cidade pudessem se comunicar pela lista do Yahoo!. A questão ficou assim. De minha parte, pude ver que há muitos jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis* que

residem no interior do Estado e que não adiantaria pedir a Haldir, mesmo ele tendo essa informação, os e-mails desses jovens para que eu pudesse ir ao encontro deles. Cheguei a demandar-lhe a mesma informação, não obtive a resposta desejada.

Identificar a existência de muitos jovens do interior que se constituem leitores de Tolkien ou, simplesmente, do livro *O Senhor dos Anéis* foi motivo de reflexões. Será que há cidades onde os fãs se encontram pessoalmente em algum local público? Porque Arwen não conhece outros jovens que gostem d'*O Senhor dos Anéis* como ela? Haveria uma situação específica da capital do Estado e da região metropolitana capaz de agregar mais jovens e suas práticas culturais juvenis? Pode-se supor um acesso mais fácil a livros como motivo relevante, assim como o maior número de bibliotecas, de livrarias e de cinemas? Buscando adequar o tempo disponível para a produção da dissertação com a pesquisa empírica não pude procurar em outras cidades do interior jovens leitores de Tolkien. Desse modo, os questionamentos acima continuaram sem uma resposta.

Voltando às entrevistas, vale mencionar que antes do encontro com Arwen conversei com Gildor. Este jovem foi a última indicação de Luthien. É seu amigo de faculdade, colega do Grupo de Pesquisa sobre ficção e fantasia na universidade. Gildor demorou um pouco a responder os e-mails que lhe enviei convidando-o para a entrevista e propondo horários. No último e-mail que recebi dele estava seu telefone para contato. Marquei com Gildor na própria universidade, no mesmo local em que eu havia entrevistado Tuor e Idril. Cheguei ao local quando Gildor, Luthien, a professora responsável e outros alunos estavam acabando um encontro da pesquisa. Quando nos sentamos, percebi que havia esquecido meu gravador. Não tive alternativa, realizei a entrevista anotando de forma manuscrita tudo o que Gildor falava. Foi uma entrevista muito agradável, produtiva, com grandes descobertas e trocas.

Gildor é um jovem bastante cativante. Sua fala é fácil e descontraída. Aparece ser um grande estudioso, dedicado à literatura, à sua profissão e aos seus objetivos acadêmicos. Além de tudo isso é grande fã de Tolkien e conquistou a maioria de seus amigos para o mundo da Terra-Média, embora seja um jovem de apenas vinte e cinco anos. Sorridente, Gildor apresentou-me a professora orientadora da pesquisa sobre ficção e fantasia que, igualmente, foi muito simpática. Ele já havia comentado com o grupo sobre minha pesquisa e, após conversarmos, pude ver que Gildor é um grande defensor da literatura de fantasia e tem conhecimento para torná-la mais que *literatura de iniciação* no campo literário brasileiro. Seu objetivo, conforme ele mesmo disse, é concluir a formação acadêmica fora do Brasil, retornar para cá e fomentar a valorização da literatura de fantasia no país.

Gildor orgulha-se de ser um dos incentivadores do Grupo de Pesquisa de ficção e fantasia do qual participam ele, Elrond e Luthien. A professora que orienta o grupo ministrou uma aula sobre Tolkien quando Gildor estava num dos primeiros semestres do curso e convidou os alunos a formarem um grupo de trabalho para estudo das questões de fantasia, mitos, heróis, ficção. Gildor e outro colega foram os primeiros a integrarem esse grupo e Gildor orgulha-se disso. Percebe-se em sua fala grande preocupação em valorizar a fantasia perante os literatos brasileiros, mas também deixa transparecer sua grande afeição pessoal pelo gênero, o gosto de adentrar o mundo da fantasia.

Ao ler *O Senhor dos Anéis* pela primeira vez, Gildor sentiu-se transportado para sua infância. Segundo ele, era como se estivesse vendo *A História Sem Fim*, vivendo o mesmo encanto da época infantil. Esse primeiro encontro com a obra de Tolkien teve a função de um evocador de memória das leituras fantásticas que havia feito, dos filmes que assistira, das brincadeiras infantis. Um evocador muito valorizado por Gildor, porque lhe trouxe memórias alegres, de prazer, de um tempo mítico de sua própria vida. Ao mesmo tempo o trato acadêmico lhe conferia um retorno ao presente, com a releitura de suas memórias e a necessidade de tornar o gênero literário Fantasia reconhecido no meio acadêmico brasileiro não como leitura de iniciação, mas como um gênero, efetivamente, com valor literário e acadêmico, como ele mesmo salientou.

Gildor, assim como Luthien, foi mais um jovem a expandir o leque de indicações de outros jovens a entrevistar, jovens que aceitaram colaborar com a pesquisa. A partir dele tive acesso a jovens não universitários, trabalhadores, que acessam a Internet mas não a utilizam com frequência. Tive acesso aos seus amigos que com ele jogam RPG, fazem teatro e montaram, há um tempo atrás, um grupo de estudos de livros espiritualistas.

Esse grupo de amigos e Gildor não se encontram de forma virtual, mas são amigos que se conhecem há muito tempo. Uns já formavam um grupo de RPG, outros faziam parte do grupo de teatro do qual Valter era o diretor. Os jovens que jogavam RPG resolveram fazer teatro e apresentaram o RPG para o grupo de teatro, acabaram todos formando um grupo de amigos leitores de Tolkien. Conversei com alguns desses jovens indicados por Gildor. A primeira jovem foi Galadriel.

Nosso encontro foi bastante curioso. Marcamos um ponto de encontro no Shopping Iguatemi porque ficava próximo ao seu local de trabalho. Cheguei ao local e sentei-me em um banco a sua espera. Passados alguns minutos um jovem rapaz acercou-se de mim e perguntou-me se eu estava esperando uma jovem para entrevistá-la a respeito d'*O Senhor dos*

*Anéis*. Respondi, surpresa, que sim e o jovem virou-se e disse: “Ali está ela!” Uma jovem de cabelos longos, vestindo uma calça jeans e camisa branca, olhava-nos sorrindo.

Nos apresentamos e convidei-a a sentar num outro local que fosse mais calmo. O jovem acompanhou-nos, era seu namorado. Comecei a sentir-me incomodada. Até então, nas entrevistas que havia realizado, conversávamos apenas eu e o jovem. Achei que chegando ao local indicado o namorado de Galadriel se afastaria. Mas não foi o que aconteceu. Ele sentou-se junto conosco. Resolvi não mais me preocupar com sua presença e entrevistar Galadriel como se ela estivesse só, avaliando depois o resultado. Mas no meio de nossa conversa, quando perguntei a ela de que forma havia conhecido o livro *O Senhor dos Anéis* ela disse que havia sido através de seu namorado e um outro amigo em comum. Perguntei, então, a seu namorado se ele também gostava de Tolkien. Ele levou a mão direita fechada ao peito e batendo em seu coração apenas balançou a cabeça positivamente. Eu estava diante de um fã de Tolkien, mais fervoroso do que Galadriel, como pude perceber no transcorrer da conversa. Como desde a entrevista com Dior passei a ter comigo mais de uma cópia do Termo de Consentimento Informado, convidei seu namorado, que chamei de Celeborn, para uma entrevista após conversar com Galadriel. Ele assentiu com alegria e continuei a entrevistar sua namorada.

Galadriel, conforme sua fala, tem Gildor como melhor amigo. Eram vizinhos quando este, na infância, morava na cidade de Alvorada. Ele era assinante das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e ela lia as revistas. Estudavam em escolas diferentes e trocavam entre si os livros tomados de empréstimo nas bibliotecas de suas respectivas escolas. Pude perceber que os dois possuem trajetórias de leitura bastante similares por causa da amizade desde a infância, pelo fato de terem sido vizinhos e porque continuam até hoje como grandes amigos.

Galadriel fazia parte do grupo de teatro em que Gildor era professor e diretor, também joga RPG com ele e o restante do grupo de amigos e participou do grupo de estudos de obras espiritualistas. Ela ainda comentou que fez parte de um Clube do Leitor onde eram ministradas aulas de escrita de poesia, contos, redação e, no final do curso, era publicado um livro com os melhores contos, as melhores histórias; uma vez por mês aconteciam saraus. Esse curso, segundo Galadriel, acontece até hoje na cidade de Alvorada. É gratuito e ministrado no Ginásio de Cultura da cidade. Gildor também fez parte desse grupo. Galadriel ficou por cinco meses no curso, pois as atividades profissionais e a escola à noite lhe impediram de prosseguir.

Galadriel é uma jovem rica de experiências de leitura e escrita. Suas leituras abrangem desde a Turma da Mônica e a Série Vaga-Lume até *Sabrina, João e o Pé de Feijão* e *O Senhor dos Anéis*. Das sociabilidades juvenis nas quais se insere todas têm a leitura como eixo central. Diferentemente de outros jovens entrevistados, Galadriel não citou, em nenhum momento, o uso do computador, da Internet, dos meios virtuais. Conheceu Tolkien através de seus amigos e namorado. Todo o grupo de amigos foi ver o filme no cinema e ela não leu nenhum outro livro de Tolkien a não ser *O Senhor dos Anéis*. Não se considera fã de Tolkien, mas pertence ao grupo de leitores apreciadores d’*O Senhor dos Anéis*. Aprecia muito o mundo da Terra-Média, o mito, a beleza da fantasia.

Imediatamente após a entrevista com Galadriel conversei com Celeborn. Um jovem de talhe delgado, parecia ansioso para a entrevista. Escutou toda a conversa com Galadriel o que fez com que ele pudesse pensar nas respostas que daria a mim. Parecia muito feliz em dar seu depoimento, em falar d’*O Senhor dos Anéis*. Celeborn faz parte do mesmo grupo de amigos que Galadriel e Gildor. Mas ele faz parte do grupo que se uniu à Galadriel e Gildor através do RPG. Na verdade foi o grupo do RPG – do qual Barahir<sup>46</sup> também faz parte – que apresentou Tolkien a Galadriel e que levou o livro para os jogadores lerem, incluindo Gildor.

Celeborn não participa do mundo virtual com intensidade, somente fala da relação com o computador quando narra que Barahir tinha um computador com acesso à Internet e ele ficava com os amigos que jogavam RPG procurando livros e informações para montarem os personagens do jogo durante toda a madrugada. Aliás, segundo sua fala, descobrir o jogo RPG fez com que suas práticas de leitura se modificassem abruptamente: “Acho que foi um crescimento exponencial na leitura! Passava horas na biblioteca. Quando a gente não estava jogando RPG nos corredores, a gente estava na biblioteca incomodando a tia da biblioteca porque era um lugar bom pra gente jogar” (Celeborn).

Através deste “crescimento exponencial” da leitura, proporcionado pelo RPG, Celeborn também teve o primeiro contato com Tolkien em uma revista de RPG. Quando lia a sessão de Cartas dos Leitores deparou-se com um leitor que procurava desesperadamente pelo livro *O Senhor dos Anéis*; dizia que havia conhecido o livro na estante de um amigo e que tinha lido o primeiro tomo, mas que não conseguia encontrar o livro de forma alguma. Celeborn também procurou o livro, mas não o encontrou. Segundo ele, devia ter uns quinze

---

<sup>46</sup>Apresentado adiante.

anos na época. Mais tarde viu o anúncio do filme, foi assisti-lo no cinema e viveu uma experiência inesquecível, conforme suas próprias palavras.

Celeborn não é o primeiro jovem a falar dessa “experiência transcendental” ao assistir o filme. Haldir havia falado do filme nestes termos também. Não surpreende o fato dos dois serem fãs de Tolkien e jogarem RPG, embora não se conheçam. Celeborn não leu outros livros de Tolkien, pelo menos não terminou de lê-los. Iniciou a leitura d’*O Hobbit* e do *Silmarillion*. Fez isso quando ia às livrarias de Porto Alegre, sentava nas cadeiras apropriadas e começava a ler ali os outros livros de Tolkien, embora não tenha finalizado as leituras. Não leu mais de uma vez *O Senhor dos Anéis* e não tem o livro, pois o deu de presente à Galadriel. Mas percebe-se na fala de Celeborn a grande admiração que tem pelo livro. A leitura d’*O Senhor dos Anéis* foi intensa, em um mês havia lido o livro, conforme sua fala, o que fez seu mundo parar: “minha vida parou de novo, não jogava mais RPG. Eu chegava do colégio, almoçava e ia para o livro. Em 30 dias, exatamente, eu li o livro. Estava com ele acabado esperando os meus amigos lerem pra mim poder comentar com eles” (Celeborn).

Uma única leitura. Para outros jovens isso seria apenas uma apresentação ao livro, mas para Celeborn foi uma experiência intensa e satisfatória e, também, segundo ele, a leitura mais exigente que já fez, tinha que retornar várias vezes ao início do capítulo que estava lendo e considera que o livro possui muitos termos incompreensíveis. Diferentes competências de leitura. O percurso de leitura de Celeborn fez com que a dificuldade da leitura de Tolkien fosse ressaltada a ponto dele descrevê-la na entrevista. Não foi assim com outros jovens entrevistados. Muitos deles não comentaram dificuldades frente às palavras do livro. Para Celeborn isto foi importante, mas não tirou o prazer da leitura, incentivou-o a ler todo o livro em apenas um mês. Não foi preciso surgir uma tradução *facilitada* ou coisa do gênero, a última tradução do livro *O Senhor dos Anéis* pela Editora Martins Fontes (1994), a mais lida pelos jovens entrevistados, possui apenas duas edições: uma onde estão reunidos os três livros, conforme vontade inicial de Tolkien, e uma outra edição dos três livros separados como na primeira versão do original inglês, mas nenhuma é de leitura *mais fácil*.

Ao final da entrevista com Celeborn ainda fizemos, eu, ele e Galadriel, alguns comentários em conjunto, inquirei sobre algumas questões que lembrei naquele momento e os dois esclareceram minhas últimas dúvidas. Indicaram-me alguns outros amigos de seu grupo e encerramos a conversa. No dia seguinte, entrevistei o melhor amigo de Celeborn: Barahir.

Como todos os amigos de Gildor, meu contato com Barahir foi por telefone. Numa mesma semana consegui conversar com vários amigos de Gildor. Barahir marcou de encontrar-se comigo em Porto Alegre, embora morasse em Alvorada, e mesmo frente minha

insistência de encontrá-lo num local que fosse próximo à sua casa, para que ele não tivesse despesas, sua resposta foi que ele gostava de sair um pouco de sua cidade e ir até Porto Alegre. Esperei no local combinado por mais ou menos duas horas, seu ônibus havia atrasado. Estava um dia bastante ventoso. Barahir é um jovem alto, magro e bastante espontâneo. De boa e agradável conversa. Surpreendeu-me com sua idade: apenas 20 anos. Parecia ter vivência de alguns anos mais.

Barahir cursava Letras na UFRGS, mas abandonou o curso. Segundo ele, “o motivo que eu vou sair da Letras é esse: eu gostava de ler e a obrigatoriedade de ler me incomodou muito” (Barahir). A obrigação de ler havia lhe desestimulado a prosseguir com os estudos em Letras e uma nova profissão lhe fascinara: Naturologia Aplicada. Seu gosto pela leitura não surgiu da vivência familiar, pois seus pais não liam, não lhe davam livros de presente; segundo ele, para sua mãe a leitura não era algo “proveitoso”. O primeiro livro que Barahir teve foi comprado com seu próprio dinheiro como estagiário, com seu primeiro salário. Um livro grande, caro para sua bolsa, setenta e cinco reais: *O Senhor dos Anéis*. Após, muitos outros livros vieram.

Celeborn já havia comentado, quando de sua entrevista, sobre sua mais recente paixão: os mangás. Barahir é quem lhe acompanha nesta aventura pelo mundo dos quadrinhos japoneses. Mas Barahir falou-me de outras práticas das quais Celeborn também participa no mundo da fantasia japonesa: o Animekê<sup>47</sup>. Em sua fala percebi que Barahir está envolvido com fantasia japonesa desde sua infância. O desenho animado de exibição pela televisão chamado *Cavaleiros do Zodíaco*, foi dos mais citados durante a entrevista, assim como a palavra mais repetida por ele foi o adjetivo *fantástico*, tanto para definir o gênero literário e o mundo onde *O Senhor dos Anéis* se insere, e também os mangás e animes. Fantástico referido como sinônimo de *extraordinário*. Barahir, juntamente com Celeborn, tem participado de todos eventos de anime que tem acontecido em Porto Alegre. Cosplay, animekê, mangá são termos comuns em seu vocabulário. O meio de acesso a este mundo do fantástico oriental deu-se através do RPG e dos desenhos animados do *Cavaleiros do Zodíaco*, bem como muitas outras de suas práticas coletivas, conforme sua própria fala: “se não fosse o RPG, não leria nada hoje em dia. Não seria um leitor se não fosse o RPG e as coisas do *Cavaleiros do Zodíaco*, também” (Barahir).

---

<sup>47</sup> “Denominação criada da mistura entre as palavras Anime e Karaokê, a criação e popularização deste termo está ligada aos eventos de anime, uma vez que a atividade é uma das atrações mais tradicionais deste tipo de convenção. O termo animekê foi criado pela ABRADEMI para designar o primeiro festival de karaokê de temas de animê e "tokusatsu" - 1º Anime-kê (depois simplificado para animekê) em 2 de outubro de 1999, durante o MangáCon IV, em São Paulo” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Animek%C3%AA>).

Lendo avidamente revistas sobre RPG, sobre os desenhos japoneses, Barahir expandiu suas leituras, suas práticas culturais, as sociabilidades juvenis das quais faz parte. Ele também comentou sobre o mundo virtual, participa de comunidades do orkut e diz que tem muitos amigos que conheceu através da Internet. Ao finalizar nossa conversa, pedi indicações para novas entrevistas. Barahir pensou bastante, falou-me de alguns amigos, mas pareceu, assim como os demais jovens, que esse momento final possui algo além do que eu pedia. Embora a maioria dissesse possuir muitos amigos que gostam de Tolkien, no momento de indicá-los os nomes não eram lembrados com facilidade. O que eu inferi disso foi que os jovens procuravam ter um cuidado especial em indicar jovens que realmente apreciassem Tolkien e não apenas tivessem lido sua obra. Gostar do filme não era um aspecto considerado, pois fizeram uma diferenciação bastante marcada pelas minhas próprias perguntas sobre o livro e não sobre o filme. Não havia confusão quanto a isso.

Tal aspecto emerge motivado pela leitura das reflexões de Andréa Pavão (op. cit.) quando, comentando as falas dos jovens por ela entrevistados, fala a respeito do suporte livro e do filme: “Chama mais uma vez atenção como o suporte livro é freqüentemente confundido com o suporte filme, como se assistir a um filme fosse a mesma coisa que ler um livro” (Pavão, 2000, p. 145). É certo que os jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis* assistiram ao filme, muito mais vezes do que leram o livro de Tolkien, mas a diferença é por eles mesmos explicitada. O livro é completo, embora a maioria considere o filme bastante fiel ao livro. Mas o livro tem seus encantos, o suporte livro é muito valorizado por grande parte dos jovens entrevistados.

Após Barahir, foi a vez de entrevistar Thingol. Conheci-o de uma forma inusitada através de minhas relações pessoais. Meu esposo, atuando como professor substituto na UFRGS e influenciado por tantas vezes ouvir falar sobre *O Senhor dos Anéis*, numa de suas aulas da graduação citou uma frase de um dos personagens do livro. Imediatamente um aluno se pronunciou citando o volume e a página em que estava escrita aquela citação. Foi assim que tive acesso ao e-mail de Thingol. Combinamos de nos encontrar na própria universidade, local privilegiado na pesquisa. Era já final de semestre, então conseguimos com facilidade um tempo para conversar. No dia marcado fui encontrá-lo. Tinha uma descrição superficial de Thingol, mas registrei seu telefone. Thingol tem um porte físico semelhante ao personagem Faramir<sup>48</sup> do filme *O Senhor dos Anéis*. Descobri, posteriormente, sua descendência polonesa.

---

<sup>48</sup> Personagem do livro *O Senhor dos Anéis*, irmão de Boromir (membro da Sociedade do Anel), e filho de Denethor, regente de Gondor. Ver *O Senhor dos Anéis – As Duas Torres*, capítulo IV, Livro IV.

Alto, cabelos longos e claros, um perfil bastante singular perto dos jovens que havia entrevistado até então.

O primeiro livro de Tolkien que Thingol leu foi *O Hobbit*. Ainda não sabia de que tipo era o livro, nem o gênero, nem do que se tratava, mas um colega de serviço mostrou a obra a ele, incentivou-o a *olhar* o livro; assim, levou-o para casa. Em pouco mais de uma semana já havia lido o livro e ficou esperando que um outro colega lesse *A Sociedade do Anel* para que ele pudesse lê-lo também. Após ler *A Sociedade do Anel*, Thingol comprou os outros dois volumes d'*O Senhor dos Anéis*. Este foi o início de sua trajetória de leitura intensiva: “Comecei a ler, assiduamente, quase um livro por semana, faz uns cinco anos quando eu comecei a trabalhar na Varig. Tem um colega que lê direto (...) eu comecei a ler de verdade, mais assíduo, quando me emprestaram *O Hobbit*” (Thingol).

Uma peculiaridade da trajetória de leitura de Thingol está em seu local de trabalho. Um de seus colegas da área de manutenção da Varig é um ávido leitor e influencia todos seus parceiros de trabalho com este hábito. Thingol diz que é normal ver os colegas lendo no período livre, seja jornal ou livros. Este seu colega, que influenciou todo grupo, além de socializar seus próprios livros, também retira livros de bibliotecas e os faz circular entre seus colegas de trabalho. Na descrição de Thingol essa prática faz com que todos os seus companheiros de trabalho, uns mais e outros menos, sejam leitores em suas horas de folga ou quando não estão trabalhando, mas ainda estão no local de trabalho. Uma comunidade de leitores que na especificidade do local de trabalho formam um grupo que socializam livros, divulgam e compartilham experiências de leitura: “Com os meus colegas de serviço que lêem a gente discute livros, bastante” (Thingol). Uma prática que se expandiu a partir de um único colega e que faz parte do cotidiano de outros.

Foi a partir desta comunidade, ou grupo, que Thingol teve acesso às leituras dos livros de Tolkien. Ele salientou um outro aspecto: o filme. Na época em que Thingol leu *O Hobbit* era a mesma em que os anúncios do filme *O Senhor dos Anéis* estavam sendo feitos. Cartazes, trailers de cinema, revistas. Assim, a chegada de um filme com intensa propaganda, como foi *O Senhor dos Anéis*, o deixou interessado quando se deparou com um livro do mesmo autor da obra em que se baseou o filme tão alardeado: “se não fossem os filmes provavelmente eu não teria começado a ler Tolkien” (Thingol).

Thingol está inscrito em outras sociabilidades. O RPG é uma delas e oscila de AD&D até *Vampiro*. Sendo de descendência polonesa, o grupo de dança folclórica é outra de suas experiências. Foi lá que conheceu sua esposa e está lá já há vinte anos. Terminamos nossa entrevista avançando um pouco no horário de aula de Thingol. Assim como a maioria

dos jovens entrevistados ele demonstrou satisfação em nossa conversa e não hesitou em indicar amigos para colaborarem com a pesquisa. No outro dia, entrevistaria Huor, quando já estávamos em meados de dezembro.

Recebi por e-mail, em janeiro de 2007, as indicações de Thingol, quando já havia decidido finalizar as entrevistas. Mesmo assim, decidi enviar questionários virtuais aos colegas de Thingol. Um deles enviou-me suas respostas: Rúmil. Percebi, então, a diferença em realizar entrevistas presenciais e aquelas enviando questionários virtuais aos jovens. Não conheci Rúmil, não ouvi suas respostas, não tive oportunidade de intervir aprofundando-as, levando-me a pensar que seria impropriedade utilizá-las. No entanto, há peculiaridades interessantes em suas respostas, elementos que ainda não haviam surgido. Rúmil explicou como conheceu *O Senhor dos Anéis* escrevendo que foi através da banda *Blind Guardian*<sup>49</sup>, que tem seu trabalho inspirado nas obras de Tolkien e que, a partir da tradução das letras da música dessa banda, teve acesso ao mundo fantástico de Tolkien procurando seus livros para leitura.

*Blind Guardian*. Referências a esta banda já haviam aparecido em alguns materiais por mim consultados. Um deles havia sido um programa especial sobre Tolkien onde a banda apresentava suas inspirações. Também no orkut eu havia tido contato com a relação da banda *Blind Guardian* com Tolkien. Sondando a comunidade *Tolkien* no orkut, durante a escrita da dissertação, encontrei um tópico<sup>50</sup> do fórum perguntando se todos fãs d'*O Senhor dos Anéis* gostavam da banda *Blind Guardian*. Muitos dos membros da comunidade se manifestaram neste tópico declarando que eram fãs da banda e que não poderia ser diferente. Noutro momento, quando a banda veio à cidade de Porto Alegre, Haldir anunciou na lista de discussão da Toca RS os locais de compra de ingressos e o fez com grande entusiasmo.

A questão é que antes de Rúmil nenhum outro sujeito da pesquisa havia falado sobre essa banda, sobre a relação dessa banda com Tolkien, embora eu soubesse dela. Nenhum deles associou sua descoberta d'*O Senhor dos Anéis* com esta banda ou com a música em geral. As respostas de Rúmil levaram-me a pensar se os demais jovens entrevistados também não seriam fãs da banda *Blind Guardian* ou seus apreciadores. Elrond comentou que possuía camisetas de bandas. Será que dessa banda específica? Começou a

---

<sup>49</sup> Banda alemã de Heavy Metal.

<sup>50</sup> “Tópico é um objeto de um fórum de discussão [do orkut] que se refere a um assunto específico dentro da área (chamada de sala) para o qual os usuários postam mensagens acerca do assunto tratado nesse tópico” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%B3pico>. Ou seja).

desenhar-se todo um conjunto de práticas, com utilização de variadas mídias, signos e símbolos compartilhados, que compunham uma certa cultura juvenil.

Huor foi o último jovem a ser entrevistado. Nos encontramos no dia imediatamente posterior à entrevista com Thingol e no mesmo local, em horário de almoço. Huor é um jovem de estatura baixa, vestia uma camisa aberta por cima de uma camiseta e calça jeans. Estava escutando música em seu MP3<sup>51</sup>. Não perguntei o que era. Nos sentamos de forma a fugir do sol do meio dia. Huor é bastante despojado. Segundo suas palavras é um andarilho e assim mostrou-se com sua mochila nas costas. É um dos jovens indicados por Gildor, com quem divide a casa.

Huor faz parte do grupo de Celeborn, de Galadriel, de Barahir e de Gildor. Fazia teatro e assim conheceu este último. Chegaram mesmo a montar uma peça teatral juntos. Vieram a morar na mesma cidade, na mesma casa. Mas os interesses de Huor são bastante diversos de Gildor, embora participem de muitos grupos em comum. Huor tem sua trajetória marcada pelas HQ's. Desde pequeno é leitor assíduo de gibis de super-heróis, mas desde quando descobriu os mangás tornou-se um apreciador do gênero. No entanto, sua relação com o mundo dos quadrinhos não está relacionada à leitura. Não que Huor não lesse os gibis, mas seu foco sempre esteve direcionado aos desenhos.

Desde pequeno Huor desenha e hoje, além de trabalhar em uma locadora, realiza desenhos profissionalmente, fazendo tatuagens e desenhando para alguns jornais do interior. Já fez curso de quadrinhos em Porto Alegre e foi num dia de curso que Huor conheceu *O Senhor dos Anéis*. Estava passando pela Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre, e deparou-se com um desenho que lhe chamou a atenção:

Aí eu olhei a banca e vi uma capa com um mago andando naquele chuveiro, numa grama verdinha com uma árvore atrás. Aí eu olhei de perto aquele mago – mago sempre me chamou atenção – então eu olhei primeiro porque eu gostei do desenho, aí eu olhei, aí eu li *O Senhor dos Anéis*, aí eu disse: - Cara, que título legal! *Senhor dos Anéis*! Aí eu já fiquei imaginando uma história na minha cabeça, que devia ter vários anéis e deviam ter personagens que usavam anéis na história e que devia ser uma batalha de magos com anéis, uma coisa assim, imaginei como seria a história. (Huor)

---

<sup>51</sup> “O MP3 (*MPEG-1/2 Audio Layer 3*) foi um dos primeiros tipos de compressão de áudio com perdas quase imperceptíveis ao ouvido humano. (...) O método de compressão com perdas consiste em retirar do áudio tudo aquilo que o ouvido humano normalmente não conseguiria perceber, devido a fenômenos de mascaramento de sons e de limitações da audição humana” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mp3>), o que significa que o mp3 é um tipo de arquivo de som com tamanho 10 vezes menor que os outros arquivos de som para computadores.

A narrativa de Huor evoca o destaque à imagem. Uma capa chamou a sua atenção, e ele não estava sozinho nesse processo. Gildor estava com ele e narra o mesmo episódio, mas as memórias de Gildor conservaram as histórias que os dois amigos imaginaram através do desenho da capa que viram. Huor guardou na memória os detalhes do desenho, embora também narre as histórias imaginadas sobre o desenho e o título do livro.

Para Huor, a associação entre imagem – capa do livro – e texto – título do livro – lhe chamou a atenção. Quando novamente as encontrou, num cartaz de anúncio de filme num dos cinemas do centro de Porto Alegre, suas memórias foram evocadas e, embora não fosse a mesma imagem, nem o mesmo texto, Huor sabia que se tratava da representação cinematográfica da obra que havia lhe chamado a atenção. O cartaz do filme exibia o ator que faz o personagem principal do livro (Elijah Wood) segurando um anel numa corrente dourada com a legenda: *Um Anel para a todos dominar*. O anel do título do livro que havia visto, mais o anel que o personagem Frodo segurava no cartaz, mais o ambiente imagético dos dois, marcaram Huor de tal forma que se tornou uma lembrança a ser narrada. E de forma bastante empolgante, pois a maneira como ele relatou refez a mesma surpresa do momento em que viu a capa do livro e do momento em que viu o anúncio do filme. Como se fosse algo mítico, algo mágico.

Huor não é um leitor voraz de quaisquer livros, pois confessou que tem o hábito de ler seus livros, revistas e até gibis só até a metade e não seguir adiante. Mesmo com *O Senhor dos Anéis* não foi diferente. Huor não leu o último livro *O Retorno do Rei*. Mas, mesmo assim, diz que é o melhor livro que já leu, a melhor história que já viu: “Por isso que ele [*O Senhor dos Anéis*] é mais completo que todas as outras [histórias fantásticas]. E é o preferido, não tem como não ser” (Huor). O fim de nossa conversa se deu porque já estava quase no horário de Huor se encaminhar para seu local de trabalho. Meu trabalho de realização das entrevistas se encerrou neste momento.

### 3.2 AS ESCRITAS E AS APRENDIZAGENS

Embora todas as aprendizagens propiciadas pelas entrevistas, percebi que havia me preparado bem para compreender o mundo que une e propicia todas essas sociabilidades mediadas pela *cultura* virtual: o mundo de Tolkien. Eu conhecia sua obra, a grandiosidade de seu trabalho e também um pouco de sua vida. Na relação com o sujeito pesquisador, os jovens são solidários com relação ao conhecimento, ou seja, procuram transmitir suas mensagens de forma clara em que o *outro* da relação possa não se perder no emaranhado de enunciados que são expressos. No entanto, esses jovens, fãs de fantasia – e principalmente os que também jogam RPG – compartilham signos, códigos, expressões, compreensões que, para eles, são bastante comuns, mas para o *outro sujeito*, por vezes, são incompreensíveis. Enquanto o *outro sujeito* pesquisador, senti-me no dever de compreendê-los e deixá-los à vontade em suas falas não exigindo *traduções*, ou seja, permitindo que eles escolhessem o modo como falar o que tinham a falar. Procurei, ao máximo, não interrompê-los para questionar sobre vocábulos ou expressões, o que foi possível na medida em que antes de ir a campo entrevistar os jovens realizei uma grande imersão no mundo da Terra-Média, na vida do autor J.R.R. Tolkien.

Embora eu tenha refletido anteriormente sobre a necessidade de realizar uma incursão no site da Valinor do Brasil, eu já o conhecia, já havia navegado por ele à procura de contatos, já havia vasculhado seus links. A primeira coisa que fiz quando o objeto de pesquisa delineou-se, foi ler *O Senhor dos Anéis*. Também vi os filmes, comprei a biografia de Tolkien, livros de referência da Terra-Média, livros de fãs sobre a obra e o autor, assisti a documentários sobre Tolkien, sobre a Terra-Média e todos os extras dos filmes *O Senhor dos Anéis*. Realizei uma imersão realmente profunda. Foi essa a *bagagem* que levei para o evento das entrevistas. Foi isso que permitiu que eu perscrutasse, nas narrativas dos jovens, suas práticas culturais, suas trajetórias de leitura, as sociabilidades e os saberes produzidos no âmbito – do livro ou a partir dele – dos grupos, das comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*. Assim como eles, também me lancei na aventura de leitura e, em alguma medida, passei a integrar a comunidade de leitores apreciadores d’*O Senhor dos Anéis*.

Esse conhecimento e essa imersão foram fundamentais para o evento das entrevistas, embora tenha sido um trabalho árduo, de muitas leituras e muitos dias acompanhando um pouco do cotidiano dos membros das comunidades de leitores virtuais.

Além disso, participei do evento AnimeXtreme<sup>52</sup> em um dos dias de sua realização para acompanhar a banca do Conselho Branco representada pela Toca RS. Nesse evento tive oportunidade de testemunhar um jovem com cosplay<sup>53</sup> do personagem Frodo d' *O Senhor dos Anéis*, com o Um Anel e tudo.

Nesse evento pude constatar a circulação de produtos culturais juvenis e o envolvimento de jovens nas produções culturais mais variadas e alternativas, como cosplay de animes não tão usuais e mangás de difícil acesso. E pude perceber isso numa fala de uma jovem para uma amiga ao olhar uma banca de mangás: “Bah! Nunca vi tanto mangá junto!”. Uma sala especial para os jogos de RPG e todos eles concentrados num espaço específico e, na medida do possível, apropriado. Salas onde eram passados animes clássicos, antigos, como *Jiraya* e outros mais onde *jovens veteranos* esperavam ansiosos. Também vislumbrei personagens (em minha percepção não tanto de pesquisadora, mas de observadora e perplexa diante dos novos mundos que me eram *apresentados*) um tanto quanto tétricos, vestidos de preto, com capas e maquiagens fortes e escuras. Eram os jogadores do jogo de RPG *Vampiro – A máscara* e, nesse caso, os modos de vestir realmente evidenciam a pertença cultural, como sugere Pavão (2000).

Conhecendo um pouco do universo da Terra-Média e através dele percebendo as aproximações com o RPG e procurando perscrutar essas práticas no AnimeXtreme e em referências bibliográficas, o evento das entrevistas tornou-se facilitado. Dialogar com os jovens sabendo o que eles diziam e a que se referiam, mesmo que a conversa fosse entremeada por expressões como *Live*, *prelúdio*, *Rowling*, *hidromel*, *DC*, *HQ*, *Abismo de Helm*, *Denethor*, *sindarin*, *quenia* e outras tantas, auxiliou-me a deixar fluir a conversa e a obter mais da fala dos jovens. Enquanto eu acenava com gestos minha compreensão a respeito do que eles diziam, eles iam falando e rememorando cada vez mais e num fluxo maior.

Algumas das expressões utilizadas pelos jovens fazem parte do universo fantástico de Tolkien. Portanto, ler o livro era imprescindível. Outras fazem parte de suas trajetórias, em muitos aspectos semelhantes, e que me foi possível compreender observando e

---

<sup>52</sup> Evento promovido pela Associação Fantasia, Anime e RPG (AFAR), nas dependências do Colégio La Salle Dores, em Porto Alegre, RS, nos dias oito e nove de abril (sábado e domingo) do ano de 2006, com a finalidade de reunir todos entusiastas de anime, RPG e outras práticas juvenis correlacionadas.

<sup>53</sup> “Cosplay é uma atividade que surgiu nos Estados Unidos da América em convenções de Star Trek e Star Wars (...). A palavra é uma junção de duas outras: *costume* (fantasia) + *play* (brincar). Ou seja, o cosplayer se caracteriza como um personagem de algum livro, mangá, jogo ou filme que queira homenagear; representa a personalidade deste; e em alguns eventos pode até mesmo competir com outros *cosplayers* em concursos, embora o grande barato e diversão sejam a exposição e o contato social gerado dentro do ambiente” (In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cosplay>).

convivendo em outros espaços de sociabilidade juvenil e/ou pesquisando nos sites, nas comunidades do orkut, em filmes e outras mídias. Compreender um pouco a respeito do autor, de suas inspirações, do contexto em que ele escreveu, auxiliou-me a formular alguns questionamentos como, por exemplo, a respeito do gosto dos jovens por mitologia nórdica a partir da leitura de Tolkien, ao que muitos confirmaram. Outros comentaram a respeito da procura por bibliografia sobre mitologia a partir de Tolkien e alguns tinham interesse específico na biografia de Tolkien, entremeando suas falas com demonstrações desse interesse. Enfim, uma imersão consistente para uma entrevista consistente foi minha estratégia metodológica na pesquisa encetada.

Mas houve momentos em que me vi perante alguns obstáculos, ou situações fora do previsto, como quando entrevistei o primeiro jovem que não era *fã* de Tolkien: Elwing. Foi um momento de reflexão-ação. Quando do nosso primeiro contato fiquei sabendo dessa sua peculiaridade, mas não sabia qual tinha sido sua relação com a leitura d' *O Senhor dos Anéis*. Levei o roteiro para essa entrevista, mas a partir das respostas de Elwing reformulava todo o tempo. Foi uma conversa longa, apesar disso, entremeada de assuntos diversos. Foi também aí que passei a perceber a importância das trajetórias e das práticas de leitura dos jovens. Para as entrevistas posteriores a de Elwing acrescentei novas questões, não sobre Tolkien ou *O Senhor dos Anéis*, mas sobre as experiências e memórias de leitura e escrita dos jovens em seus itinerários de vida.

Depois de Elwing, entrevistei outros jovens que também não eram *fãs* de Tolkien, mas todos eram grandes admiradores ou apreciadores e viam em sua obra o prelúdio do gênero *fantasia*. Com Elrond soube que Tolkien não é o primeiro, mas é o revolucionário que transformou os contos fantásticos em *trilogias*, embora ele mesmo não tenha desejado que seu livro tivesse esse formato. Mas após Tolkien, todas as obras de fantasia, em geral, são trilógicas. Percebi, na empiria, o que os teóricos de *juventude* falam sobre os jovens, que eles não são sujeitos idênticos embora façam parte de uma mesma geração: “A juventude ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogêneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogêneo: homogêneo se a compararmos com outras gerações; heterogêneo logo que a examinamos como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros” (Pais, 2003, p. 44). Nem todos os jovens que compartilham práticas de leitura gostam das mesmas coisas ou somente daquelas que são compartilhadas com o grupo de pertencimento. Aliás, os jovens pertencem a vários grupos simultaneamente, muitas vezes diferentes entre si.

Quando Elrond falou-me que Tolkien não era o único autor de fantasia que ele apreciava, percebi isso muito nitidamente. O jovem, segundo minha percepção, que mais conhecia Tolkien e a Terra-Média, que produzia em termos de saberes e práticas inspirado por esse mundo fantástico, também partilhava de outras pertencas socioculturais ou, simplesmente, lia outros livros, gostava de outros autores, tinha outras pretensões profissionais que não apenas trabalhar com Tolkien. Também ficou nítido quando Huor falou que tinha vários grupos, que não era somente naquele grupo de amigos – do qual Barahir, Galadriel, Celeborn e Gildor também fazem parte – em que ele participava e que algumas coisas discutidas num grupo de amigos não eram igualmente discutidas em outros grupos: “Eu tenho o meu grupo que gosta disso e tenho o meu grupo que gosta daquilo, então eu gosto de todos. Então, quando eu estou nesse grupo o assunto não tem nada a ver com isso aqui, então, se eu quero falar d’*O Senhor dos Anéis* eu vou falar com essas pessoas” (Huor).

As falas dos jovens alertaram o fato da pluralidade de suas pertencas, das múltiplas sociabilidades que experimentam, da identidade plural e multifacetada por eles experimentada.

Encontramo-nos, pois, pertencendo a uma pluralidade de grupos gerada pela multiplicação dos papéis sociais, das redes associativas e dos grupos de referência. (...) viajantes do planeta, nômades do presente. Participamos, na realidade e no imaginário, de uma infinidade de mundos. Cada um deles é caracterizado por uma cultura, uma linguagem, um conjunto de papéis e de regras, aos quais devemos nos adaptar a cada migração. (Melucci, 2004, p. 60)

Assim, embora mais ou menos fãs d’*O Senhor dos Anéis*, administrando grupos de leitores virtuais ou participando de grupos de amigos ou apenas leitores que apreciam a leitura das obras de Tolkien, percebi que todos os jovens que eu entrevistara eram reconhecidos por seus pares como leitores e apreciadores da obra *O Senhor dos Anéis*. As (pre)ocupações iniciais das quais me ocupei foram alcançadas e perderam sua força em preocupar-me, passei a ocupar-me delas no sentido de rever meu roteiro inicial de perguntas de acordo com as questões que apareciam para serem formuladas de acordo com os jovens entrevistados, ou seja, a cada nova conversa percebia a necessidade de reformular uma questão ou formular outras para que pudesse abarcar boa parte das trajetórias de leitura, escrita, produção cultural e socialização dos jovens.

O primeiro roteiro de entrevista elaborado contava com quatorze questões abertas (apêndice A). A primeira questão era de apresentação. Minha intenção era saber quem era o

jovem entrevistado, mas que ele falasse conforme sua vontade, como se sentisse melhor, do jeito que mais lhe agradasse. No entanto, após a entrevista com Elros, vi que não conseguiria obter as informações desejadas sobre os *antecedentes* dos jovens numa única pergunta de caráter aberto e que, ainda, era a primeira do roteiro. Assim, a partir de Elrond, numa terceira versão do roteiro, comecei a questionar os jovens sobre a formação e a profissão dos pais.

Antes de questionar os jovens sobre a questão central, ou seja, *O Senhor dos Anéis*, inquiria-os sobre suas trajetórias de leituras antes do livro de Tolkien e surpreendia-me com o fato dos jovens compreenderem essa minha abordagem. Huor demonstra bem isso numa de suas falas sobre os livros que ele possui. Ele disse: “*Senhor dos Anéis*, certo que eu tinha que ter, e depois quando tu me perguntar d’*O Senhor dos Anéis* eu vou te dizer como surgiu” (Huor).

Um roteiro com questões cronológicas, ou seja, iniciando com perguntas sobre a infância até questões a respeito das práticas que os jovens se envolvem hoje, que funcionou muito bem aos objetivos para que foi elaborado. Por isto vi-me forçada a acrescentar mais questões sobre as trajetórias de leitura dos jovens antes de conhecerem *O Senhor dos Anéis*. Isto porque após a primeira, segunda e terceira entrevistas, quando as analisava, percebi que não era fácil compreender quais os percursos feitos pelos jovens leitores até chegarem n’*O Senhor dos Anéis* apenas através de suas falas espontâneas sobre o período anterior às suas *apresentações* ao livro. Era necessário dar aos jovens um tempo maior para que suas memórias pudessem trabalhar na busca de suas histórias de leituras. Esse tempo eu ofereci-os acrescentando algumas perguntas a mais sobre suas histórias de leituras e lembranças de infância.

As questões acrescentadas também se deveram ao fato de ter encontrado os jovens *leitores apreciadores* d’*O Senhor dos Anéis* e não participantes de comunidades de leitores do livro. Este fato também fez com que eu me detivesse mais nas trajetórias de leitura dos jovens, nas suas práticas de leitura em geral, o que também propiciou o aumento do número de perguntas do roteiro a respeito desse item.

Quanto às demais questões do roteiro saliento que as três primeiras versões tiveram um caráter muito pessoal e individualizado. Isto porque as formulei pensando nos sujeitos entrevistados que eu conhecia um pouco. O primeiro, Haldir, eu já havia conversado com ele por mais de uma vez, já o tinha visto em *ação* em nome do Conselho Branco no evento AnimeXtreme e já havia trocado e-mails com ele. Assim, o primeiro roteiro contou com questões a respeito do Conselho Branco, da Toca RS, até mesmo porque ainda pensava

que conseguiria entrevistar vários jovens pertencentes a essa comunidade de leitores de Tolkien.

Ao longo das conversas com os jovens muitas questões surgiram das próprias respostas dos entrevistados. Algumas eu anotava em meu diário de campo e percebia que se tornavam recorrentes. Acrescentei-as a uma última versão do roteiro (apêndice B). As perguntas inseridas relacionavam-se a práticas de escrita dos jovens inspiradas n’*O Senhor dos Anéis*. Esta última versão do roteiro contava com vinte e cinco questões e a última questão, que também foi acrescentada, deixava os jovens livres para finalizarem suas falas da forma como melhor lhes conviesse, ou seja, uma questão aberta onde eu questionava se eles gostariam de salientar mais alguma coisa em suas falas.

A partir da oitava entrevista ia para o campo mais tranqüila do que das primeiras vezes, contatava os jovens com regularidade conforme a necessidade, sem empecilhos de ordem pessoal. Cobrava as indicações prometidas através de mensagens de correio eletrônico e vi em minha agenda as combinações de entrevistas aproximarem-se nos dias da semana. Fiquei bastante feliz, pois venciam um obstáculo da pesquisa: a empiria; ainda, descobria o que muitos pesquisadores escrevem em seus trabalhos: a pesquisa de campo se aprende indo a campo ou, com as palavras de Pais, que “o trabalho de campo foi para mim e para os meus mais directos colaboradores um processo de constante aprendizagem e o mais importante que terei aprendido foi que *a melhor maneira de aprender a fazer etnografia é fazendo-a*” (Pais, 2003, p. 90, grifo nosso).

No entanto, acostumar-se com a dinâmica da pesquisa de campo também pressupõe alguns cuidados. Eu diria que o primeiro deles é não confiar demais na *adaptação*. Quando fui realizar a décima entrevista com o jovem Gildor estava já bastante acostumada com as entrevistas. Em minha pasta de pesquisadora carregava dois Termos de Consentimento Informado, minha agenda, meu diário de campo, o roteiro das entrevistas, duas ou mais canetas – pois com Haldir (primeira entrevista) não havia levado nenhuma e com Elros, a que havia levado falhou –, e meu gravador digital. No entanto, o gravador não estava em minha pasta quando a abri para entrevistar Gildor. Como poderia ter esquecido? Esqueci. Não conferi a pasta antes de sair de casa. Com pressa em pegar a condução para ir ao local da entrevista, esqueci o gravador. Quando, na frente de Gildor, abri a pasta e não encontrei o gravador, não acreditava que aquilo pudesse estar acontecendo. Já estava tão *senhora de mim mesma*, como a expressão do brocado popular, que não conferi a pasta, não olhei nem quando à espera da condução! Olhei para Gildor desculpando-me. Parecia que estava desvalorizando sua entrevista. Mas ao contrário, foi uma conversa muito produtiva e

agradável. Gildor foi um dos jovens que muito me ofereceu em termos de idéias e elucubrações, além, é claro, do seu grupo de amigos que ele permitiu-me conhecer. Realizei a entrevista anotando tudo em meu diário. Mas muitos detalhes não pude colher, muito embora tenha efetuado anotações posteriores. A idéia de não ter levado o gravador assaltava-me até mesmo durante a entrevista.

Um segundo cuidado a ser tomado é estar consciente de que o principal numa entrevista são os sujeitos a serem entrevistados e não o roteiro da pesquisa, no caso de entrevistas compreensivas (Zago, 2003). Ocupei-me muito antes de *enfrentar* o campo de pesquisa, antes de ir ao encontro dos jovens e entrevistá-los, com leituras que dessem pistas quanto às melhores perguntas a formular aos jovens. Mas as perguntas não surgiram dos livros, surgiram da própria empiria, das perguntas básicas que fazia aos jovens e que suscitavam outras perguntas. Retornar aos sujeitos da pesquisa foi uma possibilidade e o que não foi questionado aos primeiros por inexperiência pode ser feito em novas conversas com os mesmos.

Penso que é importante dar uma atenção especial aos *pavores* da pesquisa, no sentido de não superestimá-los. Esta afirmativa pode parecer paradoxal, mas refere-se efetivamente a momentos cruciais da pesquisa, quando os obstáculos aparecem. Nesses momentos parece que tudo o que tentamos é em vão. Os primeiros obstáculos parecem ainda piores, temos a impressão de que teremos de desistir da pesquisa ou então mudar o objeto. Mas isso só trará obstáculos diferentes que se apresentarão a nós, inevitavelmente.

Quando o primeiro jovem com quem mantive contato e que ficou de me fornecer contatos de amigos seus para posteriores entrevistas não retornou meus reiterados apelos pedindo-lhe os e-mails e/ou telefones de outros jovens que ele havia prometido, senti-me quase impotente, impossibilitada, interdita. O fato é que não era algo tão grave, não era uma interdição real como as que sofrem outros pesquisadores e foi possível encontrar alternativas.

Procurei auxílio junto à professora orientadora discutindo os impasses e analisando alternativas que foram se mostrando e que antes estavam presentes, mas obscurecidas pela limitada visão da pesquisa de campo.

Um quinto cuidado a ser tomado refere-se às *recomendações*. Prestar atenção nas recomendações de pesquisadores experientes que registraram suas experiências e as publicaram e que nos são dadas a ler, é um momento fundamental. Quando lemos sobre a importância do diário de campo e fazemos um para nossa própria pesquisa, mesmo que não o utilizemos de forma tão densa quanto outros pesquisadores, percebemos o quanto pode ser um

recurso fundamental na hora de o consultarmos. As informações que obtemos sobre os processos metodológicos utilizados por outros pesquisadores em suas pesquisas nos são úteis como bagagem de viagem, embora não seja nossa própria bagagem. Viver a experiência com informações de outros viandantes dos caminhos que fazemos não torna nossa viagem menos surpreendente, mas a torna menos perigosa, ou nos torna mais cuidadosos.

As reflexões enumeradas acima como cuidados a tomar com a pesquisa de campo são aprendizagens que obtive com a experiência. Interessante poder organizá-las, coordená-las e percebê-las como meu itinerário de pesquisa.

Um último cuidado a tomar antes das entrevistas, que é parte do trabalho de campo: o *conhecimento* do campo. Como referi antes, a imersão que realizei no *Mundo de Tolkien* foi fundamental para os eventos das entrevistas. Embora o conhecimento da obra *O Senhor dos Anéis* por mim adquirido não pudesse ser comparado ao conhecimento que os jovens das comunidades de leitores do livro possuíam, eu conhecia bastante o mundo apreciado pelos jovens leitores e fãs d’*O Senhor dos Anéis*.

Em muitas entrevistas percebi as falas dos jovens sujeitos contraporem-se umas às outras, como no caso de alguns jovens afirmarem que não havia muito material teórico a respeito de Tolkien, enquanto Elrond, Elros e outros afirmassem que havia muita produção acadêmica em torno de Tolkien e sua obra, apenas não havia traduções em português. E obtive a indicação de muitos sites ingleses, europeus em geral ou norte-americanos sobre temáticas envolvendo Tolkien e sua obra. Conhecer o campo em que me arvorava permitiu-me não me alongar sobre esses comentários dos jovens entrevistados. Quando um deles me disse que não havia muito material não pedi nenhum esclarecimento, apenas procurei perscrutar como ele navegava pela Internet à procura de informações sobre o mundo d’*O Senhor dos Anéis*, se ele lia bem em língua inglesa e outras coisas do gênero. Ao final, percebi que uma interação mais ativa com os membros das comunidades de leitores das obras que se quer estudar, seja de forma virtual ou presencial, propicia uma troca de informações privilegiadas e circulação de materiais que de outra forma, solitariamente, não se daria, tornar-se-ia inviável.

Assim, embora tenha levado um bom tempo conhecendo o mapa das terras que iria trilhar, esse tempo foi um investimento na pesquisa. Ter consultado livros e a Internet em busca de informações sobre sujeitos e atividades que, provavelmente, não teria a oportunidade de observar diretamente – como, por exemplo, no meu caso, os eventos da Valinor do Brasil e do Conselho Branco em São Paulo, ou os eventos internacionais de RPG e mangá, também no centro do país – constitui uma tarefa bastante proveitosa diante do fato de que os sujeitos da

pesquisa participam ou conhecem esses eventos em profundidade. Conversar sobre o que acontece no âmbito do campo que estava investigando, em outros lugares do mundo, que são notícias para os jovens, fez com que não desvirtuasse as entrevistas, obtendo informações e demonstrando aos mesmos que pouco sabia sobre o que estava pesquisando.

Após as entrevistas com os sujeitos da pesquisa deparei-me com a fase das transcrições. Com quatorze arquivos WAV<sup>54</sup> para transcrever iniciei o trabalho. A primeira entrevista, realizada com Haldir, foi transcrita antes do mês de outubro e enviada a ele, pois esta havia sido a condição de Haldir, firmada no Termo de Consentimento Informado, sob a forma de observação condicional. Sendo assim, transcrevi-a e contava que a entrega ao jovem me garantisse indicações de outros sujeitos para participarem da pesquisa. Isto não ocorreu.

Em dezembro reuni as quatorze entrevistas, mais a de Gildor, e iniciei as transcrições, uma após a outra, sem intervalos e interrupções, sendo que todas foram transcritas por mim, pesquisadora. Essa peculiaridade, embora tenha ocupado um tempo expressivo, teve muitas vantagens. Ter realizado as entrevistas e tê-las transcrito pessoalmente fez com que as falas dos jovens ficassem presentes em minha memória. Tornei-me *familiar* dessas falas que iam e vinham em todos os momentos da escrita da dissertação e quando pensava nos autores com os quais trabalho como Chartier, Pais, Melucci. Eram falas presentes e que, mesmo assim, eram também retomadas. Com frequência voltava às entrevistas transcritas e as relia, ou relia partes delas. Ter transcrito as entrevistas facilitou sobremaneira este processo, porque sabia o que procurava quando acessava as transcrições e o prazer de lê-las, ou de reler mais do que procurava, fez com que eu descobrisse muitas outras preciosidades que ainda não havia dado o devido valor.

Quando finalizei as transcrições comecei a lê-las e a relê-las. Ia destacando falas que considerava essenciais e alocando-as numa tabela com planilhas para cada assunto evidenciado nas entrevistas e que dizia respeito ao problema de pesquisa. Os eixos temáticos das planilhas abrangem os antecedentes familiares dos jovens, a história deles, os antecedentes e práticas de leitura, a relação que têm com livros, primeiras lembranças de leitura, até o modo como conheceram o livro *O Senhor dos Anéis*, os encantos de Tolkien na fala dos jovens, a relação com os filmes e outros.

Nesta fase do processo de produção da dissertação minha imersão na fala dos jovens foi sendo cada vez mais intensa. A cada releitura deparava-me com idéias, expressões

---

<sup>54</sup> Esta é a extensão dos arquivos de áudio gravados com aparelhos digitais de áudio, popularmente chamados *pendrive* ou *MP3*.

e manifestações dos jovens às quais eu não havia dado importância num primeiro, segundo e até terceiro momentos. Nas duzentas e cinco páginas de entrevistas transcritas muitas riquezas, inusitados, algumas declarações de senso comum, aprendizagens.

Além da planilha com as falas agrupadas em eixos temáticos outros instrumentos se tornaram essenciais no processo da pesquisa. Durante todo o período mantive arquivos virtuais que se destinaram a registrar as obras de referência teórica da pesquisa. Também mantive arquivos diários de *insights* que surgiam quando da leitura de textos e/ou das entrevistas, nomeados com o dia de criação e o assunto de que tratam.

Ainda quanto aos documentos da pesquisa, além das entrevistas, identifiquei, recolhi e reuni materiais relacionados ao universo da comunidade de leitores *d'O Senhor dos Anéis*. Estes materiais abrangem artigos, periódicos, jornais, informativos, boletins produzidos pelos jovens e alocados nos sites dos grupos virtuais, além de *fanfics*, textos e charges humorísticas e *layouts* dos sites produzidos pelos jovens. Entretanto, o material encontrado não se esgota dentre os que foram arquivados, pois o volume de informações é enorme, há muita produção dos jovens. Há possibilidades para circulação desta produção, ou seja, o espaço que os jovens têm para mostrarem seus trabalhos, disponibilizado por estes sites específicos, é bastante grande e democrático. Quero com isso dizer que qualquer pessoa pode publicar seus textos, suas pesquisas, seus trabalhos nestes sites, bastando, para isso, inscrever-se, gratuitamente, nestas páginas virtuais. O processo é rápido e simples e, através dele, abre-se para os jovens um vasto campo de possibilidades de produções culturais que, aliás, pude constatar que é muito bem explorado pelos mesmos.

E não é de se admirar a riqueza da produção dos jovens. O mundo que Tolkien criou já é, por si só, riquíssimo. Produzir para além do já escrito pelo autor pode ser um dos desdobramentos das práticas de leitura e escrita suscitadas pelos jovens, ou seja, a interação com o mundo fantástico de Tolkien, talvez diferente de outras obras literárias, mostrou-se um forte incentivo à escrita, à leitura e ao estabelecimento de sociabilidades. Poder conversar com outros jovens a respeito das impressões de leitura e sobre as produções que dela decorrem são motivos que os levam a se tornarem membros das comunidades virtuais e também a transitarem nos grupos de amigos.

Quando da elaboração do projeto de dissertação, dediquei um capítulo aos encantos que a leitura provoca naquele que lê e, mais especificamente, destaquei os leitores *d'O Senhor dos Anéis*. Algumas das questões ali abordadas referiam-se ao modo como a história domina o seu leitor e que um dos dispositivos da sedução estaria na supressão da distância entre o mundo da ficção e o mundo do social (Chartier, 2002b). Retorno a esta

questão porque muitas vezes escutei os jovens, de diferentes modos, relatarem sua admiração pela obra de Tolkien declarando que, por exemplo, o mundo criado por ele “era um mundo inventado, isso que eu achava o mais incrível, que era um mundo inventado, mas era tão plausível, era tão bem feito, que podia imaginar que aquilo podia ter acontecido. Era um passado possível, sabe” (Elrond). Ou então que

Ele é tão perfeito que podia ser real, podia ter acontecido. Se dissessem que aquilo faz parte de um passado muito remoto, da idade não sei das quantas lá, dava até pra acreditar, entendeu, dava até pra acreditar, por fatos que acontecem, por coisas que os cientistas descobriram, por esqueletos pequenos que eles descobriram e aí se alguém dissesse: - Não, isso aconteceu há milhares de anos. É bem possível. Então é tão detalhado, tão rico, que acho que até, pelo menos pra mim, poderia ser real. (Huor)

Quando ouvi esses comentários dos jovens com relação à obra *O Senhor dos Anéis* refleti sobre a importância da abertura ao objeto de pesquisa, ao mundo que se quer compreender, sem muitas amarras e pré-conceitos, principalmente quando se está adentrando no campo. Quando iniciei a leitura dos livros de Tolkien o fiz de forma prazerosa, primeiramente porque este tipo de leitura faz parte de minhas preferências, depois porque também aproveitava a oportunidade de ler uma obra que ainda não tinha tido o ensejo de apreciar, embora já tivesse tido vontade de fazê-lo. Ademais, optei por iniciar no mundo de Tolkien da mesma forma que muitos jovens o fazem, ou seja, através da leitura despreocupada. Não procurei no livro personagens exemplares – arquétipos – para analisar Tolkien a luz dos mitos, nem busquei no texto as influências do contexto histórico do autor – como a relação da Segunda Guerra Mundial com as batalhas que Tolkien narrou –, nem tampouco realizei a crítica da obra classificando-a como escapista ou conformista. Procurei fruir o texto, como fazem os jovens que lêem o livro e se encantam com ele a ponto de formarem comunidades de leitores ou grupos de amigos em que se fala sobre leituras.

Acabei percebendo que minhas descrições das primeiras impressões da leitura de *O Senhor dos Anéis* assemelhavam-se às impressões dos jovens leitores entrevistados. Uma empatia havia se configurado entre pesquisadora e jovens das comunidades de leitores do livro. Uma empatia facilitadora do processo das entrevistas, da conversa com os jovens; uma empatia propiciada pelo conhecimento adensado, mesmo algumas limitações, do campo de pesquisa. Uma empatia que se refletiu na comunhão de idéias e de impressões a respeito da temática que nos uniu como sujeitos de uma pesquisa.

Todas estas reflexões, percepções, observações, leituras e escritas, fazem parte do processo, por vezes solitário e silencioso, da composição de uma pesquisa. Há muitas estradas a seguir para quem deseja iniciar nas artes da pesquisa. Em minha experiência o ponto inicial da caminhada foi o da inquirição, da pergunta, da curiosidade, o que abreviou boa parte do caminho delineado. As trilhas seguidas tiveram, como bagagem, muitos suprimentos: teorias, métodos, técnicas, objetivos gerais e específicos, justificativas, documentos, entre outros. O *peso* da bagagem dependeu do acúmulo de conhecimentos e descobertas feitas antes de iniciar a caminhada. De minha jornada pelas terras da pesquisa, seguindo as trilhas das produções e práticas culturais dos jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis*, iniciei com a bagagem, no mínimo, necessária. Ao final da viagem, terei conquistado outros suprimentos valiosos para o enriquecimento, desta vez, de minha bagagem pessoal: aprendizados, incertezas e mais curiosidades.

#### 4. COMUNIDADES DE LEITORES JOVENS

*Uma das frases mais pronunciadas nas salas de professores das escolas do Brasil é a conhecida afirmativa de que os jovens não lêem.*

*(Miguel Rettenmaier e Tânia M. K. Rösing)*

*(...) o impresso, sempre, é tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dá sentido.*

*(Roger Chartier)*

Frases do tipo: “*Os jovens não lêem...*”, “*Senhor dos Anéis? Harry Potter? São apenas leituras para iniciar os jovens em leituras de verdadeira literatura*” e “*Esses jovens ficam somente no computador, o dia inteiro na Internet, não fazem nada! Não pegam um livro pra ler, não saem do quarto*”, são alguns exemplos de afirmativas muito corriqueiras em nossa cotidianidade, seja por parte de professores, pais, educadores, especialistas, seja mesmo por parte de jovens que apóiam, em suas falas, essas assertivas de senso comum. Escutei algumas frases semelhantes durante a pesquisa e a primeira – “*os jovens não lêem...*” – é a que mais se fez presente antes do início da investigação. Ela motivou a formulação da problemática da presente dissertação: Como, diante de um jovem leitor de mais de mil páginas, de um livro dividido em três volumes, de uma leitura desta extensão feita em menos de duas semanas, poder-se-ia sustentar tal afirmação? Ou, então, dizer que o que eles lêem serve apenas para iniciá-los naquelas que deverão ser as leituras das *verdadeiras* literaturas?

Deparei-me com a primeira epígrafe que abre o capítulo muito depois de iniciada a pesquisa. O livro que ela apresenta foi-me indicado pela jovem Luthien que eu entrevistei e que trabalha com pesquisa sobre literatura infanto-juvenil. Quando a li, logo percebi que o restante do texto seria proveitoso. O fato é que a assertiva acima é amplamente referendada e parece dispensar a realização de pesquisas quantitativas, por exemplo. É assim que os professores pensam acerca de seus jovens alunos.

Mas quando escutei de uma professora que *O Senhor dos Anéis* era um livro para iniciar os jovens na leitura, então verdadeiramente me surpreendi. Perguntei à professora se ela já havia lido o livro. A resposta, claro, foi negativa. Eu já estava realizando entrevistas com os jovens, já havia lido os livros, havia perscrutado as comunidades de leitores virtuais, conhecia grande parte das produções culturais por eles encetadas e começava a perceber o

tempo que os jovens dispendiam nas atividades relacionadas com o livro, com os jogos de RPG, com pesquisas de bibliografias de cunho fantástico, montando personagens, na elaboração de *fanfics*, de livros, na manutenção de sites por eles criados e na divulgação e efetivação dos ambientes de sociabilidades por eles produzidos. Percebi, nesse momento, que os professores não conhecem seus jovens alunos. O que fazem, o que produzem, quais os significados das práticas culturais e sociais dos jovens que lêem *O Senhor dos Anéis*?

Ou melhor, pensando na segunda epígrafe que abre o capítulo: que significados assumem as práticas de leitura de jovens leitores da obra *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, compreendidas como experiências inscritas numa rede de práticas culturais e sociais que lhes dão sentido?

Ler não é apenas ter diante de si um texto qualquer e passar os olhos sobre ele. A leitura “é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos” (Chartier, 1999a, p. 13) e esses gestos, espaços, hábitos, concebidos como práticas culturais, é que lhe dão sentido. Consideremos também que a leitura, como hoje a vivenciamos, nem sempre foi, tampouco, uma prática natural e quase universal como nos parece atualmente, muito embora ainda hoje não seja natural e universal para todos. A difusão do impresso, as práticas privadas da leitura, como a leitura silenciosa e a leitura da intimidade, são práticas instauradas na nossa sociedade ocidental entre os séculos XVI e XVIII.

Uma das principais evoluções culturais da modernidade, segundo o historiador francês Philippe Ariès, referenciado por Chartier (1991, p. 126), é a privatização da prática da leitura. Antes disso a leitura era uma prática essencialmente comunitária, coletiva, oralizada por alguns poucos letrados e ouvida pelo restante da comunidade rural e urbana européias. Iguamente, a leitura em silêncio propiciou uma relação com o texto bastante diferente da leitura em voz alta, transformou a leitura numa prática subjetiva, quando o leitor passou a experimentar a possibilidade de realizar uma leitura pessoal, de gosto privado. As possibilidades de ler apenas para si propiciaram “audácias até então interditas” (Chartier, 1991, p. 127).

Essas transformações, aliadas à expansão do impresso decorrente da revolução de Gutenberg e, também, a expansão dos livros populares (a *bibliothèque bleue* na França, os *chapbooks* na Inglaterra, os *pliegos de cordel* na Espanha – que seriam os primeiros a utilizarem a fórmula que, no Brasil, numa fase bem posterior, chegaria como a literatura de cordel, ou, atualmente, os livros vendidos em lojas de preço único; também aqueles das bancas de revistas) fez com que a leitura se popularizasse no Ocidente. No entanto, tais transformações não eliminaram as práticas anteriores de leitura e escrita. O manuscrito não

cedeu lugar, de imediato, ao impresso e, aliás, o campo do manuscrito não foi conquistado pelo impresso com facilidade. Livros sacralizados, textos manuseados nos monastérios, durante muito tempo continuaram sendo produzidos como até então havia sido: copiados a mão com todo o cuidado pelos copistas que não se extinguiram logo que a prensa iniciou sua produção seriada.

O que interessa, nessa brevíssima incursão histórica, é perceber, conforme salienta Chartier (1991, 1992, 1999a), que houve revoluções e evoluções nas práticas culturais de leitura e escrita do Ocidente, mas que essas não extinguiram formas anteriores de leitura e escrita, nem de produção de textos, edição e modos de expansão destes textos. Também importa salientar que ler não é uma prática natural, dada desde sempre do modo como a conhecemos hoje em dia, mas é uma prática construída histórica e culturalmente, que sofreu inúmeras modificações ao longo dos séculos e que faz parte de um corpus de práticas culturais que ultrapassam os limites da pena e do papel, do teclado e do monitor.

Na era dos e-books e dos textos virtuais, o livro divide espaço com a tela do computador e parece que não irá perder seu status de suporte privilegiado de textos, ao menos na próxima geração. Nem poderemos prever que um dia isso acontecerá; a escrita manuscrita, por exemplo, não desapareceu de nossa cultura, faz parte ativamente das práticas culturais contemporâneas, seja em diários, agendas ou cadernos de aulas. O livro, embora seja um suporte amplamente difundido, continua tendo um caráter sagrado, de acordo com seu conteúdo, quando não um caráter de cumplicidade com os leitores que o possuem, desde aqueles que o rabiscam e retornam ao suporte inúmeras vezes até aqueles para os quais o livro não deve conter nenhuma marca exterior ao texto impresso e deve ser manuseado minimamente possível.

Da mesma forma que a leitura é uma prática que vêm se alterando e provocando revoluções ao longo da história, os leitores também são sujeitos que se constroem em suas trajetórias de vida. Multifacetados, com bagagens sociais diferenciadas e plurais, os jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis*, no entanto, compartilham dos mesmos gostos literários, dos mesmos modos de interpretação dos textos de fantasia que fazem parte de suas trajetórias de leitura e escrita. Portanto, é oportuno que perscrutemos seus itinerários, os caminhos que os jovens sujeitos dessa pesquisa construíram interrogando quanto às suas histórias, lembranças, memórias de leitura e escrita até o encontro com a obra *O Senhor dos Anéis*.

#### 4.1 MEMÓRIAS: ENTRE LIVROS E LEITURAS

Os jovens entrevistados, leitores d'*O Senhor dos Anéis*, possuem trajetórias de leitura heterogêneas e pertencas sociais distintas, embora existam marcas que, de uma certa forma, caracterizam suas infâncias, seus modos de aprender a ler, suas lembranças de leituras. Não apenas das primeiras leituras que fizeram, mas das histórias que ouviram, das vezes que viram ler. Assim, das primeiras marcas que os jovens fizeram referência foi com relação a *ouvir ler e ver ler*.

Ouvir histórias é um dos processos pelos quais os jovens leitores relatam a iniciação ao mundo letrado. Concomitante ressaltam as lembranças de *ver ler*. Os jovens não apenas narram suas experiências de ouvirem histórias lidas ou inventadas pelos seus pais, irmãos, tios, como também narram suas lembranças de ver seus pais, irmãos, tios lendo. Fortes inscrições nas trajetórias dos jovens enquanto leitores têm o ver ler e o ouvir ler ou ouvir contar, processos rememorados pelos jovens sem a necessidade de evocadores de memória, ou seja, os jovens falam sobre essas questões de forma espontânea, além do que indicam uma certa legitimidade em ter, na família, uma cultura da leitura.

Desde os séculos XVI-XVIII a posse do livro representa certa distinção social, prova disso é que os livros eram inventariados, discriminados de acordo com seus suportes mais ou menos rebuscados, conforme fossem grandes in-fólios ou in-quartos e in-octavos. Saber ler também nunca foi privilégio de todos os indivíduos (como ainda hoje). No entanto, possuir um livro não é a mesma coisa que lê-lo, bem como ler um livro não implica a posse deste. Nas falas dos jovens leitores de Tolkien fica evidenciada a segunda assertiva. Os pais liam livros e alguns destes livros eram conseguidos através de empréstimos de amigos, parentes, vizinhos: “uma prima minha, mais velha que eu, trouxe pra minha mãe um livro: *Meu pé de Laranja-Lima*. Minha mãe leu, gostou do livro” (Celeborn).

Algumas das leituras dos pais dos jovens eram compartilhadas com estes. Independente da posse, o que marca as memórias são os momentos em que comungavam com suas mães e com seus pais a leitura de gibis, livros, o prazer de criar histórias: “Meu pai contava histórias pra mim, antes de dormir e ele não contava do livrinho, ele inventava as histórias pra mim. Então, tinha personagens que ele criava que eu pedia pra ele continuar as histórias. Então ele criava os personagens pra mim” (Luthien). Esse prazer das histórias inventadas é também exercício de imaginação:

Eu tenho algumas memórias da minha irmã lendo textos pra mim, especificamente minha irmã, me estimulando no sentido de desenvolver gosto pela história; pela imaginação, desenvolver os aspectos criativos e posso dizer que funcionou. Ela lia textos como o do Simbad, a literatura do Simbad, eu lembro de leituras da mitologia grega, versões infanto-juvenis que ela contava, inventava na hora. Eu me lembro, particularmente, de um exercício que ela fazia comigo: ela começava a contar uma história inspirada num mito grego qualquer, interrompia e mandava eu continuar, aí depois de um tempo eu parava e ela assumia e assim a gente ia contando, construindo juntos a história. (Tuor)

Mas ouvir ler não implica necessariamente participação na história, nem somente invenção, também se refere à leitura em voz alta de um texto, uma prática que, mesmo após as revoluções da leitura (Chartier, 1991, 1999a, 2001), continua fazendo parte das práticas cotidianas na intimidade dos lares; “a leitura em voz alta é uma das práticas que reforçam outro setor da vida privada: o da intimidade da família” (Chartier, 1991, p. 153):

Meu pai contava muito, também, Shakespeare, que eu era apaixonada e, além disso, também tinha muito Moacir Sclyar. E como naquela época eu era apaixonada por extraterrestre e disco voador (...) os meus pais sempre me compravam livros sobre o assunto, (...) ficavam lendo para mim. (Arwen)

Ouvir ler também implica postura, corporalidade, “a leitura não é somente uma operação abstrata de intelecto: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro” (Chartier, 2002a, p. 70). Nas narrativas dos jovens essa corporalidade é encenada, gesticulada. O jovem Gildor, narrando que ouvia seu pai contar a história da *Cachorrinha Lalá* para ele e seu irmão, gesticulava de modo a interpretar a maneira como se debruçava ao lado do pai, um irmão de cada lado, para ouvirem a história.

Ver ler é, igualmente, uma prática que se inscreve nas memórias dos sujeitos, principalmente quando a experiência de leitura é compartilhada com os membros da família, mesmo que estes sejam crianças. Uma das lembranças de leitura do jovem Dior está relacionada com um livro que sua mãe sempre comentava, *O Diário de um Mago*, de Paulo Coelho. As marcas dessas lembranças são significativas na fala de Dior: “minha mãe me incentivou bastante. Eu acho que o meu hábito de ler veio dela. Ela já lia, tem o hábito de ler e passou pra mim isso”. Thingol também lembra das leituras dos pais, mas são as da mãe que são nomeadas, talvez por serem mais regulares ou pela constante presença de livros e impressos em casa; livros pequenos, folhas de papel-jornal, nomes fáceis de decorar: “Meu pai lia bastante, minha mãe também aqueles romances *Cláudia*, *Júlia* não sei o quê. Me lembro que ela sempre estava lendo um negócio desses” (Thingol).

Por vezes, o título do livro não é lembrado, mas a lembrança em que se vê a leitura produz uma imagem identificada com valores culturais, e mesmo morais, prescritos pela família e evocados pela presença de um livro: “O meu pai vinha, ônibus cheio... cansei de sair com ele... ele vinha em ônibus cheio, aí ele vinha me segurando por uma mão e o livro na outra, sabe! Os dois escoradinhos no fundo do ônibus lendo” (Galadriel). Quem lia era o pai da jovem, mas a cena produziu uma memória, ou seja, Galadriel diz que ela e o pai estavam lendo no fundo do ônibus, mas apenas o pai lia, ela via ler, e em suas memórias a ação do pai está posta como se fosse sua também. Uma memória que a emociona, faz recordar bons momentos. A jovem abre um sorriso largo e lamenta que hoje em dia os pais tenham “relaxado”.

Além de ver ler e ouvir ler os jovens relatam suas incursões individuais no mundo da cultura escrita. Grande parte deles iniciaram suas incursões de leitura com as Histórias em Quadrinhos (HQ's) ou os corriqueiros gibis. Seja ganhando de primos, amigos ou de presente de pais e tios, essa leitura é, verdadeiramente, das primeiras práticas culturais da individualidade, relacionadas ao mundo letrado, que os jovens têm acesso.

No entanto, embora seja uma prática comum para a maioria dos jovens entrevistados, quando questionados sobre suas primeiras leituras eles não falam, de imediato, das HQ's. Os jovens acreditam que ler refere-se apenas a livros, a leituras literárias, isto porque só falam das leituras de gibis quando questionados especificamente sobre a temática ou quando as perguntas mencionavam exemplos como gibis, revistas de RPG ou outras leituras afins. Somente através destas perguntas com exemplos os jovens começaram a expor aquelas leituras não legitimadas, à revelia da escola.

Celeborn, quando questionado pela primeira vez sobre quais foram suas primeiras leituras, lembrou-se do livro *Meu Pé de Laranja-Lima* que sua mãe havia lhe recomendado. Somente falou dos gibis quando pedi para retomar em sua fala a referência que fizera aos gibis quando disse que estava acostumado com eles e, por isso, a leitura do livro indicado por sua mãe não havia sido fácil. Celeborn somente sentiu-se autorizado a falar sobre as HQ's quando indaguei como havia começado a ler gibis. Para o sociólogo Pierre Bourdieu:

(...) as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende ‘o que é que eu leio que mereça ser declarado?’. Isto é: ‘o que é que eu leio de fato de literatura legítima?’. (...) E o que ele responde, não é o que escuta ou lê

verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido. (Chartier, 2001b, p. 236)<sup>55</sup>

Esclarecidas as questões de legitimidade, os jovens falam sobre suas primeiras leituras. As historinhas da *Turma da Mônica* são as preferidas, mas não as únicas a que tiveram acesso. As HQ's da *Disney* também são citadas. Em geral, os jovens ganham seus exemplares dos pais: “eu comecei a ler gibi da *Turma da Mônica*, gibi da *Disney*. (...) Ela [mãe] comprava e dava pra eu ler por tabela. (...) comecei basicamente com isso (...). Não tenho uma lembrança exata de quando, mas foi naquele início da infância. Eu acho que eu me alfabetizei, basicamente, lendo gibis” (Elrond); ou de herança de parentes: “E o filho dela [madrinha] tinha uma coleção da *Turma da Mônica*, nisso eu tinha uns dez anos talvez, e ele parou de ler, era mais velho do que eu (...) ela me deu. E eram muitos gibis. Uma caixa cheia. Então um por dia eu ia lendo... Bah! Eu adorava” (Celeborn). Um outro meio de acesso aos gibis relatado é a prática dos empréstimos: “Revistinha também, a maioria foi ele [Gildor] que me emprestou, porque ele era assinante, daí a gente ficava trocando revistinha” (Galadriel).

HQ's de super-heróis são o segundo tipo de gibis citados pelos jovens. Observei uma migração, por parte dos rapazes, das leituras dos gibis da *Turma da Mônica*, *Disney*, para HQ's da editora DC Comics e Marvel que publicam os gibis de super-heróis como *Super-Homem*, *Homem-Aranha*, *X-Men*, *Marvel*. Boa parte destes jovens referiram que lêem até hoje gibis de super-heróis. É uma leitura que não exclui a literatura, principalmente a fantástica. Aliás, ao contrário, é uma leitura que familiariza os jovens com o mundo de fantasia, com os heróis, acessórios mágicos, missões grandiosas e condições adversas, além de poderes extra-humanos e realidades imaginárias. Os tempos livres dos jovens são dividido entre as HQ's, os jogos de RPG e a literatura de fantasia, atividades essas ligadas às práticas culturais de rapazes e de algumas moças, além de todas as outras inscrições culturais e sociais nas quais os jovens estão envolvidos.

Outros gibis como *Bolinha*, *Recruta Zero*, *Luluzinha* também aparecem nas falas dos jovens, mas outras HQ's chamaram a atenção: os *mangás*, as histórias em quadrinhos japonesas, com traços característicos – personagens com olhos, boca, sobrancelhas desenhados de forma exagerada para aumentar a expressividade, além da introdução de movimento nas histórias, possível através de efeitos gráficos, entre outros traços distintivos –

---

<sup>55</sup> Extraído do capítulo *A leitura: uma prática cultural* que se constitui num debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier.

e em que a leitura da revista é realizada da direita para a esquerda e sua lombada posiciona-se à esquerda. Alguns jovens relatam o contato com os mangás advindo logo após os gibis da *Turma da Mônica* e de super-heróis. Outros mencionam essas revistas japonesas como parte de um processo mais recente, de descoberta relativamente tardia, mesmo porque a popularização deste texto oriental dá-se muito recentemente aqui no Brasil:

(...) teve uma época, acho que na 8ª série, que daí começou tipo um *boom* para os mangás japoneses, porque estava chegando pra cá e se tornaram bastante populares e acessíveis, que antes era só, acho, pra quem morava em São Paulo – que tem o Bairro da Liberdade – era mais fácil. Eu comecei a comprar. Acho que teve umas duas séries que eu acompanhei até o final. Tenho até hoje guardados. Volta e meia eu releio. (Dior)

Os mangás estão adquirindo grande popularidade na atualidade. No site do Wikipédia<sup>56</sup>, no verbete mangá, é possível encontrar uma vasta quantidade de informações e inúmeras indicações de sites sobre o assunto. Núbio Delanne Ferraz Mafra (2003), em seu livro *Leituras à revelia da escola*, dedica um capítulo intitulado *Digivolução na sala de aula: as abordagens dos Animes*, onde ele analisa a Revista Oficial Digimon dedicada aos animes. Neste texto Mafra comenta a grande popularidade destas produções culturais orientais entre os alunos nas salas de aulas. Estas revistas também trazem sessões dedicadas, especificamente, aos mangás.

No Brasil, embora já existissem mangás desde os anos 1980, o *boom* – nas palavras de Dior – dos mangás ocorreu por volta dos anos 2000 com o lançamento dos títulos *Cavaleiros do Zodíaco* e *Dragon Ball*. Barahir, Celeborn e Dior fazem parte da geração de jovens que conheceu os mangás quando esses se popularizam no Brasil, mas Luthien é leitora de mangás desde os anos 1980 – quando da entrada destes quadrinhos no mercado nacional: “eu conheço mangá desde os anos 80” (Luthien). Atualmente são realizados, em várias cidades do país, eventos regionais, nacionais ou internacionais de Anime onde são contemplados os Animes propriamente ditos, os mangás e toda a produção de animação japonesa além de material, editoras e jogadores de RPG e de literatura de fantasia como é o caso de eventos como os que ocorrem, já há alguns anos, na cidade de Porto Alegre, denominados AnimeXtreme, citado anteriormente, ou Animeweekend e outros.

---

<sup>56</sup> “Wikipédia é uma enciclopédia multilingüe *online* livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser transcrito, modificado e ampliado, desde que preservados os direitos de cópia e modificações”. In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>.

Após a referência aos gibis as lembranças das *leituras de literatura*, como alguns deles denominam, começaram a ser narradas. Os primeiros livros lidos não são os mais referenciados, por vezes não são lembrados. As primeiras leituras de literatura nem sempre são as mais marcantes, as mais significativas. As memórias das leituras de livros são marcadas pelos livros que, por algum motivo, inscreveram-se nas trajetórias dos leitores. Assim, podem ser livros lidos na primeira série do antigo primeiro grau ou em séries posteriores, ou mesmo uma leitura não relacionada com as séries escolares, mas com a família, o grupo de convivência. Celeborn cita o livro que sua prima emprestou para sua mãe – anteriormente – como sua primeira leitura literária, fornecida por sua mãe após ela ter terminado de ler *Meu pé de Laranja-Lima*.

A coleção de livros da Série Vaga-Lume, da Editora Ática, acompanha a fase de passagem da leitura exclusiva de gibis para uma leitura variada, que incorpora outras leituras no repertório das práticas dos jovens: “(...) a minha mãe sempre estimulou, sempre me entupiu de livro, entendeu? Muito mais livros do que eu podia dar conta. (...) Aquelas coleções Vaga-Lume” (Elros). Elrond também cita a mesma coleção: “na 3ª série, se não me engano, eu comecei a ler livro, aqueles livros infanto-juvenis da série Vaga-Lume”. Mas essa coleção de livros não é lembrada apenas por sua ampla divulgação nas escolas como livros paradidáticos<sup>57</sup>. São livros lembrados com carinho, pelos momentos de prazer e satisfação: “Mas eu pegava todos que eu achava nessa época da série Vaga-Lume. Eu comecei a me interessar mais, eu gostava, as histórias eram boas. Aí eu via a listagem, tinha a coleção e eu fui pegando os que tinha ali, que tinham títulos interessantes” (Elrond). Galadriel também fala do valor destes livros para ela e Gildor: “eu e o [Gildor] a gente descobriu a Série Vaga-Lume, os dois ao mesmo tempo, daí a gente ficava trocando. A Série Vaga-Lume foi a nossa relíquia de adolescência. A gente ficava trocando. Foram poucos que eu não li”.

Os livros desta coleção, que compunham uma série de paradidáticos publicados pela Editora Ática, fazem parte das trajetórias de leituras de grande parte dos jovens entrevistados. Essas obras constituem-se como marcas geracionais que caracterizam os leitores. Embora a coleção Vaga-Lume exista até hoje no mercado de publicações de literatura infanto-juvenil, a geração dos anos 1980 a teve muito presente em suas práticas culturais, tanto na escola quanto fora dela. Os anos 80 demarcaram uma época em que esta literatura ganhou legitimidade no espaço escolar brasileiro e atingiu todo o Ensino

---

<sup>57</sup> Para uma análise sobre o que são e qual foi sua função nos anos 80 ver Mafra (2003).

Fundamental através de políticas públicas que viabilizaram esse processo<sup>58</sup>. Assim, os jovens que possuem idade superior a vinte anos, quando não citam os títulos da Série Vaga-Lume como suas primeiras ou marcantes leituras de livros indicam que os conhecem e têm familiaridade com seu suporte: livros finos, sem gravuras, com capas coloridas, que traziam uma *ficha de leitura*<sup>59</sup> ao final.

Ao mesmo tempo em que os livros da coleção Vaga-Lume são referidos, em grande parte dos casos, de forma genérica pelo nome da coleção, há leituras individualizadas, livros que não pertencem a uma coleção, que marcam as trajetórias dos jovens leitores. Thingol lembra apenas de um livro que lhe marcou na infância e esse livro é o único lido por ele mais de uma vez antes d' *O Senhor dos Anéis*:

Pergunta: Quando e como a leitura passou a fazer parte da tua vida?

Jovem: Na 4ª série quando eu li *Guerra no Rio*<sup>60</sup>, não me lembro o autor, mas o nome do livro era *Guerra no Rio*. (...) depois, na 8ª série, tinha que fazer um trabalho sobre um livro, aí eu fui buscar aquele livro, que eu gostava daquele livro. Mas foi o único livro que eu li até os quinze anos, mais ou menos. Quinze não, até uns treze anos. (Thingol)

As leituras são lembradas pelos jovens leitores por diversos motivos, não sendo somente agradáveis e prazerosas. As primeiras leituras realizadas por Idril são leituras, segundo sua fala, “traumatizantes”:

O trauma da minha vida é *Pollyanna*<sup>61</sup>, eu tive que ler com nove anos, leitura de verão, leitura de férias, *Pollyanna!* Não dá! Eu li aquele livro e eu pensava: - Mas que guria retardada, as coisas não são todas felizes, as coisas não tem todas um lado bom. Eu odiava, eu odiava. Até hoje, pra mim, *Pollyanna* é método de amansamento de crianças. (Idril)

Embora o livro *Guerra no Rio*, citado por Thingol, e *Pollyanna*, citado por Idril tenham sido indicações de professores, leituras para a escola, cada um dos jovens guardou impressões diferentes desses livros. Por vezes essas indicações ou motivações escolares não se dão de maneira formal, ou seja, no âmbito da sala de aula em que o professor prescreve a tarefa de leitura para todos os alunos. Algumas das lembranças mais significativas dos jovens

<sup>58</sup> Mafra (2001) dedica um capítulo para historicizar a trajetória e as críticas aos livros paradidáticos utilizados por professores nos anos 80.

<sup>59</sup> Contendo questões a respeito dos nomes dos personagens da história, enredo, cenário, desenvolvimento, desfecho e etc., atividades dirigidas aos exercícios escolares quanto à leitura.

<sup>60</sup> Livro infantil do autor brasileiro Ganymédes José, publicado pela editora Moderna em 1982.

<sup>61</sup> Livro infantil da autora norte-americana Eleanor H. Porter, publicado pela primeira vez no ano de 1913.

com relação às leituras referem-se a momentos na escola fora da sala de aula. A biblioteca, por exemplo, é um espaço de lembranças de leitura individual, ou seja, as memórias da biblioteca, em geral, não se referem a um grande grupo, à turma da escola, mas sim ao jovem de forma individual, seja a experiência de livros retirados para serem lidos em casa, seja indo à biblioteca com a turma, mas tendo acesso individual aos livros de interesse. Gildor lembra que na 5ª série a professora levou sua turma para a biblioteca da escola e havia, em cima de uma das mesas o livro *Vinte Mil Léguas Submarinas*<sup>62</sup>. A professora percebeu seu interesse pelo livro e sugeriu que ele não conseguiria lê-lo. Para provar o contrário Gildor relata que levou o livro para casa e o leu integralmente.

Mas lembrar de livros que foram indicados por professores não foi tão comum quanto lembrar dos presentes de pais ou outros parentes. Algumas vezes esses presentes são oferecidos aos jovens em razão de produções cinematográficas que eles gostaram de assistir e, por isso, seus pais lhes presentearam com os livros inspiradores dessas produções. A motivação para a leitura associada aos filmes é narrada como aquilo que os levou a quererem saber mais a respeito da história que apreciaram e, conseqüentemente, a lerem o livro ofertado: “Eu leio desde sempre, (...) eu ganhei meu primeiro livro quando eu passei do jardim de infância pra primeira série. Eu tenho ele até hoje. É o livro do E.T., do filme. (...) Eu levei um ano pra ler aquele livro, mais ou menos, ou mais (...). Eu tinha 5 anos” (Elros).

Às vezes os jovens mencionaram que pediam a seus pais livros de presente e a relação da imagem motivando a leitura permanece: “Mas ler um livro mesmo, por querer ler um livro, eu acho que foi quando o filme *Jurassic Park* foi lançado e eu fiquei sabendo que havia um livro que originou o filme, e daí eu comecei a pedir pra minha mãe. E ela comprou o livro e foi o primeiro livro que eu li por querer, mesmo” (Haldir). A mesma relação filmes e leitura foi mencionada quando o filme motivou o interesse em retirar da biblioteca escolar o livro procurado: “eu peguei Ben-hur<sup>63</sup>, pra ver assim. Comecei a ler Bem-hur com 10 anos, eu tinha visto o filme há pouco tempo, até a minha mãe falou que tinha um livro, aí eu fui ver e achei lá [biblioteca]” (Elrond). Mesmo que Elrond mencione que não tenha finalizado a leitura do livro por falta de tempo e por causa dos compromissos da escola, o filme e o livro que originou o filme fazem parte de suas memórias de leituras marcantes da infância.

Embora a biblioteca seja um espaço de lembranças de leituras individuais os jovens não referem a realização de leituras na biblioteca. O local escolhido para leitura é, em

<sup>62</sup> Livro do autor francês Júlio Verne, publicado pela primeira vez no ano de 1870.

<sup>63</sup> *Ben-Hur: a tale of the Christ* é uma novela escrita pelo norte-americano Lewis Wallace, publicada pela primeira vez no ano de 1880.

geral, o quarto. Luthien relatou: “Eu sempre lia no meu quarto que era o lugar que eu tinha, era o meu canto. Geralmente, até hoje, eu deito na minha cama e leio, leio, leio, leio, leio, leio” (Luthien). A leitura é uma prática da intimidade, ela “atua, portanto, nos diversos níveis da privatização (...). É uma das práticas constitutivas da intimidade, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento” (Chartier, 1991, p. 151).

Mas mais que ler no quarto, no seu canto, a cama foi o lugar específico elegido e mencionado para essa prática da intimidade, pois aí os jovens indicam que podem deitar, mudar de posição, encontrar um conforto pessoal, com o corpo estendido ou as pernas para o ar: “Eu gostava de deitar, ficar bem à vontade e ler, principalmente de noite” (Huor). Por vezes o silêncio é uma condição necessária: “Eu gostava de ler deitado na minha cama. Sozinho no meu quarto pra ler, a princípio em silêncio, quando era criança, porque tinha dificuldade de concentração, então tinha que ser sozinho, no quarto, em silêncio” (Celeborn).

Mesmo que se esteja rodeado de pessoas, em locais públicos como praças, locais de trabalho, ônibus ou na porta de casa em contato com a rua, ler é estar só, consigo mesmo. Segundo Chartier, “ler em silêncio, para si mesmo, basta para criar uma área de intimidade que separa o leitor do mundo exterior: portanto, mesmo no meio da cidade, na presença de outrem, ele pode ficar sozinho com seu livro e seus pensamentos” (Chartier, 1991, pp. 143-144): “lugar [para ler] nunca tinha especial, ou era no sofá, ou era na cama, ou era sentada na porta, ou era debaixo da parreira. Eu lia onde dava” (Galadriel).

A leitura de HQ’s, especialmente, é uma leitura de qualquer lugar. Onde há gibis para ler, se lê, mesmo que não se esteja tão só:

Eu ia na casa de amigo só pra ler revista [ligadas a RPG ou mangá], (...) qualquer momento que tu pega a revista, tu lê, parava pra ler. Até porque não tinha muitos hobbies naquela época. Era TV, colégio, então daí quando começou a chegar esse material de leitura qualquer hora, tu está de noite, na casa de alguém, se tem revistinha tu lê. (Barahir)

Seja na intimidade do quarto ou em qualquer lugar da casa a leitura é mais que um ato cognitivo, envolve um conjunto de práticas que se inscrevem nos modos de ser dos jovens, que participam da produção de suas identidades, de suas sociabilidades, que permitem livre expressão do corpo, modos informais de estar consigo mesmo ou, nas palavras de Chartier, “A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro” (Chartier, 2002a, p. 70).

## 4.2 PASSAPORTES

Quais os caminhos percorridos pelos jovens até chegarem a ler as obras de Tolkien ou, inversamente, quais os caminhos percorridos pelas obras de Tolkien até chegaram ao conhecimento dos jovens sujeitos da pesquisa? O processo de aproximação da leitura do livro *O Senhor dos Anéis* e de outras obras de Tolkien foi tema de indagação durante as entrevistas. Este processo, para os jovens leitores, é subjetivado por uma pluralidade de significados. A importância que cada um atribui a essa experiência é bastante diversa.

Uma das peculiaridades desse processo é a intermediação do RPG. Como dito anteriormente, no capítulo *Itinerários e Aprendizagens*, este jogo tem grande influência na popularização das leituras de fantasia entre os jovens no Brasil. É o meio cultural privilegiado onde circulam leituras não legitimadas pela escola, mas muito apreciadas pelos jovens jogadores.

No entanto, é difícil estabelecer uma causa direta, ou seja, o que ocorre primeiro: começar a jogar RPG ou conhecer *O Senhor dos Anéis* e então jogar RPG; ou mesmo concomitantemente, ao começar a participação num grupo de RPG conhece-se Tolkien ou se lê uma revista de *Roleplaying Game* em que há uma reportagem sobre o mundo fantástico de J. R. R. Tolkien. O fato é que a maioria dos jovens entrevistados teve sua apresentação a Tolkien associada à prática do RPG.

O primeiro contato que eu tive com *O Senhor dos Anéis*, a primeira informação quando eu soube que o livro existia, foi numa revista sobre RPG. Eu estava lendo uma sessão de Cartas dos Leitores e tinha um leitor que procurava desesperado ajuda da redação sobre um livro que ele tinha encontrado na estante de um amigo que tinha cativado muito ele, ele tinha lido só o primeiro tomo, que ele chamava, e não tinha informação daquele livro, não estava nas prateleiras de livraria nenhuma e ele me pareceu um livro... nessa época eu jogava RPG muito, bah, acho que 22 horas do dia era tomada por RPG. Eu tinha acho que uns 15 anos naquela época. Não tinha mais nada pra fazer. E foi uma informação que ficou. Eu fui um pouco estimulado porque ele já dizia que não tinha como encontrar aquele livro. Eu procurei, mas não encontrei. Não tinha como encontrar. (Celeborn)

Assim como Celeborn, Elrond também foi apresentado a Tolkien através de uma revista de RPG:

Eu estava na 6ª série. Foi em 94. Foi através de uma revista de RPG, era o *Dragão Brasil*, tem até hoje aí. Estava no começo, ainda, exatamente era o número 6 da revista. Foi

exatamente setembro ou outubro de 94 e todos os números tinham uma matéria que era sobre literatura que tinha alguma coisa a ver com RPG e essa era justamente sobre *O Senhor dos Anéis*. Estava saindo a tradução da Martins Fontes, a primeira tradução, da primeira edição. Aí eu li, eu nunca tinha ouvido falar na vida. Eu li aquilo, achei interessante (...) o tamanho do livro, eram três volumes, imenso, aí tinha um resumo bem curto, ali, da história, do que seria, a influência que ele teve no RPG, falava um pouco do autor também. Eu fiquei interessado em tentar achar, mas naquela época era impossível achar o livro aqui em Porto Alegre. (Elrond)

O fato dos jovens Elrond e Celeborn terem conhecido o livro *O Senhor dos Anéis* através de uma revista de RPG e não terem mencionado indicações de amigos, pertença a qualquer grupo, não significa que os grupos de pertencimento não estejam imbricados na descoberta do livros. Os dois mencionam revistas de RPG porque participavam de pertenças em grupos jovens para a prática do RPG. Celeborn deixa claro, em sua entrevista, que já jogava RPG quando conheceu *O Senhor dos Anéis*. No caso de Elrond o grupo de RPG não é citado em seus primórdios, mas acompanha suas lembranças como um fato dado: em certo momento da entrevista ele fala do grupo de amigos que jogam RPG, grupo em que todos leram *O Senhor dos Anéis*.

Na entrevista com Elrond, que foi a terceira realizada, não questionei especificamente sobre como ou quando começou a jogar RPG. Mas é provável que ele jogasse RPG quando contatou a revista *Dragão Brasil*, por ele citada, inclusive a lembrança do número da revista lida (o que indica uma intimidade com o próprio advento da revista já que era um periódico relativamente novo na época) quando esse tipo de publicação não era amplamente difundida em nosso Estado, mas restrita àqueles que efetivamente praticavam o RPG e que, portanto, participavam dos circuitos de eventos, livros, revistas e livrarias especializadas no jogo. Assim, é possível inferir que Elrond também já participava de um grupo de RPG quando conheceu o livro.

Dior confirma a associação RPG e leituras de Tolkien. Ele, igualmente, conheceu *O Senhor dos Anéis* através de uma reportagem, em uma revista de RPG, a respeito da adaptação da obra para o cinema:

*O Senhor dos Anéis* foi por uma prévia em revista, um comercial pequeno, bem pequeno, falando sobre boatos que um certo diretor ia filmar um filme que era uma trilogia, (...), e falava sobre Tolkien (...). Dizia a época que ele escreveu o livro e tudo o mais, gênero fantasia, depois eu fui pesquisando, lendo outras coisas (...). E daí eu achei interessante o cara. Fantasia. Aí eu me lembro que eu procurei o livro e não achei. (Dior)

E embora ele não cite a revista em que leu a reportagem, nem o número da mesma, ele já participava de grupos de RPG. Assim, jogar RPG, ler revistas especializadas, ter contato, através do periódico, com a obra de Tolkien e procurar o livro, integram o percurso de leituras dos jovens apreciadores de fantasia, sobressaindo as motivações relacionadas ao pertencimento a um grupo de jogadores de RPG.

A pertença a um grupo é a característica principal de outros jovens entrevistados, mas mais que a identificação num grupo de RPG os jovens referem o grupo de amigos que coincidem serem os mesmos *players* de RPG.

Pergunta: Quanto a *O Senhor dos Anéis*, quando e como tu conhecestes o livro?

Jovem: Eu conheci, mas só fui ler bem depois. Eu conheci em 94. (...) Foi quando lançaram aquela edição cada livro de uma cor aqui no Brasil. A nova edição, que já tinha uma edição anterior. Um amigo meu comprou e ele enlouqueceu, ele surtou lendo o livro e ele fez uma campanha de AD&D baseada n' *O Senhor dos Anéis*. AD&D é um RPG. Fez toda baseada n' *O Senhor dos Anéis*. Ali eu conheci, mas só fui comprar mesmo em 99.

Pergunta: Então tu começou com o RPG, jogando RPG?

Jovem: Sim, ahã, lá que eu descobri *O Senhor dos Anéis*. (Elros)

Na fala de Haldir a apresentação também foi mediada por um amigo e é claro que Haldir jogava RPG, mas não fica explícito que o amigo dele também jogava, embora as evidências sejam claras.

Mas a primeira vez que eu vi *O Senhor dos Anéis*, e esse colega meu que veio desse grupo do colégio São João – e veio comigo para a Toca e também para esse grupo de RPG da Toca – quando me mostrou pela primeira vez o livro começou a me explicar o que tinha nos apêndices e tudo o mais, daí eu... sabe. Mas isso é RPG! Então isso foi mais um atrativo que eu tive para ler Tolkien. (Haldir)

A apresentação de Tuor à obra foi mediatizada por um colega da banda em que ele participou por um tempo. Embora Tuor não se refira a ele como um amigo percebe-se em sua fala uma reconstrução da memória para torná-la verdadeira, aos seus olhos, no presente, um trabalho sobre ela para que se adapte às situações vividas num passado mais recente como a sua saída da banda por incompatibilidade de gostos musicais.

Eu estava em torno dos quinze anos, (...) na escola e eu tinha um colega que era baixista de uma banda. E o cara era metaleiro, era muito louco dos cocos, mas era muito legal e a gente andava junto. Eventualmente eu me tornei vocalista daquela banda, por um tempo. O mais importante de eu dizer pra essa tua pesquisa é que esse grupo de músicos, banda jovem, eles jogavam Roleplaying Games, jogavam RPG nos finais de semana,

ocasionalmente, e entre eles se tornou uma leitura habitual *O Senhor dos Anéis*. Um deles tinha e passava pro outro. (Tuor)

Tuor se diz, atualmente, não muito afeito a grupos. Assim, a pertença inicial a um grupo de amigos não é valorizada como uma experiência grupal; o amigo que lhe apresentou *O Senhor dos Anéis* era apenas um colega baixista de uma banda da qual ele participou mais tarde. Lembrando Thomson, quando fala sobre o processo de *construção* de reminiscências – ou *composição* – ele diz que

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou ‘identidades’, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência”. (Thomson, 1981, p. 57)

Pode-se afirmar que, embora Tuor se esforce por asseverar que não gosta de agregações e não se enturme muito, o colega que lhe apresentou *O Senhor dos Anéis* era membro do grupo de amigos do qual ele fazia parte por pertencer à banda e compartilhar as vivências e experiências do mesmo<sup>64</sup>. Assim, Tuor não destoa dos outros jovens da pesquisa para os quais a apresentação a *O Senhor dos Anéis* esteve imbricada com as vivências em grupos de amigos.

Um outro modo de ser apresentado à obra de Tolkien, para além do grupo de amigos, foi relatado a partir do contato com a imagem. No capítulo *Itinerários e Aprendizagens* o relato da surpresa de Huor com relação à capa de *O Senhor dos Anéis* e toda a história por ele imaginada a partir da imagem que lhe chamou a atenção em uma banca de revistas é emblemático. O relato integral de sua apresentação a Tolkien é o que segue:

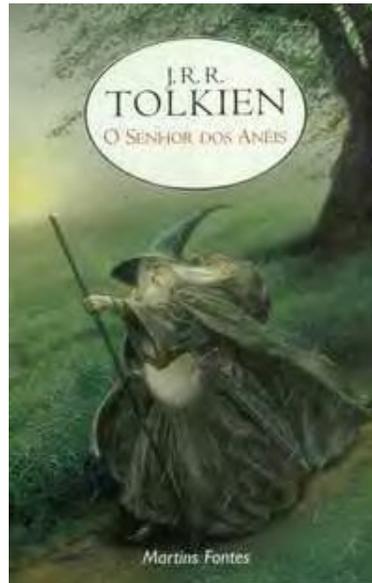
---

<sup>64</sup> Destaco a experiência do jovem Rúmil, citado na página 87, relatada via e-mail, que descobriu *O Senhor dos Anéis* através da banda alemã de Heavy Metal *Blind Guardian*. Traduzindo as letras das músicas ele diz ter entrado em contato com o mundo fantástico criado por Tolkien e ter conseguido os livros para ler. Talvez essa tenha sido a inspiração dos amigos de Tuor para a banda que formavam, tendo em vista que Tuor relatou que o estilo Heavy Metal adotado pelo grupo não lhe agradou fazendo-o abandonar o grupo. As relações entre bandas musicais, literaturas relacionadas, RPG podem encontrar-se latentes, embora pouco visíveis conforme este exemplo de Tuor e seus “colegas”.

O *Senhor dos Anéis* eu vi pela primeira vez quando eu estava passando na Andradas, num sábado, depois do curso, e tinha uma banca de livros ali. (...) Aí eu olhei a banca e vi uma capa com um mago andando naquele chuvisqueiro, numa grama verdinha com uma árvore atrás. Aí eu olhei de perto, assim, aquele mago – mago sempre me chamou atenção – então eu olhei primeiro porque eu gostei do desenho, aí eu olhei, aí eu li *O Senhor dos Anéis*, aí eu disse: - Cara, que título legal! *Senhor dos Anéis*! Aí eu já fiquei imaginando uma história na minha cabeça, que devia ter vários anéis e deviam ter personagens que usavam anéis na história e que devia ser uma batalha de magos com anéis, uma coisa assim. Imaginei como seria a história. Dei uma olhada por cima no livro. Perguntei quanto custava. Eu não me lembro quanto custava, e o cara disse. Mesmo, eu não tinha dinheiro, mas para o caso de na outra semana eu ter dinheiro e eu querer comprar. Aí eu fui pra casa e passou uns dias. Aí no que eu passei pelo antigo Guarani ali, sabe o cinema? Aí eu entrei pra ver que filme que estava passando. Eu gostava de passar por ali, ver que filme estava dando, já entrar e ver. Aí eu vi o Elijah Wood no cartaz segurando um anel, mas não dizia *O Senhor dos Anéis*, dizia *Um Anel para a todos dominar*, aí eu automaticamente fiz a associação ao livro e aí eu li assim: - Um Anel para a todos dominar, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê... Eu disse: - Cara! Só pode ser o filme do livro. Só pode ser, *O Senhor dos Anéis*, *Um Anel para a todos dominar* e eu automaticamente associei e tive certeza de que era o filme do livro. (Huor)

Gildor também narra essa passagem descrita por Huor, eles estavam juntos quando passaram pela banca de livros, mas as lembranças de Gildor quanto à capa restringem-se ao mago. Os detalhes descritos por Huor e seu olhar ao lembrar da cena que narrava – distante no tempo, surpreso com a descoberta que havia feito no momento narrado – faz pensar sobre o caráter da imagem e as observações de Chartier a respeito: “A imagem impressa tem um caráter próprio que a distingue de todas as outras: é uma imagem próxima e não vista à distância, manipulável (...) sempre ligada ao escrito, num mesmo espaço, o da folha, ou num mesmo objecto, o livro ou o opúsculo” (Chartier, 1998, p. 15). A especificidade da imagem impressa também pode cumprir o papel de uma “proposta ou protocolo de leitura, sugerindo ao leitor a correcta compreensão do texto, o seu justo significado” (Ibid., pp. 15-16).

A imagem que chamou a atenção de Huor e Gildor sugeriu uma história para um texto que ainda não haviam lido, mas que instigou a curiosidade pela expressiva capa que puderam ver, manipular, dar “uma olhada” (Huor) no livro, aproximar-se do texto. As memórias de Huor identificam, ainda, o cartaz de anúncio do filme no cinema e sua relação com a capa do livro. Gildor também conta que o Mestre do grupo de RPG (do qual Huor também fazia parte) comprou o livro e emprestou aos amigos, aos parceiros de RPG. A imagem, assim, constituiu-se num lugar de memória tanto para Huor quanto para Gildor, de tal forma que, convidados a contar como conheceram *O Senhor dos Anéis*, os dois lembraram da mesma cena, da mesma capa que viram numa banca na rua dos Andradas, com as mesmas características gerais, embora mais detalhadas por Huor:



**Ilustração 1** - Capa do livro lembrada por Huor - *O Senhor dos Anéis* volume único – 1212 páginas

A ilustração acima foi encontrada na Internet quando buscava ilustrações do mundo de Tolkien. Deparei-me com ela e logo lembrei da descrição de Huor, deduzindo que esta era a capa que ele havia relatado. As falas dos amigos exprimem suas compreensões do livro – antes da concretização da ação de leitura – através da imaginação engendrada pela imagem. Uma imagem que lhes chamou a atenção. Relacionado ao título do impresso, apresentou-se como poderoso evocador de memórias.

Barahir também teve seu primeiro contato com o livro *O Senhor dos Anéis* através da capa que lhe chamou a atenção quando passava por uma banca de revistas. Mas ele diz não ter folheado o livro, não ter sabido do que se tratava. Porém, o fato de ter lhe chamado a atenção atesta relação com o mundo de fantasia que a capa do livro representa. Barahir não descreveu a capa com que se deparou, mas salientou que “Tinha visto, uma vez, passando numa banca, um livro com a capa d’*O Senhor dos Anéis*, tinha achado o máximo a capa” (Barahir). Posteriormente ele identifica o mesmo livro em outras circunstâncias, num encontro de RPG e anime em que participou há mais ou menos cinco ou seis anos atrás. E esta é a memória que mais lhe marcou relativamente a’*O Senhor dos Anéis*, porque é a primeira informação que Barahir forneceu a respeito de como conheceu o livro de Tolkien.

A leitura da imagem da capa feita por Huor, Gildor e Barahir inscreve-se numa experiência cultural mais ampla destes jovens. A passagem pelo teatro dos dois primeiros, a participação em grupos de RPG, o fascínio de Huor por HQ’s propiciaram que estes jovens

pudessem deter-se na imagem. As competências de leitura<sup>65</sup> dos jovens estavam relacionadas ao mundo de fantasia, de anéis mágicos, de magos do bem e do mal, de lugares idílicos que a imagem e o título do livro anunciavam. Seus repertórios levaram-nos a imaginar uma história, a compreender a imagem e seu texto presumível associando-os, posteriormente, com as imagens e os títulos em cartazes do filme ou nos encontros de RPG e anime. O texto adaptado para uma outra linguagem, a do cinema – essencialmente visual – ampliou o público, difundiu a leitura de fantasia no Brasil.

Para além do RPG o filme *O Senhor dos Anéis* foi uma outra porta de ingresso dos jovens à leitura das obras de Tolkien instigando a imaginação quanto às partes do livro omitidas no filme, quanto aos outros livros de Tolkien relacionados à Terra-Média e, também, quanto à vida de Tolkien, à língua criada por ele e falada em alguns momentos do filme, às produções de fãs e às comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*. A passagem do suporte livro para a linguagem cinematográfica – nos nossos tempos, caracterizados pela ausência de fronteiras às informações e produções culturais de todos os cantos do mundo – foi um evento que expandiu o alcance das obras de Tolkien e, mais especificamente, do livro *O Senhor dos Anéis*.

O cinema, mídia rica de recursos visuais e sonoros, é um dos principais veículos de massa da atualidade, principalmente as produções norte-americanas. Quando os boatos sobre as negociações da adaptação para o cinema da obra de Tolkien alcançaram o público em geral e, em especial, os fãs de Tolkien, houve um alvoroço em todo o mundo, repercutindo muito positivamente na propaganda do filme. Os que já conheciam o livro, principalmente nos países de língua inglesa, vibraram com as notícias, mas também muito criticaram o que alguns nomearam de ousadia do diretor Peter Jackson<sup>66</sup>.

No Brasil as reações também foram diversas. Grande parte do público não conhecia Tolkien e nem tinha ouvido falar do livro *O Senhor dos Anéis*. Dentre os que conheciam – em grande parte os jogadores de RPG – e já haviam lido o livro alguns animaram-se, outros desconfiaram e duvidaram. Mas o mais importante dessas manifestações do público frente ao filme d’*O Senhor dos Anéis* foi o fato de que muitos tiveram conhecimento da obra de Tolkien e de seu livro mais popular através da produção cinematográfica. A leitura foi, então, estimulada pelo cinema.

---

<sup>65</sup> Aptidão, habilidade, capacidade dos leitores de decifrar os textos, suas formas, seus motivos. Ver Roger Chartier (1999a), capítulos “A ordem dos livros” e “Comunidade de leitores”, páginas 9 e 21.

<sup>66</sup> Roteirista, cineasta e produtor de filmes, nascido na Nova Zelândia, que dirigiu a trilogia cinematográfica *O Senhor dos Anéis*.

Nas palavras de Huor, “depois que eu vi o filme eu comprei o livro, aí eu li o livro” (Huor). A vontade de ler o livro foi instigada pelo encantamento das imagens do filme. Também Elwing só teve conhecimento da obra *O Senhor dos Anéis* após a propaganda do filme e, mesmo assim, a leitura do livro só foi realizada no ano de 2005. Diferentemente de Elwing, Luthien e Idril já tinham conhecimento da obra antes do lançamento do filme, mas só leram *O Senhor dos Anéis* em função da trilogia cinematográfica.

Vale ressaltar que a versão cinematográfica d’*O Senhor dos Anéis* é composta de uma trilogia homônima dos livros de Tolkien e estrearam nos cinemas nos anos de 2001 – O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel –, 2002 – O Senhor dos Anéis: As Duas Torres – e 2003 – O Senhor dos Anéis: O retorno do Rei. Os dois primeiros têm duração de duas horas e cinquenta minutos e o terceiro tem duração de três horas e meia, sem contar as cenas extras dos filmes que foram incluídas nas versões estendidas dos DVD’s dos filmes. A trilogia d’*O Senhor dos Anéis* levou milhões de pessoas ao cinema e conquistou dezessete Oscar’s, divididos entre os três filmes. Mas a primeira vez que *O Senhor dos Anéis* teve uma adaptação para o cinema foi no ano de 1978 produzido como animação.

Segundo as lembranças de Arwen foi num *desenho* que ela conheceu a obra de Tolkien. Ela ganhou o livro em seu aniversário de dez anos, mas só foi ler a obra um ano depois. Embora tenha sido uma animação e não tenha marcado Arwen significativamente, pois ela não se lembrava de como tinha conhecido *O Senhor dos Anéis*, a animação fez com que ela tivesse o primeiro contato com a obra, embora não fosse um *desenho* que ela estivesse ansiosa para assistir, nem tampouco novo tendo em vista que Arwen tem apenas dezenove anos de idade.

Para Luthien e Idril o cinema teve o efeito de instigá-las à leitura da obra. Elas já tinham ouvido falar no livro, mas o interesse pela leitura só manifestou-se após os anúncios do filme e quando os grupos de amigos começaram a trazer Tolkien para a roda de conversas. O assunto compareceu não somente em grupos de amigos como também no ambiente de trabalho, com os colegas de serviço. Foi o que ocorreu com Thingol que trabalha num ambiente de livros, leituras e leitores. Quando o primeiro filme foi anunciado os rumores sobre o livro surgiram no ambiente profissional de Thingol e os livros de Tolkien começaram a circular entre os colegas de serviço.

*O Hobbit*, sobre a mesa de um colega, chamou a atenção de Thingol que já sabia da estréia da versão cinematográfica de outra obra do mesmo autor, *O Senhor dos Anéis*. Segundo suas palavras: “eu comecei a ler de verdade, mais assíduo, quando me emprestaram *O Hobbit*. Aí eu li *O Hobbit*, li a seqüência inteira d’*O Senhor dos Anéis* (...). Aí saí lendo

qualquer coisa que caia na frente”. Mas também, segundo ele, se não fosse o filme, não teria começado a ler Tolkien, não teria sido incitado a ler aquele livro que estava em cima da mesa de um colega e que ninguém havia pego para ler ainda, porque todos queriam os livros d’*O Senhor dos Anéis* que já estavam emprestados. A imagem, o cinema, o filme, adaptações que promoveram o conhecimento das obras de um escritor inglês – academicamente considerado em sua terra e em terras de língua inglesa – aqui no Brasil, para além das fronteiras dos grupos de RPG ou entusiastas do gênero fantasia.

#### 4.3 MODOS DE LER

Ler um livro, além de ser uma prática encarnada em gestos, inscrita num espaço, é também uma operação que opera com materiais capazes de receber e conservar a inscrição de um texto, ou seja, para se ler um livro é necessário um suporte e “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade” (Chartier, 1992, p. 220). Os jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis* acessam as obras por meio de suportes que variam conforme as épocas em que eles têm acesso ao livro. A maioria dos jovens entrevistados leu a primeira edição produzida pela editora Martins Fontes ou as edições subseqüentes. Poucos conheceram edições anteriores, de outras editoras. A Revista *Isto É* editou a obra como uma edição promocional que era dada aos assinantes durante três meses consecutivos à época do lançamento do filme.

\*\*\*

As informações sobre os diferentes formatos dos suportes pelos quais *O Senhor dos Anéis* circulou foram narradas pelos próprios jovens. Houve algumas edições anteriores,<sup>67</sup> como a da editora Artenova. Aqui importa analisar os diversos suportes manuseados pelos jovens leitores. Tuor, por exemplo, comenta um dos suportes do texto desconhecido até então:

(...) era uma edição de Portugal, antigona, uma capa bem escura. (...) Eu lembro que eu vi os volumes que eram muito bem ornamentados. Eu lembro até (...) a estrutura estilística da

---

<sup>67</sup> Referida no capítulo *Obra, autor, leitores e trilhas*.

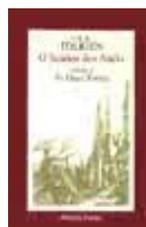
capa, lembra muito as edições americanas (...) mais sofisticadas, as mais caras. Vinham, tipo, letras prateadas, alto relevo e todo um trabalho artístico; muito bela as ilustrações, as pinturas. E o fundo era preto, basicamente, era uma edição que impressionava. (Tuor)

Este suporte *d'O Senhor dos Anéis* foi o primeiro que Tuor conheceu, mas não foi o que ele leu alguns anos depois. A edição portuguesa não é mencionada por nenhum outro dos jovens entrevistados; uma edição importada, talvez faça parte dos livros trazidos ao Brasil por leitores que viajavam a outros países e de lá traziam novidades iniciando um circuito de difusão do livro, levando os jovens do país a conhecerem o que é valorizado ou apenas muito apreciado na Europa e Estados Unidos. Tendo em vista que o livro que Tuor descreve pertencia a seu colega da banda musical e que este músico jogava RPG é bem possível que *O Senhor dos Anéis* fosse um livro de referência para ele e seu grupo e, realmente, tivesse sido trazido de Portugal por alguém (talvez o próprio jovem) que lá esteve.

O fato é que a edição que Tuor descreve, e que não teve mais contato, é um suporte diferenciado daqueles mais conhecidos pelos jovens leitores brasileiros que constituem a primeira (1994) e a segunda (2000) edições da obra da editora Martins Fontes. Segundo artigo de autoria do grupo da Valinor, em sua página virtual, a primeira edição possuía o tamanho da fonte maior do que a utilizada na segunda edição, além de um espaço em branco maior na borda acarretando mais páginas ao livro. O artigo não fala no número de páginas das edições brasileiras e não identifiquei essas informações em sites da Internet. Ainda, segundo Tuor, a capa da primeira edição era bem simples, com bordas coloridas, fundo branco e ilustração em dourado, e estão reproduzidas abaixo:



**Ilustração 2** - 1ª edição – A Sociedade do Anel



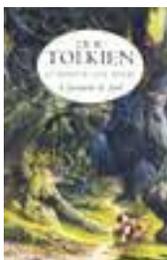
**Ilustração 3** - 1ª edição - As Duas Torres



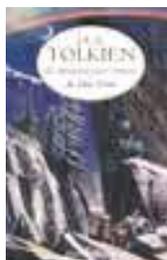
**Ilustração 4** - 1ª edição - O Retorno do Rei

A segunda edição da mesma editora – que possui os direitos autorais *d'O Senhor dos Anéis* no Brasil – foi publicada em dois formatos: três volumes e volume único, como era da vontade do autor da obra, originalmente. A ilustração 1, da página 119 é a capa do formato em volume único do ano de 2000. As capas dos volumes desta edição possuem ilustrações de

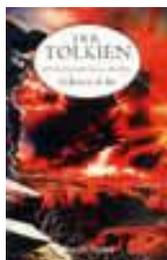
Geoff Taylor. O formato em três volumes ganhou nova capa no ano de 2002 com ilustrações do próprio Tolkien.



**Ilustração 5** -  
2ª edição - A  
sociedade do  
Anel – 464  
páginas



**Ilustração 6** -  
2ª edição - As  
Duas Torres –  
364 páginas



**Ilustração 7** -  
2ª edição - O  
Retorno do Rei  
– 456 páginas



**Ilustração 8** - A  
Sociedade do  
Anel -  
ilustração de  
Tolkien – 566  
páginas



**Ilustração 9** -  
As Duas Torres  
- ilustração de  
Tolkien – 508  
páginas



**Ilustração 10** -  
O Retorno do  
Rei - ilustração  
de Tolkien –  
566 páginas

Tuor leu a primeira edição da Martins Fontes. Em suas lembranças “a edição d’*O Senhor dos Anéis* tem um fundo azul com uma ilustração preto e branco... preto e branco não, é branco e dourado. Muito simples a edição anterior deles” (Tuor) e a que o jovem efetivamente leu. O fundo azul, embora faça parte apenas da ilustração d’*A Sociedade do Anel*, é aplicada por ele a todos os volumes ou é imaginada como parte da capa da edição em volume único! As demais falas de Tuor assinalam que as várias capas d’*O Senhor dos Anéis* tornam possíveis várias sobreposições de imagens e formatos.

Outros jovens conheceram edições mais simples, com capas sem alto relevo, nem ilustrações de Tolkien, edições populares, talvez. Dior narrou que leu *O Senhor dos Anéis* pela primeira vez num livro emprestado por um amigo, uma edição promocional da Revista *Isto É* dada aos assinantes. Ele relatou que “quando veio pro cinema *A Sociedade do Anel*, o primeiro filme, eu consegui através de um amigo que... teve uma promoção da *Isto É* que ganhava de brinde, os assinantes, aqueles, os três livros. Aí eu peguei todos os três e li”. Barahir também mencionou esta edição promocional quando falou dos livros que têm: “Eu tenho dois, um que eu empresto. Agora o que eu comprei eu não empresto. Eu tenho o que eu comprei que veio junto com a *Isto É*, que são três edições que vem de graça, esse eu empresto. Agora o [livro] que eu comprei com dezesseis anos está lá, ‘imprestável’, fica lá, ninguém pega, é meu”.

Não tive acesso à edição promocional, mas apenas conhecimento de sua existência a partir das falas dos jovens. Assim, não pude avaliar as especificidades do suporte desta edição: qualidade das folhas, tipo e capa, tamanho das letras do texto, presença ou não de imagens e outras particularidades. Mas o que as falas dos jovens indicam é que esta foi uma edição bastante simples e que podemos fazer uma analogia com os atuais livros vendidos

em lojas de preço único. O que não significa que sejam textos de leitura somente popular, pois os livros vendidos atualmente em edições baratas, sem orelhas de capa e contracapa e com uma impressão que ocupa todo o espaço da folha, são textos clássicos, da literatura brasileira ou de autores internacionais de renome que encontram nessas edições populares formas e meios de tornar acessível a leitura, bem como de expandir sua popularidade.

A fala de Barahir exprime valoração dessa edição promocional d'*O Senhor dos Anéis*, pois é a edição que ele empresta aos amigos, sendo que seu segundo livro, em outra edição, é objeto de uso estritamente pessoal. Barahir, pelas indicações que oferece, comprou com seu primeiro salário de estagiário a 2ª edição da obra *O Senhor dos Anéis* da editora Martins Fontes: “Quando comecei a trabalhar, daí o meu primeiro salário – que o livro era caro e eu era estagiário – era metade do meu salário, daí eu fui, comprei o primeiro livro da minha vida que foi *O Senhor dos Anéis*, a Bíblia”. Sua referência final – a Bíblia – suscita algumas questões interessantes. Para Barahir *O Senhor dos Anéis* é um livro importante, um “objeto respeitado”, como salienta Chartier (1991, p. 141), que pode até mesmo ser classificado como sagrado visto que comparado à Bíblia em seu significado simbólico, mas também material, pois a edição em volume único d'*O Senhor dos Anéis* possui mais de mil páginas.

Também percebemos o valor simbólico do livro na fala de Dior:

Não dobro, nem nada assim. Eu acho que eu não ponho nem marcador, eu marco: Parei em tal página, parei ali. Não quero nenhum membro estranho, por isso que eu nem empresto, porque aí tem sempre aquelas manias de marcar dobrando a página. (...) um amigo meu que gosta de comer e ler, (...) e aí ele tem a mania de arregaçar a lombada, de fazer assim, pra não se fechar, aí pode cair comida. Imagina se eu vou emprestar! (Dior)

A expressão de Chartier “objeto respeitado”, evocada anteriormente, expressa bem o significado do livro para muitos jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis*. Embora o autor esteja se referindo ao fato de Locke não escrever nem sublinhar as páginas que contém o texto, no caso do livro de Tolkien todo o livro é respeitado, não escrever, não sublinhar, não dobrar as orelhas das folhas, não esgaçar a lombada do livro e não emprestá-lo pressupõe um cuidado com o livro que é quase uma sacralização do mesmo. Elrond também não empresta seu exemplar:

Eu não empresto, (...). Eu emprestei, quando eu estava no colégio, acho que no último ano, para um cara lá da sala e o cara me devolveu... ah! Que raiva que me deu. Já não estava

muito inteiro, mas aí voltou um pouco mais estragado, e ele escreveu alguma coisa em cima. Pegou o livro, botou uma folha e escreveu em cima da capa. E a capa ficou marcada. Ah! Que raiva. Aí eu nunca mais emprestei nada, não empresto. Pode me chamar do que quiser, mas não vou emprestar de jeito nenhum. (Elrond)

Essas relações dos jovens com os livros são, no mínimo, curiosas. Na sociedade complexa em que estamos inseridos, acreditamos, por vezes, que as relações dos jovens com os livros estão cada vez mais se esvaindo. No entanto, nas falas dos jovens percebemos uma relação bastante intensa, afetiva mesmo com o suporte que contém o texto com o qual se tem também uma relação afetiva, invariavelmente. Possuir livros está imbuído de valor simbólico para os jovens. Huor fala dos livros que possui, dentre eles *O Senhor dos Anéis* que, segundo suas palavras, “certo que eu tinha que ter”. E tê-los com ilustrações originais do próprio autor do livro, agrega maior valor ao exemplar. A 2ª edição, da editora Martins Fontes, com ilustrações de J. J. R. Tolkien é mais cara do que a impressão com a capa ilustrada por Geoff Taylor. O valor material aumenta proporcionalmente ao valor simbólico do suporte que contém o texto.

No entanto, ler o livro – e em geral a primeira leitura – não pressupõe a posse do mesmo: “Toda uma parcela da circulação do livro escapa, portanto, ao mercado e ao seu corolário, a posse particular: como na Idade Média ou no século XVI, os livros são objeto de presentes apreciados, de empréstimos rebuscados” (Chartier, 2004, p. 198), ou como ainda no século XXI, de empréstimos recomendados, caso de Barahir. Seja o volume único da obra ou seus três volumes, *O Senhor dos Anéis* é uma obra de preço elevado, assim, entende-se que muitos jovens o leiam, primeiramente, por empréstimo dos amigos, edições promocionais ou não e, posteriormente, adquiram a obra visto que se torna referencial simbólico para os jovens leitores, objeto respeitado e desejado, suporte sempre revisitado.

\*\*\*

Um outro suporte de leitura e de acesso a textos para os jovens leitores de Tolkien é o espaço digital ou a *Internet*<sup>68</sup>. Este é um dos meios de acesso a informações, notícias e novidades sobre o universo fantástico d’*O Senhor dos Anéis* que é privilegiado pelos jovens apreciadores do mundo da Terra-Média. Embora não seja o suporte mais utilizado para a

---

<sup>68</sup> “A Internet é um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. A Internet é a principal das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs)” In.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>.

leitura propriamente dita do livro *O Senhor dos Anéis*, é a ferramenta mais utilizada para acessar informações nacionais e internacionais sobre as obras de Tolkien e outras inspiradas por elas, além de eventos, comemorações, artigos de crítica literária e sobre o universo fantástico do livro e toda uma gama de documentos que a Internet propicia. Para a leitura d'*O Senhor dos Anéis* há uma preferência pelo livro impresso como suporte, mas ao tratar-se de todo o restante dos materiais que gravitam em torno desta leitura, a Internet é o suporte privilegiado.

Alguns jovens, após lerem o livro ou verem o filme, procuram em páginas virtuais informações a respeito da Terra-Média e de Tolkien. Idril viu o filme, leu o livro e procurou na Internet por informações a respeito da Terra-Média, era um momento de encanto com a história:

Pergunta: Como é que tu chegou até o *Silmarillion*?

Jovem: É que daí (...) eu procurei sites que falavam sobre a... que na verdade não era sobre a obra, mas o universo que o Tolkien criou. Daí mencionavam esses livros que são do princípio desse universo. (Idril)

Antes mesmo que o computador fosse uma tecnologia amplamente difundida em nosso país, os jovens já o utilizavam para buscar mais informações a respeito de Tolkien e sua obra. Em 1999, Elrond possuía computador, mas não tinha acesso à rede mundial de computadores, mesmo assim, conseguiu ter acesso às primeiras informações sobre as filmagens d'*O Senhor dos Anéis* que estavam acontecendo na Austrália:

Eu ainda não tinha Internet em casa, foi em 99. Mas daí eu fui ao trabalho do meu pai, um dia, tinha lá, aí eu estava entrando num site e pesquisei. Eu nunca tinha entrado na Internet, fui mexer ali. (...) aí entrei lá e digitei assim: The Lord of the Rings, Tolkien num [site] de busca, nem tinha google ainda, e veio o primeiro site que era The one Ring dot (...) que era especificamente sobre os filmes que iam sair. Eu nem imaginava que ia ter filme d'*O Senhor dos Anéis*, aí fiquei mais besta ainda. Nossa! Aí olhei ali e estavam os livros de Tolkien, que tinha uma série de livros em inglês também. O site falava de tudo. Era o site mais completo de Tolkien que tinha. E ali eu comecei a procurar link, e tal, e chegou na *Amazon*<sup>69</sup>, aí na *Amazon* eu dei a busca e veio um monte de livros do Tolkien. Aí eu comprei a *História da Terra-Média*. (Elrond)

Um autor de difícil acesso no Brasil, mas que encontra popularidade e fama em muitos países, pode ser facilmente acessado e pesquisado através da Internet. Os jogos e as

---

<sup>69</sup> Site comercial da Internet.

revistas especializadas em RPG são meios privilegiados de acesso a Tolkien no país, como referido em capítulo anterior. A Internet é outro destes meios mesmo antes da sua popularização, quanto mais após o ano de 2000. Quando *O Senhor dos Anéis*, através dos jogos de RPG, dos anúncios das filmagens da obra cinematográfica e da publicação da obra pela Editora Martins Fontes, se fez conhecido entre os jovens brasileiros, não havia muitos sites, páginas, comunidades nacionais a respeito da temática. Segundo informações de Kyrmse, antes do ano de 2000 apenas um site dedicado a Tolkien em português era acessível pela Internet<sup>70</sup>.

Os jovens não se restringem às produções nacionais e informações em língua portuguesa, acessam sites de todos os lugares do mundo. Um dos livros traduzidos por Elrond é de um autor norueguês com o qual ele mantém contato até hoje. A Internet é um suporte virtual que propicia uma espécie de volta ao mundo sem a necessidade de se sair de casa. Com computador em casa, alguns em seus próprios quartos, os jovens leitores de Tolkien não possuem dificuldades de se movimentarem por este vasto mundo de textos, imagens, sons. Uma das barreiras, em suas falas, é o idioma, mas somente para alguns dos jovens: “Eu acho que o primeiro sinal disso foi quando eu comecei a estudar inglês, por conta, em casa, através do computador, e eu consegui um inglês fluente por conta própria” (Haldir). Haldir narra que as línguas criadas por Tolkien são um atrativo para ele e que foi através da Internet, de sites em inglês, especializados na lingüística das línguas da Terra-Média, que ele começou a conhecer essas línguas inventadas e aperfeiçoar o próprio inglês.

Elros, quando procurou por sites na Internet digitando na barra de endereços o sobrenome [tolkien.com.br](http://tolkien.com.br), encontrou uma página já em português que ele visitava para ler textos traduzidos para o português de outros livros de Tolkien ou artigos sobre suas obras e seus trabalhos. Recentemente, com o aumento do acesso à Internet, sua relativa popularização e a criação da rede social do site Google – o Orkut – existem várias comunidades dedicadas a Tolkien e suas obras. Somente sobre o autor existem cento e trinta e cinco comunidades no Orkut e em língua portuguesa são cento e oito<sup>71</sup>, salientando que o Orkut possui um maior número de membros brasileiros.

Além do Orkut, listas de discussões de sites como Yahoo!, Google e outros também congregam inúmeros jovens de variadas faixas etárias em torno de discussões à

<sup>70</sup> [www.herenhyarmeno.hpg.ig.com.br](http://www.herenhyarmeno.hpg.ig.com.br). “O primeiro grupo de fãs de Tolkien no Brasil, fundado em 19 de março de 1989 e reestruturado em 2003” (Kyrmse, 2003, p. 176).

<sup>71</sup> Informações obtidas através de pesquisa no site [www.orkut.com](http://www.orkut.com), na guia comunidades, em sete de abril de 2007, às 20h. Não foi verificado o teor das comunidades

respeito d'*O Senhor dos Anéis*, seu autor e suas outras obras. O MSN também é uma outra ferramenta que possibilita discussões entre jovens leitores de Tolkien, além de propiciar sociabilidades juvenis. Arwen tem um grupo de discussão de Tolkien através do MSN. São amigos conhecidos de forma virtual, conversam através do MSN: “É, mas aí acho que um ano para cá que eu me acertei com o computador, fiquei amiga dele, viquei no bagulho, então essa rede toda de Internet foi uma coisa nova para mim”. Nova e que já lhe rende amizades, grupo de discussão e informações sobre seu livro predileto.

Esse suporte virtual de redes propicia aos jovens um estímulo a mais para manterem-se atualizados sobre o universo criado pelo autor inglês, para conversarem e discutirem sobre as obras, sobre as línguas, sobre as produções cinematográficas. Atualmente, os rumores e acertos sobre a adaptação de outra obra de Tolkien – *O Hobbit* – vêm acendendo os debates nos sites e nas comunidades dedicadas a Tolkien e suas obras. A Internet propicia esse movimento, as informações são instantâneas. Podem não ser verídicas, mas suscitam respostas instantâneas que, por sua vez, geram novas discussões nas listas, nos fóruns, nos grupos, realimentando as discussões. Práticas de leitura imbricadas com práticas de escritas dos jovens.

Essa busca recorrente no computador e na Internet para acessar materiais, documentos, informações sobre interesses específicos dos jovens faz parte de uma das grandes revoluções da leitura que vivemos na atualidade: a revolução do texto eletrônico. Embora o livro como suporte ainda seja insubstituível para a maioria dos jovens leitores entrevistados, o computador é um outro suporte imprescindível. Escrever os livros e textos diretamente no computador, ler artigos on-line, trocar e-mails são atividades às quais os jovens estão muito habituados. Segundo Chartier:

A revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre uma tela não é ler um códex. Se abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. (...) A revolução iniciada é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e formas que transmitem o escrito. (Chartier, 1999a, pp. 100-101)

Os hipertextos de computadores são ferramentas que possibilitam aos jovens estarem bem informados, num menor espaço de tempo que será utilizado para outras finalidades, possivelmente virtuais. *Navegar* na Internet, ser *surfista* na rede, expressões utilizadas pelos seus usuários, designam muito apropriadamente o processo pelo qual os jovens se transformam em produtores de uma cultura que não faz parte de uma longa tradição, como o caso dos livros, do códex. Este novo suporte, que permite a busca por documentos específicos, materiais sobre assuntos pontuais, produz modificações nas práticas de leitura e escrita que não podem ser desconsideradas. Chartier define muito bem as principais mudanças trazidas pelo computador:

São três: a leitura descontínua, a leitura hipertextual e a leitura tematizada. Na tela do computador, a prática de leitura se organiza geralmente a partir de temas. Os textos eletrônicos são consultados mais como banco de dados do que como obra. Com isso, há uma tendência à fragmentação, porque perde-se a referência à obra completa, como início, meio e fim. Outra coisa interessante desse suporte é o hipertexto, que oferece a oportunidade para o leitor de romper com a ordem seqüencial do texto impresso e praticar uma leitura particular, que continuamente introduz textos dentro de outros textos. Com isso, a leitura de um texto de história, por exemplo, pode transformar-se totalmente. O leitor pode consultar documentos digitalizados, conferindo as notas do autor com as próprias fontes. (Costa)

E essas mudanças já fazem parte do mundo em que a maioria dos jovens transitam atualmente. Palavras e expressões específicas desse universo virtual são, por vezes, resignificadas em contextos outros que não o das redes e dos computadores. Algumas palavras já constam até de dicionários da língua portuguesa com é o caso de *deletar*, expressão igualmente utilizada em conversas entre os jovens. Mesmo a escrita dos jovens no MSN, no Orkut e nas listas de discussão são transladadas para a escrita de textos escolares, muitas vezes sem que o jovem se dê conta. Até mesmo a dinâmica dos grupos virtuais é reproduzida em ambientes não-virtuais.

As comunidades do Orkut, por exemplo, são um referencial de identificação dos jovens. Qualquer pessoa que tem acesso ao Orkut pode inscrever-se em qualquer das comunidades criadas por seus membros. Fazer parte de muitas comunidades indica inserção em vários campos, em vários grupos, em muitas sociabilidades, que podem ser não apenas virtuais, mas constituídas por grupos de amigos reais que criam uma comunidade permitindo que outros, mesmo desconhecidos, se agreguem, ou pode se formar um grupo de amigos para além da Internet, através da pertença em comunidades.

Espaço para publicidade do privado – fotos – vídeos – recados dos amigos

Perfil

133

Rede de sociabilidade virtual - amigos

Comunidades cadastradas

**Ilustração 11** - Exemplo de perfil no site Orkut

Outra inserção dos jovens no Orkut pode ser inscrevendo-se em comunidades ligadas umas às outras por interesse, ou seja, o jovem torna-se membro de uma comunidade sobre *O Senhor dos Anéis* e nesta há uma indicação de outra comunidade relacionada que é sobre Tolkien que possui uma indicação sobre literatura fantástica, e assim os jovens podem ir se inscrevendo e participando em todas as comunidades correlacionadas, construindo para si um perfil identitário que mostra aos outros que o observam sua identificação a um universo específico.

As listas de discussão têm um caráter bastante semelhante. Alguns sites disponibilizam um e-mail para discussão dos interessados a respeito do assunto que a página virtual é dedicada. Pedem somente o cadastramento do e-mail daquele que se candidata a participar da lista, de forma gratuita. Outra forma das listas é a sua criação por um grupo que compartilha interesses em comum e decide discuti-los via correio eletrônico. Os criadores destas listas é que enviam convites às pessoas habilitadas a participar da discussão. Pode ser uma rede de amigos, de colegas de trabalho, de turmas da faculdade e etc. Estes são chamados simplesmente de *listas* ou *fóruns* de discussão, embora no Orkut a palavra fórum também identifique o espaço reservado às discussões nas comunidades. Com Luthien assim se deu:

Eu participo de três listas de discussão, uma não tão ativamente quanto eu gostaria, mas eu leio tudo o que vem na lista, é uma lista de discussão de mangá, uma lista de discussão de cinema em que se discute tudo até cinema, e uma lista de discussão nerd em que se discute tudo até a vida alheia. Então é divertido, porque é aquela coisa, tu pode mandar qualquer notícia que o pessoal começa a discutir a partir daquilo, quando tu vê a história vai parar, sei lá, no caos. É legal, porque a gente discute bastante. Aliás a Internet é uma maravilha.

Pergunta: E fora esses grupos na Internet, pessoalmente alguma coisa?

Jovem: Esse grupo de discussão nerd eu conheço eles pessoalmente. (...) A gente se conheceu pelo orkut. Aí, esse grupinho que se deu melhor formou um grupo de e-mails e começou a trocar e-mails. (Luthien)

As experiências acima fazem parte de um universo que substitui, sem exclusão total, a caneta pelo teclado e a folha de papel pela tela do computador – embora sejam experiências muito diferentes, possivelmente não comparáveis. No entanto, o livro como suporte de leitura e o caderno como suporte da escrita não perderam seus privilégios de principais detentores de inscrição das práticas de leitura e escrita, mesmo entre os jovens. As experiências com o livro e com o computador complementam-se, não se excluem. Poderia apenas salientar que a revolução vivida pelos jovens na atualidade, não tendo precedentes recentes na história, é uma experiência que as gerações dos seus pais e avós desconhecem. Nas palavras de Jorge Baeza Correa, “hasta hace muy poco tiempo los adultos podían decir: *¿sabes una cosa? Yo he sido joven y tú nunca has sido viejo*’. Pero los jóvenes de hoy pueden responder: *‘Tú nunca has sido joven en el mundo en el que soy joven yo, y jamás podrás serlo’*.(...)” (Correa, 2002, s/n)<sup>72</sup>.

\*\*\*

Como dito anteriormente, a tela não substitui o livro para os jovens leitores de Tolkien. O suporte em que se pode perceber o conjunto da obra – não fragmentada –, em que se pode visualizar o volume de páginas, que se pode levar para todos os lugares e ler em todos eles, em que se pode marcar – opcionalmente – os trechos mais importantes, os diálogos marcantes e as partes que encantam só é possível, até o momento, com o códex ou o *livrão*, como dizem alguns jovens:

Jovem: É, mas eu gosto de ter o livrão. É ruim de ler.

Pergunta: Por quê?

Jovem: É ruim de ler no computador.

Pergunta: É?

Jovem: É muito ruim.

Pergunta: (...) Por quê?

---

<sup>72</sup> “Até muito pouco tempo os adultos podiam dizer: *Sabes de uma coisa? Eu fui jovem e tu nunca fostes velho*. Mas os jovens de hoje podem responder: Tu nunca fostes jovem no mundo em que sou jovem hoje, e jamais poderás ser” (tradução nossa).

Jovem: Não, não dá pra ler toda hora, não dá pra ler no ônibus, não dá pra ler no banheiro, o olho queima por causa da tela, vários motivos. (Elros)

Assim, todos os jovens entrevistados leram *O Senhor dos Anéis* no suporte impresso, o livro. Mas não foram as mesmas experiência, pois elas foram múltiplas e estiveram ligadas ao leitor, suas competências, suas expectativas, suas apropriações do texto, seus gostos, seu histórico de práticas de escrita e leitura. Para alguns foi uma experiência intensiva, quase ininterrupta: “A primeira vez que eu li *O Hobbit* demorou um pouco mais, vamos dizer, uma semana e meia. Mas aí quando eu peguei a trilogia foi três dias cada um” (Thingol), “(...) o segundo volume, quando eu eventualmente li, eu li em dois dias. Mas o primeiro eu levei dois meses. (...) eu devorei em dois dias o segundo e em três ou quatro o terceiro livro” (Tuor), “Eu chegava do colégio, almoçava e ia para o livro. Em 30 dias, exatamente, eu li o livro, estava com ele acabado, esperando os meus amigos lerem pra mim pode comentar com eles” (Celeborn).

Dois dias, três dias, um mês, os jovens leram o livro em tempos variados, em ritmos diversos, mas compartilham a experiência de uma leitura intensa, sem muitas pausas, sem leituras paralelas, embora de acordo com suas próprias competências. Outros jovens compartilharam práticas de leitura menos intensas, mais pausadas, devido às atividades escolares, profissionais ou às características do livro *O Senhor dos Anéis*:

O primeiro livro eu li com bastante interesse, ele é uma leitura que flui. O segundo livro eu já achei mais monótono porque eu já achei descritivo demais, muita coisa descritiva. O terceiro livro eu acabei lendo pausadamente porque eu estava trabalhando, então eu lia, geralmente, no ônibus quando eu estava indo ou quando eu estava vindo, e em casa antes de dormir. (Galadriel)

Ler em mais ou menos dias, intensamente ou pausadamente, são diferentes modos de se apropriar do livro que contém o texto. Não significa que desses diferentes modos possamos avaliar a qualidade das leituras empreendidas. Elas fazem parte, isso sim, do conjunto de práticas envolvidas no ato de ler, desde o local escolhido – o ônibus, o quarto, o local de trabalho, a sala de aula ou os intervalos de aula –, passando pela velocidade da leitura, pela inscrição e participação do corpo – deitado, sentado, pensativo, andando, de pé – até as interpretações, as apropriações do texto pelos leitores. Segundo Chartier “a relação da leitura com um texto depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor, de suas

competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido” (1999b, p.152).

O livro pode também ser lido e relido. A leitura d’*O Senhor dos Anéis* é uma leitura de literatura de fantasia, segundo seus leitores, ou *do fantástico* que produz efeitos semelhantes aos provocados pelas leituras de romances em seus leitores, conforme destaca Chartier (2002b) a respeito das leituras dos romances de Richardson, relativamente aos dispositivos utilizados para que a história domine o seu leitor:

O segundo dispositivo que deve provocar automaticamente o empenho do leitor na narrativa encontra-se na supressão de qualquer distância entre a ficção e o mundo social, ou melhor, a imposição da certeza de que a ficção literária é mais verdadeira do que a realidade empírica. (pp. 112-113)

A leitura d’*O Senhor dos Anéis* provoca em seus leitores este apagamento da distância entre a realidade e a fantasia. Os leitores tratam dos personagens como se fossem seres reais e, alguns jovens, envolvidos com esse mundo imaginário, chegam à sacralização do escritor, de que Chartier (2002b) fala, ao estudarem sua vida, suas obras e, mesmo depois de sua morte, irem em busca de novidades, dos seus manuscritos, daquilo que ainda é inédito. Os jovens leitores de Tolkien não são muito diferentes dos leitores de Richardson, embora os tempos e os espaços vividos sejam outros. As experiências de enlevo com o texto são muito parecidas e as estratégias dos autores para transformar seus leitores em participantes da obra, mais que apenas leitores, e torná-los quase *enfeitados* pelo texto, também se assemelham. Uma outra questão similar é a leitura de repetição.

Chartier (2002b) já percebia, pelas análises dos romances de Richardson, que uma das características da revolução da leitura do século XVIII, que foi a passagem de uma leitura intensiva – leitura de repetição da Bíblia, vidas de santos, orações, pelo fato da efêmera presença do impresso bem como de seus suportes – para a leitura extensiva – leitura de muitos textos, em muitos suportes pelo aumento da circulação do impresso, o surgimento de outros suportes para os textos, como folhetos, libelos, panfletos e a expansão de livros de vários gêneros – é desmentida radicalmente, enquanto oposição, pelas práticas dos jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis* na atualidade, assim como as práticas de leituras dos leitores de Richardson já a desmentiam no século XVIII.

Outros exemplos que poderia mencionar-se é o da leitura dos romances – de Richardson e Rousseau a Bernardin de Saint-Pierre e Goethe – que define um novo modelo de leitura, de relação dos leitores com os livros, e desloca a leitura bíblica porque é também uma leitura de repetição. Assim, ao concluir o livro deve se começar de novo: o texto já é conhecido pelo indivíduo, que projeta sua vida no texto incorporando-o à sua existência pessoal e apagando toda diferença entre ficção e realidade, como se os personagens fossem pessoas reais, sem importar se a leitura é compartilhada ou solitária. (Chartier, 2001a, p. 114)

No caso de Tolkien, alguns séculos após essa revolução da leitura, os leitores, jovens contemplam esses dois tipos de leitura em suas práticas culturais. Exemplificando as leituras intensivas, alguns jovens afirmaram:

(...) o primeiro volume, *A Sociedade do Anel*, eu li dúzias de vezes, (...) porque foi um livro que eu comprei, fiquei com ele três anos mais ou menos antes de comprar os outros. Então eu lia e relia ao longo desse período. (...) Mais tarde eu comprei os outros dois e aí eu começo a ler a trilogia. Eu tenho uma média de leitura da trilogia de uma vez por ano. Tem anos que eu não leio toda a obra, eu pego só um dos volumes ou eu leio toda a obra. Aí eu tenho o quê? Dez anos de leitura de Tolkien, mais ou menos. (Tuor)

Pergunta: Quantas vezes tu já leu?

Jovem: Uma vez por ano é uma média, porque eu já li, acho que umas sete vezes. *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, mais ou menos umas sete vezes. (Thingol)

Pergunta: E tu leste mais de uma vez esses livros?

Jovem: Li, mais de uma vez.

Pergunta: Mais ou menos quantas? *O Senhor dos Anéis*?

Jovem: *O Senhor dos Anéis* acho que eu li umas vinte e três vezes por aí.

Pergunta: Mais de uma vez por ano?

Jovem: Mais de uma vez por ano.

Pergunta: E os outros um pouco menos ou...

Jovem: *Silmarillion* mais, eu acho. (Arwen)

Com relação às leituras extensivas, algumas falas são emblemáticas:

Jovem: Ah, acho que eu li praticamente tudo.

Pergunta: Tudo!

Jovem: Tudo. O que tem em português, sim. *O Hobbit*, *O Silmarillion*, *Os Contos Inacabados*, os livros mais infantis dele: *Roverandom*. (Elrond)

Pergunta: Quais outros livros do Tolkien tu lesse?

Jovem: Virtualmente tudo que foi publicado em português. (...) *Silmarillion*, *Contos Inacabados* e *O Hobbit*. É que a tua pergunta também, se tu ficar em termos literários, livro, a figura do LIVRO, eu tenho que restringir a isso, *Senhor dos Anéis* e as outras obras.

Pergunta: Então que textos?

Jovem: Há todo um universo de textos, de contos, de obras dele que está publicado no *The History of Middle Earth*, de doze volumes, e muitos trechos desse material são publicados, tu encontra na Internet, discussões sobre esse material tu encontra, é uma forma de leitura a partir do momento que tu lê discussões em fóruns de sites especializados ou resenhas desse material, tu fica por dentro (usando como gíria aqui) dentro do universo do Tolkien. – Bah, é assim que funciona! Bah, que legal, que conceito interessante. Ah, ainda bem que o Tolkien não desenvolveu isso, era uma porcaria! (Tuor)

Tuor, na citação acima, chamou atenção à pergunta que fiz sobre suas leituras de livros. Ele não lê somente livros como suportes de textos, mas uma infinidade de fragmentos, artigos traduzidos do inglês para nossa língua e publicados na Internet que ele considera como leituras, e que efetivamente são. Salientando isso, Tuor afirma sua compreensão do que é ler e do que é o livro. Com todos os exemplos acima fica evidente que a leitura intensiva não exclui a leitura extensiva e vice-versa.

A leitura de Richardson, tal como a praticavam Diderot e os admiradores do autor inglês, desmente radicalmente este tipo de oposição [leitura intensiva X leitura extensiva]. O romance toma conta do leitor, o captura, governa seus pensamentos e seu comportamento. Ele é lido, relido, decorado, citado, recitado. O leitor é invadido por um texto que o habita e, ao identificar-se com os heróis da narrativa, ele decifra sua própria existência por meio da ficção. Nesta leitura particularmente intensa e ‘intensiva’, toda a sensibilidade fica comprometida e o leitor, ou a leitora, não consegue reter a emoção e as lágrimas. (Chartier, 2002b, p. 108)

Conforme indica Chartier (2002), a revolução de leitura do século XVIII seria mais bem caracterizada pela expansão dos modos de ler, sem a necessidade de se abandonar antigas práticas por novas. Na atualidade, a Internet e o computador como suportes de textos que ganham espaço em todo o mundo e para todas as gerações, poderíamos supor que a tela substituirá os livros, e essa é uma discussão bastante atual. Mas o que vemos, ainda hoje, é uma popularização do computador e da Internet, que convivem com a presença marcante do livro em todos âmbitos da vida cotidiana e social também entre os jovens. Essas relações podem se modificar, mas se considerarmos a longa história das práticas de leitura, a revolução do rolo ao códex foi das mais significativas, não tão facilmente superada.

Os modos de apropriação dos textos são variados. Podem-se inscrever no próprio texto as estratégias, marcando páginas, trechos ou não permitindo nenhum “objeto estranho”, nas palavras de Dior, dentro do livro. As apropriações, em geral, não são expressas sob a forma de texto, não são sequer verbalizadas, até que se pergunte como se lê, e é nos modos de

ler Tolkien, nas experiências de leituras que percebemos as táticas de inscrição no texto lido, de sua apropriação.

Essas experiências de leituras também são diferenciadas para cada um dos leitores, mas uma questão comum é o encantamento, o *estar embevecido* que é um estado próprio dessas leituras guias da existência, parafraseando Chartier (2002b). Para alguns jovens, realizou-se uma verdadeira revolução em suas práticas de leitura, como é o caso de Thingol que diz: “Eu comecei a ler de verdade, mais assíduo, quando me emprestaram *O Hobbit*”. Para outros, foi um retorno às práticas de leitura: “Ler *O Senhor dos Anéis* me fez voltar à leitura novamente” (Galadriel). Para Gildor, *O Senhor dos Anéis* propiciou um retorno à infância, aos tempos em que acreditava que bater palmas para a personagem Sininho, do filme *Peter Pan*, a impediria de morrer, como ele mesmo narra. Para os jovens jogadores de RPG, *O Senhor dos Anéis* era o que eles procuravam e queriam ler – ou ver, nos casos em que assistiram ao filme antes de lerem o livro: “Mas a primeira vez que eu vi *O Senhor dos Anéis*, esse colega (...) me mostrou pela primeira vez o livro, começou a me explicar o que tinha nos apêndices (...). Mas isso é RPG! Então isso foi mais um atrativo que eu tive para ler Tolkien” (Haldir).

Então, um dia, nós vimos, por acaso, um trailer no cinema que tinha chegado o filme d’*O Senhor dos Anéis*. Meu primo me convidou pra ir ao cinema, fomos assistir ao filme, e foi, sei lá, uma experiência transcendental pra mim. Tudo que eu tinha imaginado, jogado, Dungeons & Dragons do RPG, estava tudo ali. (Celeborn)

Para Celeborn, que é jogador de RPG, o filme *O Senhor dos Anéis* era como estar num mundo dos jogos de Roleplaying Game. Mas a leitura foi uma experiência diferente. Celeborn conta que teve que retornar muitas vezes no texto: “muitas vezes, muitas páginas, muitos capítulos eu tive que chegar no fim e voltar. A literatura do Tolkien acho que foi a literatura mais exigente que eu já li. Tolkien é muito descritivo. Não tem como tu não *ver* [grifo nosso] o que ele está descrevendo”. Ler, reler, retornar em seguida que se lê, além de ser uma experiência própria do texto que usa dispositivos para que o leitor sinta-se projetado na obra, vibre com ela e chore ou sorria ao seu término, também demonstra a relação entre as competências do leitor, as exigências dos textos e as apropriações feitas, ou seja, embora seja um texto exigente para Celeborn *O Senhor dos Anéis* lhe fascinou a tal ponto que mesmo com uma leitura não fluida, com muitos retornos para decifrar os sentidos e o significado de termos não compreendidos, foi uma leitura realizada até o final, de modo intenso, embora não intensivo, porque Celeborn só leu uma vez *O Senhor dos Anéis*.

Talvez a dificuldade da leitura tenha impedido a leitura mais de uma vez, porque mesmo não relendo o texto ele *vive em sua memória*, como diria Chartier (2002b). O filme contribui para isso, as imagens, a adaptação para o cinema que pode ser vista e revista muitas vezes, mais facilmente até do que ler o livro, evoca na memória as imagens do próprio livro lido uma vez. Os jogos de RPG também alimentam essa evocação e atualização constantes, pois embora Celeborn não contabilize as vezes em que os jogos se baseiam na Terra-Média, as descrições de Tolkien sobre o cenário são retomadas, relidas, lembradas por todos os jovens que compartilham do jogo, da leitura e de sua sociabilidade. Entre si, os jovens lêem e escutam sobre leituras feitas.

Os sentidos atribuídos ao texto também são variados, dependem das preferências dos jovens, de seus gostos, suas identificações. A primeira frase que Thingol disse quando iniciamos a entrevista foi: “Eu leio qualquer coisa que escorre sangue ou que tenha aventura”. As lembranças que ele narra do livro, quando exemplifica algo, referem-se às batalhas da história e o sentimento que *O Senhor dos Anéis* lhe suscita é de tristeza:

Acho extremamente triste. Acabou o desespero, mas os elfos vão embora, os anões já estão desaparecendo, só sobramos nós, os Mortais. A idéia de mortalidade é muito triste e depois que Sauron desaparece parece que toda a nossa mortalidade recai naquele mundo. Eu acho extremamente triste *O Senhor dos Anéis*. (...) lendo os apêndices, conta a história da Arwen e do Aragorn e lá na 4ª era, ano 120, quando ele morre, aí ela, um ano depois, morre, sozinha. Olha só que desgraça. Ela fica seis meses sozinha, no nada, no meio da floresta. “E depois da passagem da Estrela Vespertina nada mais será contado”. É... eu acho muito triste. É glória e tristeza o livro. (Thingol)

Thingol faz referência explícita à passagem do livro abaixo transcrita:

Mas, quando Arwen saiu da Casa, a luz de seus olhos se apagara, e seu povo teve a impressão de que ela se tornara fria e cinzenta como o cair de uma noite de inverno, que chega sem uma estrela. Então ela disse adeus a Eldarion e às filhas, e a todos aqueles a quem amava; partiu da cidade de Minas Tirith e passou para a terra de Lórien; e viveu lá sozinha, sob as árvores que iam murchando, até que o inverno chegou. Galadriel tinha-se ido, Celeborn também, e a terra estava em silêncio.

Então, por fim, quando as folhas de maíom estavam caindo, mas a primavera ainda não chegara, ela se deitou para descansar sobre Cerin Amroth, e lá está seu túmulo verde, até que o mundo se altere, e todos os dias de sua vida sejam completamente esquecidos por homens que vierem depois, e elanor e niphredil não mais floresçam a leste do Mar.

Aqui termina esta história, como nos chegou do sul; e com a passagem da Estrela Vespertina nada mais se lê neste livro sobre os dias de outrora [grifo nosso]. (Tolkien, 2000c, p. 351)

O modo como Thingol se apropria da leitura é bastante particular. Seus gostos denunciam alguns motivos, como seu interesse por batalhas, que podemos relacionar com honra, bravura, coragem, lealdade, presentes na figura do herói, por exemplo. Na leitura de textos, universos se encontram, cada qual respeitando seus limites, embora às vezes haja algumas sobreposições. Os textos ditam suas regras, seus modos de serem compreendidos, colocados nele pelo autor, editor e outros intermediários entre a produção e a recepção; o leitor, por sua vez, apropria-se, distorce, subverte, re-significa o texto lido:

O ato de ler situa-se estrategicamente no ponto de ‘aplicação’ (...) onde o universo do texto encontra-se com o do leitor, onde a interpretação da obra termina na interpretação do eu. Ler é entendido como uma ‘apropriação’ do texto, tanto por concretizar o potencial semântico do mesmo quanto por criar uma mediação para o conhecimento do eu através da compreensão do texto. (Chartier, 1992, p. 215)

Retornando à fala de Thingol, perguntei a ele porque gostava tanto de *O Senhor dos Anéis* se o final da história o deixava triste, e sua resposta foi:

Acho que a parte da glória já é o suficiente. Tem coisas que vale a pena morrer. Aqueles exércitos todos, tanto de humanos quanto de elfos e de anões estavam dispostos a morrer. Os elfos podiam fugir, pegar um barco e ir embora pra fora, não! Eles estavam dispostos a morrer por aquilo que eles acreditavam e até pra ajudar os humanos porque eles podiam simplesmente largar tudo e tchau pra vocês. Não, eles ficaram e morreram. (...) Acho que isso é... honra, glória e tristeza no fim. (Thingol)

Um das preferências de Thingol, como dito anteriormente, são as batalhas narradas por Tolkien. Grande parte da história é permeada por elas, guerras entre o bem e o mal, sacrifícios em prol da causa da Terra-Média. Todos os povos se unem para derrotarem Sauron, a essência do mal. Embora a primeira afirmativa de Thingol tenha sido impactante, sua observação quanto ao que lhe agradava no livro é elucidativa, pois não são apenas sangue e aventura, mas o que advém das batalhas, o que elas demandam que o cativaram: a honra, a glória e a tristeza também. Para o jovem a questão interessante na história de Tolkien é que há uma causa nobre pela qual vale a pena morrer. Esses valores, aparentemente esquecidos em nossa sociedade, fazem com que *O Senhor dos Anéis* valha a pena ser lido e relido por Thingol.

Galadriel é uma jovem que podemos dizer bastante romântica. Ela conta que quando era mais nova e lia muitos romances como *Sabrina*, *Bianca* e *Bárbara* sonhava encontrar um grande amor, um príncipe encantado. Na leitura d’*O Senhor dos Anéis*, uma das coisas que lhe chama a atenção são os mitos, “aquela coisa bonita, aquela coisa maravilhosa” (Galadriel). Compatível com seu romantismo, a união dos personagens é outra questão que a atrai, que a faz gostar da história: “ele [Tolkien] passa uma coisa de união do grupo do livro mesmo, ele acaba mostrando uma coisa que eu acho que as pessoas estão precisando atualmente, porque hoje em dia, no mundo, é cada um por si. É muito pouca gente que tu pode dizer ‘é meu amigo’. E eu acho que no livro tem bastante” (Galadriel). Alguns excertos dos livros representam, emblematicamente, o que Galadriel sugere.

— Levarei o Anel — disse ele. — Embora não conheça o caminho.

Elrond levantou os olhos e olhou para ele, e Frodo sentiu o coração devassado pela agudeza daquele olhar. — Se entendo bem tudo o que foi dito — disse ele —, penso que essa tarefa é destinada a você, Frodo; e que, se você não achar o caminho, ninguém saberá. É chegada a hora do povo do Condado, quando deve se levantar de seus campos pacíficos para abalar as torres e as deliberações dos Grandes. Quem, entre todos os Sábios, poderia prever isto? Ou, se são mesmo sábios, por que deveriam esperar sabê-lo, até que a hora chegasse?

— Mas o fardo é pesado. Tão pesado que ninguém poderia impô-lo a outra pessoa. Não o imponho a você. Mas se o toma livremente, direi que sua escolha foi acertada; e se todos os poderosos amigos-dos-elfos de antigamente, Hador, e Húrin, e Túrin, e o próprio Beren, estivessem reunidos juntos, haveria um lugar para você entre eles.

— *Mas certamente o senhor não o enviará sozinho, Mestre? — gritou Sam, incapaz de se conter por mais tempo, e pulando do canto onde tinha estado sentado, quieto, sobre o chão.*

— *Realmente não! — disse Elrond, voltando-se para ele com um sorriso. — pelo menos você deve ir com ele. É quase impossível separá-lo de Frodo, até mesmo quando ele é convocado para um conselho secreto, e você não [grifo nosso].*

Sam se sentou, corando e gaguejando. — Que boa enrascada esta em que nos metemos, Sr. Frodo — disse ele, balançando a cabeça. (Tolkien, 2000a, pp. 286-287)

— Deixem-me pensar! — disse Aragorn. — E, agora, tomara que eu possa fazer a escolha certa e mudar o destino trágico deste dia infeliz! — Ficou em silêncio por um momento. — Vou seguir os orcs — disse ele finalmente. — E eu teria guiado Frodo a Mordor, acompanhando-o até o fim; mas se o procurar agora nestes lugares desertos vou abandonar os prisioneiros ao tormento e à morte. Meu coração fala claramente: o destino do Portador não está mais em minhas mãos. A Comitiva desempenhou seu papel. *Mas nós, que permanecemos, não podemos abandonar nossos companheiros enquanto tivermos forças [grifo nosso].* Venham! Partiremos

agora! Deixem para trás tudo o que for possível! Vamos prosseguir de dia e de noite. (Ibid., p. 11)

Valores como amizade, lealdade, fidelidade são apresentados por Tolkien ao longo de toda sua narrativa. No mundo em que vivemos, onde “cada um é por si” na expressão da jovem, ler obras em que amigos arriscam a vida uns pelos outros traz ao mundo de Galadriel uma referência necessária ou supre uma necessidade. Valores românticos com os quais a jovem se identifica e que são apropriados, dando significado às leituras, significam sua própria presença no mundo: “Pra mim é uma coisa que eu gostaria de ter vivido, de estar vivendo, de estar naquele mundo, pra mim isso me chama atenção” (Galadriel).

Barahir, sendo um jovem bastante identificado com práticas e materiais culturais orientais, tem grande apreço pela figura carismática do sábio do livro de Tolkien:

(...) a figura do Gandalf é completamente marcante. Tem coisas que eu lia e parava. Conselhos e tudo. (...) o Tolkien fez o Gandalf que é uma figura super-sábua, que dá conselho da própria mitologia (...). Sempre que eu estou extremamente mal, por algum motivo, vem uma frase muito boa d’*O Senhor dos Anéis* que, acho que é o Gandalf, acho não, é o Gandalf que fala: “Não importa... tu não pode escolher o mundo que tu vai nascer nem o tempo, tu não pode escolher nem o tempo nem o mundo, mas tu pode escolher o que tu vai fazer com o tempo que te foi dado”. Então, sempre que eu encontro uma coisa difícil, alguma coisa ruim na vida, surge da minha cabeça [essa fala]. (Barahir)

Barahir evoca uma cena da história que é especialmente importante para ele:

— Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro. Os rumores que ouviu são verdadeiros: ele realmente ressurgiu; deixou seus domínios na Floresta das Trevas e voltou à sua antiga fortaleza na Torre Escura de Mordor. Até vocês hobbits já ouviram esse nome, como uma sombra rondando os limites das velhas histórias. Sempre, depois de uma derrota e uma pausa, a Sombra toma outra forma e cresce novamente.

— Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época — disse Frodo.

— Eu também — disse Gandalf. — Como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. *Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado* [grifo nosso]. (Tolkien, 2000a, pp. 52-53)

Barahir conta que quando estava decidindo se desistiria ou não da faculdade que cursava na UFRGS para ir estudar em uma outra universidade particular, em outro estado, que oferece o curso em que estava interessado, ele foi assistir um filme de fantasia e, na casa de amigos, também assistiu novamente ao filme *O Retorno do Rei*. Conforme sua narrativa, ao

terminar de assistir o terceiro filme da trilogia *O Senhor dos Anéis* ele se decidiu por ir atrás de seus sonhos e cursar a faculdade que deseja, no interior de Santa Catarina:

Porque tu ficas com aquela impressão, aquela coisa boa do filme, aquela coisa tipo: vá atrás de seu desejo, vá atrás do seu sonho. E é isso que *O Senhor dos Anéis* tem, que a literatura de fantasia tem. Tu vêes um filme do Almodovár, sai de lá querendo cortar os pulsos (...). Agora tu vê um filme d'*O Senhor dos Anéis*, tu pensa: - Bah, não, vale a pena algumas outras coisas. (Barahir)

A apropriação de Barahir ultrapassa as fronteiras entre a realidade e a ficção, pois incentiva-o a uma ação concreta, um projeto de vida. Como diz Chartier (2002b) “a identificação do leitor com o texto, a propósito, não se limita ao momento da leitura: ela é ilimitada” (p. 118), ultrapassa os momentos do ler e suas práticas, passa à vida dos leitores e influencia suas ações. É uma apropriação do texto, conforme Chartier (2001a), “no sentido de fazer algo com o que se recebe. Utilizei o termo no sentido da pluralidade de usos, da multiplicidade de interpretações, da diversidade de compreensão dos textos” (p.116), mesmo sentido aqui utilizado. Os usos que se faz do texto lido são vários, dependem de muitas variáveis como as competências, mas não são universais, não são comuns a todos os leitores.

Permeando todas as questões acima, o que faz os jovens apreciarem a obra de Tolkien é a veracidade do mundo que ele criou, a preocupação com os detalhes, as línguas diferentes para cada cultura criada pelo autor, a estrutura mítica do texto. Como referi anteriormente, a intenção de Tolkien era realmente criar um mito para a Inglaterra e pelas falas de alguns jovens leitores brasileiros, seus intentos foram alcançados. Muitos jovens falam dos elementos de mitologia nórdica, celta, grega e romana que influenciaram, segundo eles, a narrativa de Tolkien. Elwing diz que ao ler *O Senhor dos Anéis* percebeu nele algumas relações com o Wicca<sup>73</sup> que ela participou por um tempo. Mais uma vez afirmo que os jovens se identificam e se apropriam de formas diversas das experiências de leitura, especialmente por tratar-se da leitura de uma obra vasta de possibilidades, ampla em temáticas a serem ressignificadas.

Outro exemplo provém dos jovens entrevistados que cursam – ou cursaram – a faculdade de Letras, como Barahir, Elrond, Gildor e Luthien que falam de seus encantamentos

<sup>73</sup> “A Wicca é chamada de ‘religião da Bruxaria’. Também é conhecida como ‘Bruxaria Moderna’, (...) A Wicca é uma religião iniciática e sacerdotal, o que significa que, para fazer parte, você deve ser iniciado e, uma vez iniciado, você se torna sacerdote. Sendo assim, **todos os praticantes da Wicca são sacerdotes**” In.: <http://bruxaria.net/enciclopedia/w/wicca.htm>.

com a obra de Tolkien ressaltando que têm conhecimento dos arquétipos do herói, do sábio, chegando mesmo a citarem Joseph Campbell<sup>74</sup>. Também salientam que embora tenham esses conhecimentos, quando lêem Tolkien não se interessam se o herói por ele criado é igual a outros existentes no campo da literatura, interessa que os personagens d’*O Senhor dos Anéis* realizem feitos e vivem em mundos que, se não soubessem que foi um autor o criador da Terra-Média, isso foi referido por boa parte dos jovens leitores entrevistados, eles acreditariam que ela foi real.

(...) dá um prazer imenso ler aquilo ali, era uma coisa diferente, era um mundo inventado, isso que eu achava o mais incrível, que era um mundo inventado, mas era tão plausível, era tão bem feito, que podia imaginar que aquilo podia ter acontecido. Era um passado possível, sabe. (...) até mitologia que traz um passado mítico pra te abrir (...) encontrava um paralelo n’*O Senhor dos Anéis*, era bem costurado tudo ali dentro, nos menores detalhes, aí vai as línguas também (...), a história dos povos, a geografia que ele descreve bastante, o cenário, tu visualiza totalmente o cenário, aquilo ali dá uma verossimilhança absurda, acho que aquilo ali alimenta a carga de prazer, de identificação, é um mundo basicamente identificado com o nosso, (...) tem o negócio do herói, todas coisas arquetípicas, alguma liga ali dentro que tu consegue te identificar. Dá uma empatia com os personagens, os personagens são bastante carismáticos também. (Elrond)

Essa identificação com os personagens, com o cenário em que se passa o livro, são características da obra a que vários jovens fazem alusão. Mas também mencionam as línguas da Terra-Média. Há vários jovens que se interessam pela temática e enaltecem Tolkien por ter se preocupado com a morfologia, a estrutura, a estilística das línguas dos povos criados. Outros jovens se identificam com o mundo criado, com a Terra-Média ou com regiões específicas deste mundo fantástico: “A cena do Condado, me dá vontade de viver no Condado, me dá vontade de beber a cerveja deles, dá vontade de comer os quitutes. Desperta esses sentidos em ti, desperta a gula, desperta a sede, desperta o teu espírito aventureiro. Por isso que ele é mais completo que todas as outras [histórias]” (Huor).

A ansiedade era grande. A quinta-feira, 22 de setembro, finalmente chegou. O sol se levantou, as nuvens desapareceram, bandeiras foram desfraldadas e a diversão começou.

Bilbo Bolseiro chamava aquilo de festa, mas na verdade era uma variedade de entretenimentos reunidos num só. Praticamente todos os que moravam ali por perto foram convidados. (...) Muitas pessoas de outras partes do Condado também foram convidadas. (...) Distribuiu presentes para

---

<sup>74</sup> Joseph Campbell (1904-1987) foi estudioso de mitologia e religião comparativa. Sua principal obra denomina-se *O Herói com Mil Faces* e trata do ciclo da jornada do herói.

todos e mais alguns (...). Os hobbits dão presentes para outras pessoas em seus aniversários.

(...).

Quando todos os convidados tinham recebido as boas-vindas e estavam finalmente do lado de dentro, houve canções, danças, música, jogos e, é claro, comida e bebida.

Houve três refeições oficiais: almoço, chá e jantar (ou ceia).

(...).

Os fogos eram de Gandalf.— não foram apenas trazidos por ele, mas projetados e fabricados por ele; e os efeitos especiais, cenários e foguetes era ele quem controlava. (Tolkien, 2000a, p.27)

Mas por que os jovens gostam de Tolkien? Era essa a pergunta que lhes dirigi nas entrevistas, e suas respostas, apresentadas acima, propiciaram novas indagações e algumas reflexões. A sociedade tecnológica que vivemos nos apresenta um modelo de felicidade que deve ser perseguido por todos. Os jovens, mais do que outras gerações, são estimulados a aderir, e a endossar valores em que a competitividade, o lucro a qualquer preço, e a segurança são fundamentais. No entanto, os jovens leitores de Tolkien se encantam, em suas leituras, com as cenas em que os personagens abandonam suas vidas tranqüilas em prol de um amigo; em que os heróis dos livros assumem seus pontos fracos e são suficientemente corajosos para admitirem que não podem carregar um fardo que é maior que suas forças; em que o benefício da jornada é salvar o mundo todo do mal, trazendo consigo o tesouro da experiência, da sabedoria, da vida que não precisou ser sacrificada em batalhas, dos amigos. Os jovens se encantam com um livro em que o grande herói, em declaração do autor e na percepção de grande parte dos leitores, é o jardineiro do personagem principal. Desse modo, as experiências vividas pelos jovens, em suas subjetividades, não coincidem, sempre, com aquelas que lhes são propostas pela sociedade de consumo.

Alberto Melucci faz algumas reflexões em que é possível pensar essas disparidades das experiências internas e sociais dos jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis*. Segundo ele, as diversas culturas forjaram três representações simbólicas da dimensão indescritível do tempo: a primeira é o *círculo*, o tempo originado do mito, da repetição sucessiva de eventos, onde nada é adquirido ou perdido definitivamente, aquele que “é percebido e vivido como um retornar cíclico de todas as coisas” (Melucci, 2004, p. 18). A segunda metáfora é a *flecha*, em que o tempo “segue um rumo, tem uma finalidade, que é também o seu fim, ou seja, é o ponto final que dá sentido a todo o percurso precedente e ilumina as passagens intermediárias” (Ibid., p. 19), idéia que alimentou a industrialização e é o modelo aceito até nossos dias. Apesar disso, essa imagem está entrando em declínio, consolidando-se a terceira representação do tempo que é o *ponto*, a idéia de uma experiência

pontual do tempo, da “percepção de uma seqüência descontínua, mista, heterogênea, uma sucessão de momentos temporais muitas vezes desconexo entre si” (Ibid., p. 20).

Nossa experiência do tempo, de forma subjetiva, agrega todas as representações descritas acima. Somos lineares porque temos passado, presente e futuro, mas nessa linearidade ocorre a experiência da circularidade em que elaboramos nosso passado de acordo com o que projetamos para o futuro, o presente liga passado e futuro de forma circular, memória e projeto dão ao nosso tempo subjetivo a experiência da circularidade. No entanto, concentramos a plenitude de nossa experiência no tempo presente, vivemos as experiências em momentos pontuais do agora: “Do tempo vivemos, portanto, todas as figuras, o círculo repetido entre memória e projeto, o movimento linear da flecha como intenção e objetivo, a conjunção exultante do ponto ou a experiência de nos perdermos nele” (Ibid., p. 24).

Para dar conta, simbolicamente, de nossas contraditórias vivências de experiências com o tempo, Melucci retoma uma figura da sabedoria de culturas passadas: o espiral que une o círculo, a flecha e o ponto. O círculo é representado pela circularidade do espiral, a flecha pelo seu encaminhamento ascendente e o eixo sobre o qual movimenta-se a espiral é o ponto. No entanto, nossa sociedade nos apresenta uma multiplicidade de vivências com relação ao tempo e nos impulsiona a migrarmos de uma a outra forma, até mesmo, de modo disruptivo. Nossos tempos internos e sociais apresentam-se de modo divergente e a rapidez dos tempos vividos não permite que assimilamos essas rupturas. Assim, temos necessidade de preencher os vazios deixados pelos deslocamentos abruptos, aqueles que seriam preenchidos caso tivéssemos tempo de assimilar o mundo interno e o social. Os jovens entrevistados ampliam suas experiências internas, onde se encontram desejos, sonhos, fantasias, afetos, emoções, valores e as ligam às experiências do tempo social através das leituras individuais e compartilhadas com outros jovens, numa transição menos conflituosa entre os tempos individuais e sociais do indivíduo.

Fechar o livro, finalizar a experiência interior, é um ritual para adentrar, novamente, o tempo do social, o tempo pontual. Compartilhar essas experiências de leitura com amigos, com um grupo que também as vivenciou é uma forma de estar no tempo imediato, mas conectado, através dessas sociabilidades, a um tempo circular, mítico. Os jogos de RPG também cumprem esse papel, necessário e alternativo a várias outras opções juvenis de alargarem seus tempos interiores.

#### 4.4 SOCIABILIDADES JUVENIS

*Cada leitor, para cada  
uma de suas leituras, em cada  
circunstância, é singular. Mas esta  
singularidade é ela própria  
atravessada por aquilo que faz que  
este leitor seja semelhante a todos  
aqueles que pertencem à mesma  
comunidade.  
(Roger Chartier)*

As comunidades interpretativas ou comunidades de jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis*, embora sua diversidade, vivências particulares e as diferentes inscrições nos grupos de pertencimento, fazem parte de uma comunidade de leitores mais ampla que compartilha determinados símbolos, interpretações, códigos, competências adquiridos ao longo das trajetórias de leitura, dos percursos construídos nas práticas de leituras.

Tais competências e trajetórias, no entanto, são singulares, únicas, vivências individuais que, no limite, são compartilhadas. Embora a leitura seja uma prática “transgressora” e, portanto, múltipla, como bem assinala Michel de Certeau (1994, p. 268), diferentes jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis* têm em comum a pertença a um mundo simbólico fantástico, onde anéis mágicos e magos possuidores de grande sabedoria são elementos ordinários. Alguns jovens apropriam-se de tal forma do fantástico que começam a criar suas próprias histórias, em jogos de RPG ou através das escritas de *fanfics*. Outros se alimentam de fantasias através da leitura de outros livros (mais ou menos numerosos) ou assistindo filmes de semelhante teor. Entendem que o título dado à obra de Tolkien refere-se a um mundo mágico, fantástico, não tão inusitado e irreal para todos esses jovens das comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis*.

\*\*\*

Ser jovem não é somente uma condição social, política, econômica ou cultural. “A juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao

longo do tempo” (Pais, 2003, p. 37). Isto elucidada porque os jovens, na atualidade, não são os mesmos jovens hippies, os jovens dos movimentos socialistas, os jovens de 68, ou os jovens dos anos 40-50. Por isso a importância de salientar a construção sócio-histórico-cultural dessa categoria e perceber a flexibilidade de suas fronteiras. Como alerta Rossana Reguillo: “La juventud es una categoría construida culturalmente, no se trata de una ‘esencia’ y, en tal sentido, la mutabilidad de los criterios que fijan los límites y los comportamientos de lo juvenil, está necesariamente vinculada a los contextos sociohistóricos” (2003, p. 104)<sup>75</sup>. Nesse sentido, nem mesmo as idades dos jovens de antes são as mesmas dos jovens da atualidade:

A idade biológica da adolescência termina, mas isso não significa que alguns traços característicos se ausentem em idades futuras. A memória da adolescência se prolonga nas grandes etapas da existência como um eco vívido continuamente despertado. (...) A adolescência se caracteriza não como um conceito associado à idade biológica, mas, fundamentalmente, pela sua definição estar permanentemente em relação com o adulto. (Carrano, 2003, p. 115)

Ser jovem é também escolha. Assim como se escolhe uma profissão, um modo de se vestir, as preferências musicais e literárias, com quem se relacionar, também é fruto de escolha compartilhar regras, símbolos, práticas culturais juvenis. Mas ser jovem também é limite, que se dá entre formação cultural, regras sociais e objetivos, planos presentes ou futuros, uma fronteira entre experiência e projeto, entre vivência e possibilidade. Assim como acontece com a leitura, pertencer às juventudes é viver a tensão entre a disciplina (o limite, as regras, as normas) e a invenção (os projetos, os sonhos, o imaginário).

Os jovens também não são iguais, não há como definirmos essa categoria de forma homogênea. Não há *a juventude*, há muitas juventudes e no âmbito destas, há jovens muito diferentes entre si. Estudando algumas práticas culturais dos jovens, José Machado Pais, sociólogo português, descobriu:

Que os jovens não participam no mesmo tipo de práticas sociais e culturais; que as vivem de forma diferente; que diferentes práticas de lazer estão na base de diferentes culturas juvenis (...); que essas práticas sociais e culturais – embora consagrando e legitimando diferenciações intrageracionais – também consagram e legitimam diferenciações intergeracionais; enfim, que

---

<sup>75</sup> “A juventude é uma categoria construída culturalmente, não se trata de uma essência e, neste sentido, a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil, está necessariamente vinculada aos contextos sócio-históricos” [tradução nossa].

a socialização dos jovens, no domínio do lazer, origina diferentes culturas juvenis. (Pais, 2003, pp. 226-227)

Essa afirmação de Pais nos remete, ainda, há um tópico interessante de discussão: o tema do lazer, ou as práticas de lazer. Pais (2003) afirma que para compreendermos as culturas juvenis temos de observar como os tempos de lazer se constituem, pois representam a dimensão mais importante da vida cotidiana dos jovens. Nos tempos de lazer os jovens afirmam-se como jovens, elaboram essa categoria e se diferenciam dentro dela. Daí que as culturas juvenis são construídas muito mais nos tempos de lazer, que pertencem aos tempos livres, do que em quaisquer outros tempos da dimensão cotidiana dos jovens. Os espaços vistos socialmente como privilegiados para a construção das identidades juvenis, como a escola, não deixam de ter sua importância, mas é nos tempos de lazer que os jovens produzem suas culturas e afirmam suas identidades.

Os fenômenos relacionados com as atividades de lazer estão no centro dos processos de formação da subjetividade e dos valores sociais nas sociedades contemporâneas. Para os jovens, especialmente, as atividades de lazer se constituem num espaço/tempo privilegiado de elaboração da identidade pessoal e coletiva. (Carrano, 2003, p. 138)

Conforme Carrano, não somente importa a construção da identidade pessoal que, segundo Thomson<sup>76</sup>, “é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência” (1981, p. 57), mas construção da identidade coletiva, mesmo porque nossa identidade individual encontra-se em constante diálogo com os outros. Não prescindindo da interação, no processo de construção das identidades pessoais há uma simultânea construção de outras identidades individuais. Essas, conectadas e relacionadas, abrem espaços de troca onde agregam-se outras identidades em construção, e nessa bricolagem identitária formam-se, dentre muitas outras, as culturas juvenis.

O lazer aqui é repensado de modo a não concebê-lo meramente como tempo de espera ou de não-fazer. Os tempos livres podem conter estes tempos de não-fazer, mas o lazer deve ser percebido em outra dimensão. Nos espaços de lazer os jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis* realizaram e realizam suas leituras. Nestes espaços, também, são experimentadas

---

<sup>76</sup> Thomson ainda afirma que deveríamos utilizar a expressão *identidades* para dar conta da natureza multifacetada e plural das subjetividades.

todas as práticas culturais de leitura e escrita, produção e divulgação de saberes relacionados às suas práticas e formação de redes, de grupos de sociabilidade. Não são espaços de não-fazer, mas, por vezes, de muito trabalho, de energia colocada em abundância nestas práticas dos seus tempos de lazer.

Tania Rösing e Maria Lucia Vargas, falando das produções de fanfics por jovens, que as disponibilizam na Internet, afirmam que “a facilidade experimentada pelos alunos ao se engajarem nessas atividades não provém do fato de que elas sejam fáceis, mas, sim, da dedicação que eles devotam a elas” (2005, p. 83). Nos tempos de lazer dos jovens essa grande dedicação é evidente. Na maior parte das vezes, nós não imaginamos o quanto de trabalho, de horas, de sono mesmo, os jovens dedicam a suas atividades de lazer. Sequer estimamos o quanto de pesquisa, de procura e de estudo eles realizam como parte das atividades de tempo livre.

Construir um personagem para jogar RPG demanda horas de estudo em livros de história, mitologia, ficção ou outros mais, além de buscas na Internet e demais meios disponíveis para que o personagem com o qual se vai jogar seja adequado ao jogo, e/ou para que a construção do cenário da aventura seja o mais verídico possível, ingredientes para um bom jogo. Traduzir artigos de numerosas páginas, da língua inglesa para a língua portuguesa, por exemplo, demanda estudo, tempo, pesquisa minuciosa para que a expressão do autor não seja subvertida na tradução, não perca seu sentido nem sua profundidade, ainda mais quando este autor é aquele a quem o jovem dedica respeito e admiração pela produção – elementos que tornam o trabalho acurado, o que demanda tempo e mais trabalho.

Enfim, podemos afirmar com Pais que “é neste ‘não fazer nada’ que se produzem as solidariedades e identidades grupais; é nestas ritualidades que se geram as múltiplas construções (e distorções) juvenis da realidade” (2003, p. 131). Nos tempos de lazer as identidades são construídas, as redes grupais são formadas e emergem as culturas juvenis.

Essas culturas são múltiplas, heterogêneas, multifacetadas. Estudadas em suas particularidades e em seu conjunto são capazes de nos fazer compreender as juventudes, ou seja, é a partir da compreensão dos vários aspectos, motivações e modos de ser das culturas juvenis que podemos chegar a uma compreensão aproximada dos jovens, das juventudes enquanto categoria sociológica.

As comunidades de jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis* são exemplos dessas redes grupais juvenis onde os jovens interagem, socializam, constroem práticas culturais comuns, no contexto de um grupo específico, mas também práticas diferenciadas, em relação a outros grupos. O objetivo inicial dessas comunidades não é o da formação de redes grupais,

mas sim de agregação de indivíduos com os mesmos interesses literários e com intenções de socialização destes interesses. No entanto, a constituição dessas redes se dá a partir do momento em que se congregam, nessas comunidades, mais que interesses literários semelhantes. Gostos, práticas, expressões e outras formas de sociabilidades comuns aproximam os jovens que se reúnem. Formam-se, então, grupos de amigos.

Os grupos de amigos são exemplo destas redes grupais, ao assegurarem uma certa identificação entre os vários elementos que os constituem (têm gostos semelhantes musicais, literários, etc.) e ao funcionarem como contextos coerentes de estruturação dos tempos quotidianos dos jovens que os integram e das atividades que praticam de forma compartilhada. De facto, para a generalidade dos jovens, os amigos de grupo constituem o espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação a outros. (Pais, 2003, pp. 114-115)

\*\*\*

Os jovens leitores entrevistados fazem parte de diferentes comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*. Estas comunidades, por sua vez, têm formações variadas. Os primeiros jovens entrevistados fazem parte de comunidades virtuais de leitores d’*O Senhor dos Anéis*. Esta experiência de sociabilidade juvenil congrega inúmeras práticas correlacionadas entre si. Elrond e Elros participam da Valinor. Este grupo virtual é um dos sites mais antigos dedicados a Tolkien e suas obras. Elrond conheceu e começou a participar da Valinor no ano de 2000, quando ganhou um computador pessoal:

Eu comecei, foi justamente quando eu ganhei o computador, eu comecei com virtual, (...) eu estava no último ano do 2º grau, eu levei *O Senhor dos Anéis* pra [aula]. Eu até levei pra mostrar, pra ver se o pessoal se interessava: - Bah, tu lê essa coisa, esse troço imenso? - aí eu já vi qual era o nível (...). Mais aí no ano seguinte 2000, final de 2000, outubro, eu ganhei um computador, já com conexão pra Internet, aí eu comecei a pesquisar. Entrei de novo naquele site que eu tinha entrado sobre os filmes, os filmes não tinham saído ainda (...). Era tudo inglês, aí eu fui procurar em português, pra ver o quê que tinha de Tolkien, apareceu um monte de páginas. Tinha principalmente a Kalaquendi que é elfos em quenian e entrei lá e era uma página mais voltada pro estudo também, fazia traduções de textos inéditos, tinha ensaios que tinha em inglês, traduziam também, era basicamente um site informativo sobre Tolkien em geral, os livros do Tolkien mesmo. E tinha um outro site também que era o Pelenor que era sobre notícias dos filmes. E esse da Kalaquendi tinha um chat daqueles [que] tu entra ali na página mesmo. (...) entrei ali e tinha um monte de gente, aí comecei a falar, comecei a me informar, vi que eles entendiam também, já tinham lido bastante,

comecei a entrar todo dia daí, de noite, era conexão discada, tinha que entrar só meia-noite. (Elrond)

De acordo com a narrativa acima, o fato de não ter encontrado colegas, pares que gostassem do mesmo livro, que se interessassem pela leitura e pudessem com ele dialogar, e porque encontrou fóruns virtuais nos sites dedicados a Tolkien, formados por pessoas que tinham os mesmos interesses, leituras semelhantes e estavam dispostas e ansiosas para discutir suas impressões das obras, Elrond iniciou sua participação na comunidade virtual de leitores da Valinor. A necessidade de pertencimento, provocada pelo desejo de se comunicar, de trocar idéias, de dialogar em torno de uma temática específica, faz com que surjam sociabilidades juvenis caracterizadas por essas comunidades de leitores.

Elros também conheceu a Valinor por volta do ano de 2000. Antes de participar dos fóruns de discussão dessa comunidade virtual, ele buscava em sites especializados textos a respeito de Tolkien e suas obras, especialmente se traduzidos para a língua portuguesa. Mas foi através da Valinor que Elros começou a participar de discussões virtuais numa comunidade de leitores de Tolkien:

E um dia eu estava lá, eu ia entrar no endereço natural da Kalaquendi que era [tolkien.com.br](http://tolkien.com.br) e vi que mudou o nome, e mudou o site inteiro. Daí eu lembro que eu entrei no fórum, comecei a participar (...).

Pergunta: Porque tu começou a participar desses grupos? (...)

Jovem: Eu comecei por causa da notícia dos filmes. Foi mais ou menos a hora que eu comecei no fórum e coisa e tal. E também um pouco pra discutir. Era a época que eu estava começando o meu vício em Tolkien, era 2000, por aí.

Pergunta: E tu não tinhas pessoas pra discutir pessoalmente?

Jovem: Tinha. Mas eu não tinha o hábito de juntar meus amigos pra debater, entendeu. Mas daí eu encontrei o fórum, encontrei a Valinor, me inscrevi no fórum pra debater mesmo. Tinha uns textos legais, eu comecei a traduzir textos pra lá. E por aí vai. (Elros)

Talvez não apenas por não ter o hábito de congregar amigos para discutir Tolkien, mas, sobretudo, pelo fato dos amigos não estarem imbuídos da mesma ânsia de Elros em discutir as obras, em conhecer mais o mundo fantástico da Terra-Média, o jovem tenha encontrado espaços de escutas e trocas no grupo virtual. Assim, como as pertenças grupais são muitas, Elros encontrou na Internet, no mundo virtual, um portal de acesso a sociabilidades relativas a seus interesses literários, a uma comunidade de leitores virtual. A Valinor pôde suprir sua necessidade de compartilhar idéias, discutir temáticas do mundo fantástico de Tolkien com outros jovens.

Nessas comunidades virtuais de leitores de Tolkien, os membros compartilham estilos de leitura, estratégias de interpretação (Chartier, 1992), trocam impressões sobre os textos, debatem fragmentos, discutem a obra, trocam informações sobre a vida do autor, sobre seus manuscritos inacabados, sobre os lançamentos póstumos e até mesmo sobre declarações e entrevistas do filho de Tolkien – seu herdeiro literário – a respeito do pai ou de projetos vindouros de histórias manuscritas. A Valinor é um site que existe desde o ano 2000, é o maior em número de membros e acessos (pessoas que visitam a página) e possui uma grande estrutura de funcionamento. Para manter o site ativo na rede mundial de computadores são necessárias várias pessoas – que em sua maioria são jovens – que utilizam seus tempos livres para atualizarem as informações do site, proporem e moderarem<sup>77</sup> as discussões dos fóruns, organizarem o recebimento de material para divulgação e outras atividades.

Haldir, como já indicado no capítulo *Jovens Leitores*, também faz parte de uma comunidade virtual de leitores de Tolkien – o Conselho Branco. Este é outro site dedicado ao estudo das obras e da vida do autor e constitui uma das comunidades virtuais de leitores sobre a temática. Haldir chegou ao Conselho Branco procurando em sites de busca da Internet por informações sobre o autor e a obra de Tolkien. Assim, teve acesso a Valinor e através de um link contido nesse grupo virtual entrou na página do Conselho Branco e, também, em outras páginas dedicadas a *O Senhor dos Anéis*, como a Pônei Saltitante e outros mais. No entanto, no site do Conselho Branco, o jovem se reconheceu como pertencendo a uma comunidade de leitores:

Pergunta: (...) como é que tu começaste a fazer parte do grupo. (...) pelo que eu estou vendo, tu foi optando pela Toca, de certa forma. (...) Como é que foi isso?

Jovem: Não é que eu tenha optado pela Toca. Mas é mais ou menos que a Toca começou a ocupar... Ela trazia um direcionamento que era mais o meu estilo que é o de estudo e tudo o mais. Isso era realmente o que eu estava procurando para uma comunidade tolkieniana. Era exatamente isso que eu procurava. Uma sociedade de estudos. (...) Foi isso que me cativou a ser membro do Conselho Branco. (Haldir)

Os sites d'O Conselho Branco e da Valinor são constituídos por indivíduos de todos os lugares do Brasil. Em sua maioria jovens – mas não exclusivamente –, seus membros participam e administram essas páginas virtuais. Os jovens acima citados, participantes dessas comunidades de leitores, são todos administradores dos sites, além de participantes, ou seja,

---

<sup>77</sup> Moderar um fórum de discussão é uma expressão utilizada na Internet que significa organizar, coordenar e realizar uma triagem das mensagens ou comentários postados pelos membros dos fóruns.

eles *cuidam* de páginas ou fóruns específicos inseridos num site maior, no caso da Valinor, e fazem parte da diretoria que administra todo o site, cada qual dos membros com responsabilidades específicas, como no caso do Conselho Branco.

Haldir, por exemplo, estava, na época da entrevista, como diretor cultural do Conselho Branco, administrando, planejando, incentivando e divulgando projetos na área cultural para todos que, no Brasil, participam do site. Além disso, Haldir informou pertencer a outros grupos virtuais, de outras comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis*, de outros fóruns de discussão de tópicos específicos da obra de Tolkien, como a lingüística.

A partir de todas essas características é possível perceber o grau de investimento destes jovens, de seus tempos de lazer em atividades relacionadas aos seus gostos literários, ou seja, nas comunidades de leitores a que estão vinculados. Muito mais que isso: Haldir emprega seu tempo livre com os amigos: “os meus amigos, se eu não formei uma amizade pelo RPG, foi através d'*O Senhor dos Anéis*, principalmente. Eu não tenho muito contato com outras pessoas fora desses meios, mas são tantas pessoas de perfis tão diferentes que acaba não se tornando monótono” (Haldir). Neste fragmento, há questões interessantes para análise. É possível identificarmos, por exemplo, as identidades múltiplas dos jovens.

Como afirma Haldir, são pessoas de perfis diferentes, mas que no grupo de discussão participam em comum, possuem os mesmos interesses. Porém, não fazem parte apenas daquele grupo específico, compartilham preferências com muitos outros jovens de outras comunidades virtuais a respeito de outros assuntos, que podem ser literários ou não: “aceita-se hoje que, nas situações sociais do seu cotidiano, os sujeitos atuam de acordo com as suas competências identitárias que, ao contrário do que sucedia na pré-modernidade, não são mais estáveis e rígidas, mas se tornaram transitórias, plurais e auto-reflexivas. São objeto de escolhas e de possibilidades individuais” (Fortuna, 1997, p. 128). Essas múltiplas identidades possibilitam aos sujeitos experienciar sociabilidades juvenis através de muitas outras práticas culturais e grupos de pertencimento.

Ainda com relação aos grupos virtuais, Luthien é uma das jovens entrevistadas que participa de algumas comunidades virtuais com interesses diferenciados entre si, que vão desde discussões sobre mangás, cinema, até uma lista onde “se discute de tudo” (Luthien). Através desses grupos de Luthien ela conheceu outros jovens com interesses semelhantes aos dela e, após a interação virtual, muitas vezes, ocorreu a interação presencial. No caso dessa jovem, ela foi a São Paulo para encontrar com os amigos virtuais, para conhecê-los, pessoalmente. Elrond e Elros também realizaram a passagem de uma amizade estritamente virtual para uma amizade pessoal, ou seja, após conhecerem há muitos anos seus amigos

através da Valinor, no ano de 2005 os dois estiveram no encontro nacional que este grupo promove anualmente a fim de congregar espacialmente todos os seus membros. Elros ficou na casa de um amigo antigo, que nunca havia visto pessoalmente. E Elrond ficou na casa de uma jovem que, embora também estivesse vindo pessoalmente pela primeira vez, era sua namorada. Como em todos os grupos de amigos, também há paqueras e namoros entre os membros e amigos virtuais. A relação é mediatizada pelo computador, mas isto não exclui a presença física. Na impossibilidade desses amigos e namorados encontrarem-se periodicamente por causa dos limites espaciais reais e porque o mundo virtual oferece uma agilização nos modos de se corresponder, o computador transforma-se no mediador privilegiado dessas sociabilidades juvenis alternativas da contemporaneidade.

Mas há jovens que não utilizam o potencial socializador da Internet. Participam de comunidades virtuais múltiplas, mas não se autorizam nelas, ou seja, apenas *navegam* pelos sites que lhes interessam, inscrevem-se como membros e acompanham todo material produzido, as discussões encetadas, no entanto não postam mensagens, não opinam nos tópicos.

Eu sou membro da Valinor do Brasil (...). Eu tenho essas inscrições, Conselho Branco também, a Valinor dos EUA, grupos não-oficiais de Tolkien, grupos de discussões lingüísticas de Tolkien, me interesso pelo estudo do sindarin. Vou ser bem honesto contigo, eu não publico nesses sites, eu não participo dos fóruns no sentido de contribuir nas discussões, eu gosto, eu prefiro ler. (Tuor)

A participação em comunidades virtuais possibilita que os jovens se inscrevam de diferentes formas nestas redes de sociabilidades, ou seja, podem participar dos debates, acompanhar as discussões, observar os tópicos postados nos fóruns sem, no entanto, compartilhar suas experiências de leitura com outros membros das comunidades, embora compartilhem das experiências de leituras de outros jovens. Mas a necessidade de pertença e trocas também se manifesta de outras formas. No caso de Tuor, isso ocorre com o grupo de RPG.

Há, também, grupos de amigos que compartilham os mesmos interesses em termos de cultura, literatura, arte. Segundo Pais, há características peculiares a todos os jovens: gostam de se divertir, gostam de sair e gostam de conversar, mas “os assuntos das conversas não têm de ser reais, podem ser histórias fictícias, imaginárias, irreais” (2003, p. 131), histórias fantásticas, de livros, de experiências de leituras.

Como venho insistindo, esses grupos, por vezes, formam comunidades de jovens leitores. Os interesses em comum de leituras fazem com que os jovens, embora leiam seus livros individualmente, cada qual em sua casa ou seu *canto* preferido, compartilhem de suas experiências com os amigos, com os membros das redes grupais nas quais se inscrevem. Isto sugere, conforme as palavras de Chartier, que “a leitura (...) é uma das práticas constitutivas da intimidade individual, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento. Mas também está no centro da vida dos ‘grupos de convivialidade’” (1991, p. 151).

As comunidades de leitores, entendidas como grupos de convivialidade, mantém práticas que são significativas para que se configurem como tais, uma delas é o empréstimo de livros. Num desses grupos de amigos que formam uma comunidade de leitura participam Gildor, Galadriel, Celeborn, Huor e Barahir. Galadriel leu o livro que Celeborn lhe deu. Gildor leu *O Senhor dos Anéis* pela primeira vez do jovem que mestrava os jogos de RPG do grupo<sup>78</sup>. A prática dos empréstimos ocorre, igualmente, com outras literaturas que os membros do grupo têm acesso: “Nosso grupo é assim: o que um leu, gostou, todo mundo lê depois. Passam de mão em mão os livros. É, tecnicamente, um grupo bem forte, porque tem muitas pessoas, estão sempre trocando material” (Barahir). Essa sociabilidade em torno dos livros permite que os jovens tenham acesso a muitos e variados tipos de leituras, e as conversas a respeito das mesmas fortalecem tanto as redes grupais como as próprias práticas de leituras:

(...) depois que a minha mãe me deu o pontapé inicial, esses grupos sempre me puxaram pra leitura. Ou era pra montar o personagem pro RPG ou era pra procurar o embasamento pra um personagem do teatro, pra criar personalidade pra ele, alguma referência ou era pra alguma obra religiosa espírita. Então, acho que se não fossem esses grupos, talvez eu tivesse perdido a vontade de ler, eu não teria conhecido todas essas obras que eu [li] até hoje. (Celeborn)

Interessante observar que esses grupos de amigos se reúnem em seus tempos livres para compartilharem suas experiências de leituras, dentre essas d’*O Senhor dos Anéis*, mas não falam apenas dos livros de Tolkien. Todo um repertório fantástico frequenta as discussões dessas comunidades. No entanto, como referi antes, uma outra atividade que esses jovens realizam em comum, em seus tempos livres, torna a obra de Tolkien material privilegiado de estudo, discussão e análise: o RPG.

---

<sup>78</sup> Possivelmente Barahir, embora essa informação não esteja explícita.

Indiquei, anteriormente, que dentre os jovens entrevistados, a grande maioria joga RPG. Muitos descobriram Tolkien a partir do RPG, mas independentemente dessa apresentação a Tolkien, a relação entre RPG e *O Senhor dos Anéis*, para os jovens entrevistados, perdura e dá base para a formação de comunidades de leitores, grupos de amigos e socialização dos livros que irão sustentar as práticas de leitura e escrita de certas culturas juvenis.

Um certo dia, eu estava descendo pro ginásio pra jogar futebol com meus colegas e eles me chamaram falando que iam jogar RPG: - “a gente te apresenta esse jogo, tem a ver com leitura, fantasia”, - e naquele momento eu parei de jogar futebol, parei de estudar, (...) pra jogar RPG. E aí, como envolvia ler os livros de regras, ler os personagens, eu comecei a buscar mais informação pra dar embasamento para os personagens, a criar histórias daquilo. Acho que foi um crescimento exponencial na leitura! Passava horas na biblioteca. (...) Até hoje tem algum ponto que às vezes é resgatado pelo RPG que a gente volta e alguma questão de um personagem, alguma localidade que o Tolkien descreve no livro (...). Aí se a gente tiver algum exemplar do livro parado, procura. (...) Mas sempre foi assim que a gente jogou RPG, por muito tempo *O Senhor dos Anéis* teve do lado junto do nosso livro de regras, *O Senhor dos Anéis* estava ali como complemento de cenário da história. (Celeborn)

*O Senhor dos Anéis* é um marco. [Pra] quem joga RPG, *Senhor dos Anéis* é um marco. É quase um livro didático pro pessoal do RPG. *O Senhor dos Anéis* sempre entra na discussão nem que seja como piada. (...) Todo mundo do RPG gosta de ler. Acho que todo mundo gosta de ler

Pergunta: Dos teus amigos, dos teu conhecidos, quais os que tem envolvimento com leituras d’*O Senhor dos Anéis*? Que gostam assim como tu?

Jovem: No grupo de RPG todo mundo é fissurado. Conheço alguns na UFRGS até que são loucos, fissurados. Desses que jogam RPG, também. (Thingol)

Contatando com a pesquisa de Andréa Pavão (2000), após observar essa recorrência de participação dos jovens neste tipo específico de prática cultural, pude perceber a relação do RPG com as leituras de fantasia. O mundo criado por Tolkien inspirou os jogos de RPG, como citado antes, e o acesso privilegiado da literatura de Tolkien, aqui no Brasil, antes do filme e das publicações da Editora Martins Fontes, ocorreram justamente através das revistas especializadas e livros de RPG. Assim, a relação entre esses dois universos do fantástico – a literatura e o jogo de RPG – permitem que os players leiam Tolkien e que os que leram Tolkien encontrem os rpgistas que também leram e que os convidem a se tornarem jogadores, e assim: “quem gosta de anime japonês, curte mangá, leu história de super-herói, vê filme de fantasia como Tolkien, *O Senhor dos Anéis*, Harry Potter, até aquele *História Sem-Fim*, ele vai achar interessante quando descobrir o RPG” (Dior).

A experimentação de determinados comportamentos nas práticas de lazer, em outras situações, seria considerada como um desvio inaceitável de conduta. Os jovens podem encontrar nas atividades de lazer as possibilidades de experimentação das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social. O lazer é momento que permite à realidade social cotidiana ser (re) apresentada em condições de *ludicidade* e fantasia. (Carrano, 2003, p. 142)

Os jogos de RPG fazem o papel desses lugares de experimentação. Construindo personagens para o jogo, os jovens experimentam múltiplas identidades. Podem ser elfos, reis, heróis, magos, podem viver em mundos e realizar feitos que em outros espaços não lhes seria lícito experimentar, nem possível de realizar. O RPG responde ao anseio que a literatura de fantasia desperta nos jovens: de se projetarem num mundo fantástico, de se inscreverem num livro de magia, onde o mundo ainda não perdeu o valor do encanto, da beleza, da ética, do amor, da amizade, da lealdade, da bravura e da honra:

O RPG, a idéia do RPG é tu escrever o livro, essa é a idéia do RPG. Que às vezes eu leio ali, eu imagino, viajo na história. O RPG sou eu que faço. E eu sou o diretor da peça. (...) Fazer algo, em geral, sobrenatural, que é o que dá graça. Não só especificamente sobrenatural, mas, brigar com um dragão ou alguma coisa do gênero. Essa é a diversão do RPG, fazer o que tu não podes fazer aqui. Até por impossibilidades físicas. Físicas de física mesmo. Essa a idéia do RPG. (Thingol)

Escrever sua própria história, experienciar múltiplas identidades, estudar mitologias para criar personagens fantásticos e representá-los, representar uma realidade própria de um grupo de pertença, enfim pertencer. O RPG propicia muitas e variadas experiências de convívio, de sociabilidade, de construção de práticas de leitura e escrita, de exercícios da imaginação, de criatividade na produção das culturas juvenis: “Saindo do estereótipo do artista ou do inventor, a criatividade parece tomar lugar entre as possibilidades abertas à vida cotidiana, que podem ser estimuladas e favorecidas por nossa intervenção consciente (desenvolvimento pessoal, educação, relações sociais e meio ambiente)” (Melucci, 2004, p. 174).

É que o RPG te dá toda a liberdade. O mestre, por exemplo, ele pode criar o que ele quiser, se ele disser que vai cair um meteoro em tal lugar, ali na frente do grupo, cai meteoro, ele tem que imaginar aquilo ali. Se ele disser que eles estão andando por uma ponte e de repente passar uma baleia voando, a baleia vai passar voando, eles vão ter que imaginar, não tem uma (...) coisa que não existe. (Dior)

A rigor, não podemos afirmar que os grupos de RPG sejam propriamente comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*, mas em sua configuração, quando os jovens participantes jogam *Dungeons & Dragons* – que é um RPG baseado na obra de Tolkien – ou quando, nos interstícios de suas práticas de RPG, conversam a respeito de livros, eles formam, simultaneamente, uma comunidade de jovens leitores, em geral de literatura de tipo fantástico. Assim, o RPG é um meio informal e privilegiado de divulgação e de socialização do suporte livro e das impressões de leituras desse tipo específico de literatura. Há, também, socialização e discussões de outros gêneros e obras de literatura, bem como de filmes e outras mídias, mas além dos espaços e dos tempos dos jogos de RPG, fala-se de literatura fantástica na Internet e entre amigos seletos.

Essas identificações que Dior mostra fazem parte dos sentidos e significados compartilhados por uma comunidade de leitores de abrangência ampla: os leitores de fantasia. Essa comunidade reúne jovens que compartilham um mesmo universo de interpretação dos códigos inscritos nas leituras de tipo fantástico. E essas leituras, que incluem os livros de RPG, os mangás, as literaturas de fantasia em geral, as histórias em quadrinhos, partilham das características que Chartier descreve para os livros de romances, como os de Richardson anteriormente citados, são leituras de repetição que projetam a vida do indivíduo no texto lido dando ensejo para que se configurem as sociabilidades baseadas nos jogos de RPG, nos sites especializados, nas conversas dos grupos de amigos. Enfim “é uma leitura que, como dissemos, leva à escrita” (Chartier, 2001a, p. 114).

#### 4.5 PRODUÇÕES CULTURAIS

*Também registrável nas  
práticas culturais juvenis analisadas é  
a capacidade de inovação dos jovens.  
(José Machado Pais)*

J. R. R. Tolkien criou um mundo fantástico – a Terra-Média. Encantou muitos leitores. Além disso, inspirou muitos autores, artistas, diretores, cantores, professores, pesquisadores.

Os Beatles quiseram produzir um filme baseado n’*O Senhor dos Anéis*. Os livros da escritora inglesa J. K. Rowling – a série do bruxo Harry Potter – foram inspirados por

Tolkien. A mais recente influência tolkieniana é o livro *Eragon*, que faz parte da *Trilogia da Herança*, do autor norte-americano Christopher Paolini (vinte e três anos), já adaptado para os cinemas.

Na hora que ele publicou *O Senhor dos Anéis* o público de fantasia mudou. Gente que estava acostumada com histórias mais curtas (...) queriam agora, talvez, romances elaborados, daquele estilo d'*O Senhor dos Anéis*. (...) o pessoal só queria trilogia, virou moda trilogia de fantasia, a partir dali. Agora estão tentando reviver. (Elrond)

Os jovens das comunidades de leitores d'*O Senhor dos Anéis* que foram entrevistados também são inspirados por Tolkien e suas obras. Cada qual em sua área específica de atuação, sinalizam que se inspiram, em muitas de suas produções culturais, artísticas e literárias nos elementos do mundo da Terra-Média. Individual ou coletivamente, as inspirações podem se manifestar na forma de projetos ou ações que podem ser restritas a uma rede grupal específica ou produções com alcance amplo, dirigidas a muitos grupos, muitos leitores e muitas comunidades de leitores. Os jovens não apenas lêem Tolkien, eles constroem e reinventam práticas juvenis partindo dessa inspiração.

Portanto, temos, de um lado, os ensinamentos da escola e, de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já dominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social e, ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente. (Chartier, 1999b, p. 105)

Uma entrada num mundo fantástico, compartilhada com muitos outros jovens inscritos em grupos de leitores, grupos de amigos e muitas outras sociabilidades inerentes às culturas juvenis contemporâneas, incluindo aí o local de trabalho, a família, a escola. Essas produções culturais, conforme a citação de Chartier, são produções que exigem aprendizagens e competências que ultrapassam os muros das escolas. Fazem parte da culturas juvenis capazes de extrapolarem os limites do ensinado na escola, mas são responsáveis por práticas cujas aprendizagens iniciais se dão na escola. São práticas compartilhadas e vividas entre os jovens, muitas vezes, e no caso d'*O Senhor dos Anéis* isso ocorre, os lugares ocupados por essas práticas, onde se inscrevem essas culturas são considerados não-lugares para a escola, a família, os *adultos*.

Ler um livro que fala sobre elfos, anões e homens pequenos de pés-peludos; assistir filmes sobre anéis mágicos e magos; navegar na Internet em busca de materiais a

respeito desses livros de coisas irreais; passar horas conversando através de mensagens instantâneas com pessoas de vários lugares do Brasil sobre terras que não existem e tempos imaginários, é considerado por muitos adultos, professores, pesquisadores, educadores, e mesmo alguns jovens, como perda de tempo, matar o tempo. Num mesmo viés, o computador é, em muitos casos, tido como um vilão da sociabilidade, um contraponto negativo à convivência, uma forma de fugir da realidade, mas virtualmente, como já apontado acima, os jovens formam redes grupais bastante coesas. José Machado Pais comenta que: “num aparente ‘não fazer nada’, os jovens acabam por desenvolver formas genuínas de participação social, através da efectiva adesão a determinadas actividades e da construção de fachadas reforçativas da coesão de grupo” (2003, p. 115).

Assim, os relatos colhidos indicam que num aparente *não fazer nada* os jovens produzem práticas culturais que demandam tempo, estudo, dedicação, o que não pressupõe *matar o tempo*, muito menos uma dimensão *anti-social*, como a alienação. J. M. Pais salienta que, “em contrapartida, na sociedade contemporânea, os jovens revelam e reclamam uma capacidade de intervenção, decisão e influência em numerosos domínios nos quais ditam modos de comportamento” (2003, p. 41). Um desses domínios dá-se no âmbito das redes de computadores ou Internet.

Elrond participa da comunidade virtual de leitores de Tolkien denominada Valinor. Mas ele não apenas participa. Elrond é membro da equipe que administra o fórum. Ele conta: “Sou moderador da parte da língua, eu já fui administrador do fórum, eu fui tudo lá dentro. Já fui administrador”, ou webmaster. No momento sua função é de moderador do site Ardalambion (ilustração 13), que é um espaço exclusivo para estudo das línguas do mundo de Tolkien e integra o site da Valinor. Além de Elrond, Elros também é membro da equipe deste grupo. Ele administra a página Durbatulûk, contida na Valinor, que é dedicada aos jogos de RPG baseados em Tolkien, embora não exclusivamente.

Além da página Ardalambion e Durbatulûk, a Valinor contém a Lothlórien que é um site da Valinor dedicado aos fãs de Tolkien que contém artigos, fanfics, charges produzidas por fãs e ali divulgadas:

Sites da Valinor

Links para artigos, textos, notícias e outras páginas

Espaço gratuito para cadastramento de membros

Enquete da Valinor

Abaixo, informações sobre a vida e obras de Tolkien

Ilustração 12 - Página principal do site Valinor

Tem uma equipe que só trabalha nesse wikipédia ali dentro também. Tem a equipe Valinor, que cuida do site – eu faço parte – e de áreas específicas do site, uns mais do fórum. Tem a Lothlórien que é um site pra fãs, pra editar fanfic, imagem, desenho, isso aí um deles cuida. E tem o Ardalambion que é das línguas, tem o Durbatulúk que é de RPG que é o Fabiano que vai cuidar, está sendo reformulado, [de] RPG tolkieniano, mas a gente vai abrir pra RPG em geral também, pra ter mais assunto. Tem o fórum e tem a Enciclopédia, agora. A gente está pensando num site de música também, bandas influenciadas por Tolkien. E tem as equipes que cuidam principalmente destes sites, mas só o pessoal do site não tem, não dá conta, então tem a equipe Valinor e os colaboradores Valinor que são muito mais gente. Como se fosse uma sub-equipe. A gente delega funções também. Aí o pessoal contribui especificamente pra cada um dos sites. Uns traduzem, tem uma parte só de tradutores, tem outros que só fazem layout, outros só cuidam de fazer [e-mail] essas coisas. Que mais? Ah, e tem essa equipe da wikipédia, agora, a wikipédia da Valinor, também. Está cuidando só de revisar artigo, de escrever artigos novos, lá. (Elrond)



Ilustração 13 - Ardambion - Site da Valinor administrado por Elrond

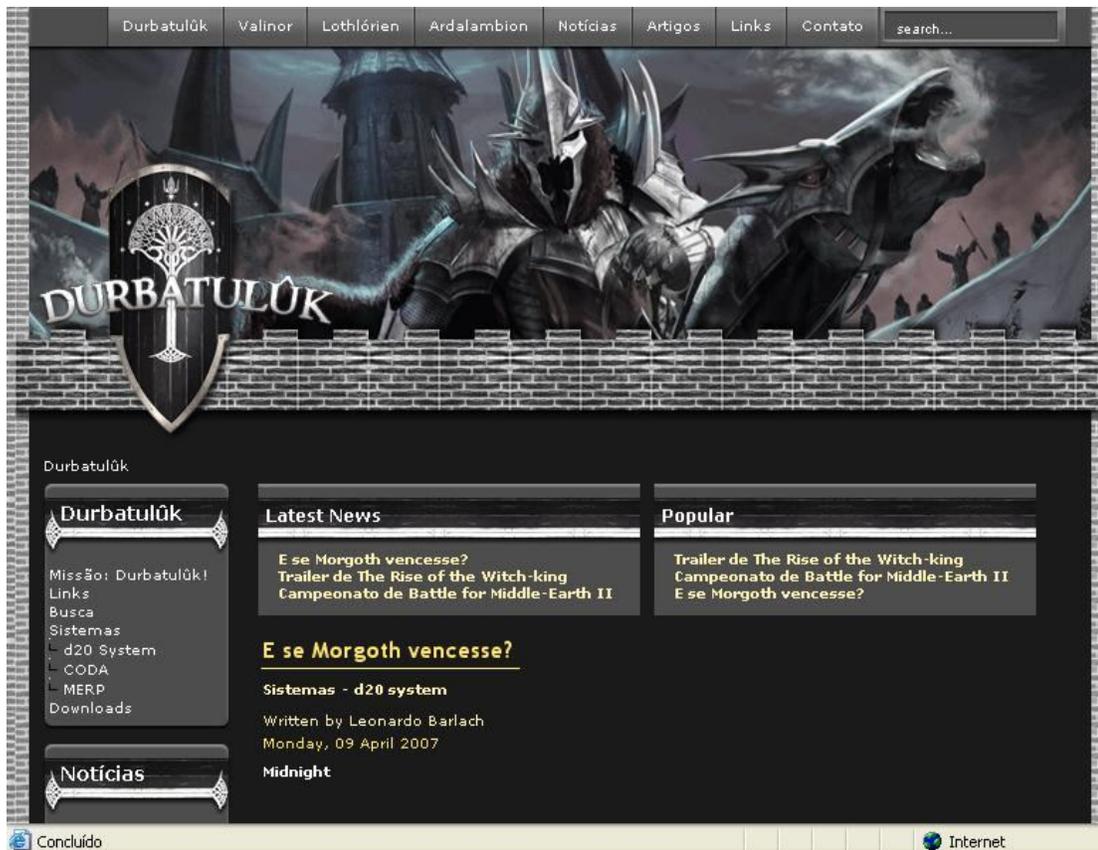


Ilustração 14 - Durbatulûk - Site sobre RPG da Valinor administrado por Elros

A educadora Maria Teresa Freitas (2005), em artigo na revista *Cadernos CEDES*, traz os resultados de uma pesquisa a respeito de sites construídos por adolescentes onde ela afirma que:

Realizam-se também práticas de leitura/escrita que se reportam a outros suportes como livros, revistas, jornais e aquelas possibilitadas pela navegação pelo próprio hipertexto eletrônico. Uma vez construídos, os *sites* apresentam-se como espaços nos quais adolescentes transitam lendo/escrevendo sobre sua própria pessoa (como nos *blogs*, diários virtuais onde se expõem para que leitores penetrem nessa intimidade mostrada), sobre unidades temáticas relacionadas a objetos de interesse comum (uma banda musical, um grupo que se reúne em algum *chat*, um seriado televisivo etc.) e sobre interesses diversos característicos de sua fase de desenvolvimento ou propostos pela mídia. (Freitas, 2005, p. 91)

Toda essa produção cultural juvenil tem um público para o qual é destinada: outros jovens leitores de Tolkien. Os jovens escrevem não apenas para si mesmos, mas para outros jovens que compartilham das mesmas experiências de leituras. Conforme Freitas:

Toda essa leitura/escrita é enraizada na vida, interativa, dirigida a interlocutores reais. Escrevem para serem lidos e por um auditório social específico: seus coetâneos adolescentes. Essa leitura, por sua vez, em seu percurso hipertextual, converte-se em escrita nas intervenções feitas nos textos, nos contatos estabelecidos nos livros de recados ou nos *e-mails*. Escrita que se inscreve no já-escrito e o reescreve levando a uma autoria coletiva. Leitura/escrita que se constitui num diálogo constante com os textos presentes nos diferentes *links* e com pessoas, permitindo uma interlocução na qual outros eus vão constituindo o eu do adolescente. (ibid.)

A análise de Freitas traz a dimensão interativa, social dos sites dos jovens – mais adequado para o conceito sociológico que aqui utilizo. A autora assinala os espaços de leitura e escrita dos jovens nesses suportes virtuais. As fronteiras entre autor e leitor são muito tênues, se é que ainda vigoram, pois escrever pressupõe leitura e essa leitura é atravessada por práticas de escrita que podem interferir no texto lido. Há, no suporte virtual, uma correlação quase instantânea entre práticas de leitura, práticas de escrita e sociabilidades que se congregam mediatizadas pelo espaço sem distâncias acessado através da Internet.

Mas é com a descrição de Elrond que podemos perceber a dimensão desse espaço em que práticas culturais de algumas culturas juvenis são levadas a efeito. A prática da escrita coletiva fica muito clara quando Elrond descreve as atividades dos muitos jovens envolvidos

na tarefa de manutenção do site da Valinor. Percebemos, também, que os jovens constroem os sites para outros jovens, para seus pares, mas também para eles mesmos, para seu divertimento, seus lazeres: “A gente faz por prazer porque a Valinor é totalmente gratuito” (Elrond). Nessa fala de Elrond, esses gostos e prazer aparecem claramente.

Elros é especialista em RPG e administra o site especializado no jogo: o Durbatulûk (ilustração 14). Elrond cursa Letras e traduziu um livro sobre uma das línguas criadas por Tolkien: o Quenya. Provavelmente há algum, ou alguns membros da Valinor que apreciam a banda Blind Guardian, que é inspirada n’*O Senhor dos Anéis*, tendo em vista que Elrond fala que ele e os outros administradores do site estão pensando em criar um site para esse tema específico. Perante essas evidências, podemos dizer que os sites construídos por esses jovens são para jovens, para eles mesmos e suas sociabilidades.

Além disso, esses sites construídos por jovens nos dão uma demonstração a respeito dos desdobramentos da nova revolução da leitura, como denomina Chartier (1999a, pp. 100-101) quando fala que a revolução do texto eletrônico é também uma revolução da leitura. Essa revolução tem grande acolhida nas redes grupais juvenis da atualidade e, como demonstrado, nas comunidades de leitores de tipo moderno que são, também, comunidades virtuais. A possibilidade de transitar por *arquipélagos textuais* sem fronteiras, como salienta Chartier (ibid.), dá aos jovens a oportunidade de terem acesso a textos de línguas estrangeiras que, de outro modo, eles não conheceriam. Tolkien, no Brasil, não é um autor estudado nas universidades, nas disciplinas de literatura estrangeira ou em qualquer outra.

E sendo que “la homogeneización cultural choca con las comunidades particulares cualquiera que sea su base (sexual, étnica, cultural, etc.), que crean sus propios cánones alternativos al canon académico o los cánones de los medios de comunicación”<sup>79</sup> (Guix e Freixa, 1999, p. 152), não ocorre diferentemente nessas comunidades virtuais de leitores: aos cânones estabelecidos normativamente, as comunidades virtuais elevam outros, alternativos, *subversivos*, que se sustentam à margem, que são das preferências dos jovens leitores, mas à revelia da escola ou da academia. Os jovens traduzem textos de língua inglesa para a língua portuguesa e fazem com que seus membros tenham acesso a estudos de tipo lingüístico, literário, sociológico e mesmo teológico, realizados a partir de Tolkien, através dessa navegação livre na Internet.

---

<sup>79</sup> “(...) a homogeneização cultural se confronta com as comunidades particulares, quaisquer que seja sua base (sexual, étnica, cultural, etc.), que criam seus próprios cânones alternativos ao cânone acadêmico ou os cânones dos meios de comunicação” [tradução nossa].

Contudo, essa relação intensa com o suporte virtual não acarreta a supressão do suporte impresso. Ao contrário, as comunidades virtuais de leitores aqui estudadas são constituídas em função da figura do livro. Mesmo para os jovens mais habituados à Internet, o suporte impresso, o livro, representa, ainda, o suporte predileto na relação com o texto que ele contém. As práticas dos grupos virtuais facilitam os processos de socialização e alimentam as produções culturais, mas o livro situa-se no centro dessas práticas.

Elrond, por exemplo, traduziu dois livros sobre Tolkien, da língua inglesa para a língua portuguesa. Essas traduções estão contidas num suporte impresso. O primeiro livro é a tradução do curso de Quenya – uma das línguas criadas por Tolkien – do autor finlandês Helge Fauskanger. Elrond já havia realizado a tradução deste livro e deixado no site da Valinor para que pudesse ser realizado o download do texto por qualquer pessoa. O editor da editora Arte & Letra encontrou a tradução de Elrond e ofereceu a ele que publicasse sua tradução. Após esse livro, o mesmo editor sugeriu que Elrond traduzisse o livro *As Cartas de J.R.R. Tolkien*, do autor inglês Humphrey Carpenter, mesmo autor da biografia oficial de Tolkien. A proposta foi aceita e Elrond já conta com dois livros traduzidos e publicados.

Questão profissional? Também. O *Curso de Quenya* não gerou lucro algum para Elrond:

Pergunta: E o curso de quenya?

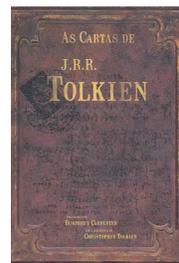
Jovem: A primeira edição foi totalmente sem fins lucrativos. O que reverteu da venda foi basicamente pra bancar o custo que a editora [teve]. A editora, eles tiveram um lucro mínimo.

Pergunta: E tu aceitou, no caso.

Jovem: Não, todo mundo! Ninguém cobrou nada. Todo mundo que participou do projeto, a capa, editoração, ninguém cobrou nada, (...) era basicamente teste de mercado. Foi um teste de mercado pras *Cartas*. Como vendeu bem o cara se empolgou: - Vamos traduzir esse, então. (Elrond)



**Ilustração 15** - Capa do primeiro livro de Elrond - Curso de Quenya



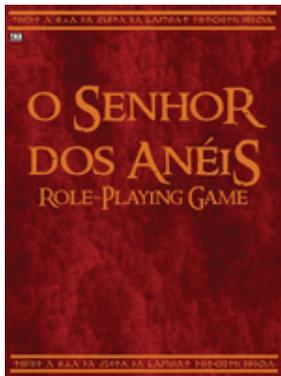
**Ilustração 16** - Capa do segundo livro de Elrond - As Cartas de J.R.R. Tolkien

Elros também escreveu um texto, mas em formato e-book. Está disponível no site da Valinor, não reverte lucro nem para a comunidade virtual, nem para Elros. Quando questionado porque havia escrito esse livro, sua resposta foi:

(...) a vontade de escrever um livro de RPG sobre a Terra média é um sonho antigo, que eu acabei realizando com a ajuda dum amigo que eu nunca vi pessoalmente.

Pergunta: Porque escrever *O Senhor dos Anéis: Role Playing Game* e não qualquer outro tipo de livro?

Jovem: Porque RPG e Tolkien são duas coisas que são muito importantes na minha vida e eu achei interessante unir as duas, já que elas combinam tão bem. (Elros)



**Ilustração 17** - Capa do livro de Elros - O Senhor dos Anéis: Role-Playing Game

Práticas de leitura que levam à escrita, conforme Chartier (2001). Leituras que acarretam escritas, que podem ser ordinárias, ou seja, podem ser habituais, despreziosas, corriqueiras. Há jovens que se inspiram em Tolkien, mas a inspiração transforma-se em projeto de escrita, ou mesmo de desenho:

(...) eu comecei a usar ele como referencial de imaginação tipo: se eu conseguir ser tão criativo quanto Tolkien foi, eu vou ser um grande escritor. E assim eu comecei a estudar Tolkien como referencial criativo, senão estilístico, pelo menos criativo.

(...)

E eu tenho um projeto que venho desenvolvendo há quatro anos sobre literatura de fantasia medieval, eu tenho uma certa trilogia que está se formando na minha cabeça. (Tuor)

Tentei fazer uma história em quadrinhos, uma vez. Se passava num mundo fantástico que era com elfos e foi pós *Senhor dos Anéis*. Com certeza me serviu de referência pra querer criar outra coisa. Depois eu vi que era uma bomba, então larguei de lado. Aí eu esperei o tempo passar. Um ano depois eu comecei a querer fazer uma outra história também com

elfos, se passava num mundo fantástico, tinham objetos mágicos, mas também era uma bomba, aí eu parei. Recentemente eu comecei a fazer uma outra história que não tem nada a ver, que tem magia, mas que não se passa em um mundo fantástico, se passa no mundo real, se passa em Porto Alegre a história. (Huor)

As leituras de Tolkien são inspiradoras para os jovens. A escrita de textos, as histórias em quadrinhos baseadas n’*O Senhor dos Anéis*, são práticas culturais produzidas na intersecção com as leituras. E leituras de tipo fantástico. Mais uma vez retorno à uma questão central deste estudo. Ler não é apenas decifrar signos que formam textos contidos em suportes, ler envolve práticas e ações de variados tipos. Ler implica uma reação à leitura, uma ação através da leitura, um conjunto de práticas para além do ato de decifrar textos. Ler é apropriação. Escrever sobre o que se lê é uma das muitas práticas de leituras. Inventar a partir da leitura é ação implicada na prática de ler:

Inventei um alfabeto, tipo o alfabeto élfico. Eu fiz um pra mim assim. Sei lá, achava bonitas as letras desenhadas (...) Eu queria fazer umas armas de RPG pra Live<sup>80</sup> e aí eu queria enfeitar elas para parecer mais realista e pensei em (...) fazer umas runas, digo: - Ah, vou copiar as runas élficas. Aí depois acabei inventando uma pra mim. Me dei ao trabalho de aprender o alfabeto Tolkien. Então eu inventei o meu, mais fácil. Foi meio sem querer, começou na brincadeira e eu sei de cor o alfabeto. (Thingol)



**Ilustração 18** - Armas produzidas por Thingol, com inscrições inspiradas nas línguas de Tolkien, para o jogo de RPG Live Action

<sup>80</sup> “O live action, ou ação ao vivo em português, é uma forma diferente de se jogar RPG (...) o Live Action pode ser considerado uma evolução, ou uma variação do RPG. Em um live action você não imagina o cenário narrado pelo Mestre (ou Narrador), mas utiliza o espaço à sua volta como o cenário de jogo. (...) o live action é o estilo de RPG que mais se aproximaria de um teatro de verdade. Você representa o seu personagem exatamente como um ator representaria um papel” In.: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Live\\_action](http://pt.wikipedia.org/wiki/Live_action).



Jovem: Tolkien também teve influência nisso.

Pergunta: Nisso o quê?

Jovem: Meu gosto por Idade Média, até porque é uma fantasia medieval, de cavaleiros, os [magos], Gandalf, embora não exista o equivalente pra ele aqui, mas sempre me influenciou muito. Eu procurei muito sobre a Idade Média, a Idade Média real, nosso período de Idade Média, (...) inspirado pelo Tolkien, pra ver o quanto de real tinha ali, então o Tolkien tem uma grande influência.

Pergunta: E fazer história também tem influência do Tolkien?

Jovem: Muito, muito. (Celeborn)

A fala de Celeborn evoca uma outra produção dos jovens leitores de Tolkien: o gosto por história, pelo período histórico medieval, por mitologia. Nestes termos, eles produzem novos sentidos ao conhecimento histórico. Não àquele das aulas de história da escola, em que datas e nomes assumem valor primordial, mas outros sentidos, de deleite, de pesquisa por aspectos da história que encantam, que estão presentes em leituras de fantasia, em jogos de RPG. Sentidos que significam o conhecimento histórico.

O tempo histórico que mais cativa os jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis* é o período da Idade Média européia. Algumas leituras paralelas, realizadas por eles, tem como inspiração o Medieval. Podem ser romances medievais ou mesmo clássicos do período: “eu acho que o lado romântico do período medieval é muito atraente, apesar do período medieval não ter nada de romântico. [...] Mas as histórias relacionadas ao período, romances de cavalaria, são muito atraentes até hoje. (...) E também tem a influência do RPG” (Idril). Assim, para Idril, a leitura dos livros de Tolkien está associada ao ingrediente romântico que, segundo ela, é próprio do período medieval.

Tolkien quis, efetivamente, produzir uma obra de história, um mito. Os elementos que ele utilizou para isso fazem com que, até hoje, seus leitores jovens se encantem com a Idade Média, talvez por ser uma história real que mais se aproxime da ficção criada por ele. A escrita de Tolkien, o cuidado com as histórias dos povos que habitam a Terra-Média, com as línguas, fazem com que os jovens se interessem pelo modo como o autor produziu o texto e se interessem por história. Na procura pelas fontes históricas inspiradoras de Tolkien, os jovens dão novos sentidos à pesquisa e ao ensino de história.

(...) De história, história do mundo, dá pra achar paralelos ali, a mitologia, essas coisas todas. Eu, basicamente, sou interessado em mitologia, (...) *O Senhor dos Anéis* ele simplesmente “abriu” meu interesse pra várias áreas diferentes, idiomas, história, mitologias (...). Aí eu comecei a garimpar tudo o que eu podia encontrar sobre mitologia. (Elrond)

Idade Média e mitologia se intercalam na escala de interesses históricos dos jovens leitores de Tolkien. O autor utilizou-se dos dois tempos históricos para produzir suas obras e os jovens ressignificam os saberes históricos tanto da Idade Média quanto de mitologia:

Naquela época a informação que eu tinha é que ele tinha criado, depois não, ele juntou de mitologias diversas. Daí eu já comecei a me interessar por mitologia, fui pra mitologia. Isso! Mitologia é outra coisa que é a base, a base da literatura quando eu comecei, porque Tolkien escreveu sobre mitologia, *Cavaleiros do Zodíaco* é sobre mitologia, mitologia greco-romana. Então, daí tu também vais atrás de material que fale sobre mitologia. Eu sempre gostei muito de ler e o mundo fantástico realmente está ligado a essas coisas de mitologia. (Barahir)

Os jovens leitores de Tolkien criam espaços culturais onde têm a possibilidade de inventar, de criar: “Aliás, um dos mais importantes significados sociológicos das práticas que caracterizam algumas culturas juvenis radica no facto de, através dessas práticas, os jovens conseguirem criar os seus próprios espaços culturais” (Pais, 2003, p. 141). Espaços de convívio, redes de amigos, espaços de socialização de leituras e discussões sobre elas, de trocas, onde é alimentada a criatividade dos jovens e onde as práticas de leituras se transformam em produções culturais ricas e variadas. Também, espaços não visíveis para a maioria daqueles que vivem junto a estes jovens e suas práticas.

\*\*\*

Seja nas memórias de leituras, nas diferentes formas de ter contato com *O Senhor dos Anéis*, nos diferentes modos de ler os livros de Tolkien ou nas diversas sociabilidades e produções culturais, ao longo deste capítulo foi possível perceber a pluralidade de trajetórias dos jovens das comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*, bem como as múltiplas inscrições culturais desses jovens. Universitários, alunos do Ensino Médio, trabalhadores, autônomos, casados, graduados, jogadores de RPG, atores, leitores de HQ’s, de mangás, de e-books, tradutores, os jovens inscrevem-se em múltiplas identidades e redes de pertencimento.

A partir de suas leituras solitárias, em seus cantos, nos seus quartos, ou mesmo no meio da multidão, em seus tempos livres, os jovens produzem culturas e sociabilidades, montam sites, grupos de amigos para jogar RPG e conversar sobre livros, participam de

eventos sobre anime. Atividades que têm como foco central as práticas de leituras desses jovens. Leituras no computador, de textos não escolares que circulam na margem, até mesmo da família e que propiciam ricas produções desconhecidas de pais, professores e mesmo de outros jovens.

São nestes contextos que os jovens, em suas práticas de leituras, encontram espaços para evadirem-se, momentaneamente, das rotinas do mundo real, material. Espaços para *viajar*. Podem ir a outros mundos, a terras que existem apenas em livros, para viverem aventuras impossíveis no mundo físico, para criarem. Mundos em que possam ser heróis, magos, elfos, hobbits e morarem em lugares idílicos, em tempos longínquos. Essas leituras transportam os jovens para lugares mágicos, no entanto são, também, por eles apropriadas, transformadas em escritas, em jogos, em trabalhos de conclusão de cursos, em produções culturais ricas e múltiplas. E tudo isso em tempos de não-fazer. Nos tempos livres, de descanso ou de lazer, em que muitos pais e professores buscam atividades úteis para que os jovens possam aproveitar melhor seus tempos, foi possível encontrar culturas juvenis ricas em saberes, criatividade, emoções, valores, sentimentos e sociabilidades.

## LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ. E O QUE ACONTECEU DEPOIS

Nos dois dias seguintes Frodo examinou seus papéis e seus escritos com Sam, e entregou-lhe as chaves. Havia um grande livro com capa de couro vermelha e lisa; suas páginas grandes estavam agora quase totalmente preenchidas. No início, havia várias folhas cobertas com a caligrafia fina e trêmula de Bilbo; mas a maioria estava escrita com a letra firme e corrida de Frodo. Estava dividido em capítulos, mas o Capítulo Oitenta estava inacabado, e depois dele havia algumas folhas em branco. A página de rosto trazia vários títulos, riscados um após o outro, assim:

Meu Diário. Minha Viagem Inesperada. Lá e de Volta Outra Vez. E o Que Aconteceu Depois.

Aventuras de Cinco Hobbits. A História do Grande Anel, compilada por Bilbo Bolseiro a partir de suas próprias observações e dos relatos de seus amigos. O que fizemos na Guerra do Anel.

Aqui terminava a letra de Bilbo e Frodo havia escrito:

A QUEDA  
DO  
SENHOR DOS ANÉIS  
E O  
RETORNO DO REI

(segundo as Pessoas Pequenas; contendo as memórias de Bilbo e Frodo do Condado, suplementadas pelos relatos de seus amigos e pelos ensinamentos dos Sábios)

Juntamente com excertos de Livros da Tradição traduzidos por Bilbo em Valfenda.

— Ora, ora, o senhor praticamente terminou o livro, Sr. Frodo! — exclamou Sam. — Bem, o senhor trabalhou com afinco, devo dizer.

— Eu quase terminei, Sam — disse Frodo. — As últimas páginas são para você. (Tolkien, 2000c, p. 311)

A pesquisa que realizei mostrou-se como uma viagem, ou melhor, como uma jornada que almejava o alcance de determinado fim, para que pudesse ser escrito um texto, que seria transformado num suporte adequado ao objetivo almejado, ou seja, uma dissertação. No entanto, o resultado *final* que constitui a dissertação é apenas parte da viagem. O caminho percorrido não pode estar contido todo nas anotações aqui realizadas.

Jornadas de pesquisas são sempre longas viagens, em que o caminho começa muito antes do realmente relatado, em que as bagagens são sempre maiores do que as esmiuçadas e em que os caminhos nunca são muito tranquilos e livres de obstáculos. No entanto, há alegrias na viagem e, principalmente, quando se retorna dela. Não Vamos Lá e de

Volta Outra Vez iguais como quando partimos. O retorno faz com que vislumbremos os locais de onde viemos e para onde voltamos com novos olhos. As aprendizagens que adquirimos no caminho, independente dos resultados finais, são sempre ricas e não serviram apenas para a estrada que já foi percorrida, mas servirão sempre, em todas as estradas que atravessemos a partir da viagem, em todas as demais jornadas que se apresentarão.

Com o hobbit Frodo, personagem d'*O Senhor dos Anéis* assim aconteceu. Sua jornada por terras distantes e desconhecidas foi preparada com afincos, na sua mala e nas dos outros hobbits que o acompanharam, levavam mantimentos, utensílios de cozinha, cordas, charutos e muitos outros suprimentos, tantos que em certa altura da viagem tiveram que levar um pônei para transportar as bagagens. Mas já no meio do caminho os hobbits começaram a se desfazer da equipagem que traziam. A comida foi escasseando, teria que ser encontrada na estrada, os utensílios foram se desgastando ou atrapalhando a caminhada, os instrumentos de sobrevivência foram sendo utilizados sem a possibilidade de reutilização e os hobbits retornaram ao Condado sem as provisões que haviam levado.

Mas o que os Pequenos trouxeram consigo possuía muito mais valor do que os apetrechos iniciais. Não era ouro, nem prata, nem moedas. Trouxeram consigo a experiência de viverem a estrada, de terem caminhado, chegado ao destino pretendido e retornado vivos, salvos. A bagagem que traziam de volta não era material, pelo menos isso não era o mais importante. O que realmente lhes enriqueceu foi a experiência da viagem, as descobertas do caminho e o que viram e viveram no percurso.

O mesmo ocorreu comigo, pesquisadora, na viagem que encetei às terras das culturas juvenis, de jovens leitores, das práticas culturais desses jovens. Quando parti para a viagem, levava na bagagem muitos apetrechos: teorias, técnicas, hipóteses reveladas e não reveladas. Encontrava-me equipada para o trajeto. Mas ao longo da pesquisa muitos *suprimentos* foram sendo utilizados e alguns deles acabei deixando no caminho, para que pudesse perceber as *paisagens* da estrada, os nuances, os inusitados, sem o *peso* de aparelhagens que não sabia se serviriam adiante e nem se conseguiriam levar-me muito longe. Ao mesmo tempo, fui descobrindo, ao longo da estrada, pesquisas, teorias, métodos, alguns que eu já conhecia, mas não sabia que as estradas que percorriam cruzavam-se com a de minha viagem.

Retorno, agora, da jornada, despojada das bagagens que levei quando comecei a trilhar os caminhos dessa pesquisa. Volto mais liberta, sem muitas amarras, mas com histórias a contar, muito mais belas e com descrições mais densas porque vi e não apenas ouvi falar. Trago na bagagem de retorno tesouros inestimáveis de aprendizagens, de análises, de

documentos, de conhecimentos sobre práticas de leituras, jovens leitores e culturas juvenis, assim como conhecimentos da obra de J.R.R. Tolkien que não imaginava poder compreender ou não dimensionava seus significados.

A presente dissertação de mestrado buscou compreender as práticas de leitura e escrita de jovens que compõem um conjunto de práticas culturais para além da simples decifração dos textos. Práticas encarnadas em gestos, em hábitos, em inscrições nos corpos de jovens que lêem e apreciam, em variados graus, o livro *O Senhor dos Anéis*. Com Roger Chartier pude compreender essas práticas de jovens leitores, pude perceber as comunidades de leitores que eles formam, os modos de ler os livros e os modos como aprenderam a ler; pude perquirir suas práticas de leituras e a relação com os suportes que contém os textos. Também, a importância destes suportes para os jovens, a relação quase que sacralizada dos jovens com seus livros e as sociabilidades que suscitam.

Chartier auxiliou, ainda, a compreender as leituras solitárias, os encantos que os livros provocam nos leitores, o processo de ler e reler – leitura intensiva – os livros apreciados e, também, o ler variados textos sobre os assuntos de interesses diversos – leitura extensiva. Da mesma forma, possibilitou compreender como se constituem as práticas de socialização das leituras e suas diferentes modalidades, sejam elas virtuais ou pessoais, em grupos de amigos ou em sites da Internet.

O sociólogo português José Machado Pais estava na estrada da pesquisa quando perscrutei as sociabilidades juvenis e as comunidades de leitores jovens. Foi a partir dele que compreendi que os tempos livres dos jovens – esses os quais os leitores de *O Senhor dos Anéis* utilizavam para ler, reler e trocar experiências de leitura – são aqueles nos quais os jovens inscrevem sua especificidade geracional, e demarcam, igualmente, suas diferenças intrageracionais. São nesses tempos que os jovens produzem as culturas juvenis.

Foi, também, J. M. Pais, juntamente com o pesquisador brasileiro Paulo César Carrano e o sociólogo italiano Alberto Melucci que auxiliaram a perceber a condição juvenil como escolha dos sujeitos, centrada em hábitos compartilhados, em signos construídos, em pertenças culturais. Uma condição não mais ligada à fase biológica dos jovens, mas “a um conjunto diversificado de modos de vida” (Pais, 2003, p. 38). Foram as bagagens trazidas por este pesquisadores, de suas jornadas pessoais, que favoreceram minha compreensão sobre a mobilidade dos jovens e suas sociabilidades, os encontros com os outros para além do que aparentemente identificamos nas sociedades complexas em que nos movimentamos.

No entrecruzamento dos autores citados, com as reflexões pessoais e com todo material que recolhi durante minha própria jornada, findei por perceber as construções

realizadas pelos jovens leitores d’*O Senhor dos Anéis*. Construções de saberes, de caminhos, de estradas próprias, práticas culturais para além da simples leitura e/ou escrita. Nos tempos de lazer, em que os jovens compartilham suas experiências de ou a partir das leituras, eles produzem culturas juvenis. Constroem sites para melhor socializar suas práticas e divulgar seus gostos literários e suas próprias produções. Escrevem livros baseados nas suas leituras e palestram sobre eles levando-os a outros leitores que compartilham dos mesmos gostos, dos mesmos códigos e das mesmas estratégias de interpretação do livro que os une em redes grupais e em comunidades de leitores, a sua própria experiência das estradas que trilharam nas construções culturais que engendram, com prazer, estudo, trabalho e encantamento.

Nestas atividades, que narram como prazerosas, realizadas em tempos de um aparente “não fazer nada”, os jovens, inscritos em comunidades de leitores d’*O Senhor dos Anéis*, produzem saberes, constroem estratégias e até se movimentam entre muitas culturas juvenis – a maioria ligadas ao mundo da fantasia. Essas práticas culturais são mediadas por leituras que se apresentam como mais do que o ato estrito de ler e se multiplicam em diversas outras práticas, congregando muitos jovens na construção de saberes e cultura.

Lá e de Volta Outra Vez eu trouxe na bagagem essas todas bagagens e algumas outras que podem ser encontradas no texto que aqui concluo. O Que Aconteceu Depois foi que o retorno suscitou-me olhares diferentes para o que antes pensava ver como realidade. Aprendi muito de mim. A estrada que se caminha tendo em vista uma demanda, uma tarefa a realizar, acaba por cumprir a missão de fazer o caminhante descobrir-se. Quando se retorna, tudo aquilo que foi deixado quando da partida, não está mais lá tal e qual. Os nossos olhos vêem outras coisas e o que ficou, quando deixamos a segurança do *Condado* de nossa vida antes da caminhada da pesquisa, não é jamais do mesmo modo como eram antes.

Ao menos os textos podem ser concluídos. Em parte, há páginas que ficam em branco sempre, para que outros possam continuar a história, para que outros possam andar por outras trilhas e estradas – ou mesmo nós possamos seguir outros rumos – e completar os textos que iniciamos, ou terminar o livro que começamos a escrever. Sempre haverá mais estradas a trilhar e mais páginas em branco a serem completadas. É isso que sinto com relação a esta dissertação. Concluída, mas com páginas em branco. E todas as aprendizagens vividas, esperando maiores ruminações. E a bagagem que veio de volta comigo, aguardando por novas estradas a percorrer.

**REFERÊNCIAS**

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. In.: **Projeto de História:** Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, SP, n. 15, p. 145-155, abr. 1997.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: a biography.** London: HarperCollins Publishers, 2002.

CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher. **As Cartas de J.R.R. Tolkien.** Tradução de Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In.: ARIÉS, Philippe e CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada**, 3: da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. Textos, impressão, leituras. In.: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. (coord.). **As Utilizações do Objecto Impresso.** Portugal: Difel, 1998.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999a.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jésus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001a.

\_\_\_\_\_. (org.). **Práticas de leitura**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

\_\_\_\_\_. **À Beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Do palco à página**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003

\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

COLBERT, David. **O mundo mágico do Senhor dos Anéis**. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CORREA, Jorge Baeza. Leer desde los alumnos(as), condición necesaria para una convivencia escolar democrática. In.: **Educación Secundaria**: un camino para el Desarrollo Humano. Santiago, Chile: UNESCO, 2002. P. 163-184.

COSTA, Cristiane. Novo livro eletrônico pode ter papel e tinta: Entrevista com Roger Chartier. **Jornal do Brasil**. Disponível em <http://jbonline.terra.com.br/destaques/bienal/entr evista1.html>

DAY, David. **O mundo de Tolkien**: fontes mitológicas de O Senhor dos Anéis. São Paulo: Editora Arxjovem, 2004.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação**. ASPHE, Pelotas, n.8, p.141-174, set. 2000.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Sites* construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, 2005, p. 87-101, jan./abr. 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622005000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000100007&lng=pt&nrm=iso)

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. In.: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n° 33, p. 127-141, fev. 1997.

GUIX, Gabriel López e FREIXA, Albert. Entrevista a Roger Chartier. **Quaderns**. Revista de Traducció 3, p. 147-152, 1999. Disponível em <http://www.bib.uab.es/pub/quaderns/11385790n3p147.pdf>.

KYRMSE, Ronald. **Explicando Tolkien**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUSTOSA, Isabel. Entrevista. História. Conversa com Roger Chartier. In.: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179 a 192, 1995.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2003.

MELUCCI, Alberto, **A invenção do Presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PAVÃO, Andréa. **A aventura da leitura e da escrita entre mestres de Roleplaying Game (RPG)**. São Paulo: Devir, 2000.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estúdio; breve agenda para la discusión. In.: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 103-118, maio/jun/jul/ago, 2003.

RÖSING, Tania M. e VARGAS, Maria Lucia Bandeira. O distanciamento entre as práticas de leitura escolares e os interesses *online* dos jovens. In.: RETTENMAIER, Miguel e RÖSING, Tania M. K. **Questões de literatura para jovens**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005.

TOLKIEN, J.R.R. **O senhor dos Anéis**: primeira parte: a sociedade do anel. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta; revisão técnica e consultoria Ronald Eduard Kyrmse; coordenação Luís Carlos Borges. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

\_\_\_\_\_. **O senhor dos Anéis**: segunda parte: as duas torres. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta; revisão técnica e consultoria Ronald Eduard Kyrmse; coordenação Luís Carlos Borges. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

\_\_\_\_\_. **O senhor dos Anéis**: terceira parte: o retorno do rei. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta; revisão técnica e consultoria Ronald Eduard Kyrmse; coordenação Luís Carlos Borges. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000c.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In.: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, SP, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In.: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (org.). **Itinerários de Pesquisa**: perspectivas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WEBER, Regina. Relatos de quem colhe relatos: pesquisa em história oral e ciências sociais. In.: **Dados**: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 163 a 183, 1996.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - Roteiro Preliminar de Entrevista – 1ª versão

(08/08/2006)

1. Para começarmos a entrevista, fale um pouco sobre quem é você. (nome, onde mora, irmãos, idade, o que faz e onde faz, família em geral)
2. Quando e como a leitura passou a fazer parte de sua vida? E por quê?
3. Como você lia textos (livros, gibis, etc), onde lia e quando lia? (sentado, deitado, com caneta na mão para anotar ou grifar, alguém lia para você até certa idade, você insistia... / quarto, sala, biblioteca, escola, cozinha... / fim de semana, férias, à noite...)
4. E quanto ao SdA, quando e como você conheceu o livro?
5. Como você lê o SdA?
6. O que a leitura do SdA tem de diferente de outras leituras, na tua opinião pessoal?
7. Poderias me falar de quando e como conheceu o Conselho Branco e a Toca RS?
8. Como você começou a fazer parte do grupo enTocado e por quê?
9. O que faz você estar até hoje neste grupo?
10. Gostar de leitura tem a ver com pertencer a Toca RS? E no teu caso?
11. Você pertence a outros grupos de leitores ou fãs de outros livros ou filmes ou outro tipo de grupo qualquer que seja o caráter do grupo? (Anime, RPG, Harry Potter...)
12. Qual a importância desse(s) grupo(s) para você?
13. De seus amigos ou conhecidos, quais os que também tem envolvimento com grupos de leitores de livros ou fãs de filmes, livros ou, especificamente, o SdA?
14. Para finalizar, poderias me indicar um desses colegas/amigos/companheiros que também são leitores e fãs de Tolkien?

## APÊNDICE B - Roteiro Preliminar de Entrevista – Última versão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃOROTEIRO PRELIMINAR DE ENTREVISTA  
PESQUISA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
LARISSA CAMACHO CARVALHO

1. Para começarmos a entrevista, fale um pouco sobre quem é você (nome, onde mora, tem irmãos, idade, profissão, estudante, curso e etc).
2. Qual a formação e a profissão dos seus pais?
3. Quando e como a leitura passou a fazer parte da sua vida (considerando a infância). E por quê?
4. Que cenas de leitura lembra da tua infância (com relação aos pais, irmãos, tios, avós, hábitos, práticas...)
5. Quando criança, como você lia textos (livros, gibis, alguém lia para você)? Onde lia e quando lia? Qual era sua rotina e onde a leitura entrava nela?
6. Como essa rotina foi se modificando e como você passou a ler quando jovem (com caneta na mão para anotar e grifar, no quarto, na sala, somente na escola, aos finais de semana, somente nas férias...)?
7. Que leituras verdadeiramente te marcaram?
8. E quanto a *O Senhor dos Anéis*, quando e como você conheceu o livro?
9. Quais outros livros de Tolkien você lê/leu e como os conheceu?
10. Como você leu e/ou lê *O Senhor dos Anéis* e os outros livros de Tolkien?
11. Em que línguas você lê ou leu os livros de Tolkien?
12. Quantas vezes você leu os livros de Tolkien?
13. O que a leitura dos livros de Tolkien tem de diferente de outras leituras, na tua opinião?
14. Você possui materiais típicos de fã?
15. Você escreve algo inspirada n' *O Senhor dos Anéis* como fanfic, contos, poemas, ou outros?
16. Você participa de grupos de leitores d' *O Senhor dos Anéis*? Quais?
17. Quando e como conheceu estes grupos?
18. Porque começou a participar destes grupos?
19. Porque pertencer a um grupo?
20. O que faz você estar até hoje participando destes grupos de leitores d' *O Senhor dos Anéis*?
21. Gostar de leitura tem a ver com pertencer a grupos que discutem Tolkien ou o livro *O Senhor dos Anéis*?
22. Você pertence ou já pertenceu a outros grupos de leitores de outros livros ou filmes ou outro tipo de grupo (religioso, musical, Harry Potter, Guerra nas Estrelas, escoteiro, RPG, grupos de estudo com amigos, ONGs...)?
23. Qual a importância desses grupos (inclusive dos que discutem *O Senhor dos Anéis*) para você?
24. De seus amigos ou conhecidos, quais os que também tem envolvimento com grupos de leitores de livros ou fãs de filmes ou, especificamente, *O Senhor dos Anéis*?
25. Mais alguma coisa que gostaria de salientar?

Obrigada pela contribuição.  
Larissa Carvalho

